

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JANE MARA DOS SANTOS BARBOSA

**O PSIQUISMO INFANTIL SOB A LUZ DA
TEORIA DE FREUD DA SEXUALIDADE E DA NEUROSE**

JUIZ DE FORA

2019

JANE MARA DOS SANTOS BARBOSA

**O PSIQUISMO INFANTIL SOB A LUZ DA
TEORIA DE FREUD DA SEXUALIDADE E DA NEUROSE**

Trabalho de conclusão de doutorado
apresentado ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, linha de pesquisa História e
Filosofia da Psicologia, pela Universidade
Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Siqueira Caropreso

Juiz de Fora - MG

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da
Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BARBOSA, JANE.

O PSIQUISMO INFANTIL SOB A LUZ DA TEORIA DE FREUD DA
SEXUALIDADE E DA NEUROSE / JANE BARBOSA. -- 2019.
204 p.

Orientadora: Fátima Caropreso

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de
Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

1. Psicanálise. 2. Psiquismo Infantil. 3. Neurose. 4. Sexualidade. I. Caropreso,
Fátima , orient. II. Título.

JANE MARA DOS SANTOS BARBOSA

**O PSIQUISMO INFANTIL SOB A LUZ DA
TEORIA DE FREUD DA SEXUALIDADE E DA NEUROSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Siqueira Caropreso

Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

Prof. ^a Dr^a Cristia Rosimeire Gonçalves Lopes Correa

Prof. ^a Dr^a Christiane Carrijo Eckardt Mouammar

Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves

Dedico este trabalho a meus amigos e familiares que me acompanharam e apoiaram no processo de escrita desta tese de doutorado.

Numa psicanálise descobre-se que a vida adulta é sempre menos adulta do que parece, sento pilotada por restos e rastros da infância. Para que serve a Psicanálise? – Coluna do Jornal Folha de São Paulo - Contardo Caligaris, 26 de agosto de 2010.

Agradecimentos

Meu especial agradecimento à Prof.^a Dr.^a Fátima Siqueira Caropreso, cujo conhecimento, parceria, paciência e incentivo foram fundamentais para que este trabalho fosse efetuado com sucesso.

Aos professores Dr. Wilson Camilo Chaves, Dr.^a Christiane Carrijo Eckardt Mouammar, Dr.^a Cristia Correa, Dr. Richard Theisen Simanke, membros da Banca Examinadora, por terem atendido prontamente ao convite para participar desta avaliação, dispondo de seu tempo e conhecimento para analisar este trabalho.

Ao Corpo Docente e Funcionários da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, instituição na qual fui muito bem recebida e acolhida e onde tenho o prazer de consolidar mais uma etapa do meu conhecimento.

À comissão de bolsas e ao programa de bolsas da UFJF pela seleção, a partir da qual fui contemplada e Select itemque me auxiliou ao longo desses anos para que tivesse condições de concluir este trabalho.

A todos e todas que me apoiaram e foram pacientes, ao longo desse tempo, compreendendo minhas ausências e dedicação ao trabalho.

RESUMO

Desde a formulação da sua teoria da sedução, Freud percebe a relação existente entre experiências infantis e neurose. Com o abandono desta teoria e a percepção de que haveria fantasias sexuais infantis na origem das neuroses, ele é levado a formular uma teoria sobre a sexualidade que abarcasse a sexualidade infantil. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ele repensa o conceito de sexualidade e procura descrever as características da sexualidade infantil. As hipóteses aí elaboradas são desenvolvidas subsequentemente em sua teoria. De acordo com a teoria freudiana, o psiquismo do sujeito adulto é marcado pelo psiquismo infantil e as marcas do psiquismo infantil manifestam-se, sobretudo, nas características da vida mental de pacientes neuróticos. A atividade sexual infantil, seja espontânea ou provocada, prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior, na maturidade. Freud observou que a vida anímica infantil pode ser observada nos sonhos e também na vida sexual dos adultos, através do relato de seus pacientes sobre suas experiências, fantasias ou reminiscências sexuais do período da infância. Esses relatos o levaram a investigar mais sobre a vida psíquica de crianças e a formular hipóteses que foram, posteriormente, confirmadas através da análise de alguns casos de adoecimento neurótico na tenra infância. O objetivo do presente trabalho é percorrer alguns textos de Freud que permitem apreender suas hipóteses sobre o psiquismo infantil, com a finalidade de delimitar e discutir sua teoria sobre esse tema. Encontramos, na literatura da área, textos científicos diversos a respeito dos conceitos psicanalíticos de fantasia, sexualidade, complexo de Édipo e castração, mas encontramos poucas referências que enfoquem especificamente os aspectos infantis presentes nesses conceitos. Pretendemos, assim, com essa pesquisa, contribuir para a compreensão do psiquismo infantil na perspectiva freudiana.

Palavras-chave: Psiquismo infantil; Freud; Psicanálise; Neurose.

ABSTRACT

Since the formulation of his seduction theory, Freud perceived the relationship between childhood experiences and neurosis. With the abandonment of this theory and the realization that there were infantile sexual fantasies at the origin of neuroses, he was led to formulate a theory of sexuality that encompassed infantile sexuality. In *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905), he rethinks the concept of sexuality and seeks to describe the characteristics of infantile sexuality. The hypotheses elaborated there were subsequently developed in his theory. According to Freudian theory, the adult subject's psyche is marked by infantile psyche, and the marks of infantile psyche are manifested, above all, in the characteristics of the mental life of neurotic patients. Infantile sexual activity, whether spontaneous or provoked, prescribes the course to be taken by subsequent sexual life in maturity. Freud observed that childhood mental life can be observed in dreams and also in the sexual life of adults through his patients' accounts of their experiences, fantasies, or sexual reminiscences from childhood. These reports led him to investigate further into the psychic life of children and to formulate hypotheses that were later confirmed through the analysis of some cases of neurotic illness in early childhood. The objective of the present work is to go through some of Freud's texts that allow us to grasp his hypotheses about the infantile psyche, in order to define and discuss his theory on this subject. We intend, with this research, to contribute to the understanding of the infantile psyche from a Freudian perspective.

Keywords: Infantile psychism; Freud; Psychoanalysis; Neurosis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

1 O CONCEITO DE INFÂNCIA E DE INFANTIL E A SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL 17

1.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA E DE INFANTIL 18

1.2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO CONCEITO DE INFÂNCIA E DE INFANTIL 22

2 A HIPOTÉTICA TEORIA DA SEDUÇÃO 36

2.1 A ETIOLOGIA DA HISTERIA SOB O VIÉS DA TEORIA DA SEDUÇÃO 47

2.2 “NÃO ACREDITO MAIS NA MINHA NEURÓTICA”: O ABANDONO DA TEORIA DA SEDUÇÃO 55

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS 61

3 O INFANTIL, A FANTASIA E A SEXUALIDADE 62

3.1 A SEXUALIDADE E O INFANTIL 63

3.1.1 AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL 65

3.1.2 FASES DE DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SEXUAL INFANTIL 71

3.1.3 A PESQUISA SEXUAL INFANTIL 77

3.2 O INFANTIL E A FANTASIA 82

3.2.1 MANIFESTAÇÕES DE CONTEÚDO IDEATIVO NA INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E FENÔMENOS PSÍQUICOS 83

3.2.2 O INFANTIL E OS SONHOS 86

3.2.3 O PAPEL DAS FANTASIAS E DO MATERIAL PSÍQUICO INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO DOS SINTOMAS E TRANSFERÊNCIA DE NEURÓTICOS 93

3.3 OS ELEMENTOS SEXUAIS INFANTIS E AS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS NA VIDA ADULTA 103

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 85

4 COMPLEXO DE ÉDIPO, COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E A PERSPECTIVA DO TOTEMISMO DE FREUD 108

4.1 NARCISISMO E O ASPECTO INFANTIL 124

4.2 PERSPECTIVAS SOBRE O INFANTIL EM TOTEM E TABU 130

4.3 O COMPLEXO DE ÉDIPO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS PARA A VIDA AFETIVA E EMOCIONAL DO SUJEITO 136

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 143

5 ANÁLISE DO ASPECTO INFANTIL NOS CASOS: HOMEM DOS LOBOS, HANS E HOMEM DOS RATOS 144

5.1 O HOMEM DOS LOBOS E AS IMPLICAÇÕES DO INFANTIL 144

5.2 CASO HANS E O INFANTIL 165

5.3 CASO O HOMEM DOS RATOS 175

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 182

CONCLUSÃO 183

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 202

INTRODUÇÃO

Desde a formulação da sua teoria da sedução, Freud percebe a relação existente entre o psiquismo infantil e a neurose. Com o abandono dessa teoria e a percepção de que haveria fantasias sexuais infantis na origem das neuroses, ele é levado a formular uma teoria sobre a sexualidade que abarcasse a sexualidade infantil. No segundo dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), ele repensa o conceito de sexualidade e procura descrever as características da sexualidade infantil. As hipóteses aí elaboradas são desenvolvidas subsequentemente em sua teoria. De acordo com a perspectiva freudiana, o psiquismo do sujeito adulto é marcado pelo psiquismo infantil, e as marcas deste manifestam-se, de forma mais significativa, nas características da vida mental de pacientes neuróticos. A atividade sexual infantil, seja espontânea ou provocada, prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior, na maturidade. Freud observou que a vida psíquica infantil pode ser conhecida a partir dos sonhos e da observação das características da sexualidade do adulto, assim como através do relato de seus pacientes sobre suas experiências, fantasias ou reminiscências sexuais do período da infância. Esses relatos o levaram a investigar mais sobre a vida psíquica de crianças e adultos e a formular hipóteses que foram, posteriormente, confirmadas por meio da análise de alguns casos de adoecimento neurótico que remetiam ao que retorna da tenra infância.

Podemos dizer que existe uma teoria sobre a especificidade do funcionamento psíquico infantil que não está claramente sistematizada na obra de Freud, mas que pode ser construída a partir de diversos desenvolvimentos teóricos, sobretudo a partir das suas hipóteses sobre a sexualidade, a fantasia e as neuroses. O objetivo do presente trabalho é percorrer alguns textos de Freud que permitem apreender suas hipóteses sobre o psiquismo infantil, com a finalidade de delimitar e discutir sua teoria sobre esse tema. Encontramos, na literatura da área, textos científicos diversos a respeito dos conceitos psicanalíticos de fantasia, sexualidade, complexo de Édipo e castração, mas encontramos poucas referências que enfoquem especificamente os aspectos infantis presentes nesses conceitos. Pretendemos, assim, com essa pesquisa, contribuir para a compreensão do psiquismo infantil na perspectiva freudiana.

A consideração do infantil está presente desde os primórdios da teoria de Freud. O psiquismo infantil não se limita às vivências conscientes da infância, mas contém também o vivido no inconsciente, conteúdo este que sofre influência de mecanismos psíquicos que fazem com que ele se manifeste de modo transformado no discurso do sujeito. Em seus estudos sobre as neuroses, Freud aprofunda o conhecimento sobre a etiologia desses quadros clínicos e depara-se com elementos como o infantil, a sexualidade e a fantasia. Esse conhecimento abrangente viabiliza a construção de um novo campo de estudo chamado psicanálise.

O conceito de infância e infantil, como formalizados e definidos no campo de conhecimento da língua, nem sempre foram concebidos e compreendidos como na atualidade. A construção histórico-social da perspectiva sobre a infância percorreu um intervalo de séculos e foi acompanhada por mudanças na constituição familiar e de papéis e funções de homens e mulheres no seio da família tradicional. As mudanças apontam para a transformação afetivo-emocional que ocorre na maneira como a sociedade percebe a infância. A mortalidade infantil, que apresentava um índice muito elevado no período medieval, em parte é responsável por uma certa insensibilidade no trato com os sujeitos que vivenciavam a fase inicial da vida. A frequente perda de filhos recém-nascidos produziu uma blindagem emocional que tornava o tema da infância de pouco interesse nas representações e descrições artísticas. Os registros eram raros referindo-se Select itema crianças vivas ou mortas. O envolvimento afetivo com os infantes provocou uma mudança nesse cenário antes mesmo da alteração nos dados demográficos, os quais passaram a contabilizar uma redução da mortalidade infantil. Philippe Ariès, historiador francês, traça um período entre os séculos XIII e XVII para a mudança na percepção social da infância. Freud, no século XX, a partir dos seus estudos e atendimentos clínicos, aborda, em diversos momentos, aspectos da vida no período da infância e descreve comportamentos de crianças.

Zavarone, Viana e Celes (2007) afirmam que a posição psicanalítica sobre a infância é marcada pela especificidade da elaboração teórica em torno dessa fase da vida, a partir da escuta realizada pelos psicanalistas dos relatos de seus pacientes sobre o período infantil. Os autores continuam:

[...] a principal característica sobre a compreensão psicanalítica em relação à infância consiste em resgatar na fala dos pacientes, não exatamente um fato, mas o modo como este fato ficou grafado em seu psiquismo tanto determinando sua própria constituição, como, também, seu modo de lembrar o passado (p. 65).

O infantil apresenta-se como importante elemento na constituição do psiquismo do sujeito e também oferece, ele próprio, um modo de interpretação desta constituição. Os autores acima citados apontam que a reflexão sobre o infantil esteve presente desde os extratos das cartas dirigidas a Fliess, nos quais já é reconhecida a relevância da reconstrução dos primeiros anos de vida, que contempla tanto as recordações desse período, quanto a infância esquecida. O infantil recalcado interessava a Freud mais do que o relato sobre a infância, constituindo seu verdadeiro interesse.

De acordo com Birman (1997), a referência à infância no discurso freudiano se impôs devido ao domínio vigente do paradigma da teoria da evolução na segunda metade do século XIX, influência que se apresenta na obra do psicanalista não apenas sob a perspectiva biológica. Para Birman (1997), essa distinção mostra-se significativa na circunscrição das categorias de infância e do infantil, na psicanálise, desde sua criação. Na teoria de Darwin “o homem se inscreveria como espécie na ordem da natureza, estabelecendo-se nesta leitura uma descontinuidade crucial com as anteriores concepções teológica e divina sobre a natureza humana” (Birman, 1997, p. 13). O autor afirma que Freud construiu um modelo teórico que se utiliza da categoria de infância para explicar a causalidade das perturbações psíquicas pela mediação da sexualidade, no qual o sujeito se constituiria pelo eixo do tempo, por meio de seus destinos e sua história. Assim, por um lado, a subjetividade é historicizada, significada pela ordem do tempo e pela substancialidade absoluta do sujeito. Por outro lado, a subjetividade é percebida em um processo evolutivo caracterizado pela seleção natural e pela adaptação. Birman (1997) descreve o percurso de Freud sobre a infância e o infantil como um discurso que teve início com a concepção evolucionista de Darwin, colaborando com a construção de uma episteme histórica, e declinou-se progressivamente dos valores propriamente evolucionistas. Esse trajeto da teoria permite pensar sobre o modo como a infância é apresentada nos primórdios da psicanálise e como ocorreu o deslocamento posterior para a categoria do infantil. Podemos estabelecer uma distinção entre a infância e o infantil. O infantil é o que foi recalcado. Infância é outra coisa.

O autor destaca a originalidade teórica da psicanálise em relação à psicologia clássica, baseada em Descartes, ao deslocar a indagação sobre o sujeito da ordem do pensamento para o registro da história da sua existência, “o pensamento como critério fundamental do existir é submetido à temporalização de uma história” (Birman, 1997, p. 15). Ele enfatiza que a partir de Freud a sexualidade do indivíduo ganha importância por sua produção e modelagem mediada

pelas teorias sexuais infantis, que se ordenam ao longo da história do sujeito, imprimindo exigências do tempo no seu corpo e nas formações de seu espírito. O sujeito inscrito no campo de uma história Select item implica uma incorporação de um espírito num corpo. Essa perspectiva viabiliza a comprovação do registro do infantil no sujeito, pois demarca a insuficiência do corpo, que traz em si a condição de possibilidade de uma história. Birman (1997) defende que o sujeito seria infantil por vocação e não por consequência de sua história evolutiva, ratificando a infância como um momento insuperável que significa mais do que um momento histórico evolutivo e cronologicamente circunscrito do sujeito. A infância remete a um infantil que permanece presente no indivíduo. O discurso freudiano deslocou-se da problemática do sexual centrada na infância para uma outra configuração, na qual a sexualidade remete ao infantil.

Birman (1997) ressalta a referência à infância estabelecida por Freud desde os textos publicados no final do século XIX, no intento de procurar dar conta das neuroses e das demais perturbações psíquicas, o que ganhou mais consistência com a publicação da *Interpretação dos sonhos* (1900) e dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). A abordagem de Freud sobre os sonhos e a sexualidade foi marcada pelo predomínio do universo da infância, fundamentado no conceito de fantasia e não no conceito de realidade. A infância passa a ser descrita como uma inscrição na fantasia do sujeito, “encontrando sua eficácia etiológica nas perturbações psíquicas” (Birman, 1997, 18). A infância e o passado concebidos sob a influência da fantasia esclarecem a constituição imaginária do sujeito, bem como a formação dos sintomas, os quais correspondem a uma efetividade do processo fantasioso. De acordo com o autor, na constituição da psicanálise propriamente dita ocorreu uma migração da efetividade da infância e do sexual da realidade material para a realidade psíquica.

Maciel (2011) afirma que ampliamos a noção de infância quando a deslocamos do registro genético e cronológico para o psíquico, passando da infância para o infantil, pois evoca um tempo que não se limita ao cronológico. Essa singularidade pode ser encontrada na peculiaridade apresentada por alguns conceitos psicanalíticos que permitem vislumbrar a criança que existe no adulto. A peculiaridade do inconsciente, enquanto atemporal, e da pulsão sem objeto pré-determinado demarcam o que escapa a uma apreensão tanto moral quanto verbal. A autora considera que Freud, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, adotou um referencial anátomo-fisiológico na elaboração da teoria sobre as zonas erógenas e estabeleceu a erogeneidade como atribuição de todas as partes do corpo, o que impediu uma

redução das fases psicosexuais às bases biogenéticas do comportamento e uma pressuposição sobre os destinos da libido. Na teoria do narcisismo, Freud foi mais enfático ao reforçar a ideia de um corpo constituído como fantasmático, erógeno e não limitado a uma visão anátomo-fisiológica, distinguindo-se de qualquer aceção sobre fases de evolução da libido.

Maciel, Martins, Pascual & Maia (2016) afirmam que o infantil em Freud se contrapõe Select itemà ideia de uma fase a ser superada e se constitui como um tempo de fundação, que estrutura o *a posteriori* da vida psíquica. O infantil corresponde a um entrelaçamento dos tempos, onde passado, presente e futuro não produzem sínteses, mas convocam o psíquico a uma tentativa permanente de criar.

Zavarone et al. (2007) consideram que o infantil, na obra de Freud, aparece oscilando pendularmente entre o material recalcado e as vivências da infância, e que o autor não delimita bem esses dois conceitos quando acentua a importância dos primeiros anos de vida na constituição psíquica do sujeito. De acordo com os autores, em determinados momentos, Freud consegue estabelecer essa construção teórica com contornos mais específicos, principalmente quando a fantasia passa a ocupar um lugar teórico significativo na compreensão da constituição do psiquismo. Para os autores, “esse lugar consiste em atribuir à realidade psíquica um valor de determinação antes atribuído apenas à realidade material” (Zavarone et al., 2007, p. 66). No momento em que Freud dá valor à realidade psíquica, os primeiros anos da infância são compreendidos de um modo novo, enquanto constituintes do psiquismo. Assim, “a fantasia é reposicionada na metapsicologia e assume um lugar de destaque na compreensão e na reconstrução do infantil em análise” (Zavarone et al., 2007, p. 66). Zavarone et al. (2007) compreendem que a infância cronológica não pode ser confundida com o infantil reconstruído no discurso do analisando sob influência da transferência, pois, metapsicologicamente, esse elemento se faz presente no discurso e no modo como o analisando se põe em análise. Os autores esclarecem que, para a psicanálise, enquanto a infância refere-se a um tempo na realidade histórica, o infantil é atemporal e está remetido a conceitos como pulsão, recalque e inconsciente. Assim, se o infantil na psicanálise é constituído em referência aos conceitos e ao trabalho psicanalítico, é preciso que essa especificidade fique demarcada e que o infantil compareça na metapsicologia em seu afastamento ao tempo da infância, Select itemembora irrevogavelmente referido Select itema ela. O infantil diz do modo peculiar de tomar a infância no trabalho de análise, ou seja, como marca mnêmica recalcada, referente aos primeiros anos de vida (Zavarone et al., 2007, p. 68). Os autores complementam que os dois conceitos

permanecem cúmplices, pois a construção no *a posteriori* do infantil não abandona as vivências do período da infância, mas apenas as transforma.

Lourenço e Padovani (2013) apontam que as fantasias, na teoria freudiana, representam uma leitura subjetiva da realidade dos fatos, organizada a partir dos desejos e dos fenômenos psíquicos do indivíduo. A origem dessas fantasias encontra-se no que Freud nomeia como pré-história do indivíduo e da espécie, ou seja, nas vivências da infância e nos primórdios da humanidade, respectivamente. Os autores afirmam que, para a psicanálise, as fantasias de um indivíduo são sempre constituídas a partir da leitura e introjeção da rede de fantasias daqueles que o cercam; especificamente, daqueles que compõem suas relações amorosas primordiais, ou seja, dos que cumprem as funções parentais. Lourenço e Padovani (2013) reiteram que “é a atividade das fantasias inconscientes que leva Freud às teses sobre o ‘complexo de Édipo’”. Isso acontece na medida em que o austríaco conclui que as fantasias de sedução” comunicadas pelos pacientes apresentam um conteúdo específico subjacente, que inclui o afeto da criança em relação aos progenitores (p. 323). Os autores descrevem o complexo de Édipo como um conjunto de fantasias inconscientes constituídas por “teorias tecidas pelas crianças em suas interpretações de temas como: a distinção e a excitação sexual; o funcionamento do próprio corpo; a origem dos bebês e a própria origem, portanto” (p. 323). A escolha do objeto de amor, bem como o início das relações amorosas e o posicionamento enquanto feminino ou masculino, originam-se por meio dessas fantasias edípicas.

Costa (2016) é outro autor que chama a atenção para as descobertas empreendidas por Freud, que inauguram o edifício teórico da psicanálise por meio do inconsciente, do recalque, da importância da sexualidade infantil e do Complexo de Édipo. Para o autor, Freud transpõe a significação da realidade externa para a realidade psíquica ao declarar o papel fundamental das fantasias como constituintes dos sintomas neuróticos. A fantasia assume o lugar que antes pertencia à teoria da sedução, e o que possuía o estatuto de verdade compõe-se como ficção, ou seja, os espaços das recordações infantis são preenchidos por construções psíquicas, e a psicanálise emerge como uma teoria do inconsciente.

Ao longo de sua investigação sobre as causas subjacentes e precipitantes das neuroses, Freud foi levado a crer que a neurose resulta dos conflitos entre os impulsos sexuais do indivíduo e suas resistências à sexualidade. As situações patogênicas investigadas, em que estavam envolvidas repressões à sexualidade, apresentando sintomas como consequência, o

levaram aos primeiros anos da infância do paciente. O autor percebe que as sensações vivenciadas no período inicial da vida, mesmo que esquecidas, deixaram sinais perceptíveis no indivíduo, predispondo-o à intercorrência de qualquer distúrbio nervoso.

Castilho (2013), revisitando a teoria do trauma de Freud, discorre sobre o percurso traçado pelo austríaco e retoma sua elaboração sobre o entendimento do trauma determinado por um evento ocorrido na infância. O evento em questão, qualificado como sexual, tem sua ativação em um momento posterior. O autor observa que o sexual, enquanto experiência infantil, retira, numa primeira elaboração sobre a teoria do trauma, um modo particular de assimilação psíquica do evento e redireciona para o significado de uma determinada cena, com sentido inaceitável para a consciência, que contém um caráter efetivamente traumático. Segundo Castilho (2013), essa conclusão de Freud libera a teoria e a prática clínica da determinação empirista da psicologia sobre as experiências não ab-reagidas e propõe uma reflexão sobre uma *práxis* mediante um elemento com significado específico e exclusivo que se constitui como o fundamento da neurose: a ideia de um atentado sexual combinado a uma experiência apassivante da sexualidade.

Guimarães (2012) destaca que a sexualidade ocupa o lugar central na obra de Freud, em relação à formação psíquica e na constituição da subjetividade. E a sexualidade infantil é declarada pelo autor como constitutiva da condição subjetiva que se faz presente na organização psíquica do adulto. As características fundamentais da sexualidade infantil que a atrelam ao conceito de sexualidade são a origem na função somática, o autoerotismo e o fato de ser perverso-polimorfa.

Freud (1925/2011) afirma que a presença da sexualidade em crianças foi ignorada em pesquisas anteriores, em grande parte devido a preconceitos que alimentavam a ideia de inocência infantil e isenção dos intensos desejos sexuais, que se esperava que aflorassem apenas na puberdade. Quando aspectos sexuais eram constatados em crianças, eram tomados como indícios de degenerescência, depravação prematura ou aberração da natureza. Essa colocação de Freud mostra-se controversa, pois já havia um reconhecimento da sexualidade infantil. Egan e Hawkes (2008), que fizeram um estudo sobre a história da sexualidade infantil em meados do século XIX e início do século XX, concluíram que o tema da sexualidade infantil já era discutido por alguns teóricos, e mais intensamente do que Freud os abordava. Os autores consideram que o psicanalista se mostrou conservador sobre o assunto ao abordar a ideia de latência como um período no qual a sexualidade da criança é guardada em um cofre, num espaço

do inconsciente, e caracterizou esse momento como uma fase na qual o comportamento dela é visto como mais aceitável socialmente. A sexualidade voltaria a se manifestar durante a puberdade, em idade posterior.

Mesmo nos dias de hoje, a abordagem psicanalítica provoca dissidências. Harding (2000) ressalta que o objetivo mais revolucionário de Freud era libertar-se da dependência de opiniões tradicionais para criar novas ideias. Esse autor discorre sobre o tema da sexualidade na teoria freudiana e como essas elaborações foram introduzidas em determinados países. Harding (2000) afirma que alguns críticos consideram que a psicanálise, na atualidade, tem se afastado da premissa que coloca a sexualidade no centro da causalidade psíquica, e atribui essa mudança de posição à introdução desse campo teórico em determinados países. O autor, partindo de alguns referenciais teóricos, defende que aspectos culturais desses países provocaram uma domesticação da psicanálise diante da resistência em aceitar os pressupostos essenciais da teoria, como a sexualidade infantil, o que justificaria esse distanciamento da teoria do tema da sexualidade. Entre os países que se mostram resistentes à teoria psicanalítica, o autor menciona os Estados Unidos e a Inglaterra, e refere-se à França como um país que apresenta maior aceitação desse campo de estudo.

Outro autor que questiona o ineditismo da teoria de Freud sobre a sexualidade infantil é Simanke (2016), afirmando que a discussão sobre a sexualidade infantil ocorria de forma recorrente na literatura médica do século XIX, bem como estava presente tanto na literatura histórica da medicina quanto na história da sexualidade. O autor comenta que a teoria freudiana da sexualidade infantil foi apresentada em um período bastante tardio, em 1898, quase na virada do século, a qual dizia respeito à possibilidade da sexualidade como uma expressão não patológica da fisiologia e do psiquismo infantil. Select item Simanke (2016) considera a rejeição de Freud Select item a ideia da sexualidade infantil em outras teorias que o precederam como bastante inequívoca.

De acordo com o autor, os debates oitocentistas sobre a sexualidade infantil apresentam duas questões centrais: o caráter normal ou patológico e as semelhanças ou dessemelhanças entre a sexualidade infantil e adulta. Citando o historiador Lutz Sauerteig (2012), Simanke comenta a divisão estabelecida por esse historiador sobre a sexualidade infantil no século XIX e início do século XX em homológicas e heterológicas. Ele considera como homológicas, a concepção da sexualidade infantil como semelhante à adulta, a qual toma a sexualidade adulta

como modelo para a compreensão da primeira. As heterológicas incluem as teorias sexuais que compreendem a sexualidade adulta e infantil como fundamentalmente distintas. Simanke (2016) comenta que Sauerteig (2012) inclui a teoria freudiana entre as teorias homológicas e considera esse tipo de teoria sobre a sexualidade infantil como predominante. O autor reitera que, para uma compreensão adequada da teoria da sexualidade infantil em Freud, faz-se necessário uma análise interna da sua teoria sexual e psicopatológica. A originalidade da contribuição freudiana pode ficar encoberta sob a reivindicação insustentável de uma primazia absoluta na abordagem a respeito da teoria sobre a sexualidade infantil.

Simanke (2016), citando Scull (2009), observa que a elaboração da teoria da sedução apresentava como o centro da teoria freudiana das neuroses a sexualidade e a infância. Segundo o autor, a teoria da sedução possibilitou aliar a histeria à sexualidade, compondo um aspecto distinto das teorias médicas, que abandonaram a etiologia uterina e o reconhecimento quase unânime, desde o século XVIII, da histeria como uma doença nervosa e não uma doença ginecológica. A teoria freudiana estabeleceu uma articulação conceitual para vincular neurose e sexualidade e tornou a sexualidade o aspecto condicional para a neurose, combinando o potencial para a mobilização de afetos com um amadurecimento tardio, se comparada ao desenvolvimento das demais funções psicobiológicas (Simanke, 2016, p. 52).

Como aponta Simanke (2016), no artigo de 1898, *A sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud passa a defender a ideia da existência de uma sexualidade infantil ordinária e normal. Segundo o autor, o psicanalista, a partir de então, vai afirmar a universalidade da etiologia sexual das psiconeuroses. Freud inverte completamente a concepção que sustentava dez anos antes e passa a defender o pressuposto que atribui à sexualidade, exclusivamente, o papel de fator causador das psiconeuroses, não apenas da histeria. Com o abandono da teoria da sedução, ele passou a considerar a possibilidade das ideias fantasiosas infantis com cenas de sedução e, portanto, a presença da sexualidade na infância. Isso o levou a se debruçar sobre o tema da sexualidade, tendo em vista esclarecer as características da sexualidade infantil e o papel desempenhado por esta no desenvolvimento psíquico normal e neurótico.

Nesse trabalho, procuramos compreender a concepção freudiana sobre o psiquismo infantil tomando como foco, principalmente, sua teoria sobre a sexualidade e a neurose. Focamos o aspecto infantil encontrado em conceitos importantes, tais como os de complexo de Édipo e de castração, fantasias, sonhos e narcisismo, e buscamos compreender como esses fenômenos se manifestam no paciente neurótico. Escolhemos dois casos clínicos de Freud para

demonstrar como esses fenômenos atuam sobre o sujeito: *Análise da Fobia em um garoto de cinco anos* (1909) e *Uma Neurose Infantil* (1918).

A tese é composta por cinco capítulos. O primeiro trata do conceito de infância e infantil estabelecido pela língua e do percurso histórico-social da construção do conceito. O segundo capítulo aborda a hipótese da teoria da sedução, seu posterior abandono e o desenvolvimento do conceito de fantasia. No terceiro, tratamos do infantil e sua relação com conceitos psicanalíticos de sexualidade e fantasia, bem como abordamos as singularidades apresentadas por neuróticos diante da associação desses fenômenos em seu psiquismo. No quarto capítulo, apresentamos os conceitos freudianos de complexos de Édipo e castração e seus fundamentos, conforme expostos no texto *Totem e Tabu*, de 1913. Finalmente, no quinto capítulo, discorremos sobre os dois casos clínicos acima mencionados. O texto apresentado nesse último capítulo possibilita que observemos a relevância e as características do psiquismo infantil no contexto da análise de duas histórias clínicas e suas consequências na vida do sujeito.

1 O CONCEITO DE INFÂNCIA E DE INFANTIL E A SUA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

O presente capítulo refere-se aos conceitos de criança e de infantil através dos diversos modos como são tratados dentro da língua e das teorias histórico-sociais. Ao longo da história, o conceito de criança e de infantil sofreu reflexos das transformações da sociedade, recebendo influência de teorias filosóficas, históricas e sociais. Essa influência está representada na forma como encontramos as definições desses conceitos em dicionários, gramáticas e no campo da linguística. Infantil, de acordo com as definições comumente estabelecidas, costuma estar associado à infância, à ideia de criança e à fase inicial da vida. Ao tratar desses conceitos, é difícil dissociá-los; portanto, consideramos relevante abordar a definição de infantil e de criança/infância, bem como o percurso histórico-social desses conceitos.

Quando falamos em conceito, partimos da compreensão de que um conceito pretende apreender o objeto numa definição que possa ser entendida de forma clara e objetiva. É uma ideia ou noção, aquilo que o espírito concebe ou entende. O conceito é definido como uma expressão sintética. Outras acepções do termo são os significados enquanto símbolo, síntese, consideração, opinião, mente, entendimento, juízo e reputação (Michaelis, 2010). Quanto menor a ambiguidade causada por um conceito, maior a qualidade da definição. Entretanto, podemos constatar que o esforço em definir um objeto não admite o que há de singular neste, principalmente quando os conceitos tratam da condição do ser humano. A definição de criança traz em sua acepção um conceito construído ao longo de décadas e influenciado por crenças e teorias.

No presente capítulo, ressaltamos o conceito de criança em sua definição etimológica e denotativa, na forma como encontramos a descrição nos dicionários e nos termos sociais gerais. Por conseguinte, abordaremos a história da criança mediante as mudanças sociais ocorridas no conceito no período entre o século XIII e o período atual. Na obra psicanalítica, o conceito de criança e de infantil está pautado na posição do sujeito frente ao desejo inconsciente. Freud defende a possibilidade de abordar uma ideia de criança que não seja necessariamente vinculada apenas ao desenvolvimento biológico proposto pela Psicologia ou a conceitos estabelecidos com base em circunstâncias, interesses e necessidades sociais. Algumas características que aparecem atreladas ao conceito de criança foram construídas e, em alguns momentos, até pensadas propositalmente, segundo interesses específicos, como forma de provocar mudanças sociais.

1.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA E DE INFANTIL

A palavra infância, segundo o dicionário *Michaelis* (2010), faz referência ao período da vida do ser humano que vai desde o nascimento até a adolescência, à meninice. Refere-se às crianças em geral, ao primeiro período da existência de uma sociedade ou de uma instituição, ao começo da existência de alguma coisa. A acepção de Select item “infante” é um adjetivo pertencente ou relativo à infância, que está na infância. Infantil é o que diz respeito a crianças, próprio de crianças, ingênuo, inocente. A palavra criança, de acordo com o mesmo dicionário, é um substantivo feminino que significa ser humano no período da infância, menino ou menina; pessoa que se entretém com coisas pueris ou não trata os negócios com seriedade. Criança de peito: a que ainda mama. Criancice, palavra derivada do termo criança, é Select item definida como o ato, dito ou modos próprios de criança. Outras definições que encontramos neste verbete seriam levandade e pueril. Pueril é definido como um adjetivo que trata do que é pertencente, relativo ou próprio das crianças, infantil, frívolo, fútil, ingênuo. Puerilidade é a qualidade de pueril, infantilidade, banalidade, frivolidade, futilidade. No verbete criança, no conhecido *Dicionário Aurélio* (1993), por exemplo, a palavra está definida como a menina ou o menino de pouca idade, pessoa ingênua. A palavra infância, no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2004), é elucidada como um tempo de crescimento do indivíduo que corresponde ao período entre o nascimento até a puberdade, também chamado de meninice ou puerícia. Ao infantil corresponde tudo o que pertence às características do período da infância, ao que é próprio para crianças.

De acordo com Nascentes (2018), no *Dicionário de Sinônimos*, infância, meninice, a puerícia é definida como a primeira idade do homem, do nascimento aos sete anos. Nos primeiros anos da infância, o homem não fala. Na fase correspondente à meninice, que vai dos sete anos até os primeiros sinais de puberdade, o autor define como a idade do menino. Puerícia é considerada como a forma erudita da meninice.

Como podemos observar, tudo o que se refere à criança admite uma concepção de sujeito assexuado, ingênuo, inocente, angelical, iniciante, entre outros, quando abordado pelos dicionários da língua portuguesa. A língua, segundo a *Gramática da Língua Portuguesa* (Pasquale & Ulisses, 2008/2020), é um sistema de signos convencionais usados pelos membros de uma mesma comunidade. Em outras palavras, afirmam os autores, um grupo social convencional utiliza um conjunto organizado de elementos representativos. As formalidades e regras da língua objetivam padronizar as diversas manifestações da cultura linguística para

serem utilizadas pelos indivíduos na fluência da comunicação. A gramática é Select itemum campo da língua que formaliza e condiciona essas regras. E o termo criança, na gramática, é classificado como um substantivo e, como tal, sua função é dar nome a um ser. As regras gramaticais, bem como o sentido das palavras que encontramos em dicionários e gramáticas, são definidas de acordo com o estudo de especialistas que se preocupam em aprofundar-se no conhecimento da língua, tendo em vista o sentido cultural na língua nativa. Esse sentido é registrado e atualizado pelos especialistas sempre que aparece um novo significado como resultado do contato social entre os indivíduos. Exemplos disso são os significados que encontramos nos dicionários. A palavra criança apresenta-se com diversos significados, conotativos e denotativos, no dicionário da língua portuguesa. Os significados apresentados são os mais atualizados até a presente data, podendo sofrer alterações futuramente. Segundo a *Gramática da Língua Portuguesa* (Pasquale & Ulisses, 2008/2020), o vocábulo criança é classificado como substantivo comum, que “designa todo e qualquer indivíduo de uma espécie de seres e serve para todos os seres de uma mesma espécie, sejam eles homem, mulher, menino, menina, casa, escola, igreja, muro, cão, pedra, caneta, etc.” (p. 214). Também é classificado como um substantivo simples por ser formado por um só radical; derivado, pois deriva da palavra cria; concreto, por se apresentar como um ser de existência independente ou que se apresenta imaginariamente como se existisse por si; e sobrecomum, invariável tanto nas terminações, artigos ou adjetivos quanto ao gênero masculino ou feminino. Ou seja, segundo a língua portuguesa, o termo criança pertence à classe de palavras do substantivo comum, simples, derivado, concreto e sobrecomum invariável. Ferreira (2000) chama de “armadilha da língua” o fato de uma mesma expressão, seja ela criança ou infantil, referir-se tanto ao menino quanto à menina. Os significados encontrados nos termos infantil e criança desconsideram a distinção dos sexos. De acordo com as acepções apresentadas, temos a impressão de que características infantis presentes em períodos posteriores ao classificado como infância caracterizam um sujeito pouco confiável, inconveniente ou ingênuo.

Consideramos também a definição do termo infante em sua acepção etimológica, a qual determina a origem, causa e circunstâncias do processo evolutivo das palavras. Sob a perspectiva etimológica, infante, do latim *infans-antis*, no *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, apontado por Cunha (1986), refere-se àquele que não fala, infantil. Como adjetivo, faz alusão aos filhos do rei de Portugal ou da Espanha que não teriam direito ao trono. Outra definição do termo, no dicionário etimológico, faz referência ao soldado de infantaria. O sentido etimológico da palavra infante assemelha-se ao sentido ideológico, que

trata da formação das ideias de acordo com um grupo, uma época ou uma situação histórica, como podemos encontrar no *Dicionário Ideológico* (1957). Nesse dicionário, o infante é descrito como aquele que nasceu há poucos meses, aquele que não pode falar. A palavra menino, nesse dicionário, faz referência ao sentido latino *minus*, aludindo a menor, menos.

Chevalier e Gheerbrant (1990) apontam outra perspectiva a respeito do termo criança. Os autores abordam uma concepção simbólica sobre o termo. No *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, descrevem a criança identificando a infância e, como tal, a criança é percebida como símbolo de inocência. Símbolo de inocência cujo estado é anterior ao pecado, edênico, paradisíaco, representando o retorno ao estado incipiente do qual a infância encontra-se mais próxima. Os autores nos asseveram ainda que, no Taoísmo, a definição de criança é símbolo de pureza genuína e naturalidade.

Conforme Chevalier e Gheerbrant (1990), inspirados em Tchuangtse de Lao-Tse, o infante é espontâneo, sereno, concentrado, sem intenção ou pensamentos dissimulados. Já na designação hindu, a criança é chamada de *balya*, cujo significado é semelhante ao encontrado nos Evangelhos, na Parábola do Reino dos Céus, em que a criança é identificada pelo estado prévio de obtenção de conhecimento. Para a devoção cristã, que reafirma continuamente o ensinamento de Cristo sobre as crianças, tornar-se uma delas é uma condição para alcançar o Reino dos Céus, bem como a salvação deve ser recebida como uma criança a receberia. Ainda segundo os autores, a representação de anjos para o cristianismo dá-se na forma de crianças, caracterizando pureza e inocência. A corrente psicológica defende a ideia de desenvolvimento do homem por fases e, de acordo com essa corrente, no homem adulto atitudes pueris e infantis implicam aspectos regressivos. Entretanto, a imagem da criança também é identificada como uma superação do que é complexo e angustiante; é o símbolo da paz interior e da autoconfiança.

A definição simbólica de criança remete à ideia de um ser que ainda não sofreu as influências da sociedade e encontra-se em um estado de alma preservado da maldade, como aparece confirmado no uso da palavra inocência e na falta de disposição para disfarces. À criança é dado o direito de participar das benesses dos céus e a elas se assemelhariam os anjos, criaturas que apresentam o estado assexuado e puro de alma. Diante desse conceito de criança, como um ser em desenvolvimento que se encontra desamparado frente às vontades e caprichos do mundo adulto, faz-se necessário que o poder das leis a protejam com a finalidade de que cresçam saudáveis e em plenas condições de decidir criticamente sobre os assuntos da vida adulta.

Os sentidos do termo criança encontrados nos dicionários, como podemos perceber, apresentam como características da criança um estado inacabado, temporário, que deve sofrer alterações ao longo da vida. É uma condição na qual o indivíduo deve ser conduzido, pois ainda não é capaz de viver de forma independente, bem como tomar decisões por si só. O ser que recebe o adjetivo pueril é caracterizado como imaturo, apresentando um caráter incapaz de se posicionar diante de decisões importantes e sérias. Esses aspectos encontrados no conceito de criança favorecem a forma simbólica como a criança é representada no imaginário social. A ideia defendida na definição é apreender o objeto em suas diversas dimensões e incluí-lo em classes que se assemelham.

É interessante notar, que a posição dada à criança como ser que não fala e ainda em formação, é aliado às características como angelical e inocente, deixando entrever as características percebidas como positivas socialmente. Notamos que aquele que não fala e ignora o conhecimento, é puro. Essa conclusão nos remete aos conceitos religiosos sobre o conhecimento, representado no mito de Adão e Eva, que comeram o fruto do conhecimento e introduziram o pecado na sociedade. Portanto, um conceito de criança inocente nos faz crer que a sociedade cultiva uma esperança de purificação, como se pudesse ser evitada a condição de pecado.

Até aqui, tratamos do conceito de criança sob diversas perspectivas e sentidos que ele adquire no uso da língua corrente. Assim, discutiremos, no item que se segue, as transformações históricas sofridas, especificamente, pelo conceito de criança. Percebemos que o conceito que temos hoje, bem como a organização político-social em torno do período infantil, nem sempre foi assim e compreendemos que a forma como caracterizamos a condição de criança foi pensada e construída segundo alguns interesses, inclusive o religioso. Observamos que houve um período histórico em que a infância e suas características foram ignoradas para uma reformulação deste conceito. Essa reformulação apresenta um novo modo como a sociedade percebe moralmente a infância, que coloca esses sujeitos em um lugar elevado e idealizado. Por isso, devemos nos perguntar sobre o conceito que temos a respeito da condição de criança e em que esse conceito está fundamentado.

1.2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO CONCEITO DE CRIANÇA E INFANTIL

As mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos séculos causaram alterações sobre a forma como a infância passa a ser percebida. As modificações na forma como conceituamos a

infância Select itemderam-se na caracterização e na forma como a sociedade relaciona-se com a criança e a protege. Essas transformações serão explanadas ao longo do texto.

A sociedade vem sofrendo transformações ao longo dos séculos. Essas mudanças são consequência de modelos ideológicos e culturais que periodicamente influenciam as crenças e o modo de viver das pessoas. As modificações, ao longo da história, dão-se em campos diversos como o político, econômico, religioso, filosófico, antropológico, social, entre outros. Há momentos em que esses campos ideológicos interferem uns nos outros em um processo contínuo e ininterrupto. A mudança política provoca transformações sociais e econômicas e transformações psico-libidinais provocam alterações político-econômico-sociais. E o conceito de infância, que conhecemos hoje, sofreu interferência de todas essas transformações.

Ariès (1978/2022), conhecido historiador francês, em seu livro *História Social da Criança e da Família*, faz um levantamento cronológico das transformações sociais e de que forma isso repercutiu na maneira como a sociedade atual está organizada, essencialmente partindo das alterações na abordagem do conceito de criança e de família. Os apontamentos de Ariès (1978/2022) e outros sobre a criança contribuem para compreendermos como chegamos ao conceito de criança e de família que temos hoje.

Ariès (1978/2022) descreve como a criança era percebida na forma de organização da velha sociedade tradicional. O indivíduo era percebido como criança apenas quando era reconhecido como um ser mais frágil. Essa fase da vida era conhecida como infância. Quando o indivíduo apresentava um princípio de independência física, era agregado aos adultos na execução do trabalho ou nos jogos. O sujeito transformava-se da condição de “criança pequena” a pessoa adulta, sem passar pelas fases da juventude que conhecemos hoje (Ariès, 1978/2022, p. 10). A aproximação da criança com indivíduos adultos não se dava obrigatoriamente com os pais ou por meio destes. Os valores e conhecimentos dos adultos eram transmitidos por meio da convivência laboral, enquanto o pequeno ajudava o adulto. A convivência da criança com a família era mínima e não era suficiente para construir laços de afetividade e memórias.

Ariès (1978/2022) salienta que manuais que orientavam sobre civilidade foram formalizados por educadores católicos. Esses manuais orientavam cuidadores de crianças, os quais eram submetidos a algumas regras. Essas regras continham recomendações sobre a forma como as crianças deveriam ser tratadas. Por exemplo: não deveriam ser mimadas, não poderiam ficar desacompanhadas, nem permanecerem sozinhas com criados ou criadas para evitar que

fossem aliciadas sexualmente, como poderia acontecer com rapazes ou moças. A linguagem formal também era uma recomendação, em lugar do trato familiar.

Segundo o autor, a criança escolar potencializa esse novo infante, cristalizando a instituição familiar em torno do novo objeto. A escolarização funciona como elemento transformador no final do século XVII. Para Ariès (1978/2022), a criança é enclausurada pelo sistema escolar, submetida a um tratamento parecido com o recebido pelos loucos, pobres e prostitutas, por meio do qual ela é apartada do adulto, numa espécie de quarentena, para, posteriormente, ser solta no mundo. O movimento de moralização da sociedade, promovido por reformadores católicos e protestantes próximos dos legisladores e do Estado, acontece até os dias atuais no processo de escolarização. Esse processo não seria possível sem a convivência das famílias, que atribuíram um valor acentuado à educação dos filhos, acompanhado de uma mudança no afeto familiar, que passa a ser manifestado entre os cônjuges e entre pais e filhos. As crianças passam a ocupar uma centralidade em torno da qual a família deve estar organizada. Essa centralidade ganha tanta importância que a perda de uma criança é vista como algo insubstituível, que envolve grande dor. O envolvimento e afeto familiar em torno da criança proporcionaram um controle de natalidade no século XVIII para que as crianças pudessem ser mais cuidadas. A criança ganha uma representação própria, com características dessa fase da vida. Sua imagem ganha significado e não mais é usada para representar a alma. O infante vivo ou morto representa uma criança apenas. A representação da alma não mais utiliza alegorias e toma a forma da figura de uma pessoa.

De acordo com Ariès (1978/2022), os registros paroquiais receberam a data de nascimento por imposição aos párocos por Francisco I. Mesmo sendo prescrita pelas autoridades dos concílios, a medida não se concretizou até que fosse aceita pelos costumes, que durante muito tempo se mantiveram avessos ao rigor de uma contabilidade abstrata. Apenas a partir do século XVIII Select itema exatidão dos registros Select itempassou a ser relevante. A noção de idade pessoal ganhou importância e se afirmou à medida que os reformadores religiosos e civis a impuseram nos documentos, principalmente nas camadas instruídas da sociedade, ou seja, pessoas que passaram pelo sistema educacional dos colégios.

Os retratos de família datados eram documentos de história familiar como os álbuns de fotografia seriam considerados três ou quatro séculos mais tarde. Os diários domésticos também representam retratos de família, nos quais eram anotados, além das contas, os acontecimentos domésticos, os nascimentos e as mortes. Nesses diários, a preocupação cronológica estava

aliada ao sentimento familiar. As pessoas sentiam necessidade de dar à vida familiar uma história, datando-a. Nesses registros importava mais a história da família e menos das coordenadas do indivíduo.

Segundo Ariès (1978/2022), o hábito de gravar ou pintar uma data em móveis, talheres ou copos tornou-se frequente no século XVII. A data remete a um momento importante da família que marcava sua história, como um casamento. Em algumas regiões, os móveis pintados eram datados e traziam o nome de seus proprietários. Esse costume deu-se entre os séculos XVII e XIX em regiões como Alsácia, Suíça, Áustria e Europa Central. Para o autor, a inscrição das idades ou de uma data em um retrato ou em um objeto correspondia ao mesmo sentimento que tendia a dar à família maior consistência histórica. Esse hábito de estabelecer inscrições cronológicas se manteve até meados do século XIX; entretanto, entre as camadas sociais médias e na corte, foi considerado ingênuo e provinciano e desapareceu. Segundo Ariès (1978/2022), as inscrições foram desaparecendo dos quadros; algumas ainda podiam ser encontradas, mas em pintores de província ou provincializantes. As mobílias mais requintadas da época passaram a ser datadas de modo discreto. O autor ressalta que ainda era difícil as pessoas se lembrarem de sua idade em seus costumes, mesmo com a relevância que a epigrafia familiar ganhou no século XVI.

Ainda no século XVI, as crianças sabiam sua idade, principalmente nas categorias escolarizadas, nas quais eram observados hábitos de precisão moderna; entretanto, um hábito muito curioso de boas maneiras obrigava-as a não confessar sua idade claramente ou a responder com certas reservas. Destacamos um recorte no texto de Ariès (1978/2022) a respeito das tentativas de autores e cientistas do período medieval que tentaram estabelecer um tipo de classificação e distinção entre as diversas fases da vida humana. Consideramos relevante a descrição da história das idades para compreendermos a construção e caracterização do psiquismo infantil. Ao longo do relato do historiador francês, constatamos que os cientistas se debruçaram, inspirados pela expectativa de encontrar uma definição clara entre as fases, mas observamos que conteúdos como o psiquismo infantil são capazes de atravessar limites entre as fases. Certos conteúdos podem manifestar-se em diferentes momentos da vida humana.

Conforme Ariès (1978/2022), nos tratados pseudocientíficos da Idade Média, as “idades da vida” mostram-se importantes. A terminologia desse período é destacada pelo autor como puramente verbal, com variações como: infância e puberdade, juventude e adolescência, velhice e senilidade, designando um período diferente da vida. Algumas dessas palavras foram adotadas para designações abstratas, como puerilidade ou senilidade; porém, estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. Esses termos fazem parte de uma terminologia erudita que foi

tornando-se usual. De acordo com o autor, as idades da vida ou idades da época eram tão frequentes e repetidas que passaram do domínio da ciência para o da experiência comum. Hoje, a importância da noção de idade e seu grau de relevância, como manifestos nas antigas representações do mundo, não conseguem ser dimensionados na nossa sociedade.

Ariès (1978/2022) destaca que a idade do homem representava uma categoria científica tão significativa quanto as unidades de medida como o peso ou velocidade o são para a ciência moderna. A idade do homem pertencia a um sistema de descrição e de explicação física que remetia aos filósofos jônicos do século VI a.C., compilado pelos medievais nos escritos do Império Bizantino e que inspirava os primeiros livros impressos de difusão científica no século XVI.

Segundo o historiador, até meados do século XVII, a ciência antigo-medieval apresentava como classificação categorias como: elementos, temperamentos, planetas e seu sentido astrológico, bem como o simbolismo dos números. A biologia humana era concebida por meio das idades. Nos textos da Idade Média, as idades correspondem aos planetas, em número de 7 (sete).

De acordo com o autor, a fase que corresponde ao período entre o nascimento e a idade de 7 (sete) anos ou a infância que troca os dentes é a primeira idade. Nessa fase, a criança é o *enfant*, que significa o que não fala ou não forma perfeitamente as palavras, pois os dentes ainda não estão ordenados e firmes. *Pueritia* corresponde à segunda idade, na qual a pessoa ainda é como a “menina do olho”, diz Ariès (1978/2022), citando Isidoro, e estende-se até os 14 (catorze) anos. A terceira idade ou adolescência pode estender-se até os 21 (vinte e um) anos, agora citando Constantino, ou até os 28 (vinte e oito), 30 (trinta) ou 35 (trinta e cinco) anos, como alega Isidoro. Isidoro entende que na adolescência a pessoa é suficientemente grande para procriar. Nessa fase os membros estão propícios ao crescimento com uma constituição ainda mole. O crescimento termina antes dos 30 (trinta) ou 35 (trinta e cinco) anos, ou mesmo antes dos 28 (vinte e oito) anos, talvez antes, caso a pessoa dedique-se ao trabalho precocemente. A juventude para Isidoro dá-se até os 45 (quarenta e cinco) anos. Outros autores, entretanto, acreditam que se dá até os 50 (cinquenta) anos. Aristóteles considera que a juventude recebe essa identificação devido à força que está na pessoa para ajudar a si mesma e aos outros.

A idade seguinte é nomeada como senectude e refere-se ao período da vida que está a meio caminho entre a juventude e a velhice. Isidoro a reconhece como gravidade, pois a pessoa nessa fase comporta-se com uma postura grave nos costumes e nas maneiras. A pessoa na senectude não é velha, mas passou a juventude. Após a senectude segue a velhice, que estende-

se até 70 anos ou até a morte, como afirmam alguns autores. Para Isidoro, na velhice, as pessoas já não têm os sentidos tão bons como antes e caducam em sua velhice.

Conforme Ariès (1978/2022), citando autores e perspectivas que almejavam dar sentido à vida e às suas fases, essas terminologias traduzem ideias que na época eram científicas e referiam-se a um sentimento explicitado pelo povo sobre a vida. O autor compreende que, apesar de hoje a vida ser classificada como um fenômeno biológico ou uma situação na sociedade, há uma ressonância de algo que escapa ao biológico e ao sociológico. Há uma dimensão que não tem nome, que comove, que é a expressão de uma resignação, que aponta para algo corriqueiro das notícias diárias sobre as quais podemos inferir que “têm vida” e que nos tira do tédio do cotidiano. Segundo o autor, o homem de outrora reconhecia a vida como uma continuidade inevitável, cíclica, às vezes cômica ou melancólica em suas fases, Select item uma continuidade prevista de maneira geral e ilusória das coisas, e não necessariamente uma experiência real, pois poucos homens realmente vivenciavam todas as fases numa época de grande mortalidade.

Para Ariès (1978/2022), a iconografia profana fez do tema das idades da vida um dos seus mais frequentes. E foi no século XIV que essa iconografia estabeleceu seus traços essenciais, os quais se mantiveram até o século XVIII. O autor cita as obras clássicas que representavam as idades da vida na iconografia profana, como os capitéis no palácio dos doges e os afrescos dos Erimitani de Pádua. As crianças e seus brinquedos (um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados) representavam a idade dos brinquedos. Menino aprendendo a ler ou segurando um livro e um estojo ou meninas aprendendo a fiar representam a idade da escola. Festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários representavam as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria. Um homem armado refere-se às idades da guerra e da cavalaria. A imagem do velho sábio barbudo, vestido segundo a moda antiga, diante da sua escrivaninha, perto da lareira, remete às idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo. As idades da vida não correspondiam necessariamente a etapas biológicas, mas a funções sociais; por exemplo, apesar de a imagem popular associar o estudo com uma acepção típica dos velhos, alguns homens da lei eram muito jovens.

O autor, baseado na ausência da representação da infância na arte, conclui que não havia lugar para essa fase da vida até o século XII. O autor cita alguns exemplos, nos quais as crianças eram representadas por homens adultos em tamanho menor. Um desses exemplos é a representação da cena do Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas. Segundo Ariès (1978/2022), o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito homens, sem

nenhuma representação da infância, que foram reproduzidos em escala menor. Apenas a estatura os distinguia dos adultos.

De acordo com o autor, a infância era ignorada pela arte medieval, que não apresentava exemplares representativos dessa fase. Essa ignorância dificilmente deu-se por inabilidade ou incompetência em produzir arte com essa temática. Provavelmente a fase que representa o início da vida não encontrava lugar no período medieval. Ariès (1978/2022) cita o exemplo da obra otoniana do século XI, na qual os corpos das crianças eram apresentados de forma deformada. A cena representava a passagem do Evangelho em que Jesus pede que deixem vir a ele as criancinhas; na obra, o miniaturista reproduziu a imagem de oito homens formados, sem características da infância. A obra apresenta a estrutura de homens formados, mas em uma escala menor. Em outro exemplo, o autor cita a obra francesa do fim do século XI que representa a ressurreição de três crianças por São Nicolau, em que as crianças aparecem sem distinção com a imagem dos adultos. As expressões ou traços assemelham-se aos traços de homens adultos. O pintor representava as crianças, em sua nudez, com a musculatura do adulto.

Ariès (1978/2022) ressalta no capítulo sobre “A descoberta da infância” que a resistência em representar a morfologia infantil pode ser encontrada na maioria das civilizações arcaicas. Como exemplo, o autor cita um bronze sardo do século IX a.C., arte em que uma imagem lembra uma Pietà, apresentando-se segurando o corpo amadurecido do filho. A figura, entretanto, pode fazer referência a uma criança, mas representada como adulto, como era comum na época arcaica.

O autor afirma que a infância desapareceu da iconografia, ou seja, do repertório de imagens próprias de uma obra ou gênero artístico pertencentes a um artista ou período artístico. Ele destaca a infância como um dos temas do período helenístico que desapareceu por um longo período das representações na arte de maneira geral. Ariès (1978/2022) cita Colombier (1951) ao destacar que a representação realista da criança se deu na época helenística e deu lugar a uma perspectiva romântica que recusava os traços específicos da infância que caracterizavam épocas arcaicas, anteriores ao helenismo. A infância era observada de forma desinteressada, demonstrando isso por meio de uma transposição estética, pois tratava-se de um período de transição que seria logo ultrapassado e cuja lembrança também seria logo perdida.

Ariès (1978/2022) relata que no século XIII, algumas imagens da infância foram simbolizadas de forma aproximada à época moderna. A criança surge representada como um anjo, com a aparência de um rapaz muito jovem adolescente. Essas imagens predominaram

entre o século XIV até o fim do *quattrocento* italiano, período que corresponde ao século XV e marca a primeira fase do renascimento italiano. Como exemplo, o autor cita os anjos de Fra Angelico, de Botticelli e de Ghirlandaio.

O autor destaca, finalmente, a iconografia leiga da infância nos séculos XV e XVI. Nesse período, a criança tornou-se uma das personagens mais frequentes de pinturas anedóticas. Nessas figuras a criança aparecia com sua família ou com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos ou na multidão, mas é representada de forma destacada no colo de sua mãe, segura pela mão, brincando, urinando, no meio do povo assistindo milagres ou martírios, ouvindo pregações, em ritos litúrgicos, apresentações ou circuncisões, aprendendo uma profissão, ou na escola. As cenas de crianças na escola remontam ao século XIV e inspiraram as cenas de gênero até o século XIX.

As cenas de gênero não eram exclusivas sobre a infância, mas representavam as crianças como protagonistas principais ou secundárias. Para Ariès (1978/2022), essa descrição sugere que as crianças se misturavam aos adultos no dia a dia, e toda reunião, seja para o trabalho, passeio ou jogo, incluía crianças e adultos. Aparentemente, os pintores manifestaram um gosto em representar crianças por sua graça ou por seu pitoresco, coincidindo com o sentimento da infância “engraçadinha” que toma forma nos séculos XV e XVI. Ele observava que tanto a ideia que predomina no fim do século XIX quanto a ideia que temos hoje tendem a separar o mundo das crianças do mundo dos adultos.

Crianças mortas só aparecem representadas no século XVI, o que marcou um momento muito importante na história. Aparece, inicialmente, nos túmulos dos mestres de Bolonha, representando uma cena de aula com o professor no meio de seus alunos. Em 1378, o cardeal de La Grange, Bispo de Amiens, mandou representar os dois príncipes dos quais havia sido tutor em uma pilastra na catedral. O pensamento da época não incluía conservar o retrato de uma criança que sobreviveu e amadureceu ou que tivesse morrido pequena. Quando se tratava de uma criança que havia se tornado adulta, o pensamento era de que a infância era apenas uma fase sem importância e que não fazia sentido fixar na lembrança. Quando se tratava de representar crianças que morreram há muito tempo, o sentimento era de que várias crianças foram concebidas para conservar apenas algumas. As pessoas não podiam apegar-se muito a algo que era considerado uma perda eventual. Apenas no século XVIII, com o surgimento do Malthusianismo e da expansão das práticas contraceptivas, a ideia de desperdício necessário desapareceu.

De acordo com Ariès (1978/2022), embora as condições demográficas tenham mudado pouco entre os séculos XIII e XVII e a mortalidade infantil tenha se mantido em índices muito elevados, uma nova condição afetivo-emocional atribuiu a essa fase frágil da vida humana uma importância reconhecida como fruto de uma cristianização mais profunda dos costumes. A sociedade dessa época passa a reconhecer que a alma da criança também era imortal.

As mudanças demográficas só ocorreriam um século depois dessa mudança de perspectiva sobre a infância. A mudança torna-se possível com a vacinação contra a varíola e com as práticas de higiene, o que ressoa em uma redução da mortalidade infantil. Esse movimento também foi acompanhado por um controle de natalidade que passa a ser mais difundido. O autor aponta que outra imagem desconhecida da Idade Média é o *putto*, a criancinha nua. Essa imagem é representada no fim do século XVI e remete a uma revivescência do Eros helenístico. Na França, a representação do *putto* foi bem recebida. Um exemplo é o quarto que o Duque de Berry montou dedicado às crianças, com tapeçarias decoradas com *putti*. Já no século XV, a representação dos *putti* aparece na folhagem das tapeçarias, nas quais se percebem figuras de anjinhos semipagãos.

No século XVII, o tema do *putto* ainda se fez bastante presente em Roma, Nápoles ou em Versalhes. A arte religiosa transforma o anjo adolescente medieval em *putto*, um Eros nu. Apenas o anjo da guarda continua representado como adolescente. A nudez da criança aparecia um pouco encoberta por nuvens, vapores ou véus, devido ao pudor pós-tridentino. O Menino Jesus e outras crianças sagradas também passam a ser representadas como figuras de crianças nuas. “Evita-se vestir o Menino Jesus com muitas roupas ou cueiros: era mostrado no momento em que sua mãe desenrolava seus cueiros, ou então aparecia com os ombros e as pernas despídos” (Ariès, 1978/2022, p. 47).

Conforme Ariès (1978/2022), a admiração pela nudez da criança dava-se de forma semelhante à admiração pela nudez clássica, que se mostrava presente nos retratos. O gosto pela nudez da criança, entretanto, alongou-se por mais tempo e conquistou toda a arte decorativa. A admiração pelo *putto* referencia-se a algo mais profundo do que a admiração pela nudez clássica: remetia a um amplo movimento de interesse em favor da infância.

O autor reafirma que foi na segunda metade do século XVII que a nudez tornou-se uma convenção rigorosa nos retratos de crianças. A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos

séculos XV e XVI. Os sinais dessa tendência tornaram-se mais numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. A resignificação da fase inicial da vida é confirmada pelo gosto que manifesta-se pelos hábitos e jargão das crianças pequenas. Os adultos passam a interessar-se e a registrar expressões das crianças e empregar seu vocabulário, ou seja, a linguagem utilizada pelas amas, quando elas lhes falavam. Esses exemplos demonstram como uma admiração perceptível pela infância real se faz presente. Muitas pessoas já haviam sentido afeto pelas crianças, mas nenhuma admitia que os sentimentos afetivos pela infância fossem dignos de ser expressos de uma forma tão ambiciosa. Podemos considerar que nessa fase foram descobertos o corpo, os hábitos e a fala da criança pequena.

A infância era caracterizada por um período muito curto, no qual a relação familiar dava-se de forma fria e distante, impedindo o desenvolvimento de qualquer afetividade devotada à criança. O alto índice de mortalidade infantil era responsável por tão pouca devoção. As pessoas temiam apegar-se a um ser que poderia vir a falecer a qualquer momento. A fase de fragilidade da criança era conhecida como “paparicação” e, nessa fase, como o índice de mortalidade era alto, a afetividade era incomum. Em alguns casos, desenvolvia-se algum tipo de afeto em relação ao “paparicado” ou não, e essa criança era tratada como um “animalzinho”, um macaquinho “impudico” (Ariès, 1978/2022, p. XX). Esse tipo de tratamento impedia que os parentes sentissem muito a perda, caso a criança viesse a morrer. Algumas pessoas se sentiam desoladas com a perda, mas isso era visto como algo que passaria logo, porque outra criança logo a “substituiria” (Ariès, 1978/2022, p. XX). Por um longo período histórico, a criança era representada, em retratos, pelos artistas como adultos menores. Essa realidade se deu até o início do século XVII. As vestes pintadas pelos artistas eram na forma de cueiros ou vestes adultas, que se distinguiam apenas pelo tamanho. A representação na arte de crianças em estado de nudez tem início na metade do século XVII. O autor descreve essa nova representação da criança como uma “criança real” na nudez do “putto” (Ariès, 1978/2022, p. XXXVII) e estabelece uma comparação com a representação da alma na Select item Idade Média, que comumente aparece sob a forma de uma criança nua. Muitas vezes, a criança era mantida no anonimato, sem ganhar significância para a família, devido ao pouco tempo de vida. Nos primeiros anos, nos quais os riscos de morte eram superados, a condição de “paparicação” era gerada, mas comumente em outra casa que não a da família original (Ariès, 1978/2022). A família, então, apresentava como composição os pais e os filhos que permaneciam em casa. Dados estatísticos da época permitem um vislumbre dessa realidade.

A afetividade não era considerada como prioridade a ser cultivada na vida familiar na sociedade tradicional, histórica e cultural. Ariès (1978/2022) assevera que, na sociedade tradicional, o amor não era prioridade para a convivência familiar, e o que orientava essa convivência era a conservação dos bens, a prática de um ofício comum, a segurança para a mulher e também para o homem num período em que a sobrevivência era difícil. A união conjugal e familiar protegia a honra e ajudava a vida em momentos de crise. Ademais, as trocas afetivas davam-se no ambiente público e, segundo o autor, eram realizadas num “meio muito denso e quente” em que se diluía a família conjugal entre amigos, vizinhos e criados (Ariès, 1978/2022, p. XXI). O ideal imaginário que alimenta a convivência familiar na sociedade atual, no qual se acredita no enlaçamento baseado na afetividade, é bem recente, de acordo com o que vimos no texto de Ariès (1978/2022). Possivelmente, os princípios conjugais e familiares foram modificados junto com a concepção de criança.

Os assuntos sexuais faziam parte da vida da criança na antiga sociedade. Pelicier (1991) afirma isso baseando-se no diário em que Héroard, médico de Henrique IV, descrevia os fatos cotidianos da vida do jovem Luís XIII e como o pequeno príncipe era livre, representando a liberdade com que eram tratadas as crianças. Segundo relatos de alguns autores, pudores como os existentes na sociedade atual, que determinam o que se pode ou não falar diante de uma criança, são recentes. Os autores relatam situações em que o príncipe Luís XIII era exposto frequentemente a temáticas sexuais ou a toques em seus genitais. Héroard descreve que o pequeno Luís XIII dava gargalhadas ao ter seu pênis agitado pela ama. Na idade de um ano, o menino solicitava que beijassem seu pênis, e isso era motivo de diversão, inclusive diante de visitas. Select item Pelicier (1991) nos conta que, com pouco mais de um ano, o casamento de Luís XIII foi acordado com a Infanta da Espanha, e na ocasião esclareceram ao menino o que isso significava, o que ele compreendeu bem. Era comum fazerem brincadeiras com conteúdos sexuais, como lhe perguntarem onde estava o benzinho da Infanta, e ele apontava para seu pênis. Até a idade de sete anos, essas brincadeiras ou outras que faziam referência aos genitais dos adultos eram permitidas; a partir dessa idade, a criança já era tratada como um homenzinho que precisava aprender modos e linguagem decentes. O casamento realizou-se quando Luís XIII estava com quatorze anos, e então sua vida sexual foi iniciada. Os autores afirmam que casamentos de meninos com essa idade foram tornando-se mais raros; entretanto, eram comuns os casamentos de meninas de treze anos.

Ariès (1978/2022) considera que as situações relatadas pelo médico Héroard provocam estranhamento pela ausência de reserva diante das crianças. Ele enfatiza, contudo, que o

tratamento dado pela sociedade tanto ao ato quanto à sexualidade está submetido a uma variação do meio social, da época e do tipo de mentalidade. Na sociedade atual, esse tipo de relato sobre o acesso que as crianças tinham ao tema da sexualidade pode ser classificado como alguma anomalia sexual. Em sociedades muçulmanas, o comportamento de manipular os genitais das crianças como forma de brincadeira ainda pode ser encontrado. As mudanças ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, sob a perspectiva da sociedade burguesa de países como França e Inglaterra, não influenciaram algumas culturas. A reforma moral tutelada a princípio pela sociedade cristã e posteriormente internalizada por leigos Select itemprovocou uma mudança considerável sobre o julgamento de gestos e alusões sobre a sexualidade. Após a reforma, a inocência infantil passa a ser compreendida como algo influenciável, que poderia trazer consequências nefastas e ser maculada. Essa inocência foi inaugurada a partir de uma conversão provocada por educadores e moralistas. Antes desse movimento, a ideia de inocência não existia. O pensamento “inovador” creditado a esses educadores e moralistas permanece vigente na atualidade.

1.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto de Ariès contribui para o entendimento sobre a origem da aceção do conceito de infantil. A partir da explanação do conceito de infantil, infância e criança nos diversos textos e dicionários da sociedade atual, compreendemos que a representação de criança inaugurada entre os séculos XII e XVII influenciou permanentemente a ideia dessa fase da vida. Faria e Finco (2011) lembram que o conceito de infância não foi debatido com a devida frequência, apesar de ser compreendido como uma transição da natureza à cultura. De acordo com as autoras, o conceito de socialização colocava a criança numa posição passiva, assim como defendia uma perspectiva de criança como social apenas na medida em que gradualmente deixou de ser natural. Para elas, as crianças pensam e imaginam, discutindo uma referência diferente do desenvolvimento psicológico individual da criança com um percurso histórico, social, político e cultural. Faria e Finco (2011) apontam para a construção da infância como um novo paradigma que rompe com o conceito ocidental e adultocêntrico de criança.

O conceito de infantil surge vinculado à estrutura psíquica da infância, descrevendo comportamentos e um entendimento do mundo mais comumente apresentado na fase inicial da vida, quando o sujeito se apresenta com poucos recursos para alcançar seus objetivos e ser amado. Aparentemente, antes da formalização da representação da criança, os comportamentos reconhecidos no conceito de infantil não necessariamente estavam vinculados apenas à fase inicial da vida. Pelo que podemos entender no texto de Ariès, esses comportamentos e

compreensão do mundo já existiam e poderiam ser manifestados por um sujeito em qualquer fase da vida, sem necessariamente serem nomeados como infantis. Após essa representação, todo sujeito adulto que manifesta comportamentos primários, caracterizados pelo uso de recursos pouco elaborados, é classificado como adulto infantilizado. De acordo com essa elaboração, podemos inferir que o conceito de infantil é fruto da civilidade e consequência da influência de pensadores e religiosos moralistas. Houve uma moralização do comportamento humano, sendo atribuído julgamento à forma como um sujeito adulto deve se comportar. Um sujeito adulto com comportamento ou sentimentos infantis é tratado como inadequado e enquadrado em quadros psicopatológicos.

Abramowicz (2011) ressalta que desde o século XVIII um conhecimento sobre a infância foi elaborado. Para a autora, a infância apresenta uma dicotomia entre o singular e o universal. A infância, enquanto constante e característica de todas as sociedades, é universal. A singularidade da infância se apresenta quando ela é um conceito geracional, uma variável sociológica que se articula à diversidade da vida das crianças, considerando a classe social, o gênero e o pertencimento étnico. Abramowicz (2011) parte do pressuposto de que a criança é presente, portanto, contemporânea. A criança habita em uma fratura do tempo que faz com que o tempo não se assemelhe e nem se junte. O infante, ao nascer, indica-nos em relação ao tempo que ele não é igual ao que foi e nem é continuidade.

Sob a perspectiva da inauguração da civilização a partir da concepção moralista de seus idealizadores, o infantil representa o que é instintivo e primário, até mesmo espontâneo. A concepção moralista imprimiu na sociedade o conceito de civilidade, e a criança precisa ser moralizada para se tornar civilizada. Um sujeito adulto com comportamento infantil não compreende o que é ser civilizado e muitas vezes cede aos próprios desejos, comportando-se de forma egoísta, pouco empática e sem considerar a ideia de coletividade, a ideia de estar com outros no mesmo espaço. Atitudes como pouca tolerância, baixo limiar de frustração e busca incessante por poder manifestam-se em sujeitos adultos pouco civilizados ou infantilizados. Esses sujeitos infantilizados resultam de um fracasso da educação moralizadora — a moralização que cedeu aos vícios do individualismo. A crítica apresentada por Ariès à escolarização estende-se à institucionalização, que aparta o sujeito da sociedade. A educação é pautada no ensinamento de conceitos distantes da vivência em sociedade e aplicados à realidade.

Cohn (2005) considera que a infância é um modo singular e não universal de pensar a criança. A autora argumenta, citando a obra de Ariès (1978/2022), *História social da criança e da*

família, que a concepção de infância se dá como uma construção social e histórica do Ocidente. O que hoje compreendemos como infância foi sendo elaborado ao longo do tempo. E junto com a transformação do conceito de criança foram modificadas a composição familiar, a noção de maternidade e paternidade e a rotina das crianças, que passam a frequentar escolas. Cohn (2005) ressalta que o sentimento da infância deve ser entendido como uma formulação sobre a particularidade da infância em relação ao mundo dos adultos, como o estabelecimento de uma cisão entre essas duas experiências sociais. Ela aponta que em outras culturas e sociedades a ideia de infância pode não existir ou ser formulada de outros modos. O entendimento sobre “o ser criança” ou sobre quando a infância termina pode ser diferente em contextos socioculturais diversos.

A partir da explanação do texto de Ariès (1978/2022), podemos considerar que o autor conseguiu mapear a construção da ideia de infância na história social. Freud, todavia, ao fazermos o percurso em sua obra, apresenta um mapeamento psíquico do infantil. Enquanto a infância é vista como uma parte do desenvolvimento da vida humana, o infantil pode ser considerado o que o sujeito recalca da construção psíquica dessa fase e pode manifestar por meio de lapsos, sonhos, fixações ou outras formas de manifestação inconsciente. Apesar de o autor não apresentar nenhum caso de atendimento direto a crianças (ele relata o caso Hans, mas apenas orientou o pai do menino, que lhe enviava relatos sobre as observações que fazia de seu filho), sua obra contribuiu decisivamente para a clínica infantil. As contribuições de Freud sobre o psiquismo infantil estão fundamentadas na apresentação dos casos de neurose que atendeu ao longo da história de sua clínica. No capítulo a seguir, apresentamos a construção e o posterior abandono de Freud da teoria da sedução.

2 A HIPOTÉTICA TEORIA DA SEDUÇÃO

Desde que Freud iniciou sua clínica com pacientes neuróticos, buscou aprofundar o conhecimento sobre essa patologia. O percurso traçado pelo autor no estudo da neurose o levou a confrontar-se com conceitos como sexualidade, teoria da sedução, fantasia e psiquismo infantil. O infantil mostrou-se indispensável e direcionou a elaboração e o aprimoramento da teoria sobre a neurose. Freud, a partir da escuta de pacientes neuróticas, elaborou a hipotética teoria da sedução e a abandonou pouco tempo depois. Tendo em vista o caminho percorrido por Freud, pretendemos, neste capítulo, abordar o desenvolvimento de suas ideias a respeito da teoria da sedução e seu consequente abandono, bem como comentar as implicações desse trajeto para a psicanálise.

Em sua pesquisa pelos elementos causadores das patologias psíquicas, Freud aproximou-se do tema da sedução, chegando a publicar alguns trabalhos, atribuindo a esse aspecto o lugar central de sua teoria. Um famoso caso publicado por Freud e Breuer, nos *Estudos sobre a histeria* (Breuer & Freud, 1895/2016), explica bem o fascínio que a teoria da sedução exerceu sobre Freud. Katharina foi paciente de Freud, durante uma excursão de férias aos Alpes. Segundo o autor, nessa viagem ele pretendia descansar das atividades como médico e das pesquisas sobre as neuroses. No entanto, durante um de seus passeios, conheceu uma jovem de dezoito anos, parente da proprietária da pousada em que se encontrava hospedado. O autor interessou-se pelo relato da moça, que se dizia doente dos nervos, o que o levou a lhe fazer alguns questionamentos. Freud (1895/2016) descreve o atendimento que fez a Katharina como uma conversa. A jovem apresentava sintomas como falta de ar e sensação de sufocamento. Durante a conversa que tem com Freud, admite que esses sintomas a impedem de ter uma vida normal, pois, quando se manifestam, ela não sai de casa. Além disso, a jovem expressa uma impressão de sentir que vai ser agarrada a qualquer momento e a visão de uma cabeça masculina olhando-a, o que a amedronta. Freud considera tratar-se de um ataque de histeria com conteúdo de angústia. Para o autor, nesse período, a sexualidade já constava como importante elemento na etiologia da histeria. Tendo em vista sua desconfiança sobre a origem sexual do sintoma, ele a questiona sobre a possibilidade de ter presenciado uma cena de sexo, o que é confirmado por ela. Katharina contou que surpreendera o tio com a prima, Franciska, durante o ato sexual, o que levou ao divórcio dos tios, pois ela contou à tia o que presenciara. A moça relata que após presenciar a cena sexual, sentiu a falta de ar, que passou a apresentar desde então. Isso havia acontecido há dois anos. Freud (1895/2016) interpela a jovem sobre a

imagem de uma cabeça que a assusta, se a associava com Franciska ou com a imagem do tio, o que ela negou. Katharina diz que se sentiu impressionada com a cena e pensou naquilo a todo momento. Dois dias depois, apresentou um quadro de vômito e vertigem por três dias. Freud (1895/2016) continuou com o questionamento, na tentativa de descobrir o que a impressionara tanto. Ele perguntou sobre a cena, se estavam nus, se ela viu algo que a espantou. Ela diz que o quarto se encontrava na penumbra e não pôde ver muita coisa e os dois estavam vestidos. Ela relata também que contara à tia o que viu, depois de ser questionada sobre seu comportamento estranho. Depois de contar esses eventos a Freud e a consequente separação dos tios, bem como a gravidez da prima, Katharina relata duas histórias mais antigas. Em uma das histórias, a paciente expõe que o mesmo tio a assediou, quando tinha catorze anos, deitando-se em sua cama, enquanto ela dormia. Ela afirma que acordou assustada e saiu da cama. O tio insistiu um pouco e, como ela não cedeu, ele acabou adormecendo. Freud percebe que Katharina não constatou o conteúdo sexual da cena, na época do acontecimento, atribuindo sentido só depois. Ela conta a Freud, ainda, outros momentos suspeitos do tio com a prima, aos quais agora atribuía sentido. Depois de expor tais acontecimentos, Katharina mostrou-se capaz de associar os sintomas que sentia ao sentimento de repugnância moral e física ao sentir o corpo do tio próximo ao seu. Freud (1895/2016) interpreta que a cena que Katharina presenciara entre o tio e a prima concretizara para ela a intenção do que o tio queria fazer com ela naquela noite. A imagem que ela via e a assustava, Katharina associou à visão do tio bravo com ela por culpá-la pela separação da tia. Freud (1895/2016) pontua a conversão sintomática de Katharina como uma ab-reação¹, após passado o sintoma do vômito, o ataque de angústia encheu-se de novo conteúdo. Freud (1895/2016) relata sua esperança de que a experiência de narrar os acontecimentos passados tenha ajudado Katharina em seus sintomas. Ele não voltou a vê-la.

Em uma nota acrescentada em 1924, Freud admite que a relação de parentesco entre Katharina e o homem sedutor não era de tio e sobrinha, mas de pai e filha. O autor afirma que a doença da moça se deveu a tentativas de sedução sexual que partiram do próprio pai. Ele diz ter realizado a transmutação desse parentesco para tio e sobrinha com o objetivo de manter a discrição em seu relato e assevera que essa distorção não pode repetir-se em um relato de caso clínico. Ao analisar esse caso, Freud (1895/2016) afirma:

¹Laplanche e Pontalis (2001) explicam que, de acordo com a definição de Freud, ab-reação corresponde a uma descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou não continue sendo patogênico.

Nesse aspecto, o caso Katharina é típico; contata-se na análise de qualquer histeria fundada em traumas sexuais, que impressões do tempo pré-sexual, que permaneceram sem efeito sobre a criança, depois adquirem força traumática como lembranças, quando a compreensão da vida sexual se abre para a moça virgem ou a mulher. A cisão de grupos psíquicos é, digamos normal no desenvolvimento dos adolescentes, e vem a ser compreensível que sua posterior acolhida no Eu dê ocasião, aproveitada com bastante frequência, para perturbações psíquicas. Gostaria ainda de expressar a dúvida de que a cisão da consciência por ignorância realmente seja diferente daquela por recusa consciente, e também de que os adolescentes não possuam conhecimento sexual com muito mais frequência do que se presume e do que eles próprios acreditam. (Freud, 1895/2016, p. 192-193).

Freud (1895/2016) discrimina, no caso de Katharina, um mecanismo psíquico como auxiliar ou traumático. Segundo o autor, o mecanismo psíquico atua reunindo características de um momento auxiliar e de um momento traumático. Ele acrescenta, ainda, que nesse caso pôde constatar que a conversão em sintomas histéricos ocorreu após um período de incubação e citando Charcot denominou esse intervalo como “tempo de elaboração psíquica” (p. 193). Freud (1895/2016) reafirma a reprodução da angústia que se manifesta em traumas sexuais.

Um ano depois da publicação dos *Estudos sobre a histeria* (1895), Freud, em *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896/1991), afirma como causa da histeria eventos vivenciados pelo indivíduo em tenra infância, antes da puberdade, os quais teriam provocado uma efetiva irritação dos órgãos genitais, de forma semelhante ao coito. Para o autor, a passividade sexual durante o período pré-sexual constituiria um fator determinante e específico da histeria. Ele analisa que a histeria ocorreria de forma mais frequente no sexo feminino pelo fato de as meninas serem mais suscetíveis a sofrer ataques sexuais. Freud (1896/1991) ressalta que o trauma não ocorre nas primeiras experiências traumáticas, mas durante sua revivescência como recordação depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual. Assim, as vivências sexuais adquiriam um valor traumático *a posteriori*. O autor menciona treze casos graves que foram atendidos por ele após um longo e fracassado tratamento institucional. Ele constatou que os casos mais agudos incluíam traumas de infância provenientes de graves ofensas sexuais e elencou, entre os prováveis abusadores, as babás, governantas e empregadas domésticas, além de professores, a cujos cuidados as crianças são impensadamente confiadas. O autor esclarece que, entre os casos, constavam também sete pacientes que revelaram que os autores das investidas tinham sido crianças, na maioria irmãos, que tinham mantido relações sexuais com irmãos um pouco mais novas. Freud (1896/1991) conclui que, quando se tratava de meninos, inicialmente o abuso era provocado por parte de alguém do sexo

feminino, despertando prematuramente sua libido e, passados alguns anos, repetia-se o ato de agressão sexual contra sua irmã.

De acordo com Freud (1896/1991), o neurótico não retém na consciência a recordação dos eventos traumáticos, os quais se manifestam apenas nos sintomas das doenças. Segundo o autor, a eclosão da histeria ocorre quando o traço mnêmico dos traumas de infância é despertado através de experiências e excitações que ocorrem no período posterior à puberdade. Ele afirma que esses traços mnêmicos são levados a uma descarga de afeto e ao recalçamento. Para o autor, os traumas posteriores podem variar em intensidade e natureza, variando desde a efetiva violação sexual até investidas sexuais, ou ao presenciar atos sexuais de outras pessoas, ou mesmo quando recebem informação sobre assuntos referentes aos atos sexuais. Freud (1896/1991) afirma que essas condições não poderiam estar na natureza das experiências, uma vez que há pessoas que permanecem saudáveis, embora tenham sido expostas às mesmas causas precipitantes. O autor conclui que a histeria não pode ser explicada unicamente pelo efeito do trauma e que é necessário supor que a propensão a uma reação histérica já preexistiria ao trauma.

Freud (1896/1991) formula a hipótese de que essa predisposição histérica, antes indefinida, pode ser explicada em parte ou totalmente pela ação póstuma de um trauma sexual na infância. A possibilidade de recalçamento da lembrança de uma experiência sexual aflitiva torna-se possível nos casos em que, em uma idade mais madura, a experiência consegue ativar o traço mnêmico de um trauma de infância. Freud aponta que as obsessões também se apresentam como fator precipitante uma experiência sexual na infância, porém de natureza diversa da encontrada na histeria. O grau de importância das experiências sexuais na primeira infância seria equivalente tanto na neurose obsessiva quanto na histeria. Na neurose obsessiva, entretanto, essa experiência refere-se a atos de agressão praticados com prazer e de participação prazerosa em atos sexuais, ou seja, trata-se de atividade sexual. Essas circunstâncias etiológicas poderiam estar relacionadas a maior incidência da neurose obsessiva no sexo masculino (Freud, 1896/1991).

Freud, no Rascunho K de sua correspondência com Fliess, elucida a ideia de passividade e atividade sexual na infância, na formação da histeria e da neurose obsessiva, atrelada à ideia de prazer-desprazer:

A histeria pressupõe, necessariamente, uma experiência primária de desprazer – isto é, de natureza passiva. A natural passividade sexual das mulheres explica o fato de elas serem mais propensas à histeria. Nas ocasiões em que constatei a histeria em homens, pude comprovar a presença de uma abundante passividade sexual em suas anamneses. Uma condição adicional da histeria é que a experiência primária de desprazer não ocorra em época demasiadamente prematura, quando a liberação de desprazer é ainda leve demais e quando, é claro, os acontecimentos prazerosos ainda podem ter prosseguimento independente. De outro modo, o que se seguiria seria apenas a formação de obsessões. (Masson, J. M., 1896, pp. 170-171).

Freud (Masson, 1986) acreditava que nos homens poderiam ser encontradas as duas neuroses, ou até mesmo a substituição da histeria pela neurose obsessiva num período posterior da vida. O autor descreve uma histeria de sobressalto, na qual ocorre a subjugação do ego e condução à paranoia; o ego não resiste ao aumento de tensão da experiência primária de desprazer e é obrigado a permitir uma manifestação de descarga por meio de uma expressão exagerada de excitação. Para ele, o sobressalto seria o sintoma primário, acompanhado por uma lacuna na psique.

O autor destaca o período de instalação da histeria no sujeito, estabelecendo-o como um momento prévio que seguirá a uma fase posterior, na qual o sobressalto inicial toma a forma de trauma. De acordo com o autor, essa conversão depende da ação de determinados processos psíquicos, e entre eles está o recalçamento. Freud (Masson, 1986) declara que o recalçamento se dá pela intensificação de uma ideia limítrofe, por meio da qual a lembrança recalcada passa a ser representada no fluxo do pensamento. O autor define como ideia limítrofe uma ideia que constitui em parte o ego e pode ser composta por conteúdo não distorcido da recordação traumática. Ele descreve a ideia limítrofe como resultado de um deslocamento da atenção ao longo de uma série de ideias ligadas por simultaneidade temporal. Freud (Masson, 1986) apresenta como exemplo a manifestação motora de um evento traumático, afirmando: “será esta que irá se transformar na ideia limítrofe e no primeiro símbolo do material recalcado. Assim, não há necessidade de pressupor que alguma ideia esteja reprimida a cada repetição do ataque primário; trata-se, primordialmente, de uma lacuna na psique” (p. 170).

Em *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud (1896/1991) acrescenta que encontrou sintomas histéricos provenientes de uma cena de passividade sexual que precedeu a ação prazerosa nos casos de neurose obsessiva. O autor considera que essa coincidência não seja fortuita, o que o leva a afirmar que a agressividade sexual precoce implica sempre uma experiência prévia de ser seduzido. Nesse texto, Freud (1896/1991)

afirma que ainda não seria capaz de explicar definitivamente a etiologia da neurose obsessiva e que apenas julga que os traumas da infância precipitadores da histeria e da neurose obsessiva dependem de circunstâncias cronológicas no desenvolvimento da libido. Ele caracterizou a natureza da neurose obsessiva como uma junção de autorrecriações transfiguradas que retornaram do recalque e estão relacionadas a um ato sexual praticado na infância. O autor esclarece essa caracterização descrevendo o curso percorrido pela neurose obsessiva:

Para elucidar esta tese é necessário descobrir a trajetória típica de uma neurose obsessiva. Em um primeiro período – período da imoralidade infantil –, ocorrem os sucessos que contêm o germen da neurose posterior. Antes de tudo, na mais tenra infância, temos as vivências de sedução sexual que logo possibilitam o recalque, e depois sobrevêm as ações de agressão sexual contra o outro sexo, que mais tarde aparecem sob a forma de autorrecriação (Freud, 1896/1991, p. 170).

Os processos que levam à manifestação da neurose obsessiva são descritos, por Freud (1896/1991), como relacionados a períodos que têm início na infância. Conforme o autor afirma, no período da primeira infância, fase da imoralidade infantil, acontecem as experiências de sedução sexual, as quais possibilitam o recalque e posteriormente ocorre a agressão sexual contra o outro sexo, que se torna mais tarde ações de repreensão. Para o autor, a maturação sexual, frequentemente antecipada, põe fim a esse período. Segundo Freud (1896/1991), a opressão fica na memória do indivíduo associada às ações prazerosas, o que possibilita o vínculo com a experiência inicial de passividade. Essa associação cria as condições para que, após uma recordação e esforço consciente, um ajuste defensivo primário substitua a censura. Freud (1896/1991) aponta o início do terceiro período como o surgimento dos escrúpulos da consciência moral e a vergonha. O período posterior é descrito, pelo autor, como o da doença, no qual ocorre o retorno de memórias recalçadas, bem como o fracasso da defesa. Para ele,

as memórias revividas e as censuras que delas originam nunca entram inalteradas na consciência; o que se torna consciente como representação e afetos obsessivos, substituindo a memória patogênica na vida consciente, são formações de compromisso entre representações recalçadas e recaladoras (Freud, 1896/1991, p. 170).

Freud (1896/1991) descreve duas formas de neurose obsessiva, de acordo com a passagem para a consciência, forçada pelo conteúdo mnêmico recalcado do ato que envolve autorrecriação, bem como pelo afeto autocensor ligado àquele ato. Freud explica que a primeira forma inclui representações obsessivas típicas, referindo-se ao conteúdo que retém a atenção do paciente, que se apresenta acompanhado de afeto e provoca um desprazer indefinido. Para ele, o único afeto que se adequa à representação obsessiva seria o de uma

autorrecriação. Freud (1896/1991) acrescenta que o conteúdo da representação obsessiva é distorcido de dois modos em relação ao ato obsessivo da infância.

De acordo com Freud (1896/1991), o primeiro caso é o das típicas representações obsessivas, em que o conteúdo atrai a atenção do paciente e o afeto só é sentido como um desagrado impreciso, enquanto o conteúdo da representação obsessiva apenas se adequa ao afeto da censura. Para o autor, o conteúdo da representação obsessiva é duplamente desfigurado em relação à ação obsessiva na infância: em primeiro lugar, porque algo atual substitui o passado e, em segundo lugar, porque o sexual é substituído por um análogo não sexual. Ele afirma que essas duas modificações são o efeito da inclinação repressiva que continua em vigor e que pode ser atribuída ao "eu". Freud (1896/1991) considera que a representação obsessiva apresenta como conteúdo uma forma revivida da memória patogênica, semelhante ao material recalçado ou derivado dele por uma sequência lógica de pensamento. Conforme o autor, se alguém reconstruir, com ajuda do método psicanalítico, a gênese de cada representação obsessiva, descobrirá que, a partir de uma impressão atual, duas inspirações diferentes foram despertadas. Essas memórias, segundo a teoria freudiana, são insuscetíveis à consciência e incorrigíveis, apesar de estruturarem-se de forma lógica e atravessarem a memória recalçada.

Ele ressalta que se os resultados das duas operações psíquicas não concordam, isso não conduz, por exemplo, ao nivelamento lógico da contradição entre os dois, mas entra na consciência juntamente com o resultado do pensamento normal e como um compromisso entre resistência e o resultado do pensamento patológico, uma representação obsessiva que parece absurda. Freud (1896/1991) julga que se as elaborações de pensamento conduzem à mesma conclusão, elas se reforçam, de modo que o resultado do pensamento adquirido pelos meios normais comporta-se agora, psicologicamente, como uma representação obsessiva. O autor conclui, então, que toda vez que uma obsessão neurótica aparece no psíquico, ela vem de uma repressão. Ele anuncia que as representações obsessivas não têm, por assim dizer, um curso psíquico forçado por seu valor intrínseco, todavia esse curso ocorre por causa de sua origem ou pelo o que contribuiu para sua validade.

Freud (1896/1991) aponta que uma segunda manifestação da neurose obsessiva ocorre se o que é sub-rogado na vida psíquica consciente não é o conteúdo mnêmico recalçado, mas a censura, também recalçada. O afeto da censura pode ser alterado, em virtude de um agregado psíquico, por um afeto desagradável de qualquer outro tipo. Uma vez que isso aconteceu, o afeto de substituição não encontra obstáculos em seu caminho para tornar-se consciente. Em

seguida, a censura pode ganhar aspectos diversos dependendo da patologia na qual se ancora. Por exemplo: o caráter de vergonha, na angústia hipocondríaca, devido às consequências dessa ação; reprovação, na angústia social, pela penalização que a sociedade impõe a essa; na angústia religiosa, o delírio de ser notado, medo de denunciar outras ações; na angústia da tentação, a desconfiança justificada na própria capacidade de resistência moral, etc. Para tudo isso, o conteúdo mnêmico da ação-censura também pode ser sub-rogado na consciência ou completamente relegado, o que torna o diagnóstico muito difícil (Freud, 1896/1991).

Freud, em carta a Fliess, no Rascunho K, em 06 de fevereiro de 1896, afirma:

O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento, em geral, é sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e tem que ser recalçada; (2) seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança dela – e, ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário; (3) um estágio de defesa bem sucedida, que equivale à saúde, exceto pela existência do sintoma primário; (4) o estágio em que as ideias recalçadas retornam e no qual, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita; (5) um estágio de adaptação, de ser oprimido, ou de recuperação com deformação (Masson, J. M., 1896/1986, p. 165).

Nessa carta, Freud (Masson, 1986) destaca que, na neurose obsessiva, a experiência primária foi acompanhada de prazer. Ele considera que essa experiência pode ter-se dado de forma ativa nos meninos, passiva nas meninas e com ausência de sofrimento ou qualquer mescla de repugnância. De acordo com o autor, quando essa experiência é posteriormente recordada, origina uma liberação de desprazer, bem como, inicialmente, uma autorrecriação, que é consciente. Para Freud (Masson, 1986), a consciência da lembrança e autorrecriação pode estar presente desde o início. O autor afirma que uma nuance de conscienciosidade é constituída por um sintoma antitético, consequência do recalçamento da lembrança e autorrecriação.

Segundo Freud (Masson, 1986), o recalçamento pode acontecer devido à lembrança do próprio prazer, que libera desprazer ao ser reproduzida em anos posteriores: aspecto que poderia ser explicado por uma teoria da sexualidade. Para ele, em todos os casos de neurose obsessiva acompanhados em sua clínica, ocorreu uma experiência puramente passiva, em idade precoce, anos antes da experiência de prazer. O autor elabora a suposição que é a convergência posterior dessa experiência passiva com a experiência de prazer que acrescenta desprazer à lembrança prazerosa e possibilita o recalçamento. Freud (Masson, 1986) postula que a condição clínica necessária da neurose obsessiva é a experiência passiva ocorrer em data suficientemente

precoce para poder impedir a ocorrência espontânea da experiência de prazer. O autor afirma na carta:

No estágio do retorno do recaiado, vê-se que a autorrecaiinação retorna inalterada, mas raramente de modo a chamar atenção para si própria, durante algum tempo, portanto, ela emerge como um sentimento puro de culpa, sem nenhum conteúdo. Usualmente, liga-se a um conteúdo que é distorcido de duas maneiras – no tempo e no teor: o primeiro, na medida em que se relaciona com uma ação contemporânea ou futura, e o segundo, na medida em que não significa o evento real, e sim um evento sub-rogado, escolhido dentre a categoria daquilo que é análogo – uma substituição. Por conseguinte, a ideia obsessiva é produto de um compromisso, correta no que tange ao afeto e à categoria, mas falsa em decorrência do deslocamento cronológico e da substituição por analogia (Masson, J. M., 1896/1986, Rascunho K, p. 166).

Freud (1896/1991), em *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, volta a falar sobre os mecanismos psíquicos tanto da histeria quanto da neurose obsessiva que levam ao recalamento e à formação de sintomas. O autor busca relacionar suas hipóteses sobre os processos psíquicos envolvidos nessas neuroses com a sua teoria da sedução. Ele aponta que muitos casos que, após uma investigação superficial, se apresentariam como uma hipocondria comum (neurastenia), na verdade, pertencem ao grupo de afetos obsessivos. Em particular, a chamada "neurastenia periódica" ou "melancolia periódica" apresenta-se com uma frequência insuspeita em afetos e representações obsessivas. O autor atesta que o retorno do recalado na neurose obsessiva significa um fracasso da defesa originalmente alcançada e, a partir desse retorno, uma série de sintomas de origem inteiramente diversificada pode manifestar-se. Ele afirma que o ego tenta defender-se dos ramos da memória inicialmente reprimida e, nessa luta defensiva, cria alguns sintomas que podem ser agrupados sob o título de "defesa secundária". Esses sintomas consistiriam em "medidas de proteção" que permitiriam combater representações e afetos obsessivos. Segundo o autor, se essa ajuda à luta defensiva consegue reprimir os sintomas do retorno do recalado imposto a si mesmo, a compulsão é transferida para as próprias medidas de proteção e, assim, surge uma terceira encarnação da "neurose obsessiva": as ações obsessivas. Para ele, estas nunca são primárias; elas nunca contêm algo diferente de uma defesa, nunca contêm uma agressão. Freud (1896/1991) afirma que a defesa secundária contra representações obsessivas pode suceder através de um desvio violento para outros pensamentos cujo conteúdo é o oposto, os quais são refletidos na prevalência da compulsão. O autor conclui que a superioridade da percepção em relação à memória move primeiro o paciente e, depois, o obriga a coletar e armazenar todos os objetos com os quais ele entrou em contato.

A defesa secundária contra os efeitos obsessivos resulta em uma série ainda maior de medidas de proteção que podem passar às ações obsessivas. É possível agrupá-los de acordo com sua tendência: medidas expiatórias, cerimônias irritantes, observação de números, medidas preventivas, todos os tipos de fobias, superstição, meticulosidade pedante, acúmulo de sintomas em detalhes. Entre essas ações e impulsos obsessivos, as fobias desempenham o papel máximo como limitações existenciais do paciente. Existem casos em que se pode observar como a compulsão é transferida da representação ou do efeito para a medida de defesa; outros em que a compulsão oscila periodicamente entre o sintoma de retorno do recalado e o sintoma da defesa secundária; mas, ao lado destes, outros casos em que nenhuma representação obsessiva é formada, mas a memória reprimida é sub-rogada imediatamente pela aparente medida de defesa primária. (Freud, 1896/1991).

Freud (1896/1991) considera que a representação obsessiva e tudo o que dela derivou devem-se ao fato de que, como resultado da repressão primária, o sintoma defensivo da escrupulosidade da consciência moral foi formado, o que também ganhou validade obsessiva. Ele afirma que a certeza de ter vivido de acordo com a moral ao longo do período de defesa alcançado impede de acreditar na censura que está envolvida na representação obsessiva. O autor aponta que os sintomas patológicos do retorno também recebem crédito apenas temporariamente, como resultado do surgimento de uma nova representação obsessiva e, aqui e ali, em estados de exaustão melancólica do eu. Freud (1896/1991) conclui afirmando que a "compulsão" das formações psíquicas descritas não tem absolutamente nada a ver com seu reconhecimento pela crença, nem deve ser confundida com esse fator que é designado como "força" ou "intensidade" de uma representação. De acordo com o autor, o caráter essencial da compulsão não pode ser resolvido pela atividade psíquica susceptível de consciência e não sofre nenhuma alteração a partir desta, mesmo que a representação à qual se liga a obsessão seja mais forte ou mais fraca, ou mais ou menos intensamente esclarecida, ou investida de energia. Mezan (2013) comenta a elaboração de Freud sobre a etiologia da neurose, que implica uma experiência passiva de sedução durante a primeira infância cuja lembrança se manifesta com conteúdo patogênico por meio do recalque na puberdade. Segundo o comentador, Freud mostra quão longe estava de supor a existência da sexualidade infantil, pois acreditava que qualquer manifestação sexual antes da puberdade só pode se produzir em função de uma passividade prévia, precipitando-se de forma correspondente ao modelo da sexualidade adulta. Mezan (2013) acrescenta que, para tanto, Freud enfatizava a ideia de irritação dos genitais e o

recurso à teoria da sedução como explicação para o afloramento da sexualidade no período pré-puberal.

Vimos que Freud segue sustentando a ideia da experiência sexual da criança provocada por um adulto sedutor, como causa da etiologia das neuroses. Para o autor, o trauma se instala em dois momentos. Num momento inicial, a criança vivencia a experiência sexual e, posteriormente, revive algum efeito dessa experiência, instalando o trauma e a consequente manifestação do sintoma.

2.1 A ETIOLOGIA DA HISTERIA SOB O VIÉS DA TEORIA DA SEDUÇÃO

O conteúdo sexual, na teoria freudiana, apresenta importante relevância e, apesar de indicar o método catártico de Breuer como instrumento de investigação, já apresenta discordâncias com a teoria do colega médico. A ideia da sedução ganha espaço e algumas de suas obras são dedicadas ao desenvolvimento do tema. No texto sobre *A etiologia da histeria* (1896/1991), o autor empenha-se na investigação do relato de seus pacientes neuróticos que versavam sobre a sedução. Freud especula sobre os mecanismos que contribuem para a manifestação desse tipo de recordação e sobre a maneira como essas recordações incidem sobre os sintomas.

Em *Meus pontos de vista sobre a sexualidade e a etiologia das neuroses*, Freud (1906/2016) admite que se dedicou entre os anos 1895 e 1896 ao estudo de supostos fatores etiológicos da histeria e neurose obsessiva, o que permitiu confrontar neuroses comuns, que apresentavam distúrbios com etiologias contemporâneas, e as psiconeuroses, que apresentavam como etiologia as vivências sexuais do passado. O autor conclui, ao final de seu texto, que a neurose não acomete sujeitos com vida sexual normal. Ele considera que as teses desenvolvidas, nesse período, não eram incorretas, mas estavam elaboradas junto à teoria da sedução que se mostrou equivocada no futuro.

Freud (1896/1991), no texto *A Etiologia da Histeria*, elucida a abordagem do quadro clínico histérico com o paciente, por meio da anamnese. Esse recurso, segundo o autor, é definido pelo ato de interpelar o paciente com a finalidade de descobrir a que ele atribui como influências causadoras de seu adoecimento e desencadeadoras dos sintomas neuróticos. Ele assevera sobre as limitações que encontramos no discurso do paciente referentes ao pouco conhecimento do que se passa. Freud (1896/1991) entende que o paciente desconhece de modo

científico as influências etiológicas, bem como apresenta uma dificuldade em pensar ou falar sobre certas perturbações e traumas. Para o autor, o paciente apresenta como causa algumas crenças, que devem ser tratadas com a devida análise crítica, embora nesse conteúdo apresentado pelo paciente possamos considerar como verídicas a pressuposição de que o estado histérico é um efeito *a posteriori* de um afeto vivido no passado. O paciente, entretanto, dificilmente aponta entre os fatores causadores a predisposição hereditária, herdada de parentes que o antecederam. Freud (1896/1991) chama a atenção para a possibilidade de investigar a etiologia histérica por meio dos sintomas manifestos, como ocorre com o estudo de outras doenças. O autor propõe um novo método, diverso da investigação anamnésica que permita acessar elementos que auxiliem na compreensão do quadro clínico da histeria.

Freud (1896/1991) propõe o método catártico de Breuer como a forma, até aquele momento, mais eficiente em determinar as experiências do paciente de conteúdo traumático, que são reeditadas em sua vida psíquica sob a forma de símbolos mnêmicos, causadores dos sintomas da histeria. O método se caracteriza por criar condições para que o paciente seja capaz de retroagir do seu sintoma até a cena precipitadora do trauma. Segundo o autor, ao retroagir à cena precipitadora, o paciente pode corrigir o curso psíquico dos acontecimentos que ocorreram, permitindo reconhecer, nessas cenas, as influências e os operadores que produziram os sintomas histéricos. Ele esclarece que uma recondução a cena traumática contribui para um melhor entendimento quando atende a duas condições: quando pode-se reconhecer sua idônea pertinência determinante e quando esta cena apresenta a força necessária para causar o trauma.

Freud (1896/1991) reconhece que, na maioria das vezes, a cena traumática não atende a essas condições, mostrando-se inadequada para ser considerada como determinante na precipitação do sintoma, pois seu conteúdo não se relaciona com o sintoma. Para ele, a cena traumática também pode apresentar-se com o conteúdo relacionado ao sintoma, mas sem influência. Outra possibilidade para uma cena traumática que não atende às exigências ocorre quando a cena traumática se apresenta sem aparente relação entre conteúdo e sintoma, bem como sem força suficiente para provocar efeito. Segundo Freud (1896/1991), Breuer potencializa as cenas que não correspondem às exigências que provocam o efeito de um trauma e o autor discorda. A teoria de Breuer, entretanto, afirma que, por meio dos sintomas histéricos, podemos retornar à lembrança de uma experiência traumática. A primeira lembrança descoberta pode não corresponder à recordação da experiência traumática, mas esta lembrança pode ocultar uma segunda cena que apresenta um conteúdo de potencial mais traumático e sua reprodução

pode produzir um efeito terapêutico. Essas duas recordações podem pertencer a uma cadeia de associações. Freud (1896/1991) afirma

Toda vez que a cena encontrada primeiro é insatisfatória, dizemos ao paciente que esta experiência não explica nada, mas por trás dela deve esconder-se uma vivência anterior mais substantiva, e seguindo a mesma técnica, guiamos sua atenção para os segmentos associativos que vinculam ambas as memórias, - a encontrada e a que está por ser encontrada. A continuação da análise leva, então, sempre, à reprodução de novas cenas do caráter esperado. Voltando, por exemplo, ao caso antes escolhido do vômito histérico, primeiro reconduzido pela análise a um terror que um acidente ferroviário produziu, carente de idoneidade determinante, se der prosseguimento à análise descubro que esse acidente despertou a recordação de outro, ocorrido antes, por certo não vivenciado pelo próprio paciente, mas a raiz do qual lhe proporcionou a visão de um cadáver, provocando horror e asco. E como se a ação conjugada de ambas as cenas possibilitara o cumprimento de nossos postulados, ou seja: o primeiro a força traumática por terror e o outro fornece em seu conteúdo, o efeito determinante (Freud, 1896/1991, p. 195-196).

Freud (1896/1991) assevera que os sintomas histéricos não resultam de uma vivência real, apenas, mas também da recordação de vivências anteriores, despertadas por meio da associação. Segundo o autor, essa premissa assinala o fundamento da teoria psicológica da histeria. Para ele, seguindo a trilha dos sintomas do paciente, por meio da análise, pode-se acessar as vivências, representadas por recordações que se encontram associadas e encadeadas. Inicialmente, essas recordações manifestam-se como diversas cadeias ramificadas e com trajetórias distintas, que podem ser acessadas através de uma mesma cena, que se apresenta como partes de cadeias colaterais, com diferentes elaborações, que se encontram enlaçadas com elaborações da cadeia principal. A cena traumática pode ser acessada diversas vezes, quando se apresenta enlaçada com outras elaborações intermediárias. As recordações apresentam-se em uma sequência cronológica invertida. Na raiz de determinada vivência da cadeia mnêmica, quando despertada, ocorre a recordação de outra cadeia, fundamento de outro sintoma, constituindo em uma série, incluindo os pontos nodais, que podem ser muitos, como podemos averiguar em uma análise. Os sintomas podem manifestar-se de forma simbiótica, com uma ligação caracterizada por uma dependência interna (Freud, 1896/1991).

Freud (1896/1991) admite que compartilhava com Charcot e Breuer, a princípio, uma aversão à premissa que considerava que a etiologia da histeria residia na vida sexual. Após o atendimento de diversos casos de histeria, o autor distinguiu o elemento sexual para cada sintoma singular, bem como para o êxito terapêutico. Freud (1896/1991) assevera que seria questionado sobre os outros casos em que foi constatada a influência sexual sobre os sintomas

históricos, entretanto, os casos investigados por ele em análise reafirmaram a ingerência das forças pulsionais sexuais como a razão do mecanismo fisiológico e psíquico da histeria. Então, conclui-se que as cadeias mnêmicas foram convertidas, no âmbito da sexualidade, a poucas vivências da puberdade. Essas vivências possibilitam inferir e aprender a respeito dos sintomas históricos, porém provocam uma desilusão. As vivências de sexualidade no período da puberdade, que aparentam constituir as cenas traumáticas originais em seu material mnêmico, apresentam, na verdade, um caráter heterogêneo e díspar (Freud, 1896/1991).

Algumas vivências específicas são reconhecidas, em determinados casos, como traumas graves: uma menina imatura submetida à brutalidade do prazer sexual, testemunhar atos sexuais dos progenitores, a descoberta de uma aparência desagradável, a lástima por um sentimento infantil como o moral. Em outros casos, essas experiências implicam em uma trivialidade. A possibilidade dessas experiências serem percebidas como graves ou banais e resultarem tanto de experiências no corpo como visuais apontam para uma singularidade na constituição dos históricos. Segundo essa compreensão, os históricos apresentam uma predisposição herdada ou atrofia degenerativa, que implica em uma dificuldade de responder às demandas psíquicas da sexualidade, bem como apresentam um aumento patológico do papel da sexualidade na puberdade, que se estende ao longo da vida. Esse aspecto da teoria negligencia a histeria masculina, mostrando-se incompleta (Freud, 1896/1991).

Freud (1896/1991) argumenta que o período da primeira infância é tomado como objeto de pesquisa. Tal período antecede o tempo de desenvolver a vida sexual, o que aparenta uma renúncia da etiologia sexual. As experiências sexuais vinculadas aos sintomas apresentam-se de maneira uniforme e são despertadas por impressões sensoriais significativas, bem como não dependem de experiências sexuais no sentido lato. As cenas determinadoras podem ter sido convertidas em outras cenas, que ocorreram mais tarde, mas foram reproduzidas antes. Em um suposto caso de histeria, encontramos uma diversidade de vivências reproduzidas pelo trabalho analítico que podem manifestar-se no intervalo de décadas — experiências prematuras que pertencem à vivência sexual infantil. Algumas possíveis objeções e dúvidas podem surgir em relação a essa tese, diz ele (Freud, 1896/1991).

Freud (1896/1991) aponta, no entanto, que a primeira das objeções pode ser motivada por uma resistência em relação à psicologia. Algumas pessoas poderão entender que os sintomas não podem ser redirecionados a umas alterações anatômicas mais finas e rejeitam a ideia da heterogeneidade no psiquismo. No caso em que as teorias psicológicas são mais aceitas,

pode-se questionar os resultados analíticos e sua aplicabilidade isenta e sem influência sobre as cenas rememoradas pelo doente complacente ou capaz de discriminar cenas inventadas, deliberadamente, ou fantasias gratuitas, aceitas como genuínas. Freud (1896/1991), a partir de garantias sobre a realidade objetiva das cenas sexuais infantis, observa uma uniformidade nos detalhes desse conteúdo, assim como constata um resultado coerente e homogêneo nas premissas da vivência. Devido à diversidade de pacientes, percebe que se torna inviável uma crença nos acordos secretos.

Outra garantia, apontada em *Etiologia da Histeria* (1896/1991), é a inconsciência dos pacientes em perceber como significativas memórias não compreendidas, que se fossem compreendidas seriam espantadas pelos pacientes. Uma observação importante a respeito da inconsistência das objeções é a maneira como a imagem mnêmica combina-se com os contornos das outras, sem superpor-se, apresentando-se como irrecusáveis complementos associativos e lógicos, que tornam o processo da neurose inteligível. O sucesso total ou parcial do tratamento depende do retorno bem-sucedido ou não às experiências infantis. A correspondência entre os sentidos de uma pessoa em análise corroborados ao discurso de uma outra pessoa, com quem tenha vivenciado uma experiência sexual no passado, cria condições para a possibilidade de verificação da autenticidade das recordações infantis (Freud, 1896/1991).

Uma segunda objeção que poderia ser levantada é sobre a pouca frequência da ocorrência de casos que envolvam crianças em experiências sexuais, seja sofrida ou praticada por elas. Essa baixa frequência impediria a afirmação que condiciona o desenvolvimento da histeria às experiências sexuais infantis. Há também aqueles que consideram que os casos que envolvem as experiências sexuais infantis são frequentes e, portanto, não podem ser implicados em uma significação etiológica. Além disso, essas objeções incluem o argumento sobre a ausência da histeria em pessoas que admitem terem sido submetidas à sedução sexual e ao abuso sexual na infância. Outro forte argumento contrário à teoria da sedução como etiologia da histeria é a incidência da histeria equiparar-se nos estratos sociais mais altos e mais baixos, enquanto a invulnerabilidade sexual na infância é violada com mais frequência nas crianças que pertencem aos estratos mais baixos (Freud, 1896/1991). A defesa da teoria da sedução considera a alta frequência de ataques sexuais às crianças e julga que a maior observação de pais e médicos, mediante essa violação, levaria à constatação da grande frequência de experiências e atividades sexuais na infância. Em dezoito casos analisados, verificou-se a origem da estimulação sexual, caracterizando-se em três tipos. O primeiro tipo refere-se a

ataques ou abusos, em situações únicas ou isoladas, realizados por adultos desconhecidos, em que ocorreu a aquiescência das crianças, prevalecendo o terror da experiência. O segundo tipo, que é mais numeroso, inclui os casos em que o adulto é próximo da criança, como seu cuidador ou parente. Nesse caso, a experiência sexual é mantida com regularidade, refletindo-se no psiquismo do indivíduo, muitas vezes, por anos (Freud, 1896/1991).

Freud (1896/1991) diz que o terceiro tipo refere-se às relações infantis genuínas, laços sexuais entre duas crianças do sexo oposto, muitas vezes, entre irmãos, que podem estender essas vivências até após a puberdade, implicando em consequências persistentes para os envolvidos. Alguns casos podem incluir um efeito combinado de duas ou mais etiologias, resultando em estados neuróticos graves, que ameaçaram incapacitar o indivíduo para a vida. Segundo o autor, a teoria da sedução inclui também a perspectiva da experiência entre crianças do sexo oposto, as quais apresentam como experiência antecedente, o aliciamento sexual sofrido pelo menino, praticado por uma mulher adulta, que o leva a transmiti-la à menina, por meio de uma compulsão mnêmica. Nesses casos, de acordo com teoria da sedução, a neurose se estabelece na infância por meio da sedução de um adulto e é transferida entre crianças. Essas experiências sexuais entre membros de uma mesma família, levariam a uma geração com sintomas histéricos graves, induzindo ao entendimento equivocado de que a etiologia da doença procede da carga hereditária, aparentando uma neurose familiar (Freud, 1896/1991).

A terceira objeção versa sobre experiências sexuais da infância admitidas e recordadas por muitas pessoas que não se tornam histéricas. Contra essa objeção, Freud (1896/1991) diz considerar que a grande frequência de um fator etiológico não descarta seu significado etiológico. Segundo ele, devemos considerar como relevantes os casos em que o indivíduo experimentou vivências sexuais e tornou-se histérico. Para o autor, a análise permite afirmar que os sintomas histéricos descendem de memórias que agem inconscientemente, e essas memórias incluem conteúdo sexual infantil. Essa perspectiva alimenta a afirmação sobre a predisposição para a histeria despertada pelas experiências sexuais infantis, mas que se manifesta apenas após a puberdade, cobrando uma eficiência patogênica. Segundo a teoria da sedução, entretanto, a formação de sintomas começa antes da puberdade e forma sequência. Essa manifestação da doença pode ocorrer no oitavo ano de vida e remontar a uma época anterior. Freud (1896/1991) aponta uma última consideração referente às experiências sexuais infantis e ao efeito patogênico submetido mais às memórias do que às experiências reais. Essa questão implica um problema puramente psíquico e a função da consciência desempenhada

nesses problemas. Freud (1896/1991) afirma que a influência das experiências sexuais se refere a todos os tipos de neurose, mesmo sem analisar muitos casos de obsessivos na época da publicação deste texto.

Figueroa (2014) considera que a teoria de Freud constitui uma referência determinante na concepção da sexualidade no mundo contemporâneo. Para o autor, Freud provocou um giro decisivo: a sexualidade adquiriu um alcance antropológico básico ao constituir-se de modo fundamental sobre as motivações humanas, as variações permitem entender diversos quadros mentais, a conduta normal compreende-se a partir de impulsos eróticos ocultos e sua existência manifesta-se desde o primeiro dia do nascimento, sendo nossa condição estabelecida em ser sexuado e não somente portador de um sexo. Ele considera que a teoria da sedução sexual infantil de Freud buscou enfrentar os problemas de fato, de memória e fantasia que se fazem presentes nas pesquisas atuais sobre abuso infantil de maneira radicalmente diferente. Para o autor, embora seja paradoxal, é novo e sem precedentes, porque é parte de outra perspectiva: a compreensão dos mecanismos psicológicos profundos, específicos e pessoais de sua patogênese. De acordo com Figueroa (2014), para compreender o processo psíquico, Freud entra e interpreta as afecções subjacentes e explica fatos de memórias reprimidas, distorcidas e fantasia erótica.

Figueroa (2014) afirma que Freud assegura que traumas sexuais precoces causam distúrbios emocionais em adultos por ação diferida. Segundo o autor, Freud se opõe à concepção atual do trauma que está presente em todas as pesquisas recentes baseadas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV, isto é, de uma causalidade trauma-resposta, passado atuando como um estressor determinante do presente. Ele defende que Freud propõe explicitamente o contrário: é o presente que decide retroativamente o passado da infância. As experiências de abuso não tiveram significado sexual para a garota, mas depois, somente na puberdade. Essas memórias permanecem reprimidas até uma segunda experiência posterior, quando são estimuladas e conferem seu valor patogênico. A traumatização não é simples excitação, mas elaboração, conjunto de operações mentais profundas que configuram retrospectivamente a memória hiperestimulada e permite compreender as carícias e os assédios como devidamente eróticos (Figueroa, 2014).

A memória da experiência é o agente último. Mas Freud nunca conseguiu ressuscitar aquelas experiências de infância originais, apesar de suas afirmações, mas apenas inferi-las. Foi seu trabalho de reconstrução que possibilitou decifrar e deduzir seu significado sexual. Não

houve revivência, mas reconstrução. Essa falta de lembrança e, portanto, de cura, motivou Freud a rejeitar sua teoria e a compreender a sexualidade como patogênico de outra perspectiva. Uma nova teoria sexual surgiu e com ela a concepção revolucionária de inconsciente, bem como de fantasia e pulsão sexual (Figuerola, 2014).

Freud se mantém firme na investigação sobre a sexualidade como fator determinante na etiologia da histeria. Na análise do texto *A etiologia da histeria* (1896/1991), notamos o esforço do autor no esclarecimento dos mecanismos psíquicos que exercem influência na manifestação do sintoma, bem como a participação do fator de sedução, presente nas recordações, na vivência sexual do sujeito. Freud (1906/2016), em *Meus pontos de vista sobre a sexualidade e a etiologia das neuroses*, entende que superestimou a frequência de casos em que crianças eram seduzidas por algum adulto. O autor desconsiderou a possibilidade de estabelecer a distinção entre as ilusões de memória dos histéricos sobre sua infância e os vestígios de eventos reais. Esse equívoco contribuiu para Freud “explicar muitas fantasias de sedução como tentativas de se defender da recordação da própria atividade sexual do próprio indivíduo (masturbação infantil)” (Freud, 1906/2016, p. 353). O autor comenta que, com a queda da hipótese sobre o elemento “traumático” das vivências sexuais infantis, foi possível compreender que a atividade sexual infantil prescreve o futuro da vivência sexual posterior à maturidade.

2.2 “NÃO ACREDITO MAIS NA MINHA NEURÓTICA”: O ABANDONO DA TEORIA DA SEDUÇÃO

Um ano após a publicação do texto *Etiologia da Histeria* (1896/1991), Freud apresenta a fantasia como um dos fatores determinantes na manifestação do sintoma e instalação do trauma. As elaborações do autor que versavam sobre as recordações da sedução passam a ser tratadas como predominantemente resultantes de manifestações fantasiosas das pacientes. O conceito de fantasia já se fazia presente nos textos de Freud, mas não ocupava ainda um dos pontos centrais da teoria. Em *Meus pontos de vista sobre a sexualidade e a etiologia das neuroses*, Freud (1906/2016) argumenta que o abandono da teoria da sedução, mudou a concepção do mecanismo dos sintomas. Segundo o autor, os sintomas, sem a teoria da sedução, não se apresentam como derivados diretos das lembranças recalcadas de vivências da infância, mas entre os sintomas e as impressões infantis se intercalam as fantasias do paciente, formadas na puberdade. Ele considera que na puberdade as recordações infantis eram o ponto de partida para a formação das lembranças imaginárias e estas, após constituídas, transformavam-se nos sintomas. Freud afirma que “apenas com a introdução desse elemento das fantasias histéricas

tornou-se clara a trama da neurose e sua relação com a vida do paciente” (1906/2016, p. 354). Para o autor, a concepção das fantasias históricas permitiu estabelecer uma “analogia entre essas fantasias inconscientes dos histéricos e as invenções que, na paranóia, se tornam conscientes sob a forma de delírios” (Freud, 1906/2016, p. 354).

O autor buscou constatar se suas hipóteses estavam equivocadas. Nesse intuito, essas hipóteses foram revisadas por ele algumas vezes. No caso do comportamento sexual passivo ou ativo na histeria e na neurose obsessiva, ele constatou que pertenciam à fantasia do indivíduo e, em grande parte também, à crença que ele mesmo pareceu alimentar em relação a essas teorias. A conclusão, entretanto, de que a vida sexual na infância dos neuróticos não é distinta de outros indivíduos transformou-se numa grande descoberta que viabilizava uma aproximação dos neuróticos e seu tratamento. Freud (1906/2016) conclui ao abandonar a teoria dos “traumas sexuais infantis” que o sujeito vivenciava o “infantilismo da sexualidade”.

Freud (Masson, 1897/1986), em uma correspondência com Fliess em 2 de maio de 1897, comunica suas elaborações sobre a fantasia e a estrutura da histeria. Segundo o autor, as fantasias resultam de conteúdos reais que foram ouvidos, porém foram compreendidos no *a posteriori*. O autor define as fantasias como “estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles”, e que, ao mesmo tempo, “servem para o alívio pessoal. Sua origem accidental talvez provenha das fantasias de masturbação” (p. 240). Para ele, um segundo elemento envolve as estruturas psíquicas, afetadas na histeria pelo recalçamento. Freud (Masson, 1897/1986) entende as fantasias como diferentes das lembranças, pois a atividade mnêmica exige uma motivação; elas aproximam-se mais de impulsos decorrentes de cenas originárias. O autor acrescenta que as três neuroses apresentam fragmentos de memória, impulsos e ficções protetoras, mas sua manifestação na consciência e a formação de soluções de sintomas ocorrem em pontos diferentes. Na histeria manifestam-se reminiscências; na neurose obsessiva, impulsos perversos; na paranoia, as fantasias e ficções protetoras invadem a vida normal, de forma distorcida, devido aos sintomas.

Em 25 de maio de 1897, Freud continua comunicando em suas elaborações sobre a fantasia e os avanços teóricos que vem fazendo. No manuscrito de 02 de maio, Freud concebe a constituição das fantasias como fundadas em fatos reais. No manuscrito de 25 de maio, ele apresenta a possibilidade de as fantasias serem compostas por elementos que estão sujeitos a uma seleção que corresponde a determinadas tendências. Além disso, o autor considera que nas

fantasias haveria possíveis distorções, complementações falsificadas. No Rascunho M, Freud afirma:

As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir de sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro. E isso porque o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da lembrança por fragmentação, na qual precisamente as relações cronológicas é que são negligenciadas. (As correções cronológicas parecem depender especificamente da atividade do sistema da consciência.) Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento gerado se liga a alguma outra coisa (Masson, J. M., 1897/1986, p. 248).

Freud (Masson, 1897/1986) considera difícil rastrear a conexão original que leva à constituição da fantasia e afirma que, em períodos de excitação, possivelmente as fantasias formam-se propiciando a dissolução dos sintomas mnêmicos. O autor esclarece que, no lugar dos sintomas, manifestam-se ficções inconscientes que não estão sujeitas à defesa. Para ele, quando ocorre uma intensificação da fantasia, esta é recalcada. Posteriormente, a fantasia recalcada força a entrada na consciência, gerando um sintoma e, conseqüentemente, sofre um recuo e associa-se às lembranças que lhe deram origem.

Em 31 de maio de 1897, em outra carta a Fliess, no chamado Rascunho N, Freud comenta sobre a relação entre impulsos e fantasias. Ele inicia o documento comentando sobre os impulsos hostis contra os pais como um elemento integrante das neuroses. O autor chama de ideias obsessivas os impulsos hostis que conscientemente vêm à luz. Freud (1897/1986) afirma que os impulsos hostis são recalcados quando surge a compaixão pelos pais, em momentos de doença ou morte. De acordo com o autor, impulsos hostis são constituídos pelo desejo de morte dos pais. No caso dos filhos esse desejo manifesta-se contra o pai e nas filhas contra a mãe. Ele destaca que as lembranças parecem bifurcar-se, pois uma parte é substituída por fantasias e outra parte leva aos impulsos. Freud (1897/1986) ainda aponta para as motivações para a formação de sintomas nessa carta. Ele afirma que a lembrança não serve de motivação para a formação de sintomas, mas apresenta-se apenas como um meio. Para o autor, a libido consiste, cronologicamente, na primeira motivação para formação de sintomas, a qual teria como objetivo, como ocorre nos sonhos, a realização de um desejo. O autor afirma:

Em fases posteriores, a defesa contra a libido também se aloja no inconsciente. A realização de desejos precisa satisfazer os requisitos dessa defesa inconsciente. Isso

acontece quando o sintoma consegue funcionar como uma punição (por um impulso maléfico ou pela falta de confiança na própria capacidade de impedir [o desejo sexual]). Assim se combinam as motivações da libido e da realização de desejo como punição. Nesse aspecto, a tendência geral à ab-reação, à irrupção do recalcado, é inconfundível, e a ela se superpõem as duas outras motivações. Parece que, nos estágios posteriores, por um lado, deslocam-se da memória algumas formações psíquicas mais complexas (impulsos, fantasias, motivações) e, por outro, a defesa, que emerge do Pré-consciente. (o ego), parece forçar passagem para o inconsciente, de modo que a defesa também se torna plurilocular (Masson, J. M., 1897/1986, p. 252).

De acordo com Freud (1897/1986), tanto a formação de sintomas por identificação quanto o aparecimento da angústia estão vinculados ao recalçamento das fantasias no inconsciente. Para ele, a transformação da libido em angústia não ocorre por meio da defesa entre o ego e o inconsciente, mas no próprio inconsciente, levando-o a considerar a existência de uma libido inconsciente. Quanto ao recalçamento dos impulsos, o autor afirma que este não produz angústia, mas talvez depressão, melancolia. Ele conclui a partir dessa afirmação que as melancolias estão relacionadas com a neurose obsessiva.

Ao analisar essas cartas anteriores a 21 de setembro de 1897 e posteriores à teoria da sedução, observamos que Freud permanece conjecturando e aprofundando seu conceito sobre a fantasia. Embora tenha publicado alguns artigos entre 1896 e 1897, ele se mantém investigando a respeito da fantasia para apresentá-la posteriormente e colocá-la no centro da etiologia das neuroses. A carta de 21 de setembro de 1897 surge como consequência desse processo. O abandono da teoria da sedução ocorre devido ao movimento de trabalho intenso de Freud.

A carta de 21 de setembro de 1897 continha em seu conteúdo uma mudança no rumo da sua teoria sobre a etiologia das neuroses. O psicanalista inicia a carta com uma conclusão “não acredito mais na minha neurótica [teoria das neuroses]” (p. 265). O autor descreve os motivos de seu desapontamento, determinando o primeiro como o fracasso e abandono dos pacientes da análise e o segundo motivo como a descrença sobre a grande incidência de pais perversos sedutores, que explicasse tantos casos de neurose. Freud afirma “A incidência da perversão teria que ser incomensuravelmente mais frequente do que a histeria dela resultante, porque, afinal, a doença só ocorre quando há um acúmulo de acontecimentos a um fator contributivo que enfraqueça a defesa” (Masson, 1897/1986, p. 265). Ele descreve o terceiro motivo como a constatação da impossibilidade de haver realidade no inconsciente, o que significa que não seria possível discriminar verdade de ficção categorizadas pelo afeto. De acordo com o autor, a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais. Embora não comporte neste

trabalho, um estudo sobre a questão da psicose, o quarto motivo é apresentado por Freud como “a consideração de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio” (Masson, 1897/1986, p. 266). O autor declara que o inconsciente não transpõe a resistência da consciência, e a perspectiva que afirma que o consciente é capaz de domar o inconsciente também não procede. Essas constatações deixam Freud incerto sobre o seu trabalho a respeito das neuroses. Ele comenta:

Eu estava a tal ponto influenciado |por isso| que estava pronto a desistir de duas coisas: da resolução completa de uma neurose e do conhecimento seguro de sua etiologia na infância. Agora, não tenho a menor ideia de onde me situo, pois não tive êxito em alcançar uma compreensão teórica do recalamento e de sua inter-relação de forças. Mais uma vez, parece discutível que somente as experiências posteriores dêem ímpeto às fantasias, que |então| remontariam à infância, e, com isso, o fator de predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo – em prol do esclarecimento da neurose (Masson, 1897/1986, p. 266).

Monzani (2014) comenta a carta de Freud e enumera as conclusões a que o psicanalista chegou a respeito da inviabilidade da teoria da sedução. O comentador enumera a ordem de explicações apresentadas por Freud para retirar a teoria da sedução do centro da etiologia da neurose. De acordo com Monzani (2014), Freud, na carta a Fliess, fornece explicações: “1) Probabilistas/fatuais – a) os fracassos da análise e b) a extrema improbabilidade da universal perversão adulta; 2) teóricas – a) no inconsciente não há como distinguir o real da fantasia e b) as vivências infantis são inacessíveis” (p. 43). O autor afirma que, a partir dessas conclusões, a teoria da sedução foi quase completamente abandonada por Freud, passando a ocupar um papel mínimo comparado ao lugar que ocupava na teoria.

De acordo com Monzani (2014), muitos estudiosos tratam desse novo posicionamento de Freud como uma ruptura radical, que modifica sua perspectiva e coloca a sedução como um fantasma da neurose. Para o autor, ao abandonar a teoria da sedução, Freud adiciona três conceitos essenciais ao eixo central da psicanálise: a sexualidade infantil, o Édipo e a fantasia. Esses três conceitos, conforme o comentador, possibilitaram a Freud estruturar a psicanálise como disciplina autônoma como objeto próprio, entretanto, ele assevera que essa perspectiva não é tão simples quanto parece. O autor interpreta o conceito de fantasia como o mais importante, pois é ele que passa a ocupar o lugar da teoria da sedução. Ele afirma que a teoria da sedução não é verificável, mas há uma sedução que é construída na fantasia do paciente, portanto é um conceito essencial. Para Monzani (2014), Freud renuncia à teoria da sedução,

minimizando-a, mas não negando-a, bem como aceita a função da fantasia na constituição dos sintomas.

Monzani (2014) comenta uma passagem da Carta 69 de Freud, de acordo com a qual, em sua interpretação, a sedução como teoria explicativa significou o retorno ao velho determinismo organicista da psiquiatria clássica. Monzani (2014) destaca duas séries de alternativas colocadas com o abandono da teoria da sedução: o fator determinante externo e o fator determinante interno. Como fator determinante externo, o autor considera a teoria da sedução, devido ao seu papel como causadora da sintomatologia neurótica. E, após o abandono da teoria da sedução, as fantasias, enquanto fator determinante interno, são consideradas pelo autor como causadoras da sintomatologia.

Castilho (2013) considera a teoria do trauma em dois tempos, sob luz da teoria da sedução proposta por Freud como um grande avanço para os tempos de 1895/1896, pois já apresentava uma originalidade em estabelecer definitivamente a etiologia sexual da neurose. Freud apresenta em sua primeira elaboração uma teoria que escapava de resoluções biológicas, mecânicas e psicológicas. Assim sendo, de acordo com Castilho (2013), a primeira teoria do trauma não é biologicista, porque não sustenta a hereditariedade como fundamento etiológico, não é mecanicista, pois não defende que um evento externo seja suficiente para determinar um trauma e não é psicologicista, porque não compreende o traumático como resultado, apenas de uma forma de assimilação psíquica de eventos.

Oliveira (2016) concorda com o caráter não biologicista da etiologia da neurose em Freud e esclarece que o psicanalista não só afasta a hereditariedade do centro do estudo sobre as causas da neurose como torna o processo de identificação da etiologia da doença mais complexo. Ele cria três vetores indispensáveis para essa identificação: as precondições, que correspondem às condições indispensáveis na manifestação da neurose, que, todavia, são de caráter geral, as causas concorrentes, que estão presentes na etiologia de vários distúrbios, porém não são específicas da neurose, e as causas específicas, fatores indispensáveis, que se apresentam na etiologia de um distúrbio específico. Com esses vetores, Freud estabelece a necessidade de investigar a causa específica da neurose, relativizando a participação da hereditariedade como aspecto determinante, bem como sua generalização como explicação etiológica para as neuroses. Freud declara a história da espécie, apenas, como um dos fatores que podem contribuir para a produção da neurose e enfatiza a constituição subjetiva como determinante na aquisição dessa patologia.

Freud (1933/2010), em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise – Feminilidade*, retorna à teoria da sedução, reacendendo a perspectiva, mas atribuindo novo enfoque. O autor comenta seu interesse pela descoberta dos traumas sexuais infantis, que surgem a partir dos relatos das pacientes sobre a sensação de terem sido seduzidas pelo pai. Ele reconhece que percebeu que esses relatos não eram verdadeiros e compreendeu que os sintomas histéricos derivavam de fantasias, e não de fatos reais. A partir desse reconhecimento, Freud (1933/2010) diz que elaborou a ideia da fantasia de sedução do pai, que constituía a essência do típico complexo de Édipo na mulher. Segundo o autor, essa fantasia pode ser encontrada no pré-Édipo da menina, mas como uma fantasia de sedução da mãe. Nesse caso, Freud encontra uma congruência com a realidade, pois considera que “a mãe, enquanto cuidava da higiene corporal do bebê, suscitou-lhe (ou talvez despertou mesmo) sensações prazerosas nos genitais” (Masson, 1897/1986, p. 274).

Freud (1931/2018), em *Sobre a sexualidade feminina*, menciona a relação fantasiosa de sedução relacionada às babás e amas-secas, bem como a outras crianças ou pessoas que aninham a criança para sossegá-la, fazê-la adormecer ou torná-la dependente de si. O autor reconhece a possibilidade da sedução de fato e comenta sobre seus efeitos sobre o desenvolvimento e suas consequências profundas e duradouras.

O caso Katharina, que usamos no início do capítulo, entretanto, corresponde aos casos em que o relato de sedução apresenta elementos mais recentes, até mesmo pela idade, relatada pela moça, em que ocorreu a sedução, a qual não corresponde ao período pré-sexual da primeira infância. Embora reconheçamos que o relato de Freud a respeito do discurso de Katharina pareça fidedigno ao que ele propôs, levando em consideração a idade da moça, podemos questionar se o mesmo foi isento de fantasia.

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, abordamos a teoria freudiana da sedução, bem como seu posterior abandono por parte do autor. Na teoria da sedução, uma experiência sexual passiva antes da puberdade seria a causa específica da histeria. Conforme tal teoria, a criança teria sido submetida à sedução por um adulto ou por outra criança, seduzida anteriormente. Freud acreditava que a sedução acontecia no início da vida (a idade mais comum seria o quarto ou o quinto ano); caso acontecesse após a idade de oito anos, não serviria como fundação da neurose. De acordo com a teoria da sedução, a experiência sexual precoce marcava o indivíduo em sua

história, levando a uma profusão de sintomas e traços especiais que poderiam ser retardados pelo efeito terapêutico da análise. Essa experiência não apresentaria efeito na infância; apenas na adolescência a excitação sexual precoce seria despertada, transformando-se em uma lembrança atual e provocando uma ação póstuma de um trauma sexual. A lembrança permaneceria inconsciente como efeito de uma relação inversa entre o efeito psíquico da lembrança e o do evento (Freud, 1896/1991). A partir de certo momento, Freud concluiu que as experiências de sedução relatadas por suas pacientes consistiam, em grande parte, em fantasias, o que o levou a abandonar a teoria da sedução e voltar-se, sobretudo, para a questão da fantasia e da sexualidade infantil.

Notamos que uma contribuição importante de Freud na abordagem do tema é a relevância atribuída pelo psicanalista às vivências infantis dos pacientes e à influência permanente dessas vivências na vida do adulto. O desenvolvimento da teoria da sedução, mesmo com seu posterior abandono, permitiu que o psiquismo infantil se constituísse como tema relevante no desenvolvimento da psicanálise. O autor descreveu importantes fenômenos inconscientes ligados às experiências infantis e destacou que estes se manifestam por toda a vida do indivíduo. Passemos agora às concepções de Freud sobre a fantasia e a sexualidade.

3 O INFANTIL, A FANTASIA E A SEXUALIDADE

Após o abandono da teoria da sedução, Freud brought para o centro da teoria psicanalítica algumas premissas que já se faziam presentes em seus textos, mas ficavam em segundo plano, devido à atenção que ele dedicava à teoria da sedução. Conceitos como os de fantasia e sexualidade infantil passam a ocupar um lugar de importância central na Psicanálise. O aspecto infantil continua mostrando-se como elemento significativo na teoria, com acentuada relevância em fenômenos como sonhos, fantasias, sexualidade, transferência e sintoma. O autor se volta para a investigação da interpretação de sonhos, das manifestações fantasiosas e da sexualidade infantil e ressalta as manifestações do psiquismo infantil em pacientes neuróticos, o que possibilita a articulação entre os conceitos de fantasia, sexualidade, transferência e sintoma.

Após o abandono da teoria da sedução, Freud mantém firme a convicção da significação das vivências infantis para a vida adulta e dedica-se a justificar e demonstrar o papel desempenhado pela fantasia e pela sexualidade infantil na explicação dos aspectos que compõem o indivíduo. Neste capítulo, pretendemos abordar as concepções freudianas de sexualidade e fantasia, tendo em vista esclarecer de que maneira o infantil se configura nesses fenômenos. Por conseguinte, abordaremos a sexualidade infantil, tomando como referência o segundo dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016a), bem como outros textos da obra freudiana que complementam essa perspectiva.

3.1 A SEXUALIDADE E O INFANTIL

A infância do homem é uma fonte de pesquisa extremamente relevante na obra freudiana para explicar o comportamento do adulto. Freud considera que as contribuições da observação da infância, como a pré-história do homem, eram consideravelmente ignorada pelos teóricos da sexualidade, do final do século XIX e início do século XX. Desse modo, a preocupação de alguns autores, muitos deles sexólogos, apenas com o período pré-histórico da humanidade, como esclarecimento e propriedades das reações dos adultos, tomando como explicação a hereditariedade, é descrito, na obra freudiana, como incompleto e percentualmente menos relevante. Nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/2016) afirma que o estudo da fase da pré-história individual da pessoa, ou seja, da infância, deveria ser considerado

antes da influência da hereditariedade. Ele comenta que podemos considerar que os sexólogos praticamente ignoraram a infância, já que eles apresentaram pequenas notas sobre a atividade sexual em crianças. Quando esses autores se referiam a alguma espécie de atividade sexual em crianças como ereções, masturbação ou atividades semelhantes ao coito, frequentemente, associavam a fenômenos degenerativos. Por conseguinte, a pulsão sexual na infância não era reconhecida como normal e era omitida a vida amorosa da criança. O autor discorda da crença popular de que a sexualidade era despertada apenas na puberdade, bem como da desconsideração sobre a presença da pulsão sexual no período da infância. Um estudo abrangente das manifestações sexuais na infância permitiria o conhecimento de traços essenciais da pulsão sexual, desvendando sua “evolução” e suas fontes (Freud, 1905/2016, p. 73).

O psicanalista vienense explica essa omissão sobre a sexualidade infantil como efeito da educação do indivíduo, bem como da amnésia infantil. O autor afirma: “Refiro-me à peculiar amnésia que esconde à maioria das pessoas (não a todos!) os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade” (p. 75). Ele defende que durante os primeiros anos da infância os indivíduos expressam sentimentos bastante vivazes como amor, ciúme e outras paixões, além de inteligência e capacidade de julgamento, mas não conservam essas manifestações em sua memória, “exceto alguns fragmentos ininteligíveis de lembranças” (p. 76). Segundo Freud (1905/2016), é curioso que essas lembranças não se conservem, pois a época da infância é o período no qual o indivíduo mostra-se mais capaz de absorver e reproduzir coisas.

Outra consideração do autor supõe que as impressões esquecidas determinam o desenvolvimento psíquico do indivíduo, deixando os mais profundos traços. De acordo com essa consideração, ele cogita a possibilidade de que impressões da infância não desapareçam, mas conservem sua essência e apenas afastem-se da consciência, por meio do recalque. Para Freud (1905/2016), essa suposição sobre a amnésia infantil permite estabelecer uma relação entre o estado psíquico infantil e o psiquismo do psiconeurótico. O autor levanta algumas hipóteses sobre a relação entre a amnésia infantil e os impulsos sexuais da infância. Outra hipótese estabelece uma correlação entre o recalque presente na amnésia histérica e sua correspondência com as forças que produzem o recalque nas impressões infantis. Ele já propunha a premissa “de que a sexualidade dos psiconeuróticos manteve a situação infantil ou foi conduzida de volta a ela” (p. 77). A amnésia histérica evidencia o recalque, que subtrai da consciência um acervo de traços mnemônicos, os quais atuam sobre o indivíduo, por meio de

associações. Ele coloca em primeiro plano o fator infantil na sexualidade, e seu significado em fenômenos importantes ligados à vida sexual.

A expressão “vida psíquica infantil” é definida, por Freud (1905/2016), em seu ensaio sobre a teoria da sexualidade, como reações vivazes frente a impressões, expressões de dor e alegria de maneira humana, manifestações de afeto, ciúme e outras paixões que provam aos adultos que a criança já demonstra discernimento e capacidade de arbitramento. Ele comenta que a vida psíquica da criança, normalmente, é recordada por familiares e pessoas próximas do indivíduo, embora não seja recordada por ele mesmo. O psicanalista confirma sua teoria da amnésia infantil ao constatar o conteúdo inconsciente que emergia nas análises dos adultos. Através da análise, essa amnésia pode ser superada ao ponto de possibilitar a emergência de material inconsciente e serem constatados conteúdos que dão origem aos sintomas.

Freud (1905/2016) sinaliza à respeito do comportamento sexual durante a infância e destaca em nota que “os anos de infância dos futuros neuróticos não devem diferir essencialmente, nesse ponto, daqueles dos futuros indivíduos sadios – exceto no tocante à intensidade e nitidez” (p. 78). O recém-nascido apresenta os germens de impulsos sexuais, que se desenvolvem por um tempo e são suprimidos progressivamente.

3.1.1 AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL

Freud concebe a sexualidade infantil como auto-erótica, composta por pulsões parciais, centrada em zonas erógenas e como algo que surge apoiada em funções biológicas. Ao longo do desenvolvimento, algumas zonas erógenas seriam predominantes: a boca, inicialmente, o ânus, em uma segunda etapa e os genitais (o pênis no menino e o clitóris na menina), em uma terceira etapa. Tendo isso em vista, ele irá falar em uma fase oral, uma fase anal e uma fase fálica, a qual seria seguida pelo período de latência.

Freud (1905/2016) descreve duas manifestações iniciais da sexualidade infantil: o ato de chupar e o autoerotismo. Para o autor, o ato de chupar ou sugar “consiste na sucção, repetida de maneira rítmica, com a boca (os lábios), sem a finalidade da alimentação” (p. 83). Ele aponta que o ato de sucção se manifesta no lactante, bem como pode se manter por toda a vida. O objeto da sucção pode ser tomado pelo indivíduo em diferentes partes do próprio corpo como o lábio, a língua, qualquer local da pele que se possa alcançar, inclusive o dedão do pé. Outra manifestação ligada à sexualidade infantil refere-se ao ato de agarrar que corresponde no ato

de puxar de forma rítmica uma parte do corpo, que muitas vezes consiste no lobo da orelha. O efeito que o ato de sugar provoca no indivíduo remete à absorção da atenção, conduzindo ao adormecimento ou, inclusive, a uma reação motora da natureza de um orgasmo. O psicanalista ressalta que os dois atos podem ser praticados de forma simultânea, ou seja, a sucção deleitosa pode combinar-se à “fricção de algumas partes sensíveis do corpo, como o peito ou os genitais externos” (p. 83). Ele considera que as crianças podem passar da prática da sucção à masturbação. O autoerotismo, segundo Freud (1905/2016), seria a característica essencial dessa atividade sexual. No autoerotismo a pulsão não está dirigida para outras pessoas, mas se satisfaz no próprio corpo. O autor enfatiza que essas manifestações da sexualidade infantil têm início por meio da atividade vital, que serve à conservação da vida, que constitui o ato de mamar no peito da mãe ou de seus substitutos.

Ele reconhece os lábios da criança como uma zona erógena que é estimulada pelo afluxo de leite quente e provoca a sensação de prazer. De acordo com a teoria freudiana, a satisfação da zona erógena liga-se, inicialmente, à satisfação da necessidade de alimento e, posteriormente, torna-se independente desta. O psicanalista observa que a satisfação expressa pela criança após o ato de mamar, demonstrada pelas faces rosadas e um sorriso feliz, assemelha-se à expressão de satisfação sexual do adulto. Ele chama a atenção para a separação da satisfação sexual da necessidade de nutrição, movimento que segue em consequência do desenvolvimento do ato de nutrir-se que não se dá mais através da sucção e sim da mastigação. O autor propõe que, na sucção, a criança deixa o objeto exterior e toma uma área da própria pele, que lhe oferece uma maior comodidade, pois não depende do universo externo que ainda não domina. Dessa forma, a sexualidade infantil emergiria apoiada na função biológica da alimentação. A partir do momento em que a estimulação da boca se torna prazerosa em si mesma, independentemente da função biológica da alimentação, pode-se dizer que ela se tornou uma zona erógena, que a sexualidade emergiu.

Freud (1905/2016) defende a ideia de que, assim, a criança cria uma segunda zona erógena, embora de menor valor. Esse processo reflete-se na busca de uma parte semelhante de outras pessoas, como os lábios, por exemplo. Adultos apreciadores de beijos, bem como beijos perversos e atos de beber e fumar mantiveram a significação erótica da zona dos lábios. A repressão ao ato de sucção provoca nojo do alimento e pode culminar em vômitos histéricos. Ele cita exemplos de pacientes histéricas que desenvolveram distúrbios alimentares, sendo que compunham o grupo de enérgicas “chupadoras na infância”. O autor conclui destacando as três

características essenciais de uma manifestação sexual infantil: “surge apoiando-se numa das funções vitais do corpo, ainda não tem objeto sexual, é autoerótica, e sua meta sexual é dominada por uma zona erógena” (p. 87).

De acordo com Freud (1905/2016), utilizando o ato de sugar, podemos ressaltar alguns aspectos que caracterizam uma zona erógena. Para o autor, a zona erógena caracteriza-se por responder a estímulos que proporcionam prazer de certa qualidade. Outra característica, apontada pelo autor, é o caráter rítmico. Ele trata do fator sexual como a especificidade da natureza da sensação provocada pelo estímulo. A propriedade erógena pode vincular-se a certas partes do corpo de maneira admirável, sendo algumas zonas erógenas predestinadas. Assim sendo, conforme o autor, a produção de prazer relaciona-se mais à qualidade do estímulo que à natureza da parte do corpo. Freud (1905/2016) afirma:

A criança que chupa procura em seu corpo e escolhe um ponto qualquer para sugar com deleite, e este se torna, graças ao hábito, o ponto preferido; se depara casualmente com um dos locais predestinados (bico do seio, genitais), é este que tem a preferência. Uma capacidade de deslocamento análoga aparecerá também na sintomatologia da histeria. Nessa neurose, a repressão atinge, sobretudo, as zonas genitais propriamente, e essas conferem sua excitabilidade às outras zonas erógenas, normalmente preteridas na vida adulta, que então se comportam como genitais. Além disso, porém, e, exatamente, como no ato de sugar, qualquer outra região do corpo pode ser dotada da mesma excitabilidade dos genitais e ser elevada à condição de zona erógena. Zonas erógenas e histerógenas exibem as mesmas características (Freud, 1905/2016, p. 88-89).

A satisfação originada pela estimulação apropriada da zona erógena escolhida corresponde à meta sexual da pulsão. A satisfação sexual encontrada na zona erógena, possivelmente, foi vivenciada, anteriormente, manifestando a necessidade de satisfação, que se revela de duas formas: por meio da sensação de tensão, com caráter de desprazer e por uma sensação de comichão ao estímulo naturalmente condicionado, que é projetado na zona erógena periférica. A meta sexual, portanto, foi descrita pelo autor como uma “questão de substituir a sensação de estímulo projetada, na zona erógena, pelo estímulo externo que anula a sensação do impulso, ao gerar a sensação de satisfação” (Freud, 1905/2016, p. 90). A concepção sobre a necessidade despertada perifericamente, por uma modificação real na zona erógena, harmoniza-se com o saber fisiológico. Freud (1905/2016) explica as diferenças entre uma zona erógena e outra como um procedimento necessário à satisfação. Para o autor, um ato localizado em determinada zona erógena pode ser substituído por outras ações musculares, conforme a localização e as propriedades das outras zonas.

O autor considera que a compreensão sobre a atividade sexual da infância torna-se facilitada após o entendimento da origem da pulsão na zona erógena. Ele aponta que a diferença entre uma zona erógena e outra refere-se ao procedimento necessário à satisfação, como à zona labial consiste o sugar e quando varia a localização e propriedades das zonas, variam os procedimentos que são substituídos por outras ações musculares. O psicanalista vienense localiza a zona anal como uma zona erógena adequada para favorecer um apoio da sexualidade em outras funções do corpo. Segundo o autor, a significação erógena dessa parte do corpo é muito grande originalmente. Ele aponta que essa zona mantém um grau considerável de suscetibilidade à estimulação genital. Ele adianta que da zona anal partem transformações que envolvem outras experiências como as excitações sexuais. A experiência com as excitações dessa zona principia-se com os distúrbios intestinais em crianças. As crianças podem provocar estímulo na mucosa por meio das contrações resultantes pelo ato de reter a massa fecal e o acúmulo, produz desde a sensação de dor, até uma sensação de volúpia.

Freud (1905/2016) descreve um comportamento comum nas crianças que tratam o conteúdo intestinal como o primeiro “presente”, que por meio da liberação ou retenção desse conteúdo, podem expressar docilidade ou desobediência, perante às pessoas ao redor. Ele assevera como um indício de futura estranheza ou nervosismo na vida da criança “quando um bebê se recusa obstinadamente a evacuar o intestino ao ser posto sobre o vaso, ou seja, no momento desejado pela pessoa que dele cuida” (p. 92). O autor completa que o conteúdo intestinal estimula a área da mucosa sexualmente sensível e “age como precursor de outro órgão que deve entrar em ação somente após a infância, mas tem outros significados importantes para o bebê” (p.92). A retenção da massa fecal é usada como estimulação masturbatória da zona anal ou empregada na relação com as pessoas que cuidam da criança, o que funciona como gatilho da obstinação tão frequente nos neuropatas. Na teoria freudiana, o pleno significado na zona anal é relacionado ao comportamento dos neuróticos quando mantêm práticas escatológicas especiais e cerimônias ocultas. Segundo o autor, crianças maiores podem estimular a zona do ânus com o dedo, numa ação masturbatória provocada por uma coceira no centro ou mantida perifericamente.

Na organização sádico-anal, como nos afiança Freud (1905/2016), já é possível demonstrar o objeto alheio, faltando à organização a subordinação da função reprodutora. Na *Conferência XX – A vida sexual humana*, Freud (1916/2018) nos descreve que a criança encontra prazer ao eliminar urina e fezes e sente que pode produzir o máximo de prazer possível

das zonas erógenas por meio da membrana mucosa. Aqui, a criança inicia seu contato com o limite externo quando através do controle dos esfínteres, lhe é transmitida a ideia de vergonha e repugnância em troca da respeitabilidade. Antes desse momento, a criança não enxerga suas excreções como alvo de repugnância. Essa fase pode manifestar-se, posteriormente, no prazer anal.

Segundo Freud (1905/2016), a zona erógena relacionada à micção, no caso do menino, a glândula, e na menina, o clitóris, não corresponde ao papel central, bem como não comporta os mais antigos impulsos sexuais, entretanto, destina-se a grandes funções no futuro. Para o autor, nessa zona erógena encontra-se uma mucosa sensível que pode despertar a excitação sexual, precocemente, mediante estímulos proporcionados por secreções. Ele afirma que “as atividades sexuais dessa zona erógena, que pertence aos órgãos sexuais propriamente ditos, são o começo da futura vida sexual normal” (Freud, 1905/2016, p. 94). O psicanalista afirma que o afluxo de secreções, lavagens e fricções envolvidas na higiene corporal e determinadas excitações casuais, proporcionadas pela condição anatômica, permitem, inevitavelmente, que a sensação de prazer seja desfrutada pela criança, desde bebê, despertando a necessidade de repeti-la. O autor afirma:

(...) tanto medidas de limpeza como atos de sujeira devem ter efeito semelhante, não poderemos fugir à concepção de que, mediante o onanismo, ao qual praticamente nenhum indivíduo escapa, é estabelecida a futura primazia dessa zona erógena na atividade sexual. A ação que elimina o estímulo e desencadeia a satisfação consiste em movimentos de fricção com a mão ou no uso de pressão (certamente conforme um reflexo preexistente) através da mão ou das coxas (Freud, 1905/2016, p. 94)

Conforme Freud (1905/2016), três fases da masturbação infantil podem ser discriminadas: a primeira diz respeito ao período da amamentação, a segunda refere-se ao período de quatro anos, correspondente ao período do afloramento da atividade sexual, e a terceira relaciona-se à masturbação da puberdade. O autor considera que esse segundo período de atividade sexual infantil deixa profundos traços (inconscientes) de impressões psíquicas na memória da pessoa, com consequências na constituição de seu caráter, nos casos em que ela permanece sadia, e na sintomatologia de sua neurose, no caso em que ela adoece após a puberdade. As impressões sexuais desse período são esquecidas, e as lembranças conscientes que o atestam são deslocadas, de forma que a amnésia infantil normal estaria vinculada a essa atividade sexual.

Freud assinala que a excitação sexual do período da amamentação retorna, na época infantil, correspondendo ao segundo período da masturbação, “que convida à satisfação onanista, ou como processo da natureza da poluição, que, analogamente, à poluição da época adulta, atinge a satisfação sem a ajuda de nenhuma ação” (Freud, 1905/2016, p. 97). Segundo o autor, o reaparecimento da atividade sexual está condicionado a causas internas e motivos externos, e ambos, nas doenças neuróticas, são constatados pela pesquisa psicanalítica. Para Freud (1905/2016), os sintomas dessas manifestações sexuais são poucos e, muitas vezes, materializam-se em ações que envolvem o aparelho urinário. As doenças atribuídas à bexiga, nessa época, são atribuídas a distúrbios sexuais. A enurese noturna, quando não está ligada ao ataque epilético corresponde ao reaparecimento da atividade sexual mobilizada por uma motivação interna da criança, e junto a uma estimulação externa, as quais podem ser identificadas na configuração dos sintomas, quando analisadas. O psicanalista considera instrutivo que a criança, influenciada pela sedução, torne-se polimorficamente perversa, sendo induzida a todas as extensões possíveis. Essa manifestação mostra que ela é constitucionalmente apta para isso e apresenta poucas resistências a sua realização porque as barragens psíquicas para extensões sexuais como vergonha, nojo e moral, ainda não estão constituídas ou encontram-se em construção. Para o autor, em condições convencionais, a predisposição polimorficamente perversa pode manter-se sexualmente normal, mas sob a orientação de um hábil sedutor sustentará todas as perversões e as conservará em sua atividade sexual.

Na vida sexual infantil, segundo o autor, “com todo o predomínio das zonas erógenas, mostra componentes para os quais outras pessoas, desde início, entram em consideração” (Freud, 1905/2016, p. 99). Os instintos que caracterizam esses aspectos são o voyeurismo, o exibicionismo e a crueldade, que na infância manifestam-se como tendências autônomas, a princípio distintas da atividade erógena, posteriormente, entram em relações estreitas com a vida genital. A criança manifesta o exibicionismo, em seus primeiros anos, por meio de um inequívoco prazer em desnudar o corpo, essencialmente, nas partes genitais. O voyeurismo surge, posteriormente, na infância, quando a barreira do sentimento de vergonha atingiu certo desenvolvimento. O aparecimento do voyeurismo na criança pode dar-se de forma espontânea, quando manifestam interesse pelos genitais dos companheiros de brincadeiras. As crianças que satisfazem a curiosidade, ao praticar as necessidades excrementais, tornam-se voyeurs. Segundo Freud (1905/2016), quando essa curiosidade da criança é satisfeita somente nas duas

necessidades excrementais, “essas crianças se tornam voyeurs, ávidos espectadores da micção e da defecação do outro” (p. 100).

Quando ocorre a repressão do voyeurismo na infância, a curiosidade de ver genitais alheios (do próprio sexo ou do outro) mantém-se, sendo que em diversos casos de neurose, propicia o maior estímulo para a formação dos sintomas. A crueldade manifesta-se na criança com independência maior do que as outras atividades sexuais. A crueldade relaciona-se com o caráter infantil, pois o obstáculo que propicia o impedimento ante a dor do outro, a capacidade de composição constitui-se relativamente tarde. O autor informa que a pulsão de crueldade não foi analisada profundamente e supõe que o impulso cruel vem da pulsão de apoderamento e “surge na vida sexual num período em que os genitais ainda não assumiram o seu papel posterior” (p. 101). Ele acrescenta que essa pulsão domina a fase correspondente à organização pré-genital. Freud (1905/2016) observa que crianças que apresentam o impulso cruel com animais e colegas de brincadeiras são suspeitas de vivenciarem uma atividade sexual intensa e precoce. E, nessa fase, quando ocorre uma combinação entre as pulsões cruéis, o sujeito que se encontra vivenciando a atividade sexual erógena, com o agravante da ausência da barreira da compaixão, pode acontecer que esse combinado se torne indissolúvel mais tarde.

3.1.2 FASES DE DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SEXUAL INFANTIL

Como vimos, de acordo com Freud (1905/2016), a sexualidade está presente no ser humano desde o início da vida e se manifesta através das fases da organização sexual. Essa precocidade em que a sexualidade se manifesta na vida do homem pode ser percebida através das condutas sexuais das crianças presentes nas lembranças infantis do neurótico, até então, inconscientes, tratadas como moções sexuais excepcionais e anormativas. Desde recém-nascida, a criança traz elementos de moções sexuais que ora avançam, ora ficam latentes de acordo com as peculiaridades individuais. Para Freud (1905/2016), a regularidade e o período desse curso oscilante não podem ser determinados, porém a vida sexual da criança torna-se observável por volta dos três ou quatro anos de idade, embora a sexualidade anteceda essa idade. As fases da sexualidade podem se dar de forma separada ou concomitante sem corresponder a etapas que se seguem. O termo pré-genital é utilizado por Freud, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/2016), para denotar as organizações da vida sexual em que as zonas genitais ainda não exercem papel preponderante.

Como vimos, o autor descreve a vida sexual infantil, como essencialmente autoerótica, pois encontra seu objeto no próprio corpo. Além disso, ele explicita que, na vida sexual infantil, as pulsões parciais empenham-se na obtenção do prazer, em geral, sem conexão entre si e de forma independente. De acordo com o psicanalista, o resultado do desenvolvimento pode ser a chamada vida sexual normal do adulto, ou seja, “a obtenção de prazer ficou a serviço da função reprodutiva e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena e formaram uma organização sólida para alcançar a meta sexual num objeto sexual externo” (Freud, 1905/2016, p. 107). A primeira das organizações sexuais pré-genitais, segundo Freud (1905/2016), é a oral ou canibal. Ele descreve essa fase como uma etapa em que a atividade sexual não se encontra separada da ingestão de alimentos, nas quais as correntes opostas ainda não estão discriminadas. O autor aponta:

o objeto das duas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na incorporação do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como identificação, um papel psíquico relevante. Um resíduo dessa fase de organização que a patologia nos leva a supor pode ser o ato de chupar o dedo na qual a atividade sexual, desprendida da atividade da alimentação, trocou o objeto externo por um do próprio corpo (Freud, 1905/2016, 108).

Ele afirma que a criança, nessa fase, não distingue a nutrição da pulsão sexual. Tomemos pulsão sexual como libido ou força sexual. O objeto que viabiliza as duas atividades é o mesmo. Por exemplo, o seio materno é visto como fonte de nutrição e prazer. Na *Conferência XX – A vida sexual humana*, Freud (1916/2018) aborda esse processo da fase oral como sucção sensual, ou seja, após a amamentação, quando adormecem, as crianças manifestam uma expressão de bem-aventurada satisfação que se repetirá na vida adulta após a experiência do orgasmo sexual. Nessa fase, a criança encontra prazer quando as áreas da boca e dos lábios são excitadas, logo ela aprende a diferenciar a condição do prazer encontrado da condição de se alimentar. Freud (1916/2018) salienta que o ato de sugar o seio materno marca o ponto de partida de toda a vida sexual do sujeito e é para onde ele retorna, por meio de sua fantasia, quando sente necessidade. Ele nos assevera que essa fase apresenta características essenciais da sexualidade infantil que surgem das principais necessidades orgânicas e partem para o autoerotismo, em que a criança passa a procurar objetos de satisfação em seu próprio corpo.

A segunda fase pré-genital, sádico-anal, é caracterizada, segundo a teoria freudiana, como uma fase em que se encontra presente o antagonismo que permeia a vida sexual como

ativo e passivo. Ele trata a atividade produzida pelo instinto como apoderamento, por meio do qual, a musculatura do corpo da mucosa intestinal erógena, apresenta-se como órgão, com meta sexual passiva. De acordo com o psicanalista, algumas especificidades dessa fase se destacam como: as duas tendências (ativo e passivo), que apresentam em relação aos objetos; a polaridade sexual; e o objeto externo, porém ainda não manifestam a organização e a subordinação à função reprodutiva.

Além das duas fases já citadas, temos a fase fálica em que a criança introduz questões referentes à preocupação com a sua origem. Essa curiosidade pode se manifestar precocemente antes dos três anos de vida. Na *Conferência XX – A vida sexual humana*, Freud (1916/2018) aponta que a preocupação da criança ainda não se dá devido à diferença anatômica, porque ela atribui a genitália masculina a ambos os sexos. Apenas no contato com outras crianças, ou com o nascimento de irmãos de sexo oposto, ocorre o confronto com o outro sexo. A menina constata a presença elementar do pênis. Essa constatação pode se dar no contato com outras crianças ou observando a genitália do irmãozinho mais novo. O menino, entretanto, confronta-se com a ausência do pênis na menina e resiste, a princípio, à ideia dessa ausência, encontrando justificativas como um crescimento do membro na menina num futuro vindouro. A curiosidade sexual apresenta-se com recorrência no discurso dos pequenos e comumente é introduzida a partir da indagação sobre a origem dos bebês. Na tentativa de responder a essa indagação, a criança alimenta algumas teorias que possam responder à sua incógnita. Entre as teorias criadas pelas crianças está a teoria da cloaca, como encontramos definida por Freud em *Cinco Lições de Psicanálise* (1910/2013). Nessa teoria, a criança acredita que o órgão masculino predomina tanto no sexo masculino quanto no feminino e que as crianças são geradas a partir da alimentação, que são introduzidas pela boca e que vêm ao mundo pelo ânus. Além disso, o ato sexual é percebido como hostil e como um ato de subjugação. Assim, até os homens poderiam ter filhos, pois com a teoria da cloaca, a participação do pai, que também tem direitos sobre a criança, é explicada uma vez que este poderia gerar bebês. Todo esse processo marca o início da vivência sexual do ser humano. A criança, porém, não possui conhecimento suficiente para compreender que esse movimento a potencializará futuramente ao utilizar sua genitália para encontrar a satisfação sexual direcionada à reprodução. A criança não permanece estática diante dessa ignorância.

Para o autor, a ambivalência é caracterizada pelos pares de instintos opostos que se acham desenvolvidos de modo aproximadamente igual. Freud (1905/2016) afirma que a

ambivalência dessa forma de organização sexual pode manter-se através da vida e atrair permanentemente grande parte da atividade sexual. O sadismo e o papel da cloaca da zona anal são predominantes, emprestando um cunho singularmente arcaico. O autor ressalta

a única diferença está em que na infância a reunião dos instintos parciais e sua subordinação, sob o primado dos genitais, ou não são obtidos ou o são muito imperfeitamente. O estabelecimento desse primado a serviço da reprodução e, portanto, a última fase percorrida pela organização sexual (Freud, 1905/2016, p. 110).

Freud (1905/2016) esclarece que a escolha de objeto ocorre em dois tempos: entre os dois e os cinco anos, sendo interrompido pelo período de latência, apresentando metas sexuais distintas pela natureza infantil, e o segundo tempo apresenta uma configuração definitiva e manifesta-se na puberdade. Ele enfatiza que os resultados da escolha infantil de objeto estendem-se até uma época tardia, podendo manter-se conservados ou reavivados na puberdade. O autor revela que, no período de latência, as metas sexuais sofrem uma atenuação como a corrente terna da vida sexual. Os velhos impulsos sexuais dos instintos parciais infantis, agora inúteis, transmutam-se em ternura, coloração e estima.

Segundo o autor, a criança vivencia fases de desenvolvimento sexual que incluem um período de latência. Durante o período de latência são erguidas as inibições sexuais, que, posteriormente, funcionam como entraves para a pulsão sexual, estreitando seu curso e manifestando-se como nojo, sentimento de vergonha, ideais estéticos e morais. Ele toma a educação como um campo propício para construir tais barreiras em crianças civilizadas, bem como não elimina o fator hereditário que pode predispor o sujeito organicamente ou desenvolver esses entraves sem o auxílio da educação.

Segundo Freud (1905/2016), a formação reativa e a sublimação iniciam sua constituição no período de latência sexual da infância, no qual os impulsos sexuais, que não cessaram, foram desviados do emprego sexual e foram dirigidos para outros fins. O autor argumenta que os impulsos sexuais dos anos de infância possuem um caráter inutilizável, pois as funções reprodutivas dão-se mais tarde. Esses impulsos, que se manifestam na infância, são caracterizados como perversos por serem procedentes de zonas erógenas investidas de pulsões e são causadores de sensações desprazerosas. De acordo com a elaboração freudiana, por causa do desprazer, impulsos reativos são despertados para suprimir a insatisfação, constituindo as represas psíquicas mencionadas como nojo, vergonha e moral. O período de latência é um tempo que se caracteriza por impulsos sexuais sublimados, ou seja, as forças pulsionais sexuais,

quando são sublimadas, desviam-se das metas sexuais para novas metas. Nesse período, entretanto, podem ocorrer rupturas em que a criança vivencia seus impulsos sexuais sem serem desviados para novas metas. Essas rupturas correspondem a fragmentos de manifestação sexual que se furtaram à sublimação.

Ainda conforme Freud (1905/2016), as interrupções do período de latência, em que a criança apresenta alguma manifestação da vida sexual podem ser notadas pelos educadores e encaradas sob a perspectiva moral. Para o autor, aparentemente, a atividade sexual torna a criança ineducável e ressalta a reação dos educadores como se eles soubessem disso. Os educadores interpretam qualquer atividade sexual da criança como “vícios” (p. 82). Na teoria freudiana, esses fenômenos da sexualidade infantil contribuem para o estudo e esclarecimento da configuração original da pulsão sexual.

Na puberdade, inicia-se uma nova corrente sensual, em que os objetos sexuais infantis são renunciados, o que tem como consequência a impossibilidade de alcançar o ideal da vida sexual de unir todos os desejos num só objeto. Freud (1905/2016) intencionando rastrear as origens da pulsão sexual retoma os passos que levam à excitação sexual como a imitação de uma satisfação experimentada com outros processos orgânicos, a adequada estimulação periférica de zonas erógenas, expressão de alguns instintos, como a pulsão de olhar e a pulsão de crueldade. O autor esclarece que a pesquisa psicanalítica que remonta à infância possibilita a indicação de outras fontes regulares de excitação sexual. Ele considera que o conhecimento adquirido sobre as zonas erógenas, que apontam para um aumento da excitabilidade da superfície da pele, possibilita certos tipos de tratamento, por meio de estímulos térmicos, que viabilizam o efeito terapêutico dos banhos quentes, por exemplo.

Ao tratar do tema das excitações mecânicas, o autor articula a ideia de produção de excitação sexual, proporcionada por sacudidelas mecânicas ritmadas do corpo que levam à estimulação do aparelho sensorial dos nervos vestibulares e em partes como músculos e estruturas articulares, o que explica as sensações de prazer experimentadas pelas crianças que adoram brincadeiras que envolvem movimento, como balanço e levantadas no ar e solicitam repetição. Ele relaciona diversos exemplos que incluem movimentos de ser transportada com um simbolismo refinadamente sexual. Freud (1905/2016) ressalta que, sob efeito da repressão, pode transformar preferências infantis em seu contrário, é possível que indivíduos adolescentes ou adultos experimentem sensações de náuseas a balanços e sacudidas, bem como podem manifestar exaustão ou ataques de angústia em viagens. Essas manifestações demonstram uma

busca por proteção da experiência dolorosa e afastamento da possibilidade de vivenciá-la. O autor acrescenta que, diante do terror associado a sacudidas mecânicas, pode ocorrer a produção de grave neurose traumática histeriforme ou surgir profunda perturbação do mecanismo ou química sexual, quando se manifesta num grau elevado. A respeito da atividade muscular, Freud (1905/2016) destaca sua importância como caminho para o prazer da criança. O autor relaciona a atividade muscular com satisfação sexual e a potencialização da excitação sexual e afirma que “o prazer com sensações de movimento passivo é de natureza sexual ou tem efeito excitante” (p. 114). Ele menciona o exemplo de excitação dos genitais experimentada por pessoas que lutam ou brigam com companheiros de brincadeiras que podem proporcionar o contato com a pele do oponente. As disputas físicas e verbais com determinadas pessoas podem indicar que elas encarnam o objeto sexual do indivíduo. A pulsão sádica tem sua raiz na promoção da excitação sexual por meio da atividade muscular e algumas pessoas podem manifestar de forma determinante a articulação entre a luta corporal e a excitação sexual provenientes do período infantil.

Outra fonte da sexualidade infantil são os processos afetivos, tratados na teoria freudiana, que podem ser transportados para a sexualidade e proporcionar o conhecimento ampliado “do efeito patogênico de tais emoções” (p. 116). O autor estabelece que certos desconfortos apresentados pela criança em idade escolar podem significar a irrupção de manifestações sexuais, como a estimulação ao toque dos genitais, bem como a poluição. Esse desconforto pode ser proveniente do pouco conhecimento da sexualidade pelas crianças. O desconforto reservado pela criança se preserva no adulto por meio de afetos como angústia, apavoramento, estremecimento. Os indivíduos podem buscar experiências que levam a esse tipo de efeito proporcionado pelo acesso à imaginação, que amortece a sensação de prazer, como livros e teatro. Ele supõe que as sensações dolorosas intensas, atenuadas sob determinadas condições, proporcionam um efeito erógeno e compõe a raiz da pulsão masoquista.

O trabalho intelectual também é destacado por Freud (1905/2016) como o esforço mental envolto na concentração, o que acarreta uma excitação sexual que pode culminar em transtornos nervosos relacionados ao excesso de trabalho mental. O autor resume as fontes da sexualidade infantil como a excitação direta ou indireta das zonas erógenas, a qualidade dos estímulos, mediado pela intensidade, principalmente, no caso da dor. Ele amplia a relação dessas fontes com as pulsões parciais da sexualidade que derivam de fontes internas ou

compõem-se de contribuições de fontes de zonas erógenas. Freud (1905/2016) enfatiza que “é possível que no organismo nada ocorra de significativo que não forneça componente para a excitação da pulsão sexual” (p. 118).

Em relação às diversas constituições sexuais, o autor vienense assevera que as fontes provenientes das zonas erógenas podem manifestar-se com maior ou menor intensidade em todos os indivíduos, o que permite observar as diferentes constituições sexuais. Em nota acrescentada em 1920, Freud (1905/2016) apresenta como consequência das fontes da sexualidade infantil, o erotismo presente nos indivíduos que se manifesta como oral, anal, uretral, o que não implica em uma anormalidade. Segundo o autor, a diferença entre normal e patológico pode manifestar-se “na força relativa de cada componente da pulsão sexual e na utilização que deles é feita no curso do desenvolvimento” (p. 119).

3.1.3 A PESQUISA SEXUAL INFANTIL

Freud, em *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908/2018), afirma que os neuróticos não possuem um conteúdo psíquico peculiar e exclusivo, entretanto apresentam adoecimento como consequência dos complexos contra os quais pessoas sadias conseguem lutar. O autor assevera que as pessoas sadias conseguem dominar os complexos sem danos graves. A repressão desses complexos nos doentes dos nervos, entretanto, pode realizar-se “ao preço de custosas formações substitutivas, portanto, ela praticamente fracassa” (p. 97). Ele assegura que no período da infância tanto os doentes dos nervos quanto pessoas normais demonstram vivências parecidas, mas na vida adulta os neuróticos apresentam uma constituição que inclui uma pulsão sexual particularmente intensa e podem manifestar um amadurecimento precoce, bem como apresentam uma atividade sexual infantil que permite uma observação nítida.

De acordo com a teoria freudiana, o conhecimento sobre as teorias sexuais infantis auxilia na concepção das próprias neuroses. Para o psicanalista, o quadro clínico neurótico apresenta uma vigência das teorias sexuais infantis e manifestam sintomas que trazem em sua configuração uma determinada influência dessas teorias. Freud (1905/2016) lembra que a pulsão de saber e sua manifestação concomitante ao florescimento da vida sexual corresponde ao período dos três aos cinco anos de idade. O autor não relaciona essencialmente a pulsão de saber à sexualidade, mas considera como significante a intensa curiosidade das crianças pelos problemas sexuais na mais tenra infância. Ele define a pulsão de saber como uma ação

correspondente a uma forma sublimada de apoderamento, que trabalha também com a energia do prazer de olhar.

Freud (1905/2016) esclarece que o interesse da criança na pesquisa sexual apresenta uma natureza prática. Para ele, a curiosidade da criança pode ser despertada por ameaças à sua condição de existência, a vinda suposta ou sabida de uma criança, bem como o temor de perder cuidados e amor. O autor coloca o enigma ‘de onde vêm as crianças?’ como ponto de partida da pulsão de saber na infância. O psicanalista vienense identifica essa questão sobre sua origem com o enigma da Esfinge de Tebas². Para ele, a existência dos dois sexos, a princípio, não traz grandes questionamentos aos meninos, pois eles pressupõem que todas as pessoas que conhece têm um genital como o seu. Segundo a teoria freudiana, a criança resiste em acreditar na diferença biológica justificando por meio da lógica que supõe que há o mesmo genital em todas as pessoas. O menino reconhece o clitóris feminino como um genuíno substituto do pênis. A menina, ao reconhecê-lo, contudo, é vencida pela inveja do pênis que culmina no desejo de também ser um garoto. De acordo com Freud (1905/2016), a resistência do menino justifica o tenaz adiamento da evidência que não tarda a apresentar-se com o complexo de castração, por meio do qual, ele considera a possibilidade de perder seu pênis ao constatar a ausência no sexo feminino.

Em *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908/2018), o autor afirma que, tardiamente, se manifesta em sonhos de adultos a representação da mulher com pênis. O autor relata como conteúdo do sonho um contexto em que, o homem, em sua excitação noturna, joga a mulher no

2. A Esfinge de Tebas foi o nome dado ao monstro que afligia as estradas da cidade de Tebas. A Esfinge, segundo o mito de Sófocles, era um monstro composto pela parte superior de uma mulher e pela parte inferior de um leão e ficava sentada em cima de um rochedo do qual observava os passantes. A cada pessoa que passava, a Esfinge lançava seu enigma. Como ninguém desvendava o enigma, a Esfinge devorava todos. De acordo com o mito, apenas Édipo conseguiu vencer o desafio proposto pela Esfinge, que se compunha da seguinte forma: Qual é o animal que de manhã anda com quatro pés, à tarde com dois e à noite com três? A esse enigma, Édipo responde, que o homem era a resposta. O homem, que engatinha na infância, anda ereto na juventude e com ajuda de um bastão na velhice. Ao ver decifrado seu enigma, a Esfinge atira-se do alto do rochedo e morre. O personagem Édipo, pertencente ao mito de Sófocles, vive um drama familiar na história entre Laio e Jocasta. No mito, Laio foi advertido pelo oráculo que poderia perder sua vida e seu trono caso seu filho recém-nascido, Édipo, crescesse. Então, Laio entrega o filho a um pastor para que seja morto. O pastor, entretanto, não cumpre a ordem por pena e pendura a criança pelos pés num galho de árvore. A criança foi encontrada por um camponês, que a levou a seus patrões, que resolveram adotá-lo. Quando já estava crescendo, Édipo encontra Laio, seu pai biológico, numa estrada e por um desentendimento entre os dois, mata-o. Assim, Édipo torna-se o assassino involuntário de seu pai. O encontro de Édipo com a Esfinge deu-se pouco depois desse fato e, ao decifrar o enigma da esfinge, Édipo passa a ser tomado por herói pelo povo de Tebas, que o fazem seu rei, dando-lhe a rainha Jocasta em casamento. E por um destino inconsciente de Édipo, ele mata o pai e se casa com sua mãe. Isso provoca o assolamento de uma peste em Tebas. Ao tomar consciência do sucedido, Jocasta se mata e Édipo enlouquece, fura os olhos e foge de Tebas, sendo cuidado por suas filhas até que se finda sua vida (Barbosa, 2014). O complexo de Édipo dá-se na fase fálica.

chão, tira sua roupa e ao preparar-se para o coito, depara-se com a visão do membro plenamente formado em lugar dos genitais femininos, e então o sonho é interrompido, bem como a excitação. Outra consequência relevante apontada, pelo autor, é a escolha sexual de um homem normal, que apresenta uma fixação da representação da mulher com o pênis. Este homem torna-se homossexual, procurando seus objetos sexuais entre os homens, que apresentam características somáticas e psíquicas que lembram a mulher. A mulher real pode tornar-se até mesmo repugnante ou impossível para esse indivíduo, dependendo das impressões da infância. A impressão que pode provocar repugnância em relação a mulher no futuro envolve o temor da castração, quando o menino é ameaçado por tocar em seus próprios genitais, levando a uma supervalorização do membro e ao horror provocado ao deparar-se com a genitália da mulher e percebê-la como mutilada.

Freud (1908/2018) chama a atenção para a consideração científica sobre o clitóris da mulher, que pode ser considerado como o pênis feminino, confirmando a genialidade das teorias sexuais infantis, as quais apresentam em algum grau uma conexão com a realidade. A teoria anatômica e fisiológica, que envolve o clitóris da menina, afirma que, na infância da mulher, esse pequeno membro comporta-se com um legítimo pênis, o qual, quando excitado, confere à menina um caráter sexual masculino que é abandonado com o recalçamento no futuro. De acordo com o autor, na vida adulta, algumas mulheres apresentam uma atrofia em sua função sexual, seja por apegarem-se ao prazer do clitóris, seja por excesso de recalçamento, levando a uma formação histérica substitutiva.

A teoria elaborada por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), aborda as suposições sobre o nascimento e recolhe hipóteses que aparecem no discurso de crianças e pacientes adultos em análise. Entre as possibilidades apresentadas pelas crianças para a origem dos bebês está: “eles saem do peito, ou são extraídos do ventre com uma incisão, ou o umbigo se abre para deixá-los passar (...) Os bebês são concebidos quando se come algo específico (como nas fábulas), e nascem pelo intestino, como as fezes” (p. 105). O autor afirma que essas teorias apresentam inspiração no reino animal, principalmente, quando faz referência a cloaca das espécies abaixo dos mamíferos.

Em *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908/2018), Freud declara que a preservação da teoria cloacal do nascimento na consciência de doentes mentais provoca uma revivência da teoria sobre a origem das crianças que repete os contos de fadas, nos quais ao comer determinada coisa, concebe-se uma criança. A maníaca também pode considerar seus

excrementos como um ato de dar a luz a uma criança. Como nos apresenta o autor, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), a criança pode conceber o ato sexual com um mau tratamento ou algo que envolve sujeição com tendência sádica. As crianças também podem explicar, segundo o autor, o casamento como execução de atividades em comum proporcionadas pela função de urinar ou defecar. Ele entende o típico malogro da pesquisa sexual infantil como algo que pode influenciar e prejudicar duradouramente a pulsão de saber.

Em *Sobre as teorias sexuais infantis* (1908/2018), o autor esclarece possíveis consequências da percepção da criança sobre elementos que confirmem parcialmente suas teorias sobre o ato sexual como mau tratamento, como a descoberta de manchas de sangue na cama ou nas roupas da mãe, provenientes do período menstrual. Esse mal-entendido, quando fixado, pode explicar o “horror a sangue” dos doentes dos nervos (p. 108). As teorias sobre a natureza do casamento também são apresentadas como importantes na sintomatologia dos adoecimentos neuróticos posteriores. Segundo o autor, a princípio essas teorias são representadas nos jogos infantis, nos quais o que a criança faz com a outra significa o que é estar casado e, mais tarde, a forma de expressão infantil sobre estar casado pode constituir-se no desejo de estar casado e culminar em uma fobia ou sintoma correspondente.

Freud, em *Esclarecimento Sexual das Crianças* (1907/2006), afirma que um recém-nascido já vem ao mundo com a sua sexualidade e poucas crianças alcançam a puberdade sem ter experimentado sensações e atividades sexuais. Ele ainda garante que a principal diferença com a puberdade é que o púbere tem seu erotismo forçado a colocar-se a serviço da função reprodutora, concedendo aos genitais a primazia entre todas as zonas e fontes produtoras de prazer. A criança, no entanto, antes da puberdade é capaz de ser terna, enciumar-se e dedicar-se, ou seja, ela é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor. Sendo assim, a ignorância teórica que leva os adultos a ocultar os assuntos sexuais das crianças se deve a uma pudicícia e má consciência destes em relação a assuntos sexuais, o que apenas contribui para criar um mistério diante das crianças. O autor aponta que essa atitude dos adultos leva as crianças a fragilizar a confiança que depositam nos pais e passam a esconder deles seus interesses mais íntimos. Quando a intimidação religiosa é usada para reprimir, podem levar crianças com naturezas mais fortes a resistir e tornarem-se rebeldes à autoridade dos pais e, mais tarde, resistirão a qualquer autoridade. As perguntas não respondidas podem se tornar aflitivas e atormentar as crianças em segredo, levando-as a procurar soluções que se aproximem

de explicações falsas e furtivas, o que pode fazer com que entendam o sexo como horrível e nauseante.

Ainda em *Sobre teorias sexuais infantis* (1908/2018), Freud apresenta um exemplo em relação às teorias apresentadas às crianças pelos adultos, utilizando a teoria da cegonha. Ele comenta que as crianças, ao constatarem o malogro da teoria da cegonha, desconfiam dos adultos e prosseguem em segredo com suas investigações sexuais. O autor assevera a possibilidade desse contexto provocar no indivíduo um primeiro conflito psíquico que opõe o interesse investigativo pela questão sexual, representado pela criança e que o adulto desaprova, às teorias inventadas pelos adultos, que a criança não aceita. O psicanalista defende que esse conflito psíquico cria as condições propícias do complexo nuclear da neurose, estabelecendo uma cisão psíquica (*Spaltung*), na qual a criança encontra dois caminhos. Um dos caminhos oferece a possibilidade do “bom comportamento” e ausência de reflexão, que se mantém consciente. Outro caminho possível é o trabalho de investigação conduzir a conclusões que não podem ser verificadas, momentaneamente, e tornam-se “reprimidamente inconscientes” (p. 100).

Figuerola (2014) alega que a teoria freudiana sobre a sexualidade contribuiu de forma determinante para a concepção que temos sobre o assunto na atualidade. Com a obra de Freud, a sexualidade apresenta-se com uma significação antropológica e é compreendida como base das motivações humanas. As diversas manifestações da sexualidade permitem a apreensão de diferentes configurações mentais, levando ao entendimento do impulso sexual presente desde o nascimento. O autor destaca que em Freud o indivíduo é percebido a partir da condição de sexuado e não apenas um portador do sexo. O psicanalista descobriu que a sexualidade era a principal causa dos retratos psicológicos, desafiando a psiquiatria tradicional. A teoria psicanalítica apresentou uma nosologia original, baseada na etiologia, distinguindo-se da nosologia até então conhecida fundamentada na sintomatologia.

Pereda (2015) defende em seu texto, que a sexualidade abordada por Freud, a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) demonstra um sujeito que constrói sua subjetividade por meio do contato com o outro que envolve o alimento (comer) e a sexualização. Ela afirma “come o que ele ama, desde que o outro é oferecido em um presente de amor” (Pereda, 2015, p. 95). Essa agressão implícita pode ser reconhecida em experiências de ciúmes, rivalidades e morte, que pertencem ao psíquico estruturado de forma narcisista. A autora relaciona ao narcisismo também as pesquisas sexuais e o possível desfecho de um não sabido

inconsciente. Pereda (2015) interpreta o desejo de conhecimento da criança como uma busca por respostas universais para a questão do inconsciente do outro e a proibição diante desse conhecimento pode deixar vestígios. O querer conhecer também envolve um não ser capaz de saber sobre a morte e a castração, o que cria uma tensão na não resolução. A autora declara que a dialética entre saber e não saber sobre a castração e a morte, envolve o risco de narcisismo, pois enfrenta a incerteza do sabido- não sabido inconsciente possíveis efeitos sintomáticos.

Abordamos a perspectiva freudiana sobre a sexualidade na infância e sua interface com os traços infantis produzidos como consequência desse período. Freud descreve manifestações, atos, satisfações autoeróticas, erógenas e endógenas, bem como teorias sexuais e escolhas objetais das crianças. Ele deixa claro que todo esse dinamismo não se dá sem marcas ao longo da vida do sujeito e podem determinar diversos aspectos e escolhas do indivíduo no *a posteriori*, como suas satisfações sexuais, intelectualidade, traumas e seus derivados, como os sintomas e comportamentos. A seguir trataremos da relação da fantasia com o psiquismo infantil, bem como das consequências dessa relação em fenômenos psíquicos conscientes e inconscientes e quadros de adoecimento neurótico.

3.2 O INFANTIL E A FANTASIA

Freud expõe em diversas passagens a participação das fantasias e da sexualidade infantil na manifestação e constituição dos fenômenos psíquicos, bem como estabelece uma associação entre as vivências infantis e a maneira como os sinais desse período permanecem ao longo da vida. A fantasia aparece na teoria freudiana como resultado da modificação de uma recordação por alguns mecanismos psíquicos. Ela surge para compensar uma insatisfação do sujeito, de forma que a fantasia é criada para conviver com a realidade de forma mais aceitável. As fantasias podem ser diurnas ou oníricas, sendo que as diurnas podem fazer parte dos sonhos, quando recalçadas. Elas também podem estar presentes em outras manifestações, nas quais elementos inconscientes retornam como nos sintomas e sonhos. Esse aspecto psíquico acompanha toda a vida do indivíduo, podendo fazer-se mais ou menos presente na realidade psíquica. A proporção de fantasia que se apresenta na realidade do sujeito pode representar um nível de adoecimento. Esse conceito que ora apresentamos resumidamente será extensamente discutido adiante.

3.2.1 MANIFESTAÇÕES DE CONTEÚDO IDEATIVO NA INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E FENÔMENOS PSÍQUICOS

Um aspecto relevante, apontado por Freud, é a presença no psiquismo infantil de um conteúdo que condensa fantasias e materiais sexuais e afetivos infantis, provenientes de experiências vividas pela criança anteriormente e transformadas através de mecanismos psíquicos. Segundo o autor, a criança, mesmo de tenra idade, apresenta elaborações fantasiosas, a partir de recordações distorcidas de conteúdos vivenciados em sua infância mais precoce. Para Freud, em *O Romance Familiar do Neurótico* (1909/2015), a criança pequena considera seus pais, inicialmente, como a única autoridade, bem como o modelo que acreditam comparar-se futuramente. O desejo que a criança sustenta mais intensamente na infância é ser grande como o pai ou mãe e esse desejo, segundo o autor, é o que apresenta as mais graves consequências. À medida que amadurecem, as crianças tomam outras pessoas como parâmetro, compreendendo que seus pais não são únicos e incomparáveis como pensavam. De acordo com o autor, o sentimento de insatisfação experimentado pela criança, os impulsos de rivalidade sexual, além do sentimento de ser preterido, favorecem o posicionamento crítico das crianças e levam-nas a manifestar preferência por outros pais em vários aspectos.

Freud (1909/2015) enfatiza as situações nas quais a criança sente-se preterida, quando sente que não recebe todo o amor dos pais, precisamente quando os pais dividem esse amor com os irmãos. Segundo o autor, quando a criança sente que seus afetos não são correspondidos, alimentam a ideiação da primeira infância de perceberem-se como um enteado ou um filho adotado. A resposta ao comportamento hostil dos pais apresenta influência do sexo, pois o menino alimenta mais sentimentos hostis em relação ao pai e menos em relação à mãe e a atividade fantasiosa na menina, entretanto, mostra-se mais fraca. Após o afastamento dos pais, os devaneios surgem como um exemplo da atividade imaginativa especial que, inicialmente, manifesta-se nos jogos infantis e, posteriormente, a partir da pré-puberdade, apodera-se do tema das relações familiares. Ele aponta que os devaneios servem à realização de desejos e à correção da vida e apresentam como objetivos: a perspectiva erótica e a ambiciosa. A perspectiva ambiciosa pode revelar também um caráter erótico.

As fantasias infantis, nesse estágio do romance familiar, segundo a teoria freudiana, apresentam como conteúdo a substituição dos pais que lhes causam insatisfação por outros mais abastados financeiramente. Num segundo estágio, quando a criança distingue as funções sexuais do pai e da mãe, ela compreende que o pai, enquanto genitor, pode ser incerto, enquanto à mãe não cabe dúvida. De acordo com Freud (1909/2015), essas fantasias infantis dizem respeito a conteúdos romanescos. As substituições dos genitores promovidos pela fantasia da

criança, na verdade eleva a figura dos pais e busca traços semelhantes entre os pais e os genitores substitutos. Para o autor, a criança cria essa substituição imaginária, devido a um saudosismo do tempo em que percebia os pais como criaturas elevadas, fortes e adoráveis. Ele afirma que a superestimação infantil dos pais também é conservada nos sonhos do adulto normal.

Dando sequência ao desenvolvimento infantil descrito até agora, apresentamos os relatos sobre a adolescência. De acordo com a concepção freudiana, na adolescência ocorre uma reedição de fantasias da infância do sujeito, principalmente, no conteúdo referente à sexualidade, como podemos notar quando o autor faz observações em relação à masturbação. De acordo com Freud, em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (1909/2013), a masturbação na puberdade é uma reedição da masturbação infantil, que ocorreria principalmente no período da vida da criança de 3 a 5 anos. Segundo o autor, essa fase constitui o período em que a sexualidade da criança mostra-se mais expressiva e na qual se pode encontrar a origem das neuroses posteriores. Ele ressalta que a masturbação representa a descarga de diversos componentes sexuais e de fantasias agregadas a eles. Para o autor, em grande parte, a masturbação coincide com a significação patogênica da vida sexual, ou seja, pode-se encontrar indivíduos que toleram sem danos a masturbação e outros que adoecem por causa de sua sexualidade, não conseguindo suprimir e sublimar os componentes sexuais, produzem inibições e formações substitutivas.

O psicanalista considera o cuidado que se deve ter com a interpretação de conteúdos fantasiosos e chama a atenção para a possibilidade de as lembranças serem substituídas por fantasias, levando o sujeito a acreditar que alguns eventos aconteceram como manifestam-se nas fantasias. Sendo assim, qual a proposta do autor quanto à interpretação das fantasias? No texto *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*, Freud (1909/2013), em nota, comenta sobre ocasiões em que a atividade sexual infantil atinge uma nítida expressão e ocorre alguma situação catastrófica provocada por um acidente ou uma punição. Tais eventos podem retornar nos sonhos e sua interpretação, segundo o autor, exige cuidado, pois não há como evidenciar se tal cena aconteceu. Ele recomenda que a interpretação de tais eventos seja associada às várias versões de tais cenas, que são detectadas na imaginação inconsciente do analisando, muitas vezes, com conteúdos diferentes.

Freud (1909/2013) lembra que as lembranças infantis das pessoas se estabelecem em idade posterior, em geral na época da puberdade, apresentando-se de forma reelaborada. Esse

processo de reelaboração das lembranças infantis é comparado, pelo autor, à formação de lendas de um povo acerca da sua história primitiva. Ele esclarece que o indivíduo transforma as fantasias relativas à sua primeira infância, com o propósito de apagar a lembrança de sua atividade autoerótica, elevando seus traços mnemônicos ao nível do amor objetal. Diante dessa distorção fantasística na reelaboração das lembranças infantis, o psicanalista justifica a “profusão de ataques e seduções nessas fantasias, quando a realidade se limitou à atividade autoerótica e aos carinhos e castigos que a estimularam” (Freud, 1909/2013, p. 68). O autor ressalta que o indivíduo sexualiza suas recordações em suas fantasias sobre a infância; relacionando vivências banais à sua atividade sexual, estende sobre elas o seu interesse sexual. A vida sexual na infância apresenta como peculiaridade o autoerotismo e a formação do complexo nuclear, por meio dos quais a criança vivencia sua sexualidade tomando como objetos, a si mesma ou pessoas próximas, como os pais ou os irmãos. Os sentimentos experimentados pela criança no complexo nuclear são ambivalentes, pois seus impulsos em relação aos pais e irmãos podem manifestar-se como carinhosos ou hostis. Esses sentimentos podem emergir após a chegada de um irmãozinho, por exemplo. As fantasias construídas a respeito desse processo podem sofrer influência dos componentes sexuais dominantes presentes no momento, como a masturbação, e dos mecanismos modificadores futuros, como a censura, resultando em uma porcentagem irrelevante da contribuição das vivências reais, ou seja, as fantasias apresentam em sua construção uma grande porção de conteúdos deformados pelos mecanismos psíquicos e uma pequena parte de recordações de fatos reais. O papel do pai, enquanto rival sexual e perturbador da atividade sexual autoerótica, como agente da censura, constitui em importante evidência da participação da realidade na formação do complexo nuclear infantil, como nos lembra o autor.

A respeito das fantasias infantis, Freud acrescenta, em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910/2013), a relevância das pequenas realidades desse período primordial sobre as quais as pessoas se apoiam esquecendo o resto. Para o autor, os fragmentos relatados como incompreensíveis, que as pessoas acreditam pertencer às lembranças da infância, constituem os traços mais importantes de seu desenvolvimento psíquico. Em *Cinco Lições de Psicanálise* (1910/2013), Freud ressalta a relevância das velhas fantasias e desejos que se tornaram inconscientes na constituição da transferência. Conforme o autor, uma parte da vida emocional do paciente, que não é lembrada, é vivenciada na relação com o médico, evidenciando a existência e o poder dos impulsos sexuais inconscientes. Ele aponta que o médico funciona como um fermento catalítico, que atrai os afetos liberados no processo de

dissolução dos sintomas, procedentes de vivências amorosas anteriores e que sob a temperatura da transferência foram transformados em outros produtos psíquicos. O autor permite entrever que o conteúdo psíquico infantil aparece de forma atemporal na vida do sujeito inclusive na infância e com a maturidade não se torna menos relevante.

3.2.2 O INFANTIL E OS SONHOS

Freud afirma, em *A Interpretação de Sonhos* (1900/1991), que as primeiras lembranças da infância não são mais acessíveis como tais e manifestam-se em fenômenos como a transferência e os sonhos (p. 214). O autor acrescenta, em uma nota agregada em 1909, o sonho que uma paciente relatou no início da análise, o qual revelou, mais tarde, durante o processo, consistir em uma repetição do trauma que deu origem à sua neurose. O conteúdo infantil passa a fazer parte da vida psíquica do indivíduo, quando uma experiência vivenciada pela criança é recalçada. Esse conteúdo pode estar presente em alguns fenômenos, como o sonho, mas na maioria dos casos é imperceptível.

Seguindo o itinerário freudiano, em *A Interpretação de Sonhos - O Material infantil como fonte dos sonhos* (1900/1991), o autor anuncia a peculiaridade do conteúdo do sonho que inclui impressões que remontam à primeira infância e aparentemente mostram-se inacessíveis à memória de vigília. O autor reconhece a dificuldade em determinar a frequência com que essas manifestações ocorrem, pois, a origem desses elementos oníricos não é reconhecida após o despertar. Ele enfatiza que indícios externos possibilitam comprovar que os elementos oníricos em questão são impressões da infância. Os motivos que levaram a uma reprodução de uma impressão específica da infância só podem ser esclarecidos com uma análise. Segundo Freud (1900/1991), os sonhos recorrentes possibilitam o acesso aos elementos da infância sem a necessidade da interpretação. De acordo com o autor, sonhos recorrentes são construções oníricas que se manifestam de tempos em tempos, durante o sono do adulto e são caracterizados por apresentarem a primeira ocorrência na infância. Ele apresenta o exemplo seguinte:

Um médico que já tinha trinta anos me disse que em sua vida dos sonhos, desde os primeiros anos de sua infância até hoje, geralmente apareceu um leão amarelo sobre o qual ele poderia dar a descrição mais precisa. O caso é que ele encontrou um dia este leão, que estava familiarizado em seus sonhos, era um objeto de porcelana há muito esquecido; e o jovem soube por sua mãe que este objeto era o brinquedo favorito de sua infância, do qual ele mesmo não conseguia mais lembrar (Freud, 1900/1991, p. 205).

Em nota, Strachey (Freud, 1900/1991) lembra que Freud afirmou, na primeira edição de *A Interpretação de Sonhos*, que os sonhos, que apresentam como característica fantasias infantis, são de natureza típica e correspondem a conteúdo ideativo, não a recordações. Para Freud, o conteúdo dos pensamentos oníricos, que só a análise permite constatar, bem como os elementos manifestos, contêm experiências infantis. O autor apresenta como exemplo:

O respeitado colega do leão amarelo, após ler o diário de Nansen sobre sua expedição polar, sonhou que estava em um deserto de gelo e aplicava tratamento galvânico ao ousado explorador por causa de uma ciática que o atormentava! Na análise deste sonho recordou uma história de sua infância, sem a qual o sonho permaneceria incompreensível. Quando tinha três ou quatro anos, certa vez, curioso, sobre o que os adultos falavam das viagens de descobrimento, perguntou a seu papai se essa era uma enfermidade grave. Manifestamente havia confundido viagens {*Reisen*}, com reumatismo {*Reissen*}, e o engano o tornou objeto de chacota de seus irmãos, o que determinou que essa vivência vergonhosa não caísse no esquecimento (Freud, 1900/1991, pp. 205-206).

Freud (1900/1991) compreende que, no caso de outro grupo de sonhos, o desejo, bem como sua realização no sonho, origina-se na infância e “encontramos no sonho a criança que segue vivendo com seus impulsos” (p. 206). Para o autor, quanto mais profunda é a análise de um sonho, maior a probabilidade de chegar aos rastros das experiências infantis que funcionaram como fontes do conteúdo latente desse sonho. Ele atenta para o fato da representação das cenas infantis no sonho darem-se por meio de alusão presente no conteúdo manifesto, sendo constatadas a partir da interpretação. Segundo o autor, a falta de provas sobre a ocorrência das cenas infantis de um período da infância bem inicial impede uma maior convicção sobre o conteúdo infantil, pois essas experiências não são reconhecidas como lembranças. O papel desempenhado pelas cenas infantis, em sonhos de pacientes neuróticos são determinados pela natureza da neurose e não pela natureza do sonho.

Em *A Interpretação de sonhos - Sonhos embaraçosos de estar despido* (1900/1991), Freud reitera que a ininteligibilidade do conteúdo do sonho deve-se a uma remodelação destinada a dar sentido à situação. Para o autor, a situação específica, que recebe sentido, é empregada em usos diferentes, privada no processo de seu significado original. Ele justifica a pouca compreensão do pensamento consciente a partir de um segundo sistema psíquico e essa

incompreensão do pensamento consciente resulta em um dos fatores que determinam a forma final assumida pelos sonhos.

A teoria freudiana apresenta diversos exemplos de comportamentos e desejos infantis que podem ser potencializados enquanto conteúdo em fenômenos psíquicos da vida adulta e aparecem encobertos ou distorcidos na vida de vigília. O autor faz uma análise sobre o propósito moralizador do sonho e os desejos proibidos, nos quais, o conteúdo não manifesto diz respeito a desejos proibidos que sofreram recalçamento e baseiam-se em lembranças da mais tenra infância. Ele desenvolve essa ideia tomando como exemplo o comportamento de exibição da nudez na infância, período em que é comum pessoas da família ou estranhos verem crianças nuas ou seminuas e estas não aparentarem sentir-se intimidadas. Para Freud (1900/1991), as crianças manifestam o desejo de se exibirem, o que pode manifestar-se de modo diferenciado em três categorias psíquicas, tais como: na neurose, representando um importante papel na infância, quando ocorre uma exposição ao sexo oposto; na paranoia, quando esse elemento aparece no delírio de sentir-se observado ao vestir-se e despir-se; e na perversão, quando esse impulso infantil pode alcançar o nível de um sintoma, o exibicionismo.

Freud (1900/1991) considera que o período de desinibição vivido na infância corresponde ao Paraíso e reitera que o próprio Paraíso pertence a uma fantasia grupal da infância do indivíduo. Para justificar essa suposição, o autor descreve o Paraíso bíblico como um período anterior ao despertar da vergonha e inibição, no qual a humanidade desfrutava da nudez no Jardim do Éden, sem que um sentisse vergonha na presença do outro. Ele ressalta que após o despertar da vergonha e da angústia, a humanidade foi expulsa do Paraíso, levando ao início da vida sexual e das tarefas da atividade cultural. Segundo o autor, esse Paraíso é reconquistado toda a noite em nossos sonhos, como sonhos de exibição, repetindo as impressões da primeira infância como equivalência à realização de um desejo.

Freud apresenta alguns exemplos de sonhos que contêm lembranças infantis que são percebidas, inicialmente, mas quando esses sonhos são interpretados possibilitam o reconhecimento dessas recordações. Os sonhos descritos a seguir referem-se ao conteúdo que seus pacientes relataram em análise, bem como apresentam a interpretação realizada por Freud a respeito deles. A fantasia aparece como um fenômeno psíquico permeado de conteúdo infantil e essa constatação surge como uma das maiores consequências do trabalho elaborado por Freud, após o abandono da teoria da sedução. O caminho percorrido pelo autor por meio da análise dos sonhos esclarece o complexo mecanismo de construção e funcionamento da fantasia.

Freud, em *A Interpretação de sonhos - Os meios de representação nos sonhos* (1900/1991), expõe os possíveis disfarces que podemos utilizar quando relatamos um sonho. De acordo com o autor, as explicações a respeito de um sonho ou os comentários aparentemente inocentes a seu respeito servem para disfarçar parte do que foi sonhado, embora, distorcendo-o. Ele apresenta o seguinte exemplo:

Um rapaz teve um sonho muito claro que o fez recordar-se de algumas fantasias de sua meninice que haviam permanecido conscientes. Sonhou que era noite e que ele se encontrava num hotel, numa estação de veraneio. Confundiu o número de seu quarto e entrou num outro em que uma mulher madura e suas duas filhas estavam se despindo para dormir. Prosseguiu ele: “Aqui existem umas lacunas no sonho, alguma coisa está faltando. Finalmente, havia um homem no quarto que tentou me expulsar e eu tive de entrar numa luta com ele”. O sonhador fez esforços inúteis para recordar a essência e o tema da fantasia infantil a que o sonho evidentemente fazia alusão, até que, por fim, surgiu a verdade de que aquilo que ele estava procurando já se encontrava em seu poder, em seu comentário sobre a parte obscura do sonho. As “lacunas” eram os orifícios genitais das mulheres que estavam indo dormir, e “alguma coisa está faltando” descrevia o espectro principal dos órgãos genitais femininos. Quando rapaz, ele tivera uma ardente curiosidade de ver os órgãos genitais de uma mulher e estivera inclinado a sustentar a teoria sexual infantil segundo a qual as mulheres possuem órgãos masculinos. (Freud, 1900/1991, pp. 357-358)

Freud destaca as possíveis representações que aparecem nos sonhos, em alguns casos, fazendo referência ao conteúdo de ordem sexual, nos quais nota-se a manifestação de conteúdo infantil. De acordo com o autor, a interpretação desses sonhos pode remeter a uma percepção sobre a sexualidade na infância. Nas ideias freudianas, o conteúdo manifesto ou latente do sonho pode apresentar-se sob forte influência e constituição de elaborações fantasiosas diurna, onírica, consciente e inconsciente, permeadas de conteúdo infantil. Em *A Interpretação dos sonhos - Representação por símbolos nos sonhos – outros sonhos típicos* (1900/1991), Freud analisa os símbolos que podem representar os órgãos genitais nos sonhos. Para o autor, alguns símbolos designam um dos sexos, frequentemente, e outros símbolos representam apenas o órgão masculino ou feminino. A representação presente nos sonhos e fantasias inconscientes, na qual, alguns símbolos sexuais são reconhecidos de forma bissexual, trai uma característica arcaica, que considera a perspectiva infantil que não diferencia os órgãos genitais e a mesma genitália é atribuída a ambos. Como um exemplo de representação simbólica de órgãos genitais nos sonhos, Freud (1900/1991) apresenta um chapéu como símbolo de um homem (ou dos órgãos genitais masculinos, presente no sonho de uma jovem que sofria de agorafobia, causada por medos de sedução. O autor descreve:

Eu ia andando pela rua, no verão, usando um chapéu com uma parte central que estava virada para cima e as partes laterais pendiam para baixo (a descrição tornou-se hesitante neste ponto), de tal modo que um lado estava mais baixo que o outro. Eu estava alegre e com um espírito autoconfiante e, ao passar por um grupo de jovens oficiais, pensei: nenhum de vocês pode me fazer mal algum (Freud, 1900/1991, pp. 393-394).

Freud (1900/1991) apresenta como interpretação desse sonho, a compreensão do “chapéu como um órgão genital masculino, com sua parte central erguida e as duas partes laterais pendentes” (p. 394). O autor interpreta o sonho sob a perspectiva de uma expressão alemã *‘Unter die Haube Kommen* (achar um marido – na tradução literal significa ‘entrar debaixo da touca’). Freud (1900/1991) acrescenta que, no sonho, a paciente não teme os oficiais, bem como não sente que deseja algo deles, devido ao fato de ser casada com um marido com órgãos genitais tão bons. A paciente se sentia insegura em sair de casa sozinha por uma fantasia de ser seduzida.

O autor relata que a paciente se mostrou resistente à interpretação, não admitindo que descreveu que as duas partes laterais do chapéu estavam penduradas. Segundo Freud (1900/1991) após um momento de silêncio, a paciente perguntou sobre o significado da diferença entre os testículos do marido, sendo um mais caído do que o outro. Ela também questiona se esse caimento desigual entre os testículos acontecia em todos os homens e após a confirmação do psicanalista a interpretação foi aceita pela paciente. Em sonhos, nos quais o conteúdo é depreciado por sentimento de asco e nojo, segundo Freud, ocorreu uma distorção provocada pela ação da censura. Para o autor, a censura pode resultar da elaboração fantasiosa que reúne fragmentos de recordações com um julgamento que já se encontra desenvolvido na concepção psíquica do sujeito.

A censura mostra-se, na teoria freudiana, como um instrumento significativo que encobre o conteúdo infantil presente nas fantasias oníricas ou diurnas. Freud (1900/1991) ressalta que a censura exerce influência sobre os pensamentos oníricos a partir de material psíquico selecionado. Segundo o autor, esse mecanismo psíquico age transmutando a fachada do sonho, mas, em alguns casos, ela encontra um material pronto para ser usado, que constitui o que ele chama de fantasia. A fantasia é a precursora dos sintomas histéricos, em sua maioria. Ele afirma “os sintomas histéricos não estão ligados a lembranças reais, mas a fantasias construídas com base em lembranças” (Freud 1900/1991, p. 524). De acordo com o autor, além

das fantasias conscientes existem as fantasias inconscientes originadas do material recalcado. As fantasias e os sonhos apresentam as mesmas propriedades como ter sua fundamentação na realização de desejos, baseiam-se em impressões de experiências infantis, bem como beneficiam-se, algumas vezes, do fracasso da censura. O psicanalista atribui ao desejo e sua motivação a construção do material e seu arranjo e considera que as lembranças infantis compõem a estrutura sobre a qual está alicerçada a fantasia. A função de elaboração secundária transforma determinado material, dando-lhe a forma de sonho diurno e quando esse conteúdo se encontra formado é introduzido no sonho. Freud (1900/1991) acrescenta que alguns sonhos são frutos da repetição de uma fantasia diurna que possa ter permanecido inconsciente e apresenta-se de forma condensada a outras fantasias.

Freud, em *A Interpretação de sonhos – Regressão* (1900/1991), afirma:

Se agora tivermos presente o enorme papel desempenhado nos pensamentos oníricos pelas experiências infantis ou pelas fantasias nelas baseadas, a frequência com que os fragmentos delas ressurgem no conteúdo do sonho, e quão amiúde os próprios desejos oníricos derivam delas, não poderemos descartar a probabilidade de que, também nos sonhos, a transformação dos pensamentos em imagens visuais seja, em parte, resultante da atração que as lembranças expressas sob forma visual e ávidas de uma revivescência exercem sobre os pensamentos desligados da consciência e que lutam por encontrar expressão. Desse ponto de vista, o sonho poderia ser descrito como substituto recente. A cena infantil é incapaz de promover sua própria revivescência e tem de se contentar em retornar como sonho (Freud, 1900/1991, p. 576)

Freud (1907/2015), em *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*, conjectura sobre o processo do esquecimento que não implica no desaparecimento do traço mnemônico da psique e sim no recalque, que não o extingue da lembrança. Para o autor, o traço recalcado pode não ser recordado, mas permanece ativo e efetivo, provocando, combinado a algo externo, consequências psíquicas concebidas como produtos transformados e derivativos da recordação esquecida e que podem permanecer ininteligíveis. Nisto consistiriam as fantasias. Ele acrescenta que em casos patológicos Select itemaos quais teve acesso, pôde verificar como a psique humana, no estado de recalque, mostra-se sensível à aproximação do que foi recalcado, bastando, para isso, que encontre semelhanças mínimas com o material recalcado. O autor estabelece uma distinção entre o estado psíquico conhecido como delírio e outros distúrbios. No delírio encontramos um grupo de estados mórbidos, que se manifestam por sinais psíquicos que não apresentam efeito sobre o corpo, caracterizando-se por um predomínio das fantasias

que, quando ganham credibilidade, exercem influência sobre os atos. Ele compreende as fantasias como as precursoras do delírio. Segundo Freud (1907/2015), as fantasias desviam-se de lembranças recalçadas, que se manifestam na consciência alteradas pelo processo de censura. As lembranças transformadas em fantasias podem provocar mal-entendidos, sendo compreendidas a partir da corrente psíquica dominante.

Em *O Escritor e a Fantasia* (1908/2015), Freud estabelece um paralelo entre o ato de brincar, que opõe o jogo à realidade, e o fantasiar para o adulto. Segundo o autor, o sujeito em crescimento renuncia ao ganho de prazer que retirava da brincadeira substituindo essa atividade pela fantasia ou devaneio. Ele considera uma distinção entre o ato de brincar e o fantasiar, o modo como o indivíduo relaciona-se com os dois atos, pois a criança não esconde suas brincadeiras, enquanto o adulto dificilmente expõe suas fantasias. As brincadeiras das crianças contribuem para sua educação, muitas vezes preparando-a para a vida adulta. Ela fundamenta sua brincadeira no desejo específico de ser grande e adulto. O adulto, entretanto, atua no mundo real, atendendo à expectativa que se espera dele como tal e suas fantasias são originadas em desejos que necessita ocultar, levando-o a se envergonhar do seu fantasiar, como algo infantil e ilícito.

Enfim, constatamos que, por meio de exemplos de sonhos e sua interpretação sob análise, Freud trilha um caminho ressaltando a presença do material psíquico infantil nas manifestações inconscientes do adulto. Enfatizamos o fenômeno onírico na obra freudiana devido à centralidade de tal fenômeno em suas concepções e a sua relação íntima com o material infantil e a fantasia.

Freud estabelece uma correlação entre a intensidade, presença e manifestação do conteúdo psíquico infantil e a manifestação patogênica psíquica do sujeito. Para o autor, uma significativa distinção entre o psiquismo de sujeitos saudáveis e aquele de adoecidos é a maneira como o conteúdo infantil influencia a realidade psíquica do sujeito. A fantasia ocupa um papel relevante na neurose, mostrando-se como mediadora entre o sujeito adoecido e a realidade. Nessa parte do trabalho, julgamos pertinente abordar os fenômenos psíquicos inconscientes que se manifestam na neurose, como o sintoma, a transferência e o ataque histérico, sob o ponto de vista da participação de fantasias e do material psíquico infantil em sua constituição, bem como abordar o princípio psíquico do funcionamento anímico que possibilita a formação da fantasia, por meio da relação prazer-desprazer.

3.2.3 O PAPEL DAS FANTASIAS E DO MATERIAL PSÍQUICO INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO DOS SINTOMAS E TRANSFERÊNCIA DE NEURÓTICOS

Freud estabelece uma correlação entre a intensidade, presença e manifestação do conteúdo psíquico infantil e a manifestação patogênica psíquica do sujeito. Para o autor, uma significativa distinção entre o psiquismo de sujeitos saudáveis e aquele de adoecidos é a maneira como o conteúdo infantil influencia a realidade psíquica do sujeito. A fantasia ocupa um papel relevante na neurose, mostrando-se como mediadora entre o sujeito adoecido e a realidade. Nessa parte do trabalho, julgamos pertinente abordar os fenômenos psíquicos inconscientes que se manifestam na neurose, como o sintoma, a transferência e o ataque histérico, sob o ponto de vista da participação de fantasias e do material psíquico infantil em sua constituição, bem como abordar o princípio psíquico do funcionamento anímico que possibilita a formação da fantasia, por meio da relação prazer-desprazer.

Freud, em *O Escritor e a fantasia* (1908/2015), julga que as fantasias comunicadas por indivíduos doentes não são diferentes das fantasias de indivíduos sãos. O autor caracteriza a atividade da fantasia como uma produção própria de pessoas insatisfeitas e afirma “desejos não satisfeitos são as forças motrizes das fantasias e cada fantasia é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (p. 330). As fantasias e devaneios são caracterizados como mutáveis e adaptáveis “às impressões cambiantes que a vida nos traz, alteram-se a cada oscilação da vida, recebem a chamada ‘marca do tempo’ de cada nova impressão eficaz” (Freud, 1908/2015, p. 331). O psicanalista, ao estabelecer os três tempos da atividade ideativa, destaca o aspecto temporal como fator significativo para a fantasia, bem como a presença do conteúdo infantil, “o trabalho psíquico parte de uma impressão atual, uma ocasião no presente que foi capaz de despertar um dos grandes desejos do indivíduo, daí retrocede à lembrança de uma vivência anterior, geralmente infantil, na qual aquele desejo era realizado”, criando uma circunstância, *a posteriori*, que caracteriza-se como a realização daquele anseio (Freud, 1908/2015, p. 331). Esse desejo realizado condensa a fantasia que estava presente em sua origem e a lembrança, demonstrando sua capacidade de atravessar o passado, o presente e o futuro.

Assim sendo, para Freud (1908/2015), a fantasia estabelece relação com elementos que caracterizam o sujeito como o desejo, o quadro patológico e o sonho. Ela apresenta em seu conteúdo a manifestação do desejo, compondo um enredo, no qual algo do presente é utilizado para dar expressão a algo do passado que traz reflexos em projetos para o futuro. O excesso de

fantasias pode criar as condições de uma neurose ou psicose, bem como são precursoras psíquicas dos sintomas patológicos. Em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908/2015), o psicanalista esclarece que as fantasias inconscientes podem pertencer a fantasias que, desde sempre, foram inconscientes ou podem pertencer a um tipo de fantasia que um dia foi consciente, como um devaneio esquecido propositalmente, que se tornou inconsciente, devido ao recalque. Um exemplo desse processo é a conexão que o autor faz entre a fantasia inconsciente e a vida sexual da pessoa, descrevendo a satisfação sexual na masturbação. Assim, o ato masturbatório compõe-se de duas partes, um momento de evocação da fantasia e outro de autoclassificação inspirado na fantasia. O autor explica que a ação era uma medida puramente autoerótica para obtenção do prazer erógeno e esta “ação fundiu-se com uma representação de desejo da esfera do amor objetal e serviu para a realização parcial da situação em que culminou essa fantasia” (Freud, 1908/2015, p. 343). De acordo com Freud, após a renúncia da satisfação no ato masturbatório e da fantasia que o envolve, essa ação é omitida e a fantasia consciente torna-se inconsciente.

O adoecimento neurótico é marcado por manifestações inconscientes, compostas por elementos psíquicos recalcados que retornam para a realidade do sujeito sob a forma de sintoma. Freud assegura que o sintoma se constitui por meio de fantasias e do conteúdo infantil. A partir do percurso empreendido na obra freudiana, compreendemos a libido como um elo agregador que, impulsionado por uma condição insatisfatória para o sujeito e que o submete à frustração, viabiliza a vinculação entre a fantasia e o conteúdo infantil na constituição do sintoma neurótico, pois a libido mantém-se atrelada às fixações infantis em sujeitos adoecidos enquanto se aferra às fantasias, funcionando como um efeito articulador entre esses dois conteúdos, que culmina no sintoma. A fantasia constitui-se como elemento fundamental no quadro de adoecimento neurótico, de forma a predominar na vida do sujeito e caracterizar um modo de viver fantasioso.

Em *Meus pontos de vista sobre a sexualidade e a etiologia das neuroses* (1906/2016), Freud afirma que os sintomas trazem, de forma muito presente, desejos sexuais, pertencentes à esfera da perversão, essa constatação só foi possível, a partir da observação da sexualidade infantil, na qual manifesta-se não só desejos, mas satisfações perversas. Ele ratifica que, apesar das modificações que fez em suas teorias sobre a etiologia das neuroses, duas concepções nunca foram abandonadas: a sexualidade e o infantilismo. Duas importantes alterações foram realizadas, pelo autor: no lugar das influências acidentais colocou fatores constitucionais e no

lugar da “defesa”, com uma conotação apenas psicológica, foi substituída por “repressão sexual” orgânica. O psicanalista atribui às investigações psicanalíticas a sua convicção sobre a importância etiológica dos fatores sexuais nas psiconeuroses. Ele afirma:

Quando se emprega esse insubstituível método de investigação, descobre-se que os sintomas representam a atividade sexual dos pacientes, total ou parcial, oriunda das fontes de instintos parciais normais ou perversos da sexualidade. Não apenas uma boa parte da sintomatologia histérica provém diretamente de manifestações da excitação sexual, não apenas uma série de zonas erógenas assume o significado de genitais na neurose, por intensificação de características infantis, mas inclusive os mais complicados sintomas se revelam como apresentações convertidas de fantasias que têm por conteúdo uma situação sexual. (Freud, 1906/2016, p. 358).

Freud, em *Tipos de adoecimento neurótico* (1912/2010), trata dos aspectos presentes nas mudanças de condições que determinam a irrupção de uma neurose em pessoas com predisposição para isso. O autor dá ênfase aos fatores atuantes na predisposição neurótica como variedades inatas de constituição sexual e as influências do mundo externo vividas na tenra infância. Um dos aspectos refere-se à frustração, que resulta da retirada do objeto real do mundo externo que satisfazia a necessidade de amor do indivíduo e não encontra um substituto. Ele complementa que a frustração culmina em um efeito patogênico, quando repressa a libido e submete o indivíduo a um aumento da tensão psíquica. O psicanalista comenta sobre o perigo da libido tornar-se introvertida, afastando-se da realidade, perdendo valor para o indivíduo pela remitante frustração, voltando-se para a vida da fantasia, criando novas formações de desejo e reanima os traços de formações anteriores esquecidas. De acordo com o autor, a estreita relação entre fantasia e material infantil recalcado, privilegiados pelo benefício de tratar-se de conteúdo fantasioso e manter-se isento da prova de realidade, possibilita à libido retroceder mais, “e pela via da regressão achar trilhas infantis e aspirar a metas que lhes correspondam” (p. 232). Ele conclui que o conflito gerado pela regressão da libido combinada às lembranças infantis evidencia-se na formação de sintomas e termina em adoecimento manifesto, representando satisfações substitutivas. Outro apresentado é o movimento do indivíduo em adequar-se à realidade e cumprir as exigências dela, deparando-se com insuperáveis dificuldades internas, levando ao adoecimento. O adoecimento do neurótico ocorre “quando as antigas fixações são fortes o bastante para opor-se a um deslocamento, no que mais uma vez tornam-se decisivos os fatores da predisposição, constituição e vivência infantil” (Freud, 1912/2010, p. 234).

Freud considera, em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908/2015), que a não satisfação sexual ou abstinência, ou a libido não sublimada ou elevada, cria condição para o retorno da fantasia inconsciente de forma intensa, com força de necessidade amorosa, compondo parte de um sistema patológico. Os sintomas são fantasias inconscientes exteriorizadas mediante recalque e, quando somatizadas, manifestam-se a partir da esfera das mesmas sensações sexuais e inervações motoras que originalmente acompanharam a fantasia então consciente. O autor assegura que o processo patológico implica num retorno à masturbação, na busca pela satisfação sexual primária, que não é alcançada inteiramente. O psicanalista descreve a natureza dos sintomas como símbolo mnêmico de determinadas impressões e vivências (traumáticas) atuantes. A esse aspecto pode-se adicionar o caráter de substituto do sintoma, o qual converge o retorno associativo dessas vivências traumáticas. Ele considera o sintoma como a expressão de um desejo, cumprindo a realização de uma fantasia inconsciente que se presta ao mesmo objetivo. O sintoma pode assumir a representação de diferentes impulsos inconscientes, não sexuais, mas não prescinde de um significado sexual. O autor afirma que “o sintoma histérico serve à satisfação sexual e representa uma parte da vida sexual da pessoa”, uma parte que compõe a pulsão sexual. Freud completa “o sintoma histérico corresponde ao retorno de uma maneira da satisfação sexual, que foi real na vida infantil e desde então foi reprimida” (Freud, 1908/2015, p. 346).

Retornando ao texto *Tipos de adoecimento neurótico* (1912/2010), Freud afirma que a formação de sintomas se dá mais frequentemente no modo desejado de satisfação inibido, culminando em represamento de libido, devido às fixações patogênicas que já estavam ativas quando o indivíduo encontrava-se saudável. Ele assevera que a presença de introversão da libido culmina em um desenvolvimento incompleto em seu curso, não perfazendo, necessariamente, uma regressão ao estágio infantil. O psicanalista ainda enfatiza a inibição do desenvolvimento como causa do adoecimento, quando ultrapassa os anos irresponsáveis da infância, não atingindo uma fase de saúde. A libido, nesses casos de adoecimento, nunca abandona as fixações infantis, confrontando-se com as exigências da realidade que se modificam em consonância com a idade da pessoa. As fixações infantis, quando não superadas, podem resultar em um infantilismo estacionário ao invés de uma neurose.

Outra manifestação presente no neurótico que apresenta o conteúdo infantil, articulado com o material ideativo, em sua constituição, é o ataque histérico. O ataque histérico corresponde a um fenômeno, no qual a fantasia toma conta da realidade do sujeito, fazendo

com que ele apresente comportamentos de reação a esse conteúdo fantasioso. Em *Considerações Gerais sobre o ataque histerico* (1909/2015), Freud enfatiza que a manifestação da histeria em ataque é uma projeção de fantasias na esfera motora, prejudicando a mobilidade. Ele esclarece que, frequentemente, o ataque pode ser substituído pelo sonho e o explica pelo fato de que a fantasia que alimenta o ataque e o sonho é a mesma, encontrando expressões diferentes em ambos. Para o autor, a representação pantomímica apresenta deformações alucinatórias semelhantes ao sonho, provocadas pela censura e, portanto, apresentando-se de forma pouco compreensível. O psicanalista apresenta os mecanismos por meio dos quais o ataque histerico pode ser compreendido, os quais seriam análogos à interpretação de sonhos. Segundo o autor, no ataque ocorre a condensação, pois várias fantasias são representadas no mesmo material. Essas fantasias apresentam-se de forma sobreposta de natureza diversa, por exemplo, “um desejo recente e uma impressão infantil reavivada” (Freud, 1909/2015, p. 414). As mesmas inervações servem aos dois propósitos, podendo manifestar-se em ataques de único formato como expressão de uma pluralidade de fantasias patogênicas em uma diversidade de ataques. Outro elemento apontado pelo psicanalista é a inversão antagonística das inervações, o que corresponde à transformação de um elemento em seu oposto como acontece nos sonhos. O autor afirma que os grandes ataques histéricos representam uma recusa enérgica, por meio de inervação antagonística, de uma postura corporal adequada para a relação sexual.

Freud (1909/2015) assinala, ainda, o efeito causado pela inversão da sequência temporal na fantasia, o que exerce uma influência enganadora e desconcertante. Nesse caso, como nos sonhos, são iniciados pelo final e concluídos pelo início. O autor explica o surgimento dos ataques histéricos como resultante do investimento do complexo recalcado, constituído por investimento libidinal e conteúdo ideativo (fantasia). O complexo, quando suficientemente investido, é despertado por algo da vida consciente que a ele se liga. Para o autor, sob a perspectiva orgânica, o investimento libidinal converte-se em doença, quando está a serviço da tendência primária e é elevado acima de determinada medida, por meio de razões somáticas internas e mediante influência psíquica de fora. Esta última pode consistir em um encontro com uma realidade penosa, assustadora ou como consolo. Quando o investimento libidinal está a serviço das tendências secundárias, o ataque corresponde a uma finalidade útil ao doente. O fundador da psicanálise ressalta a investigação da infância dos histéricos e enfatiza que o ataque histerico substitui uma satisfação autoerótica praticada no passado e, desde então, abandonada. Ele revela que o surgimento do ataque por elevação da libido e a serviço da tendência primária,

como consolo, repete as condições em que tal satisfação autoerótica foi buscada intencionalmente no passado.

Freud expõe os princípios do funcionamento psíquico na formação da fantasia, do sintoma e da transferência. Para o autor, a fantasia é produzida como fruto de uma insatisfação e seu mecanismo pode ser localizado no princípio do prazer-desprazer. No caso do adoecimento neurótico, a fantasia é potencializada para suprimir a sensação de frustração e os princípios do funcionamento psíquico, estabelecidos por Freud, formalizam esse processo. Em *Formulações sobre os dois princípios do Funcionamento Psíquico* (1911/2010), Freud aborda a tendência neurótica de retirar o doente da vida real, afastando-o da realidade. O neurótico afasta-se da realidade por não a suportar, negando algum fragmento que lhe traz dificuldade. O autor elabora, nesse texto, a relação do neurótico e do próprio ser humano com a realidade, considerando a significação psicológica do mundo externo real. O funcionamento regido pelo princípio do prazer se empenha em evitar o desprazer, de forma que a atividade psíquica é retirada (recalque) de atos que podem suscitar desprazer. Ele apresenta, como exemplo desse processo, os sonhos que tendem a apresentar-se na memória, quando o indivíduo está acordado, de forma menos penosa, manifestando o poder e os resíduos de dominação do princípio do prazer-desprazer.

Freud (1911/2010) estabelece algumas consequências com a formação do princípio de realidade. De acordo com o autor, algumas adaptações do aparelho psíquico foram necessárias para atender às novas exigências. A primeira dessas adaptações refere-se à apreensão das qualidades sensoriais pela consciência e ao desenvolvimento das funções da memória e da atenção. A atenção cumpre o papel de tornar os elementos externos conhecidos para satisfazer uma necessidade interior inadiável. A memória é considerada como um sistema de registro que conserva os resultados da atividade da consciência. Com o estabelecimento do princípio de realidade, o recalque seria substituído pelo juízo imparcial que determinaria a veracidade ou falsidade de nossas percepções e recordações, estabelecendo uma comparação entre a realidade e os traços de memória dela, como explica o autor.

A segunda consequência do princípio de realidade é a dissociação da fantasia dos objetos reais, uma forma de apego às fontes de prazer disponíveis e devido a uma dificuldade de renunciar a elas. O autor considera que o início da fantasia surge na brincadeira das crianças e depois manifesta-se como devaneio, uma atividade de pensamento que se dissociou com a introdução do princípio de realidade, submetendo-se ao princípio do prazer. Para Freud

(1911/2010), existe uma relação mais estreita entre a pulsão sexual e a fantasia, em contraposição à relação entre a pulsão do Eu e as atividades da consciência. O autor atribui ao autoerotismo a possibilidade de satisfação mais fácil, de forma momentânea e fantástica, em lugar da satisfação real, que demanda esforço e adiamento. Ele acrescenta que o recalque consegue inibir as ideias no campo de fantasia, impedindo a percepção dessas pela consciência quando seu investimento ocasiona o desprazer. A organização psíquica apresenta-se frágil diante da submissão a processos de pensamento que se tornaram racionais ao domínio do princípio do prazer. A predisposição psíquica para neurose apresenta como elemento essencial, segundo o autor, o atraso em educar a pulsão sexual na consideração da realidade, bem como as condições que viabilizam esse atraso.

Mais uma consequência, mencionada pelo autor, refere-se à atuação do Eu-prazer e do Eu-realidade. Para ele, o “Eu-prazer não pode senão desejar, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o Eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos” (Freud, 1911/2010, p. 116). Freud considera que a substituição do princípio do prazer pelo da realidade significa a salvaguarda do princípio do prazer. Conforme o autor, o prazer momentâneo é abandonado, bem como a incerteza do prazer provocado por ele, para obter, no novo percurso, um prazer garantido que virá *a posteriori*. A quinta consequência diz respeito ao papel da educação, enquanto incentivo à superação do princípio do prazer e à substituição pelo princípio de realidade, auxiliando no processo de desenvolvimento que afeta o Eu. Outra consequência do princípio de realidade, proposta por Freud, é a transposição do Eu-de-prazer em Eu-realidade, outrossim, essa transição ocorre quando o sujeito abandona a satisfação sexual autoerótica, como resultado de um desdobramento das pulsões sexuais, e percorre as fases da organização genital, alcançando a finalidade de direcionar a pulsão sexual para um objeto de amor, o que favorece a procriação. De acordo com o autor, a escolha da neurose, bem como seu estabelecimento, depende da fase do desenvolvimento do Eu e da libido em que ocorreu a inibição do desenvolvimento.

O último ponto apresentado por Freud versa sobre a prova da realidade dos processos inconscientes e a equiparação da realidade do pensamento que preserva como essência a realização de desejo, como ocorria quando se encontrava sob o domínio do velho princípio do prazer. A realização de desejo pode constituir, segundo a teoria freudiana, no impasse presente na distinção entre fantasias inconscientes das lembranças tornadas inconscientes, pois a essência da fantasia é a realização de desejos, assim as lembranças, quando frustrantes, podem

sofrer deformação, convertendo-se em fantasias, na qual a insatisfação é superada e o desejo é alcançado. Essa essência da realidade do pensamento explica, segundo a teoria freudiana, a dificuldade em distinguir fantasias inconscientes de lembranças tornadas inconscientes. O autor reafirma, entretanto, a importância do papel das fantasias na formação dos sintomas. Para ele, a fantasia, assim como o sentimento de culpa do neurótico são constituídos, essencialmente, por material ideativo e não correspondem a uma realidade. Freud exemplifica ao citar um caso, no qual o neurótico, apesar de não apresentar evidência em ter cometido um crime, vive como se fosse culpado e manifesta o sintoma que funciona como um alívio para esse conflito inconsciente, permitindo que prevaleça o velho princípio do prazer.

A relação de amor é tratada por Freud, como o princípio norteador que o psíquico estabelece para a sofisticação da tolerância na relação de prazer-desprazer e a forma como o sujeito descarrega a pulsão sexual. A transferência é figurada, pelo autor, como um fenômeno psíquico que se constrói sobre o amor. No texto *A Dinâmica da Transferência* (1912/2010), Freud afirma que a maneira como o ser humano se satisfaz amorosamente é influenciada pela hereditariedade e pelas experiências da infância. Para o autor, o indivíduo repete esse modo afetivo ao longo da vida, apresentando modificação de acordo com as circunstâncias externas e com a natureza dos objetos amorosos acessíveis. Uma parte desses impulsos amorosos constitui o desenvolvimento psíquico e encontra-se à disposição da personalidade consciente direcionado para a realidade. Outra parte dos impulsos libidinais encontra-se separada tanto do consciente quanto da realidade e manifesta-se na fantasia ou permanece inteiramente no inconsciente. Essa singularidade do investimento libidinal, segundo a teoria freudiana, cria condições para que o indivíduo direcione a necessidade de amor não satisfeita pela realidade para pessoas recém encontradas, convergindo porções conscientes e inconscientes nessa atitude.

De acordo com Freud (1912/2010), é compreensível que o indivíduo destine seu investimento libidinal à pessoa do médico, possivelmente ligando-se de forma repetitiva e patológica como estabeleceu até então. Segundo o autor, estariam presentes no vínculo transferencial também as imagos paterna, materna, fraterna, entre outras. O autor destaca como peculiaridades da transferência em relação ao médico o excesso em gênero e medida, possibilitando a conclusão de que a transferência se constitui das expectativas conscientes, bem como as retidas ou inconscientes. Em neuróticos, a transferência é mais intensa e apresenta a mais forte resistência ao tratamento. Ele acrescenta um comentário a respeito do processo

designado por Jung de introversão da libido, como uma condição regular e indispensável de todo o adoecimento neurótico. O processo de introversão da libido, o qual atua com uma diminuição da porção da libido capaz de consciência vinculada à realidade e um aumento da porção afastada da realidade, inconsciente, que pode alimentar o processo fantasmático inconsciente da pessoa. De acordo com o psicanalista, nesse processo, a libido regride e reanima as imagens infantis, a libido recolhida provoca resistência ao trabalho da terapia analítica, objetivando conservar esse novo estado de coisas. A libido acessível à consciência sempre esteve atraída pelos complexos inconscientes e submeteu-se à regressão porque esse poder de atração enfraqueceu. Ele chama a atenção para o fato de que para uma análise ser bem-sucedida a libido deve ser libertada e a repressão das pulsões inconscientes e de suas produções devem ser eliminadas e assim reduzir as resistências que fazem a doença persistir. A resistência acompanha o tratamento por meio de cada pensamento e cada ato do analisando, opondo as forças que visam a cura e as forças que mantêm a doença.

Em *Observações sobre o amor de transferência* (1915/2010), Freud afirma que o psicanalista deve tratar a transferência como algo irreal, “uma situação a ser atravessada na terapia e reconduzida às suas origens inconscientes, e que deve ajudar a pôr na consciência, e, portanto, sob controle, o que há de mais escondido na vida amorosa da paciente” (Freud, 1915/2010, p. 220). Ele acrescenta que o paciente que não teve a repressão sexual abolida, mas impulsionada para a regressão, se sentirá seguro para trazer à luz todas as fantasias, todo o seu anseio sexual, bem como os aspectos de sua paixão, conduzindo aos fundamentos infantis de seu amor.

Segundo Freud (1915/2010), o amor transferencial constitui-se inteiramente de repetições e decalques de reações anteriores, inclusive infantis. Assim, para ele, o trabalho analítico ocupa-se em revelar a escolha infantil de objeto e as fantasias que são encadeadas em torno dessa escolha. Não existe paixão que não repita modelos infantis, assim como o condicionamento infantil lhe confere o caráter compulsivo que se aproxima do patológico. O amor de transferência comporta uma liberdade mais restrita do que as outras experiências amorosas, pois vincula-se de forma mais dependente ao padrão infantil, apresentando-se menos passível a modificações. Na teoria freudiana, o analista deve agir eticamente de forma a não amar o paciente, mantendo o objetivo de livrá-lo das fixações infantis presentes em sua capacidade amorosa para que possa dispor dessa capacidade na vida real.

Em *Meus pontos de vista sobre a sexualidade e a etiologia das neuroses* (1906/2016),

Freud afirma que a linguagem da histeria remete à sexualidade recalcada do doente, o que pode ser constatado a partir da extensão circunscrita pela disposição infantil. O autor ressalta que, mesmo nos casos em que o adoecimento é causado por uma emoção banal, o efeito patogênico resulta dos componentes sexuais da vivência traumática. Para ele, o que atua de forma a prejudicar os processos que servem à função sexual pode ser considerado um fator etiológico da neurose. Outro elemento, destacado pelo autor, que pode prejudicar os processos sexuais é toda sorte de outros males e traumas, que podem causar dano ao organismo. A perturbação dos processos sexuais contribui para o desencadeamento da neurose, assim como o fator hereditário, constitucional ou influências acidentais. O método catártico permitia aproximar-se das vivências pertencentes à infância do enfermo e relacionadas com sua vida sexual, incluindo os casos em que a neurose teria sido desencadeada por uma emoção banal que não envolvia elementos de natureza sexual. O autor considera que os traumas sexuais foram imprescindíveis na elucidação dos sintomas, bem como na compreensão da determinação deles e não impedindo sua recorrência. Assim, os pilares da teoria foram estabelecidos sobre as vivências sexuais. Ele acrescenta que “a histeria é expressão de um comportamento particular da função sexual do indivíduo e esse comportamento já é, de forma decisiva, determinado pelas primeiras influências e vivências que atuam na infância” (Freud 1906/2016, p. 351-352). Os efeitos posteriores das impressões infantis, no itinerário freudiano, tomam proporções bastante significativas.

O autor buscou verificar se suas hipóteses estavam equivocadas. Essas hipóteses, no entanto, foram revisadas por ele algumas vezes. No caso do comportamento sexual passivo ou ativo na histeria e na neurose obsessiva, ele constatou que pertenciam à fantasia do indivíduo e, em grande parte também, à crença que ele mesmo pareceu alimentar em relação a essas teorias. A conclusão, entretanto, de que a vida sexual na infância dos neuróticos não é distinta de outros indivíduos transformou-se numa grande descoberta que viabilizava uma aproximação dos neuróticos e seu tratamento. Podemos considerar que Freud (1906/2016) ao abandonar a teoria dos “traumas sexuais infantis” formalizou a hipótese de que o sujeito, na verdade, vivenciava o “infantilismo da sexualidade”.

Vimos que o conceito de fantasia foi utilizado por Freud para esclarecer o discurso de pacientes neuróticos que faziam referências a vivências sexuais na infância. Ao percorrermos o caminho da obra freudiana percebemos a estreita vinculação entre as fantasias e o infantil na constituição de fenômenos inconscientes como sonhos, sintomas, ataque histerico e

transferência. Após o abandono da teoria da sedução, Freud evidencia a presença da sexualidade em crianças e suas consequências para a vida psíquica do indivíduo. Constatamos que, para Freud, grande parte do conteúdo psíquico infantil que compõe o retorno de material inconsciente corresponde a elementos da sexualidade vivida na infância.

3.3 OS ELEMENTOS SEXUAIS INFANTIS E AS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS NA VIDA ADULTA

Ao longo deste capítulo, encontramos diversas passagens em que Freud estabelece relação direta entre atos e manifestações psíquicas infantis e a vida adulta. As teorias sexuais infantis são tratadas, por Freud, como o ponto de partida da relação do sujeito com a intelectualidade. A forma como o indivíduo passa por essa etapa tem implicações importantes sobre o modo como ele viverá sua intelectualidade. As histórias contadas às crianças sobre a origem dos bebês têm um curto efeito e fazem com que a credibilidade nos pais se torne vulnerável. Em *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci*, Freud (1910/2013) afirma que o infante faz muitas perguntas em substituição àquela que nunca faz sobre sua origem. A mais comum das histórias inventadas pelos adultos para explicar a origem dos bebês é a que utiliza a cegonha como transporte. A recusa da criança em aceitar a versão adulta sobre o nascimento dos bebês inicia a independência intelectual da criança.

A busca pelo saber da criança resulta em um sucesso ou um fracasso, com caminhos distintos para a aquisição da intelectualidade do sujeito. Esse caminho pode se dar de três formas, de acordo com o que Freud (1910/2013) propõe. A ânsia por conhecimento dificilmente está separada da curiosidade sexual. O sucesso ou fracasso nas investigações da criança participa do destino da sexualidade. O primeiro resultado do fracasso fará com que a curiosidade permaneça inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer de sua vida, o que caracterizaria uma inibição neurótica.

Outro possível resultado, baseado no fracasso, seria um desenvolvimento intelectual que se daria de forma neurótica compulsiva. O desenvolvimento intelectual neurótico compulsivo é caracterizado por uma capacidade de associação, através da inteligência. Para que isso seja possível, o recalamento que domina os conteúdos sexuais precisa ser superado, para que haja uma emergência das suprimidas atividades sexuais. Esse é o tipo de pesquisa,

todavia, que toma a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva. Nesse caso, os resultados das pesquisas substituiriam a satisfação sexual, naturalmente, sob uma forma distorcida e não livre, de forma que o próprio pensamento seria sexualizado. O resultado dessa forma de desenvolvimento intelectual seria o caráter interminável das pesquisas infantis que seria repetido, como se tal preocupação nunca terminasse.

O terceiro, mais raro e mais perfeito destino de desenvolvimento intelectual seria aquele em que a libido escapa ao destino da repressão, sendo sublimada, desde o começo, em curiosidade e ligada a uma poderosa pulsão de pesquisa como forma de se fortalecer. Nesse caso, em que ocorre a sublimação, a pesquisa também pode ser compulsiva e funcionar como substituto para a atividade sexual, porém não há “ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil” e a “pulsão age livremente a serviço do interesse intelectual” (p. 140). Freud cita como modelo ideal desse terceiro tipo Leonardo Da Vinci que apresentava uma poderosa pulsão de pesquisa e a atrofia de sua vida sexual, restrita ao que Freud chama de homossexualidade ideal sublimada (Freud, 1910/2013).

Freud (1910/2013) destaca o modo como as lembranças se originam. De acordo com o autor, as lembranças conscientes da idade adulta fixam-se no momento da experiência. As lembranças da infância, entretanto, não se fixam no momento da experiência e mais tarde repetem-se. Elas surgem muito mais tarde, quando a infância já ficou no passado. Ao longo desse processo, as lembranças sofrem alterações e falsificações de acordo com os interesses de tendências posteriores. O que resulta dessas modificações são lembranças que não podem ser diferenciadas de fantasias.

O autor cita satisfações sexuais da vida adulta como satisfações herdadas da mais tenra infância do indivíduo. Como o ato de botar o órgão masculino na boca e chupá-lo. Essa satisfação reproduz, de modo diferente, uma vivência de conforto experienciada pelos indivíduos quando se encontravam no período, no qual eram amamentados e o bico do seio materno era colocado na boca e sugado. Segundo Freud (1910/2013), a impressão orgânica dessa experiência, a qual equivale à primeira fonte de prazer em nossa vida, permanece marcada no indivíduo adulto.

Freud (1910/2013) elabora algumas considerações a respeito da constituição psíquica de pessoas homoafetivas a partir da relação parental vivenciada pelo indivíduo em sua infância. Tomando o exemplo de Leonardo Da Vinci e da relação que este estabelecia com sua mãe

durante sua infância, o autor encontra uma relação causal da homossexualidade manifesta e sublimada do artista.

O psicanalista defende que a teoria psicanalítica oferece meios teóricos que explicam a gênese psíquica da homossexualidade. Segundo o autor, os indivíduos homossexuais masculinos desenvolveram uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, que em geral pode ser sua mãe, na fase de sua primeira infância. Essa fase é esquecida. A criança foi despertada ou encorajada por meio de demasiada ternura por parte da mãe e reforçada, posteriormente, pelo papel secundário desempenhado pelo pai, ainda na infância.

O desenvolvimento libidinal do indivíduo não ocorre sem consequências para a vida adulta, como vimos. Freud (1931/2010), em *Tipos libidinais*, tentando estabelecer algum entendimento sobre a influência da libido sobre o indivíduo, distingue três modos como o sujeito acomoda a libido nas províncias do aparelho psíquico. Para o autor, essa classificação não coincide com quadros patológicos e podem caber dentro do “leque do normal” (p. 366). Ele conclui, contudo, que os tipos libidinais podem aproximar-se de quadros patológicos, bem como possibilitam uma articulação compreensível que preenche o suposto abismo entre o normal e o patológico. O psicanalista, apoiando-se na psicologia profunda, nomeia os tipos libidinais como erótico, narcísico e obsessivo.

O tipo erótico é descrito, por Freud (1931/2010), como pessoas que apresentam como interesse predominante a vida amorosa. Para elas, amar e ser amada corresponde ao que é mais importante. Segundo o autor, pessoas autoeróticas são dependentes do seu objeto de amor, pois temem perdê-lo ou que lhes seja negado o amor. Esse tipo é considerado como comum quando manifesta sua forma pura e representa, no comportamento social e cultural, as exigências pulsionais elementares do Isso, o qual submete as outras instâncias psíquicas ao seu domínio. O tipo obsessivo caracteriza-se, de acordo com o psicanalista, pela predominância do Supereu, o qual se separa do Eu sob grande tensão. Segundo o autor, esse tipo demonstra uma dependência interna, pois é dominado pelo medo da consciência moral ante o medo da perda do amor. O comportamento do tipo obsessivo “desenvolve um elevado grau de autonomia, e socialmente vem a ser o autêntico veículo da cultura, predominantemente conservador” (p. 367). O tipo narcísico, como afirma Freud (1931/2010), “deve ser caracterizado como essencialmente descrito em termos negativos” (Freud 1931/2010, p. 367). O autor assevera que nesse tipo não ocorre tensão entre Eu e Supereu, assim como nele não estão presentes grandes necessidades eróticas. “Seu interesse maior se dirige para a autopreservação; ele é independente

e não se deixa intimidar” (Freud 1931/2010, p. 368). Nesse tipo de acomodação libidinal, o Eu dispõe de grande agressividade, o que caracteriza esse tipo como uma prontidão para a atividade. “Em sua vida amorosa, amar vem antes de ser amado” (Freud 1931/2010, p. 368). Na vida amorosa, o amor do tipo narcísico pode apresentar como comportamento uma imposição aos outros, apresentando-se como “personalidades” que podem servir de apoio aos outros, assumir papel de líderes que exercem modos de preservação ou modificação cultural.

Para Freud (1931/2010), esses três tipos puros podem ser derivados da teoria da libido. O autor supõe que os tipos mistos, no entanto, são mais observáveis do que os tipos puros. Os tipos mistos são nomeados, por ele, como erótico-obsessivo, erótico-narcisista e narcisista-obsessivo; e são considerados como próximos de uma boa acomodação das estruturas psíquicas individuais. Ele apresenta o tipo erótico-obsessivo como um tipo que aparenta vivenciar uma vida pulsional potente, mas limitada pela influência do Supereu, constituído pela dependência simultânea de objetos humanos recentes e os vestígios dos pais, educadores e exemplos. O tipo erótico-narcisista, talvez o mais incidente, reúne opostos e apresenta a agressão e a atividade como aliados, mas com predominância do narcisismo. Freud (1931/2010) apresenta o último tipo misto, o narcisista-obsessivo, “resulta na variante mais valiosa culturalmente, na medida em que junta a capacidade de ação vigorosa à independência externa e consideração das exigências da consciência, fortalecendo o Eu contra o Super-eu” (p. 369). Essa composição favorece, segundo o autor, o fortalecimento do Eu contra o Supereu. Ele conclui que o fenômeno dos tipos de acomodações psíquicas mistas da libido surge derivados de tipos puros, nos quais, por meio da economia psíquica, um ou dois foram favorecidos à custa dos outros.

Freud (1931/2010) não considera que os tipos libidinais contribuam para a compreensão da gênese da neurose, ou seja, todos esses tipos podem manifestar-se sem neurose. Ele afirma, porém, que os tipos mistos podem oferecer um campo mais propício para as condições da neurose. O autor aponta possíveis associações entre as neuroses e os tipos libidinais. Ele relaciona a produção da histeria, em caso de adoecimento, ao tipo erótico, bem como o tipo obsessivo à neurose obsessiva. Em relação ao tipo narcisista, o autor supõe que apresenta uma especial predisposição para a psicose, como também apresenta condições essenciais para a criminalidade. Encontramos tantos elementos infantis quanto a influência deles na vida adulta espalhados por toda a obra de Freud. Os textos apresentados aqui são alguns exemplos dos momentos em que o autor se dedicou a relacionar de forma mais consistente o que se passa na vida adulta com o que é experimentado pelo sujeito em seu desenvolvimento.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos, neste capítulo, a importância da fantasia e da sexualidade infantil para a constituição de fenômenos psíquicos significativos. Freud demonstra, por meio de elaborações e exemplos diversos, como elementos fantasiosos e infantis se fazem presentes na vida de um indivíduo. A forma como esses processos se organiza ajuda a compreender a neurose e a constituição da personalidade sob a perspectiva psicanalítica.

Procuramos delimitar, através das várias passagens de diferentes obras de Freud, alguns dos momentos em que aspectos do psiquismo infantil são abordados pelo autor. A disposição dos conceitos exigiu uma exploração sobre as manifestações no período da infância para compreendermos a materialização desses fenômenos na puberdade e na vida adulta. Notamos, nesse percurso, que o psiquismo infantil que se faz presente no sujeito compõe-se de diversos aspectos, que, por raras vezes, não estão combinados, quando constituem fenômenos psíquicos.

Percebemos que a maior parte dos fenômenos psíquicos, senão todos, são criados pelo psiquismo para suplantar uma insatisfação, uma incompatibilidade resultante do contato que estabelece com a realidade. Freud trabalha com a ideia do princípio do funcionamento do prazer-desprazer. Aparentemente, os fenômenos psíquicos, que muitas vezes trazem em suas manifestações perturbações e prejuízos para a vida do indivíduo, na sobrecarga psíquica, apresentam-se com ares de nobreza ao poupar o sujeito do confronto direto com seus conflitos.

Outro conceito essencial da teoria freudiana, vinculado também à sexualidade infantil e à fantasia, é o de Complexo de Édipo, considerado por Freud como o complexo nuclear da neurose. No próximo capítulo iremos abordar o conceito de Complexo de Édipo e as manifestações na vida do sujeito que permitem traçar as consequências da vivência desse Complexo.

4 COMPLEXO DE ÉDIPPO, COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E A PERSPECTIVA DO TOTEMISMO DE FREUD

Quando faz referência à sexualidade infantil, Freud (1925/2011b), em *Autobiografia*, menciona seu equívoco quanto à teoria da sedução. Como vimos, a teoria da sedução foi defendida, por ele, com base na escuta que fazia dos seus pacientes. O autor utilizava o método catártico com o objetivo de fazer o paciente reproduzir cenas da infância, entre as quais algumas apresentavam como conteúdo uma experiência de sedução por algum adulto. No caso das mulheres atendidas, o papel do sedutor era atribuído, muitas vezes, ao pai. Durante um período, ele acreditou nas fantasias de seus pacientes tomando-as como verdadeiras, o que o levou a estabelecer as raízes da neurose nessas supostas experiências de sedução sexual na infância. Após um período de reflexão, ao reconhecer que se tratava de cenas fantasiosas contadas por suas pacientes, o psicanalista constatou que os sintomas neuróticos não resultavam de fatos reais, mas de fantasias impregnadas de desejos. Ele argumenta, então, referindo-se à neurose, que a realidade psíquica é mais relevante que a realidade material. O autor reconhece, posteriormente, que os relatos de sedução, o aproximaram do conceito do complexo de Édipo, que se fazia presente nas fantasias de seus pacientes.

Alguns atributos da infância permanecem no sujeito adulto. Em *Totem e tabu*, Freud (1913/2012) confirma que pacientes neuróticos apresentam o infantil como característica de sua vida mental. Ele afirma que o primeiro objeto de amor da criança é, normalmente a mãe ou outros familiares e que, ao crescer, no entanto, a pessoa se liberta desse amor incestuoso. Os neuróticos apresentam um grau de infantilismo psíquico que resulta de fixações incestuosas da libido que continuam ou recomeçam a representar papel primordial em sua vida mental inconsciente. Ele destaca a influência exercida pelas impressões da infância, principalmente as que não são recordadas, bem como as primeiras atividades da criança, que compõem as disposições pulsionais inatas ou constitucionais. Além disso, o autor afirma que as formações mentais infantis permanecem no indivíduo adulto. Desejos, impulsos pulsionais, modalidades de reação e atitudes da infância acham-se ainda na maturidade e podem mais uma vez surgir. O passado mental não é absorvido pelos seus derivados, e sim persiste juntamente com o que se originou dele. As formações mentais da infância não são destruídas, mas se sobrepõem. Um bom exemplo disso são os caracteres da infância revividos nos sonhos e que reduzem toda vida mental a um nível infantil.

Freud (1913/2012) garante que o arcaísmo psíquico é o retorno ao infantilismo psíquico que ocorre nas neuroses e psicoses. Ele garante também que a intensidade de resíduos da infância que podem ser encontrados na mente mostra o grau de disposição para a doença, a qual pode ser percebida como uma inibição do desenvolvimento. Em *História do Movimento Psicanalítico*, Freud (1914/2010), ao referir-se ao trabalho de regressão na análise, ressalta a tendência do paciente de retroceder através das associações às experiências mais antigas. Essas lembranças inicialmente aparentavam levar à puberdade, mas alguns pontos obscuros faziam o paciente retroceder à infância. Os elementos infantis não apresentam necessariamente um conteúdo patogênico, mas podem exercer influência sobre um conteúdo que agora é patogênico.

Em *A Interpretação de Sonhos*, mais especificamente na seção “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas”, Freud (1900/1991) aponta que a função central na vida psíquica de todas as crianças que posteriormente tornaram-se psiconeuróticas é desempenhada por seus pais. Entre os componentes psíquicos está contido o ato de apaixonar-se por um dos progenitores e odiar o outro. Para ele, esses impulsos psíquicos formam-se na infância e determinam os sintomas da neurose posterior. A manifestação dos impulsos psíquicos de amor e ódio pelos pais, no entanto, também é observada, embora se manifeste de forma menos óbvia e intensa, nas mentes da maioria das crianças, não sendo, portanto, exclusividade dos neuróticos

O autor faz uma referência à lenda do Rei Édipo, da Antiguidade clássica, a qual, segundo ele, auxilia na compreensão de características universais da psicologia infantil. Ele menciona a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles, que conta a história de Édipo, filho de Laio, rei de Tebas, e de Jocasta. Édipo foi declarado por um oráculo como uma ameaça ao pai, sendo rejeitado por este e entregue para ser morto. O oráculo havia alertado Laio de que Édipo assassinaria o próprio pai. Édipo, no entanto, foi salvo e criado como príncipe numa corte estrangeira. Um dia, quando se sentiu curioso sobre sua origem, consultou o oráculo, o qual lhe aconselhou a evitar sua cidade, pois estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Édipo fugiu da cidade na qual foi criado, temendo concretizar a previsão do oráculo e assassinar o pai que o criou. Na estrada, encontrou-se com Rei Laio e o matou num súbito desentendimento. Em seguida, dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma proposto pela Esfinge que lhe impedia de continuar seu caminho. Grato, o povo de Tebas entregou a coroa do Rei para Édipo, bem como a mão de Jocasta em casamento. Édipo governou por muito tempo e teve dois filhos e duas filhas com Jocasta, sem saber que se tratava de sua mãe. O Reino de Tebas, então, foi atingido por uma peste que levou o povo a consultar o oráculo, iniciando a

tragédia de Sófocles. Os mensageiros trazem a previsão do oráculo que dizia que a peste cessaria quando o assassino de Laio tivesse sido expulso do país. De acordo com Freud (1900/1991), o transcurso da peça consiste no processo de revelação, com engenhosos adiamentos e sensações sempre crescentes, semelhantes a um trabalho de psicanálise. Édipo é o assassino de Laio e também é o filho do homem assassinado e de Jocasta. Assombrado pelos atos que cometera e, como consequência desse tormento, Édipo cega a si próprio e abandona o lar. Assim, a previsão do oráculo se concretiza.

Para Freud (1900/1991), *Oedipus Rex* consiste em uma tragédia do destino, seu efeito trágico reside no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar do mal que a ameaça. Para o autor, o *Oedipus Rex* comove tanto uma plateia porque suscita, dentro de nós, o reconhecimento da força compulsiva do destino de Édipo, que poderia ter sido o nosso. A mesma maldição que recaiu sobre o personagem da peça, faz parte do nosso destino, pois inevitavelmente dirigimos nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo assassino para nosso pai. Para o autor, a história do Édipo mostra-nos a realização dos desejos infantis. Ele comenta que somos mais afortunados do que Édipo, pois, quando não nos tornamos psiconeuróticos, desprendemos nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecemos nosso ciúme de nossos pais. Segundo Freud (1900/1991), a história do Édipo representa alguém que realizou esses desejos primevos de nossa infância, dos quais recuamos com toda a força a partir do recalçamento que atua sobre tais desejos. O autor menciona uma indicação no texto de Sófocles de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo, que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos primeiros sobressaltos da sexualidade. Diz ele:

Num ponto em que Édipo, embora não tenha sido ainda esclarecido, começa a se sentir perturbado por sua recordação do oráculo, Jocasta o consola fazendo referência a um sonho que muitas pessoas têm, ainda que, na opinião dela, não tenha outrora em sonhos, deitado com aquela que o gerou. Menos se aborrece quem com tais presságios sua alma não perturba (Freud, 1900/1991, p. 290).

De acordo com Freud (1900/1991), de maneira geral alguns, homens sonham ter relações sexuais com suas mães e referem-se a esse fato com indignação e assombro. Para o autor, a história de Édipo é a reação a esses dois sonhos típicos, que quando produzidos por adultos, são acompanhados por sentimentos de repulsa, também a lenda precisa incluir horror e autopunição.

Retornando ao texto *Autobiografia*, Freud (1925/2011b) salienta a importância da organização da libido para o estabelecimento do complexo de Édipo. Como mencionamos anteriormente, para o autor, após a fase do autoerotismo, o indivíduo passa a buscar um objeto, que desempenha um papel importante em sua vida mental. Para ambos os sexos, o primeiro objeto de amor seria a mãe. Ele considera que, ainda nos primeiros anos da infância, o complexo de Édipo se estabelece e pode ser reconhecido pelo direcionamento dos desejos sexuais do menino para a mãe e o surgimento de uma rivalidade com o genitor do mesmo sexo. A primeira relação afetiva da criança, então, é incestuosa. Inicialmente, Freud acha que o Édipo na menina seria simétrico ao do menino, depois percebe que há diferenças. Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2011a), o autor revisa o Édipo nas meninas, partindo da história prévia a este período e assevera que para elas vigora um elemento complicador, o que as leva a abandonar o objeto originário, a mãe, e voltar-se para o pai. O complexo de Édipo da menina teve uma longa pré-história e uma formação secundária. A ligação com o pai baseia-se no desejo de gerar um filho próprio e a atividade masturbatória da menina, na infância, tem nessa relação sua fonte libidinal.

Freud (1925/2011b) afirma que o Complexo de Édipo perfaz o núcleo da neurose, manifesta-se no auge da vida sexual infantil e conecta o desenvolvimento sexual posterior. O autor destaca que o desenvolvimento de neuróticos e as chamadas pessoas normais não apresentam distinção, entretanto sucumbem a possíveis dificuldades, enquanto as pessoas normais superam-nas. No complexo nuclear da neurose percebemos que, em meio às vivências sexuais infantis, ocorre uma escolha de objeto para o qual são direcionados os investimentos libidinais da criança. O psicanalista esclarece como se dá a escolha objetal infantil e sua relação com os traços edípicos.

Freud (1923/2011), em seu texto *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*, deixa claro que a escolha objetal, já se fazia presente na infância, em que o investimento sexual foi dirigido para uma única pessoa, buscando satisfação. A diferença constituiu-se na submissão das pulsões parciais, à primazia dos genitais, que pouco ou nada foram efetuadas, instituindo o estabelecimento desta primazia a serviço da reprodução ou última fase da organização da sexualidade.

Freud (1923/2011) afirma que a proximidade entre a vida sexual da criança e do adulto vai além da escolha objetal, pois no ápice do desenvolvimento da sexualidade infantil, a atenção aos genitais e sua função assume uma significação dominante, próxima do interesse que emerge

na maturidade. O aspecto essencial da organização genital infantil é a diferença da organização genital final do adulto. Na infância, ela toma como significativo, apenas, o órgão genital masculino, entretanto, o que importa não é a primazia dos órgãos genitais, e sim uma primazia do falo. O autor descreve as consequências da primazia do falo, tomando como referência o menino e alega o desconhecimento sobre o que se passa com a menina. O menino percebe uma distinção entre homens e mulheres, porém, inicialmente, não distingue os órgãos sexuais deles. Em suas teorias sexuais, o menino explora o mundo das coisas animadas (animais) e inanimadas, atribuindo a elas o domínio de um órgão sexual igual ao seu. Em suas investigações, o menino privilegia, como tema, seu órgão genital e todas as sensações que provêm dele, bem como, busca por um órgão semelhante em outras pessoas, comparando-o com o seu, supondo uma diversidade de tamanhos. A potencialidade que o órgão alcançará na puberdade manifesta-se na infância através da curiosidade sexual, uma ânsia pela investigação. A criança pode empreender nessa pesquisa atos que envolvem exibicionismo e agressão.

As pesquisas levam as crianças ao confronto com o genital do outro sexo, seja por meio de brincadeiras ou ocasiões que propiciem essa constatação, como meninas urinando, por exemplo. O primeiro movimento da criança, entretanto, é de rejeição e negação, acreditando que estão vendo um pênis. Elas criam teorias que afirmam que o pênis ficará maior em pouco tempo. Essas teorias caminham para concepção, emocionalmente significativa, de que o pênis já esteve lá, mas foi retirado. A partir dessa conclusão, a criança atribui a falta de um pênis à castração e propõe chegar a um acordo com a castração em relação a si própria. A primazia fálica é um caráter essencial da origem do complexo de castração. O autor atribui consequências psíquicas significativas derivadas da constatação da ausência de pênis. Nas mulheres, entre essas consequências, Freud (1923/2011) elenca a depreciação e o horror ao próprio sexo, bem como a disposição à homossexualidade.

Freud (1925/2011a), em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, reconhece que a vida sexual da menina não é semelhante àquela do menino. O autor afirma que a primeira etapa do Édipo seria semelhante em ambos os sexos. Ele considera que o primeiro objeto de amor da criança em ambos os sexos é a pessoa que a ampara. O pai é percebido como um rival, do qual deseja ver-se livre e substituído. Freud (1925/2011a) retoma a ideia de que o complexo de Édipo do menino é destruído pelo temor da castração e pelo interesse narcísico nos órgãos genitais. O autor destaca que o Édipo nos meninos apresenta uma dupla orientação, uma constituição bissexual, ou seja, ativa e passiva, além de substituir o pai,

o menino também deseja ocupar o lugar da mãe como objeto de amor de seu pai, tomar uma atitude feminina.

Segundo Laplanche (1988), o que se apresenta primeiro para a criança é o problema da diferença dos sexos. O autor entende que Freud admite que a percepção da diferença entre homem e mulher, entre pai e mãe, é precedida por um reconhecimento “pré-castrativo” ou pré-édipiano”. Esse conhecimento, entretanto, não empreende grande valor pulsional. A busca por conhecimento entre as diferenças sexuais é suscitada na criança a partir de um elemento pulsional, precisamente o ciúme em relação a uma outra criança, fundamentando sua curiosidade sobre a origem das crianças.

O texto "*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*" (1925/2011a) contém todos os indicativos sintetizados da concepção freudiana sobre a sexualidade das meninas. Alguns aspectos, entretanto, foram expostos em outros trabalhos do autor, mas não se encontravam articulados. O ponto central da teoria aparece nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e refere-se ao pressuposto que estabelece o seio materno como o primeiro objeto sexual da criança, bem como institui essa relação como protótipo de toda relação amorosa posterior. Esse aspecto é apontado, nesse texto, como verdadeiro, tanto na menina quanto no menino. Freud apresenta, neste artigo, a dupla mudança que ocorre na menina, no pré-Édipo e na constituição do supereu. (Strachey, 1991).

Para Freud (1925/2011a), a primeira excitação da criança emerge em idade precoce ao escutarem a cópula dos pais, que marca o início do seu desenvolvimento sexual. O autor adverte para o equívoco da generalização, pois essas experiências não podem ser tomadas como universais, suscitando a perspectiva da teoria das fantasias primordiais: “A masturbação, assim como as duas posturas do complexo de Édipo, liga-se, mais tarde, a esta impressão, subsequentemente interpretada” (Freud, 1925/2011a, p.288). O autor afirma:

Conforme uma observação do velho pediatra S. Lindner, a criança descobre a zona genital como fonte de prazer – o pênis ou o clitóris – ao mamar prazerosamente (sugar). Deixarei em aberto a questão de saber se de fato a criança toma essa nova fonte de prazer em substituição à teta perdida da mãe, como talvez indiquem fantasias futuras (felação). Em suma, a zona genital é descoberta de alguma maneira, e não parece justificado atribuir um conteúdo psíquico às primeiras atividades que a ela se relacionam. O passo seguinte na fase fálica que assim começa, porém, não é o nexos dessa masturbação como os investimentos objetais do complexo de Édipo, mas uma descoberta rica de consequências, que cabe à menina fazer. Ela nota o pênis de um irmão ou companheiro de jogos, flagrantemente visível e de tamanho notável,

reconhece-o de imediato como a superior contrapartida de seu próprio órgão pequeno e oculto, e passa a ter a inveja do pênis (Freud, 1925/2011a, p. 289-290).

Freud (1925/2011a) comenta as ideias de Lindner (1879), que considera a possibilidade do prazer da zona genital como uma substituição da perda do seio materno, como fonte de prazer. A fase fálica da menina dá-se atravessada pela experiência de confrontar-se com a genitália do menino e as consequências psíquicas desse encontro. A menina vê o órgão do menino, estabelece seu julgamento e constata que não o tem e quer tê-lo. Freud (1925/2011a) comenta sobre o complexo de masculinidade na mulher e sua possibilidade de ramificação. Para o autor, algumas mulheres podem levar seu complexo de masculinidade até mais tarde em sua vida, movidas pela esperança de algum dia ter um pênis e tornar-se semelhante a um homem. Essa esperança pode levá-la a atitudes estranhas e inexplicáveis. Diante desse complexo, a mulher pode desenvolver uma rejeição, que na infância não se apresenta com grandes consequências, podendo ser superada sem maiores danos. A menina pode rejeitar o fato de ser castrada, sustentar-se na convicção que tem um pênis e comportar-se como um homem. Outra consequência do complexo de masculinidade envolve uma possível ferida narcísica, em que a menina desenvolve um sentimento de masculinidade. Na mulher, mesmo quando ocorre o abandono do objeto, a inveja do pênis, por meio do deslocamento, persiste no traço do ciúme.

Outra consequência psíquica, apontada por Freud (1925/2011a), refere-se ao abalo sofrido pela relação afetiva entre mãe e filha, em que a filha sente que a mãe não a aparelhou suficientemente, não lhe deu um pênis. Esse ressentimento manifesta-se por meio do ciúme de outras crianças, demonstrado pela menina que acredita que a mãe gosta mais de outra criança do que dela e esse ciúme é causador do abandono da mãe. Uma consequência da inveja do pênis, destacada por Freud (1925/2011a) como a mais importante, é a descoberta da inferioridade do clitóris. O autor considera a dificuldade da mulher com a masturbação como uma diferença do entendimento do homem que manifesta menos hesitação ao realizá-la. Freud (1925/2011a) considera que não pode generalizar a regra para todas as mulheres, pois existem casos em que a mulher não manifesta dificuldades com a masturbação. Ele descreve a masturbação como um ato masculino e que a condição para que a mulher desenvolva a feminilidade é o abandono da sexualidade clitoridiana. Dessa forma, a masturbação é descrita como um ato mais afastado da natureza das mulheres do que dos homens. Segundo o autor, a

menina manifesta um sentimento aversivo à masturbação, durante a fase fálica, após os primeiros sinais de reconhecimento do pênis. Essa aversão não procede da educação, mas pode ser compreendida como relacionada a um recalçamento que no futuro eliminará a masculinidade na menina e dará espaço para a feminilidade. Esse fator deve ser reconhecido na análise da sexualidade feminina, pois muitas manifestações posteriores da vida sexual das mulheres são explicadas por essa consequência psíquica. Essa análise de Freud sobre a sexualidade das mulheres fundamenta-se, em grande parte, no aspecto fisiológico, do dismorfismo sexual. Os complexos de Édipo e de castração das meninas, apresenta-se como insuficiente e é descrito pelo próprio autor como uma parte da teoria que precisa ser aprofundada. A abordagem psíquica da vida sexual das mulheres mostra-se conflituosa e muito presa ao traço biológico. Freud (1925/2011a) supõe que a oposição apresentada pela menina quanto à masturbação fálica surge como efeito da inveja do pênis, um sentimento narcísico de humilhação. Para ele, a menina constata que não possui as atitudes necessárias para competir com os homens.

Após a fase fálica, o Édipo da menina manifesta-se por meio do novo investimento libidinal, que se resume à equação pênis-criança. A menina abandona seu desejo por um pênis e coloca em seu lugar o desejo por um filho e assim seu objetivo de amor é personificado em seu pai. A mãe passa a ser percebida como objeto de ciúme, e a menina torna-se uma pequena mulher. Freud (1925/2011a) adverte para um possível despertar prematuro do aparelho genital da menina. O autor julga como caminhos possíveis para a menina, que terá que abandonar a ligação com o pai, a identificação e/ou fixação nele. A fixação na ligação com o pai leva a menina de volta ao seu complexo de masculinidade. Ele distingue os momentos do despertar do complexo de Édipo e castração na menina e no menino. Na menina, o Édipo é secundário e manifesta-se através do complexo de castração, enquanto que esses fenômenos, no menino, ocorrem de maneira oposta, pois o complexo de castração destrói o Édipo. A consequência psíquica provocada por essa diferença no menino e na menina é a constatação de que uma castração de fato ocorreu, enquanto a outra foi apenas ameaçada. Um aspecto interessante, apontado pelo autor, é a peculiaridade do complexo de castração que tende a inibir e limitar a masculinidade e incentivar a feminilidade.

Segundo Strachey (1991), Freud, em seu texto "*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*", retifica algumas hipóteses que tinha elaborado sobre o desenvolvimento psíquico das mulheres. Neste trabalho, estariam presentes as premissas de

teorias posteriores de Freud sobre o assunto. De acordo com Strachey (1991), Freud classificava sua elaboração sobre a vida sexual das mulheres como obscura. Segundo ele, Freud declara, no início dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que apenas a vida sexual dos homens tornou-se acessível à pesquisa. Essa obscuridade o teria levado a apresentar a sexualidade das mulheres como semelhante à sexualidade dos homens, e a ignorar as especificidades da sexualidade feminina, como o fez no caso Dora. O autor voltou a escrever sobre a psicologia feminina, em 1915, quando dedicou-se a um caso de paranoia feminina. Entre esses dois casos, ele atendeu um paciente que o levou a pensar sobre o estudo das fantasias de escapamento, que se referia ao desenvolvimento sexual das meninas na infância (1919). Após essa fase profissional, Freud manteve-se pensando na história sexual das mulheres.

Em *Sobre a sexualidade feminina*, Freud (1931/2018) propõe um entendimento sobre o Édipo na menina que tem início com a criança ligada à mãe e posteriormente efetua a troca da mãe como objeto originário pelo pai. Esse processo constitui um movimento significativo para o desenvolvimento da mulher. O autor comenta, entretanto, que ele ainda não sabia como o processo edípico da menina leva à troca do objeto materno pelo paterno e como se daria o desenvolvimento da mulher, bem como aponta a forte ligação das mulheres com o próprio pai e considera que esse investimento não implica necessariamente em um aspecto neurótico. Apresenta ainda alguns pontos relevantes a respeito da concepção sobre a sexualidade feminina, como a forte ligação da criança com a mãe que antecede a aproximação do pai e a fase pré-edípica que corresponde a um período que pode determinar certo tipo de posicionamento afetivo emocional da mulher.

O primeiro ponto, de acordo com Freud (1931/2018), considera “uma fase de ligação exclusiva com a mãe, igualmente intensa e apaixonada” (p. 286). Essa relação primária com a mãe é vivenciada pela menina de forma rica e multifacetada, sendo que a segunda fase, que se refere à relação com o pai, traz como novo apenas a troca de objeto amoroso. O autor esclarece que a perspectiva pré-edípica mostra que a ligação da menina com a mãe corresponde a um longo período, constituindo a parte mais longa do primeiro florescimento sexual. Para ele, a fase pré-edípica abre espaço para todas as fixações e recalcamientos que originam as neuroses, ou seja, “o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose” (p. 286).

O psicanalista acrescenta que, no caso específico da menina, a mulher só chega à condição normal positiva do Édipo após a superação do período que corresponde ao complexo negativo, no qual o pai não é para a menina mais do que um rival incômodo. Este incômodo

apresenta-se em uma proporção menos intensa na menina do que no menino. Essa fase de ligação com a mãe pode significar uma íntima relação com a etiologia da histeria, pois tanto essa fase quanto a neurose pertencem ao caráter singular da feminilidade. A fase de dependência da mãe, na menina, pode corresponder ao gérmen da futura paranoia na mulher, que consiste no medo de ser devorada pela mãe, fruto da hostilidade desenvolvida pela criança contra a mãe como consequência das limitações da educação e dos cuidados com o corpo. Todo esse processo de projeção pode ser “favorecido pela prematuridade da organização psíquica” (Freud, 1931/2018, p. 288).

Freud (1931/2018) afirma, em relação ao investimento da menina em seu objeto materno, que esse período de ligação, quando termina, faz emergir a recriminação da criança por não a conceber com o genital correto, ou seja, por tê-la parido como mulher. Outra recriminação dirigida à mãe pela menina refere-se ao tempo suficiente para a amamentação. O autor estabelece uma comparação entre o abandono da ligação com a mãe e a frequência de término dos primeiros casamentos das jovens mulheres, realizados com a mais intensa paixão e considera que “a atitude amorosa fracassaria em virtude dos inevitáveis desenganos e do acúmulo de ocasiões para a agressão” (p. 297). A segunda tentativa de enlaçamento matrimonial é mais bem-sucedida. Vimos, então, as diferenças, apontadas por Freud, presentes no complexo de Édipo do menino e da menina. O naufrágio do Édipo também ocorre de maneira diferente em ambos os sexos.

O temor da castração é proposto, por Freud, como precipitador do declínio do complexo de Édipo no menino, enquanto na menina, encontra-se no início do período edípico. Ele, inicialmente, não deixa muito claro o que, a princípio, despertaria o declínio do complexo de Édipo, apenas levanta algumas hipóteses. Ele estabelece, entretanto, o complexo de castração como o responsável pelo naufrágio da organização genital fálica na criança. A ameaça de castração corresponde a uma fantasia infantil de perda do órgão genital. Mais tarde, o autor declara o fim da organização genital fálica no menino com o declínio do complexo de Édipo e ratifica a ameaça de castração como precipitadora desse processo.

A entrada e o declínio edípico dão-se, portanto, de forma diversa no menino e na menina, como Freud (1925/2011a) esclarece em seu texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. O que leva o menino ao complexo de Édipo é sua investigação sobre a origem dos bebês e o que leva a menina ao Édipo é a constatação da presença do pênis no menino e a ausência em si desse membro. O declínio do Édipo na menina

ocorre também de maneira diferente e são enumeradas por Freud três maneiras de a menina enfrentar o sentimento de inveja do pênis que ela desenvolve. A princípio, a menina constata a ausência do pênis e quer tê-lo. Numa dessas formas de enfrentar a inveja do pênis, ela constata que não o possui e dá curso à busca pela feminilidade. Outra forma consistiria em não aceitar tão facilmente que não possui o pênis e manter a esperança de algum dia consegui-lo. Dessa forma, ela passa a se parecer com um homem e, diante dessa percepção, comporta-se de forma estranha e inexplicável, como descreve Freud (1925/2011a). A terceira possibilidade seria a menina rejeitar a ideia de que não possui um pênis e viver com a convicção de que tem um, agindo como se fosse um homem. O autor esclarece que esse comportamento em uma criança não é raro nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose. Ele considera que o fim do Édipo da menina não ocorre como no menino. De acordo com o autor, falta um mobilizador para que naufrague o complexo de Édipo da menina. Assim, nela, o Édipo vai sendo progressivamente abandonado, ou sendo elaborado a partir do recalque, ou ainda apresenta influência na vida psíquica da mulher.

Freud (1924/2018), no texto *O declínio do complexo de Édipo*, localiza o romance edípico como o fenômeno central da sexualidade na primeira infância. Após alcançar o auge de seu investimento, o complexo de Édipo sucumbe ao recalque e abre espaço para o período de latência. O autor assevera, no entanto, que não se encontra bem definido o elemento causador do naufrágio do Édipo. Freud (1924/2018) esclarece que a menina se frustra ao perceber que não ocupa o centro das atenções do pai e sofre uma dura decepção ao perder seu paraíso ingênuo. O menino percebe que a mãe não é propriedade sua e que ela não se encontra à sua inteira disposição, dedicando-se a um recém-chegado. Mesmo não ocorrendo nenhuma dessas possibilidades, ou outro acontecimento específico, com contínua insatisfação de seu investimento libidinal, levam a criança a desistir de seu investimento libidinal no genitor. O naufrágio do Édipo ocorre, então, pelo fracasso e pelos efeitos de sua impossibilidade interna. Para Freud (1924/2018), entre as hipóteses que investigam o declínio do Édipo, está a ideia da hereditariedade, a qual pressupõe que o complexo vivenciado pela criança está fadado a iniciar e findar em determinado período de tempo e seu declínio corresponde a uma fase preordenada de desenvolvimento. O autor também faz referência à hipótese ontogenética, que trata da ideia de predestinação de todo indivíduo que nasce e em algum momento vai morrer, e também considera que influências acidentais sobre a disposição edípica devem ser pesquisadas.

O autor conclui sobre o desenvolvimento da criança que culmina no auge da potencialidade do órgão genital, enquanto o órgão genital feminino permanece irrevelado, o órgão sexual masculino assume o papel principal. A esse percurso da vida sexual infantil, Freud (1924/2018) nomeia como fase fálica, a qual desenvolve-se por um período limitado e é submersa, quando sucedida pelo período de latência. O declínio da fase fálica e o ingresso no período de latência impedem que a sexualidade se desenvolva, de forma contínua, até a organização genital definitiva. O autor analisa o crescente interesse do menino por seu órgão genital e a frequência com que o manipula até que perceba que esse comportamento se apresenta como pouco aceitável. O adulto, normalmente, ameaça o menino de castrar seu órgão, caso o manipule. Essa ameaça é mais frequentemente realizada por mulheres, invocando o pai ou o médico, que cumpririam o papel de concretizá-la. Ele lembra que em alguns casos as mulheres retrocedem na ameaça, dizendo que não removeriam o órgão genital, que é manipulado, mas, sim, a mão que o manipula, sendo, portanto, o órgão, passivo e a mão, o culpado ativo. Muitas vezes a ameaça de castração é apresentada à criança que manifesta a enurese noturna. O efeito dessa ameaça é a associação da enurese com o interesse da criança pelo próprio pênis e provável manipulação do mesmo. Freud (1924/2018) afirma que a enurese noturna, quando muito duradoura, pode ser comparada à poluição noturna dos adultos, como expressão da mesma excitação dos órgãos genitais que levaram a criança a masturbar-se.

De acordo com Freud (1924/2018), então, a ameaça de castração é responsável pelo declínio da organização genital fálica da criança. A criança também se submete a outras influências e incorpora imediatamente a castração. Num primeiro momento, o menino não acredita na ameaça ou não obedece ao adulto. Para a psicanálise duas manifestações aproximam a criança da experiência de ameaça de castração: perda do seio materno e a exigência de controle dos esfíncteres. A significação da ameaça de castração ocorre em dois momentos: a princípio a ameaça não provoca efeito, porém, quando um novo evento surge, a criança considera a hipótese de ser castrada. A criança apresenta hesitação e esforça-se para depreciar a significação da ameaça de castração até que se depara com a visão dos órgãos genitais femininos. O menino que se orgulha da posse de um pênis é impactado pela visão da região genital de uma menina, um ser semelhante a si mesmo. A consequência desse impacto é a fantasia do menino, que passa a considerar a possibilidade de perder seu pênis e potencializa a ameaça de castração, que até então havia sido adiada (Freud, 1924/2018).

Bolsson & Benetti (2011) esclarecem que as vivências edípicas podem levar a criança a desenvolver angústia, assim como ao sintoma e à constituição psíquica. O sentimento de castração também pode ser precedido pela angústia, provocada pela reedição de afetos de separação da mãe vivenciados na hora do nascimento, no desmame, na separação das fezes durante a fase anal. Essa angústia manifestada durante a infância pode implicar em um intenso sofrimento psíquico e na manifestação de uma neurose infantil.

O contexto sexual que a criança vivencia neste período envolve a ameaça de castração praticada por pessoas encarregadas de seu cuidado, a masturbação como parte de sua vivência sexual e a atitude edipiana para com seus pais. Esses atos interagem no universo da criança. A masturbação constitui uma descarga genital da excitação sexual referente ao complexo de Édipo. Na infância ou em anos posteriores, esse investimento libidinal alimentará o ato masturbatório. A criança escolhe entre a atitude edipiana passiva ou ativa. Na atitude ativa, ela imagina-se como substituta do pai, numa postura masculina, podendo ter relações como as que o pai tem com a mãe, e rivalizar com o genitor masculino. Na atitude passiva, a criança imagina-se como substituta da mãe, sendo amada pelo pai e tomando a mãe como supérflua. Para a criança, a relação erótica satisfatória ainda não está bem definida, mas sabe que o pênis desempenha um papel, o que pode ser constatado pelas experiências que vivencia com o seu próprio órgão. De acordo com suas teorias sexuais, inicialmente, a criança manifesta a crença que a mulher possui pênis. Quando aceita a possibilidade de castração, entretanto, reconhece que a mulher é castrada e abandona as duas possíveis posições em que poderia obter satisfação no complexo de Édipo, uma vez que a posição ativa levaria à perda do pênis como punição e a posição passiva, feminina, só seria possível com a perda do pênis como precondição. Assim, a criança vive um conflito, decorrente do sentimento de que deve renunciar seu interesse narcísico em sua região genital e o investimento libidinal em seus pais como objetos. Diante desse conflito, a criança costuma abandonar o complexo de Édipo e privilegiar seu interesse narcísico em seu membro (Freud, 1924/2018).

Esse abandono realiza-se por meio da substituição do investimento no objeto pela identificação com ele. O supereu também se constitui após o abandono do Édipo e seu núcleo se forma com a introjeção da autoridade do pai ou dos pais no eu. O supereu, então, assume a severidade do pai e legitima sua proibição contra o incesto, defendendo o eu do retorno do investimento libidinal. O processo de identificação estabelece-se a partir da dessexualização e sublimação das tendências libidinais vivenciadas no complexo de Édipo, que são inibidas e

transformadas em afeto. Nesse percurso, o órgão genital fica preservado e distante do perigo de ser castrado, bem como paralisado, com sua função temporariamente removida, compondo o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança (Freud, 1924/2018). Freud considera que o recalque poderia atuar sobre o complexo de Édipo, embora este não seja o último, pois no futuro ocorrem novos recalcamientos com a participação do supereu, que está sendo constituído. O processo, entretanto, é avaliado pelo autor como uma destruição e abolição do complexo, ou seja, como envolvendo ou devendo envolver mais que um recalque. Essa condição contribui para compreendermos a distinção entre o normal e o patológico. Se o complexo foi apenas recalado e permanece presente no inconsciente, mais tarde, ele vai manifestar seu efeito patogênico.

No caso das meninas, Freud (1924/2018) é cauteloso, ao afirmar que a ameaça de castração e o complexo de Édipo são obscuros e cheios de lacunas teóricas. O autor prende-se à distinção morfológica e sua influência sobre a diferença de desenvolvimento psíquico. Ele considera que o clitóris, inicialmente, ocupa, na menina, uma função parecida com a do pênis, para o menino, e esclarece que, quando a menina se aproxima do menino em suas brincadeiras, constata a diferença anatômica e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade. Segundo o autor, a menina consola-se com a esperança de que, talvez, com o tempo, possa adquirir um membro tão grande quanto o do menino. Ele afirma que o complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. O autor assegura que uma menina não entende sua falta de pênis como possuindo um caráter sexual e cria a teoria de que, “já possuiu um membro do mesmo tamanho e depois perdeu com a castração” (Freud, 1924/2018, p. 212). De acordo com Freud, a menina “não parece estender essa mesma conclusão a outras a mulheres adultas, mas atribui-lhes um genital grande e completo, masculino, exatamente na fase fálica” (Freud, 1924/2011, p. 212). Ele conclui que a menina toma a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a perda.

Como comentamos, a destruição do Édipo, segundo Freud (1925/2011a), possui consequências psíquicas importantes como a constituição do supereu. O supereu torna-se o herdeiro do Édipo que foi destruído no inconsciente. O pênis assume a significação orgânica da preservação da espécie (Freud, 1925/2011a). O incesto proveniente do Édipo, institui a consciência e a moralidade, representando uma vitória da raça sobre o indivíduo. Esse aspecto elencado por Freud (1925/2011a) é relacionado à neurose que apresenta como fundamento um conflito entre o eu e as exigências da função sexual.

Uma pontuação importante é apresentada por Freud (1923/2011), em *O Eu e o Id*, ao fim do complexo de Édipo. Nele temos como resultado a formação do que o autor chama de um precipitado no eu, que se compõe desse emaranhado de identificações, as quais se opõem aos outros conteúdos do eu e tomam a consistência de um ideal do eu, ou supereu. O supereu, desse modo, consiste em um resíduo de escolhas inconscientes primitivas, bem como é composto por uma constituição que reage energeticamente a essas escolhas. Ao mesmo tempo em que o supereu comporta um imperativo: “você deveria ser assim”; essa instância psíquica também comporta um imperativo: “você não pode ser assim”. A ação do supereu dá-se de forma mais repressora quanto mais intenso foi o complexo de Édipo. Também, comporta o caráter do pai, reforçado por alguns elementos da ordem social, como a influência da autoridade do ensino religioso, a educação escolar e a leitura. Com isso, resulta-se em uma precipitação sobre o eu na forma de consciência ou sentimento inconsciente de culpa. Freud (1925/2011a), em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, declara que os resultados que obtemos do complexo de Édipo são o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade, efeitos considerados uma vitória da civilização sobre o indivíduo.

A destruição do Édipo na menina não apresenta um motivo tão claro quanto no menino, pois nela a castração foi o ponto de partida para o Édipo. Possivelmente, o romance edipiano vai sendo abandonado lentamente, ou recalcado, ou seus efeitos podem permanecer presentes no psiquismo das mulheres. A maneira como a teoria freudiana aborda a constituição do supereu feminino, implica em uma descrição que considera essa instância menos inexorável, impessoal e independente das origens emocionais do que o supereu masculino, apresentando, conseqüentemente, uma diferença no julgamento das mulheres que seria eticamente normal. O autor afirma que o supereu nas mulheres apresenta menor senso de justiça, bem como menor aptidão para se submeter às exigências da vida, pois seus julgamentos são influenciados por sentimentos de afeição ou hostilidade. O autor conclui que também os homens estão muito longe de representarem o ideal masculino e diz que todos os indivíduos humanos combinam em si aspectos masculinos e femininos, como consequência da disposição bissexual e da herança cruzada, assim sendo, a masculinidade ou feminilidade puras permanecem como construções teóricas de conteúdo incerto.

O estabelecimento do supereu e a interrupção da organização genital infantil, na menina, dá-se como consequência da educação e intimidação originada do exterior, com a perda de amor. O Édipo na menina corresponde a colocar-se no lugar da mãe e adotar uma atitude

feminina com o pai. Ela renuncia ao pênis, sem buscar compensação, ocorrendo um deslizamento do pênis para um bebê. A menina alimenta um desejo, em seu Édipo, de receber do pai um bebê como presente. Esse desejo jamais se realiza e o complexo de Édipo é abandonado aos poucos. O investimento inconsciente no desejo de possuir um pênis e um filho permanece na mulher e prepara-a para ser mãe. As tendências sexuais femininas infantis são inibidas quanto ao objetivo e esse evento está fortemente vinculado a uma intensidade menor da contribuição sádica da sua pulsão sexual, devido à teoria do crescimento tardio do pênis. O *insight* sobre o processo de desenvolvimento sexual na menina não foi esgotado e a elaboração teórica mostra-se insatisfatória, incompleta e vaga (Freud, 1924/2018).

Seguindo a trilha do pensamento freudiano, percebemos que as características do complexo nuclear da neurose vão sendo descritas, bem como Freud vai esclarecendo as distinções entre o complexo de Édipo no menino e na menina. Constatamos que as observações do psicanalista se sustentam a partir de relatos de seus pacientes adultos, que apresentam uma marca indelével desse período, principalmente, no que se refere à escolha de objeto amoroso. Segundo a teoria, o encadeamento que o sujeito dá a seu próprio Édipo determina suas futuras relações afetivo-emocionais. Como vimos, Freud considera alguns aspectos do pré-Édipo, apresentados pelo sujeito, e entre eles está a escolha narcísica. O indivíduo manifesta na infância aspectos psíquicos do narcisismo e pode preservá-los na vida adulta. Passemos, agora, à análise do narcisismo.

4.1 NARCISISMO E O ASPECTO INFANTIL

De acordo com Freud (1914/2010), em *Introdução ao Narcisismo*, a palavra “narcisismo” foi usada por P. Näcke, em 1899, fazendo referência ao comportamento de tocar e acariciar o próprio corpo, tratando como um objeto sexual, até atingir a satisfação. O narcisismo desenvolvido ao ponto de tratar o próprio corpo como objeto sexual, tem o significado de uma perversão, que tomou toda a vida sexual do indivíduo. Para o autor, a alocação da libido, denominada narcisismo, pode manifestar-se de modo intenso e no desenvolvimento sexual regular do ser humano. Com essa afirmação, ele ratifica a constatação da pesquisa psicanalítica em que características isoladas da conduta narcisista podem ser encontradas em muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios, como os homossexuais, conforme apontado por Sadger.

No caso dos neuróticos, Freud (1914/2010) assegura que o narcisismo que se manifesta não seria uma perversão, apenas um complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual atribuímos uma porção a cada ser vivo. Em relação ao amor do homem e da mulher, ele afirma em *Introdução ao Narcisismo*, que os primeiros objetos sexuais são tomados em suas vivências de satisfação na infância e adolescência. As primeiras satisfações sexuais autoeróticas estão ligadas à autoconservação, nas funções vitais. O autor aponta que inicialmente as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões do Eu para posteriormente se tornarem independentes. As pessoas responsáveis pelo amparo da criança, que ocupam o papel de maternagem são os seus primeiros objetos de amor. No caso de pervertidos e homossexuais, o primeiro objeto de amor tomado é ele mesmo. As pessoas se dividem em dois tipos: tipo narcísico e tipo de apoio. O tipo narcísico apresenta quatro formas de interesse: o que ela mesma é (a si mesma); o que ela mesma foi; o que ela mesma gostaria de ser; e a pessoa que foi parte dela mesma. O tipo que apresenta a escolha de objeto conforme “apoio” apresenta duas formas de interesse: a mulher nutriz e o homem protetor.

Freud (1910/2013), em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, considera que a homossexualidade pode estar ligada a uma vivência infantil esquecida, na qual o sujeito apresentava “uma intensa ligação erótica numa pessoa do sexo feminino, geralmente a mãe, ligação essa provocada ou favorecida pela ternura excessiva da própria mãe e, além disso, sustentada pelo distanciamento do pai na vida da criança” (p. 166). Para o autor, a presença do pai pode exercer influência sobre a escolha objetal em alguém do sexo oposto.

Nesse processo, o amor à mãe sofre repressão e não acompanha o desenvolvimento consciente do sujeito. Ao reprimir o amor à mãe, o sujeito coloca a si mesmo no lugar dela, num encadeamento de identificação, no qual ele parte de si mesmo como modelo e escolhe objetos semelhantes a esse referencial. Assim, de acordo com Freud (1910/2013), o sujeito “torna-se homossexual; mais precisamente, retorna ao autoerotismo, pois os garotos que o adolescente agora ama são apenas sucedâneos e reiteraões de sua própria pessoa infantil, que ele ama tal qual sua mãe o amou quando criança” (p. 167). O autor define esse encontro com o objeto amoroso como narcisismo, referindo-se ao mito grego de Narciso, “um jovem que amava acima de tudo sua própria imagem refletida, e que foi transformado na bela flor que tem esse nome” (p. 167).

Segundo a perspectiva freudiana, presente nesse texto de 1910, o homossexual permanece fixado inconscientemente na imagem-lembrança da mãe, e se mantém fiel a ela.

Conforme essa elaboração, “o homem aparentemente receptivo apenas ao encanto masculino sente a atração que emana das mulheres como um homem normal, na verdade; mas ele se apressa em transpor para um objeto masculino a excitação que lhe vem da mulher” (Freud, 1910/2013, 167-168). Assim, o sujeito sempre repete o mecanismo pelo qual adquiriu sua homossexualidade. O autor esclarece que a homossexualidade de processos psicosssexuais de inibição, e o narcisismo, talvez, se constituam apenas como um entre muitos, referindo-se a um tipo de homossexualidade. Além disso, ele não descarta fatores constitucionais desconhecidos, aos quais pode-se atribuir a homossexualidade.

Em *Autobiografia*, Freud (1925/2011b) afirma que o narcisismo se caracteriza como o estado que precede o complexo edipiano. No narcisismo, o indivíduo toma a si mesmo como objeto de investimento libidinal. O estado narcísico não cessa, encontrando no Eu um reservatório de sua libido. Ao comentar sobre as catexias objetais, bem como seu transporte ou conversão a partir dos objetos, o autor defende que a libido narcísica, a partir de certo momento é transformada em libido objetal, podendo retornar ao estado de libido narcísica.

Retornando ao texto *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) afirma que na escolha “de apoio”, a criança elege as pessoas encarregadas de sua nutrição (a mãe) como seu objeto sexual, numa tentativa de satisfazer as pulsões do Eu, tornando-se mais tarde independente deles. A escolha narcísica, entretanto, manifesta-se em pervertidos e homossexuais, pessoas que sofreram perturbação em seu desenvolvimento libidinal, que escolhem seu objeto de amor conforme sua própria pessoa, e não segundo o modelo da mãe. O indivíduo pode apresentar, a princípio, dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, pressupondo o narcisismo primário, que pode ser predominante em sua escolha de objeto (Freud, 1914/2010).

A vida amorosa do homem e da mulher apresenta algumas distinções, caracterizadas como fundamentais e não universais, referentes ao tipo de escolha de objeto. O tipo “de apoio” apresenta como principal aspecto o amor objetal completo e é característico do homem, no qual ocorre uma superestimação sexual, que pode resultar da transposição do narcisismo original da criança para o objeto sexual. A superestimação sexual provoca um empobrecimento libidinal do Eu em favor do objeto, permitindo o enamoramento, estado que lembra a obsessão neurótica. Na mulher, o “apoio” configura-se num tipo mais genuíno de mulher. “Com a puberdade, a maturação dos órgãos sexuais femininos até então latentes parece trazer um aumento do narcisismo original, que não é propício à constituição de um regular amor objetal com

superestimação sexual” (p. 34). No caso da mulher “o apoio” não constitui um amor objetal regular com superestimação sexual. Nesse caso, ocorre uma autossuficiência compensadora diante da limitação social imposta à mulher na escolha de objeto, ocasionando o intenso amor a si mesma semelhante ao amor que o homem lhe devota. Na prática, o tipo “apoio” implica em mulheres cuja “necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição” (Freud, 1914/2010, p. 34).

Freud (1914/2010) assevera que uma pessoa narcísica exerce poder de atração sobre pessoas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca de seu amor objetal. Segundo o autor, pessoas narcísicas são invejadas pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que foi abandonada pelas outras pessoas, desde então. Ele cita exemplos de narcisismo como: a atração que exerce uma mulher narcísica, um bebê com seu narcisismo, características como autossuficiência e inacessibilidade, alguns bichos que parecem não se importar conosco como gatos e os grandes animais de rapina; e o grande criminoso, bem como o humorista, que conquistam o interesse. Nesses exemplos, o interesse é preservado devido à coerência narcísica apresentada por certas pessoas e animais, que conseguem manter seu Eu distante de tudo que possa diminuí-lo. Para Freud (1914/2010), o homem que se sente atraído pela mulher narcísica também apresenta algumas peculiaridades como uma raiz na incongruência entre os tipos de escolha de objeto, que o conduzem a estabelecer relações em que prevalecem a insatisfação, a dúvida quanto ao amor da mulher, além da reivindicação quanto aos enigmas de seu ser. O autor tenta justificar-se a respeito dos apontamentos sobre a mulher narcísica, eximindo-se de um olhar tendencioso que deprecia a mulher. Para tanto, ele recorre ao contexto biológico, que descreve como altamente complicado. Além disso, considera a possibilidade de algumas mulheres dedicarem amor, segundo o modelo masculino e também manifestarem a superestimação sexual própria desse tipo. Freud (1914/2010) considera a possibilidade do amor objetal, para as mulheres narcísicas, por meio da concepção de uma gravidez: “no filho que dão à luz uma parte de seu próprio corpo lhes surge à frente como um outro objeto, ao qual podem então dar, a partir do narcisismo, o pleno amor objetal” (Freud, 1914/2010, p. 35). De acordo com o autor, algumas mulheres, para desenvolver o narcisismo secundário, não precisam aguardar o filho. Essas mulheres podem ter vivenciado um desenvolvimento masculino antes da puberdade, sentimento interrompido pela maturação feminina, deixando como resto a capacidade de ansiar por um ideal masculino, dando continuidade à natureza de menino que um dia tiveram.

Outro efeito do narcisismo, apontado por Freud (1914/2010), é a condição que leva muitos pais a reviverem e reproduzirem o seu próprio narcisismo, vivenciado há muito tempo, por meio de uma atitude terna. Esse afeto marca a superestimação na escolha de objeto, demonstrado por meio da negação da sexualidade infantil ou atribuição de uma perfeição nos filhos e ocultação e esquecimento de todos os feitos. Segundo o autor, essa percepção superestimada dos pais leva-os a tentar privar os filhos das conquistas culturais, bem como privá-los das necessidades que um dia permitiriam aos pais reconhecer e renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. Freud (1914/2010) enfatiza que a criança permite aos pais revogar suas perdas como doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade, como se pudessem novamente se sentir no centro e âmago da criação. Assim, à criança os pais atribuem a expectativa de realizar os sonhos que um dia almejaram, como tornar-se um herói como o pai quis um dia, ou desposar um príncipe como compensação para a mãe. Para o psicanalista, o narcisismo dos pais renascido transforma a natureza deles, por meio do refúgio na criança, assegurando o ponto mais delicado do sistema narcísico que é a imortalidade do Eu.

Freud (1914/2010) destaca o complexo de castração como um importante limite ao narcisismo, que o perturba e provoca a reação de defesa. Como mencionamos, o complexo de castração é definido como uma “angústia relativa ao pênis, no garoto e na inveja do pênis, na garota” (p. 38). Ele faz referência a um período da vida da criança em que as pulsões libidinais e as egóicas encontram-se com interesses narcísicos e agindo unidas. Em um adulto normal, a megalomania esmorece e os traços do narcisismo infantil são apagados. O processo pelo qual passa a libido do Eu explica a importância da repressão patogênica, à qual os impulsos pulsionais libidinais são submetidos, quando são confrontados com as ideias morais e culturais do sujeito. A repressão vem do Eu submetido a um ideal erguido dentro do sujeito. O amor a si mesmo, desfrutado na infância pelo Eu real, foi dirigido para o ideal do Eu. De acordo com Freud (1914/2010), o narcisismo foi deslocado para o ideal de perfeição infantil. A perfeição projetada na criança, como seu ideal, representa o narcisismo perdido da infância, durante a qual o sujeito era seu próprio ideal. O sujeito não quer se privar do narcisismo da infância, muitas vezes tolhido por admoestações culturais e educacionais, buscando readquiri-lo numa nova forma de ideal do Eu.

Freud (1914/2010) supõe que muitas das formações inconscientes que surgem no período inicial da vida são, aparentemente, apagadas da memória do sujeito. Essas reminiscências, muitas vezes, retornam de forma fragmentada, impedindo uma associação que

reconstrua os aspectos que originaram a excitação psíquica responsável pelo estado emocional apresentado pelo sujeito em determinada circunstância da sua vida. Muito desse processo deve-se ao mecanismo do recalque. Para compreendermos o psiquismo do sujeito, precisamos entender o efeito que esse destino exerce sobre a pulsão, por meio da presença da megalomania, como traço narcísico na vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. Alguns exemplos dessa manifestação são “(...) uma superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a ‘onipotência dos pensamentos’, uma crença na força mágica das palavras uma técnica de lidar com o mundo externo, a “magia” que aparece como aplicação coerente dessas grandiosas premissas” (Freud, 1914/2010, p. 17). Para Freud, a percepção da presença da libido em crianças e nos povos primitivos contribui para “a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam” (p. 17). A pesquisa freudiana se fez a partir dos sintomas neuróticos e, talvez, por isso a alocação da libido não tenha sido percebida logo no início. O que ficou mais perceptível foram os investimentos de objeto que podem ser avançados e novamente recuados. Em sua pesquisa, o psicanalista relata ter percebido uma oposição entre libido do Eu e libido do objeto. A relevância desse dado leva o autor a algumas conclusões: quanto mais se investe em uma das libidos (Eu e objeto), mais se empobrece a outra; a libido de objeto tem como auge de seu desenvolvimento o enamoramento, em que ocorre um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu oposto na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranoicos. Quanto à diferenciação das energias psíquicas, Freud defende, nesse texto a existência de uma energia sexual, a libido; e de uma energia das pulsões do Eu, o interesse (Freud, 1914/2010).

4.2 PERSPECTIVAS SOBRE O INFANTIL EM *TOTEM E TABU*

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913/2012) desenvolve algumas hipóteses sobre a origem do complexo de Édipo. Suas especulações remetem ao totemismo e permitem promover associações entre vivências socioculturais de tribos que preservam rituais antigos e relatos de pacientes neuróticos. Nesse texto, o psicanalista faz referência às atitudes da infância semelhantes a atos de povos primitivos, que se manifestam e influenciam a vida psíquica dos adultos.

Freud (1913/2012) afirma que o avanço técnico e social da história humana afetou muito menos o tabu do que o totem. O autor relaciona o significado original do totemismo, a partir de traços infantis, a indícios que reafioram no desenvolvimento das crianças. Esses dois aspectos psíquicos e culturais materializam-se no tabu do incesto que impõe regras e limites à vivência afetivo-sexual dos povos primitivos e se conservam na sociedade moderna. A proibição sobre o ato sexual com determinadas pessoas, frequentemente, quando estão ligados pelo laço sanguíneo, corresponde ao tabu do incesto. Para Freud, todavia, a proibição não impede o desejo e apenas reforça a ideia de que o desejo existe. Ele apreende que as leis proibitivas existem porque o indivíduo manifesta desejo e potencialidade de praticar o ato proibido. O autor apresenta, como exemplo, a relação sogra e genro, observada entre os povos primitivos, que se apresenta marcada pelo aspecto psíquico infantil, como uma reminiscência do período edípico.

Freud (1913/2012) considera que as necessidades psicosssexuais da mulher devem ser satisfeitas no casamento e na vida familiar, mas essa satisfação é ameaçada pela separação prematura e ausência de acontecimentos na sua vida emocional. Através da empatia com seus filhos, a mãe continua jovem como eles e como a filha pode enamorar-se do homem amado por ela. Para o autor, nesses casos, podem ocorrer graves formas de adoecimento neurótico, como consequência do forte conflito psíquico contra essa disposição afetiva. Essa tendência é comum na sogra e a inclinação que lhe é oposta se agrega à profusão de forças em conflito em sua mente. Esse processo pode converter-se em sentimento hostil contra o genro com a finalidade de reprimir o componente proibido, afetuoso.

No homem, o sentimento em relação à sogra também é comum, como procedente da escolha de objeto que remete a imagem de sua mãe e talvez de sua irmã. Freud (1913/2012) afirma: “devido à barreira do incesto, sua predileção moveu-se das duas pessoas queridas de sua infância para um objeto de fora, modelado a partir delas” (p. 39). O sentimento de rejeição em relação à sogra se aproxima do sentimento de horror ao incesto. Nos povos primitivos, os “impedimentos” nas relações entre sogra e genro são justificados pela tentação incestuosa entre esses parentes. O reconhecimento dessa possibilidade vale “para todas as demais proibições entre parentes sanguíneos ou por casamento” (p. 40). Ele considera que o horror ao incesto entre os selvagens constitui um traço peculiarmente infantil e uma notável concordância com a vida psíquica dos neuróticos. O psiconeurótico não conseguiu libertar-se das condições

infantis da homossexualidade ou reverteu para elas, o que se daria a partir dos mecanismos de inibição no desenvolvimento e regressão. Sendo assim, o psicanalista afirma:

em sua vida psíquica inconsciente, então, as fixações infantis incestuosas da libido têm ainda, ou novamente – um papel determinante. Por isso chegamos a ver a relação com os pais, dominada por anseios incestuosos, como o complexo nuclear da neurose (Freud, 1913-2012, p. 41).

Os povos selvagens tratam os antigos desejos incestuosos como fadados a tornarem-se ameaçadores e merecedores de rigorosas medidas de defesa. Freud (1913/2012) descreve o tabu como “proibições antiquíssimas, impostas uma vez a uma geração de homens primitivos, ou seja, neles inculcadas violentamente pela geração anterior. Tais proibições recaíram sobre atividades para as quais havia um forte pendor” (p. 60).

De acordo com Freud (1913/2012), os povos selvagens não sabem explicar o motivo de suas proibições pela gênese do tabu. As proibições provocam nos selvagens uma ambivalência no desejo, que ora tende para o cometimento da infração, ora tende para o temor de cometer essa infração. O desejo de cometer a infração apresenta-se como maior que as leis, e o temor de cometê-la pode ser maior que o desejo de infringir. O desejo é inconsciente tanto no indivíduo desse povo, quanto no neurótico. O autor afirma que as mais antigas e importantes proibições do tabu são as duas leis fundamentais do totemismo como “não liquidar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os indivíduos do mesmo totem que são do sexo oposto” (p. 61). Os mais antigos apetites humanos compõem o ponto nodal dos desejos infantis e constituem o núcleo da neurose. Ele propõe que o fundamento do tabu é uma ação proibida, para a qual há um forte pendor no inconsciente. O psicanalista acrescenta que quem faz o proibido, torna-se ele mesmo o tabu, por tê-lo violado e por provocar inveja e tentar a outros. A suposição, que apreende como inata a aversão ao incesto, é insustentável. Segundo a psicanálise, os primeiros impulsos sexuais dos jovens seres humanos são de caráter incestuoso e a manifestação das neuroses, posteriormente, é mobilizada por esses impulsos recalçados.

Freud baseia suas hipóteses, em *Totem e Tabu* (1913/2012), em elaborações sustentadas em trabalhos de antropólogos e sociólogos que estudaram os antigos povos e sua organização social. Nesse trabalho, o autor encontra possíveis associações entre as vivências de povos primitivos e os complexos de Édipo e castração experienciados pelo sujeito. A figura do pai

tanto em um complexo quanto no outro constitui-se como um símbolo da proibição e impedimento, através da culpa. Freud identifica a figura do pai nas crenças dos povos primitivos como o totem.

O importante papel da função paterna é apontado por Freud (1913/2012) quando se refere ao totemismo e ao mito da *Horda Primeva*. O autor define o totemismo como a utilização de uma figura representativa a quem se deve respeito e obediência para fazer prevalecer um conjunto de crenças, regras, leis e costumes de um determinado grupo. A figura do totem pode ser representada através de um animal feroz ou inofensivo, mais raramente, uma planta ou um fenômeno da natureza como a chuva ou a água. É importante ressaltar que todo o grupo deve manter uma relação significativa com este símbolo. De acordo com Freud (1913/2012), em todos os grupos que possuem totens, são encontradas leis que proíbem casamento e relações entre pessoas do mesmo grupo. Isso faz com que os parceiros sejam procurados em outros grupos ou clãs, o que pode ser chamado de exogamia.

O autor questiona o que originou a relação dos totens ou animais a quem aquele determinado grupo atribui sua descendência com as obrigações sociais. Conforme Freud (1913/2012), mesmo as sociedades que não estão submetidas aos totens, estão submetidas ao passado de sua raça e têm sua primitiva condição de vida deformada. Ele ainda assevera que as sociedades totêmicas sofreram deformação e, atualmente encontram-se em processo ou aderiram a outras instituições religiosas ou sociais, ressaltando que, por causa desse aspecto, é difícil determinar uma representação verdadeira das características significativas originais ou da deformação secundária delas.

Dentre os rituais do Select itemtotemismo apontados por Freud (1913/2012), estava a refeição totêmica, em que os membros do grupo matam o animal estabelecido como totêmico e o devoram cru. Esse ritual seria a repetição do ato notável e transgressor descrito no mito da *Horda Primeva*, mencionado por Charles Darwin em *A origem das espécies* (1859). Esse mito versa sobre uma primitiva sociedade ou grupo liderados por um pai violento e ciumento, o qual detém o poder sobre todas as fêmeas do grupo e expulsa os filhos homens à medida que os mesmos crescem. Um dia, os irmãos expulsos se reúnem, retornam à tribo, matam e devoram o pai e encerram a horda do pai. Esse pai admirado, temido e invejado, quando devorado, foi introjetado por identificação, concedendo uma parte de sua força a cada um dos filhos. Todavia, esse ato não concede a nenhum dos filhos o lugar do pai.

Freud (1913/2012) relaciona esse mito aos sentimentos ambivalentes apresentados por crianças e pacientes neuróticos, que odeiam os pais como aqueles que os impedem de saciar sua ânsia pelo poder e satisfação dos desejos sexuais, mas que também os tem como objeto de amor e admiração. De acordo com o mito comentado pelo autor, após o ato do parricídio, o sentimento de culpa manifestado pelo grupo tornou o pai morto muito mais forte do que fora em vida. O que antes era impedido pela presença real do pai, agora é proibido pelos próprios filhos. Tal ato de proibição relaciona-se a importantes associações, em que o totem erguido significaria que o pai não seria morto novamente e as mulheres, objetos de desejo, seriam libertadas. Essas associações com o totem estão relacionadas à inauguração da culpa filial que resulta dos dois desejos recalcados do complexo de Édipo, o incesto e o homicídio.

O totemismo ocupou, segundo Freud (1913/2012), o lugar de um pacto com o pai que ampararia, tutelaria e seria complacente, como é próprio do desejo infantil em relação à figura paterna. Em contraposição, a vida do pai seria preservada sem chegar ao ato extremo que causara a eliminação do pai real. A função e o objetivo da religião totêmica seria amenizar a culpa filial e acalmar o pai por meio de uma obediência que fora adiada. O autor ainda compara todas as religiões posteriores à religião totêmica e considera que seu objetivo é o mesmo. Além do mesmo objetivo, as religiões apresentam a mesma finalidade, ainda que tenham se originado em momentos diversos da civilização e apresentem diferentes expedientes. Isso porque o propósito é o mesmo: reagir ao grande acontecimento da *Horda Primeva*, o qual sempre teria atormentado o ser humano.

Freud (1913/2012) afirma que, além do sentimento do remorso alimentado em relação ao que foi feito com o pai, o laço consanguíneo, que ganhou importância na ordem social, fundamenta as religiões e as ordenações morais. A partir dessas ordenações morais, surgiu um sentimento fraterno e um pacto entre os irmãos de não cometerem o mesmo ato uns com os outros. Assim sendo, mais adiante, a expressão “não matarás” passou a se referir à sociedade em geral e não só a um acordo entre os irmãos. Dessa maneira, a essência social fica impregnada do delito partilhado. As religiões seriam fundamentadas no sentimento de culpa e no arrependimento, e a moralidade se fundamentaria na penitência proposta a partir do sentimento de culpa.

Freud (1913/2012) estabelece um comparativo entre a relação das crianças com os animais e os povos primitivos. A criança não manifesta uma diferenciação entre a sua natureza e a dos outros animais. Ela vê o animal como seu igual, reconhecendo necessidades

semelhantes. Com o adulto, porém, não encontra tal identificação por percebê-lo como um enigma. Conforme o autor, o bom entendimento entre a criança e os animais pode ser perturbado pela zoofobia. Esse quadro clínico corresponde ao temor apresentado pela criança de uma determinada espécie animal, o que a leva a evitar o contato ou a visão de todos os indivíduos dessa espécie. O animal que personifica o objeto da fobia, geralmente, refere-se a um animal que atraiu o interesse da criança até então. Ele afirma:

(...) às vezes, animais que a criança conhece apenas de livros ilustrados e de fábulas que ouviu tornam-se objeto do medo absurdo e desmedido que aparece nessas fobias. São raras as ocasiões em que sabemos como se deu uma escolha insólita do animal que provoca o medo (Freud, 1913/2012, p. 196).

Freud (1913/2012) identifica na fobia em meninos o deslocamento do afeto que a criança dedica ao pai para o animal. Dois pontos valiosos do totemismo são destacados, pelo autor, como “a completa identificação com o animal totêmico e a atitude emocional ambivalente em relação a ele” (p. 202). O pai ocupa o lugar do animal totêmico na fórmula do totemismo. Nos povos primitivos essa fórmula se faz vigente, o totem é designado como ancestral e pai primevo. Para a psicanálise, os dois princípios que compõem o totemismo, definidos como não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem, coincidem com as duas transgressões do Édipo, que assassinou o pai e tomou a mãe por esposa, bem como coincidem com os dois desejos primordiais da criança, que se manifestam no complexo de Édipo.

Freud (1913/2012) assevera que o mito da *Horda Primeva* apresenta como resultado a consciência de culpa do filho e os dois fundamentos do totemismo, correspondentes aos dois desejos recalcados do complexo de Édipo. Na sociedade *primeva* a infração de um desses tabus tornava culpado o indivíduo, o que inquietava o grupo. Para o autor, os dois tabus que inauguram a moralidade, apresentam valores distintos, um fundamentado em razões afetivas e outro em razões práticas. O tabu que propõe a preservação do animal totêmico baseia-se em razões afetivas, pois a eliminação do pai não pode ser retrocedida. A proibição do incesto, no entanto, apresenta um caráter prático, pois os homens são levados a renunciar às mulheres que desejavam e pelas quais haviam eliminado o pai. O tabu do incesto apresenta como efeito a redução da rivalidade entre os irmãos.

A partir do ensaio *Totem e tabu*, Freud (1913/2012) conclui que do complexo de Édipo derivam os princípios da religião, moralidade, sociedade e arte e também que tal complexo

forma o núcleo de todas as neuroses. A relação com o pai permite compreender os problemas da vida psíquica dos povos, por meio da compreensão da ambivalência afetiva, de forma que “a coexistência de amor e ódio ao mesmo objeto, está na raiz de importantes instituições culturais” (p. 238). As elaborações do autor pressupõem que o psiquismo das massas corresponde ao da vida psíquica individual. Assim, o processo afetivo que pode desenvolver-se em gerações de filhos que sofreram maus-tratos paternos estende-se às gerações que não vivenciaram tal tratamento. Ele afirma: “se os processos psíquicos não continuassem de uma geração para a seguinte, se cada um tivesse que adquirir de novo seu posicionamento ante a vida, não haveria progresso nesse campo e quase nenhum desenvolvimento” (p. 240). Conforme a psicanálise, gerações antecedentes não são capazes de omitir eventos psíquicos relevantes às gerações que a sucedem. O indivíduo apresenta uma atividade mental inconsciente que lhe possibilita “interpretar as reações das outras pessoas, isto é, desfazer as deformações que o outro realizou na expressão de seus sentimentos” (Freud, 1913/2012, p. 241). Essas elaborações, encontradas em *Totem e Tabu* (1913/2012), permitem, por meio de uma assimilação inconsciente, inferir que uma herança foi assumida por gerações posteriores, originada de costumes, cerimônias e estatutos na relação original com o pai *primevo*.

Outra consideração psicanalítica importante refere-se ao neurótico que responde a realidades psíquicas e não reais ou factuais. De acordo com a teoria, os neuróticos seriam herdeiros do arrependimento *primevo* pelo parricídio. Os atos cometidos pela sociedade primeva resultaram nas primeiras prescrições, restrições morais e na noção de crime, que apresenta como consequência uma criativa consciência permanente de culpa. O autor volta-se para a neurose e observa que ela leva o sujeito a defender-se, na realidade psíquica, de tentações e a punir-se por impulsos meramente sentidos da infância. Na infância, esses sujeitos apresentaram, por um período, “um estágio perverso, precursor e pressuposto ao excessivamente moral que viria depois” (p. 244). Ele aponta diferenças entre os povos primitivos e os neuróticos. O neurótico é inibido no ato, pois nele o pensar substitui o fazer. O primitivo, porém, converte o pensamento imediatamente em ato, nele o ato substitui o pensamento.

4.3 O COMPLEXO DE ÉDIPO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS PARA A VIDA AFETIVA E EMOCIONAL DO SUJEITO

Freud explica as relações afetivo-sexuais dos adultos, por meio das experiências infantis. Os complexos de Édipo e Castração, bem como a relação do sujeito com o desmame podem justificar a escolha de objeto de amor. A relação que na infância toma os pais como objeto afetivo-sexual contribui para a vivência afetiva com o tipo de escolha do parceiro sexual. O contexto familiar experienciado pela criança, quando vivencia os conflitos provenientes desses complexos, apresenta-se como um cenário rico de sentimentos e ambivalências, entre amor e hostilidade, que são preservados na vida amorosa do sujeito. A condição experienciada pela criança de tomar a mãe como objeto de amor e rivalizar com o pai pode ser fixada em alguns sujeitos e determinar as condições de sua escolha por um parceiro amoroso.

Freud (1910/2018), em *Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens*, faz observações que esclarecem alguns aspectos da vida amorosa dos seres humanos. Ele descreve um tipo de escolha de objeto masculino caracterizada por uma série de “condições amorosas”, que apresentam combinações não compreensíveis e muitas vezes estranhas. A primeira das condições amorosas descritas, pelo autor, é o “terceiro prejudicado”, que implica em uma “pessoa que jamais escolhe uma mulher que ainda esteja livre” (p. 123). Esse tipo de homem escolhe mulheres com comprometimento com alguém que possa reivindicar direitos de propriedade sobre elas como o marido, um prometido ou um amigo. Caso essa mulher não esteja comprometida, ela é desprezada ou ignorada e, ao comprometer-se, torna-se objeto de arrebatamento, “assim, que entra em uma das mencionadas relações com outro homem” (p. 123).

A segunda condição manifesta-se com menos frequência, mas ainda chama a atenção. Nessa condição, a mulher casta, colocada acima de qualquer suspeita, não desperta “o atrativo que pode elevá-la a objeto amoroso, só aquela mulher que tem, de certa maneira, má reputação sexual, cuja fidelidade e confiabilidade possam ser colocadas em dúvida” (p. 123). Essa condição pode manifestar-se separadamente e é chamada, pelo autor, como “amor por mulheres libertinas” (p. 123). Freud (1910/2018) elenca as emoções que motivam essas condições amorosas. Entre as emoções a serem satisfeitas pelo sujeito estão a rivalidade e hostilidade contra o parceiro da mulher amada e o ciúme provocado pela condição da libertinagem da mulher. Segundo o autor, quando esses sentimentos alcançam o apogeu, a mulher é considerada em seu pleno valor, levando o amante a vivenciar sensações intensas. O ciúme é despertado por estranhos recém-chegados e não contra o parceiro da amada necessariamente. Ele acrescenta

que o amante não apresenta interesse em possuir a mulher só para si, sentindo-se à vontade na relação triangular.

As condições seguintes referem-se à conduta do amante em relação ao objeto de sua escolha. Para Freud (1910/2018), as relações amorosas com mulheres que possuem o caráter de libertinagem caracterizam-se pelo supremo valor atribuído a esses objetos amorosos. Essas relações exigem alto dispêndio psíquico, levando ao esgotamento de quaisquer outros interesses, e os sujeitos pensam que elas são as únicas pessoas a quem eles podem amar e apresentam uma intensa autoexigência de fidelidade, não importando quantas vezes pode ser transgredida na realidade. O tipo compulsivo do amante, nesses casos, é percebido com clareza, pois, quando condicionado à paixão, repete com as mesmas peculiaridades o sentimento por cópias exatas da outra, substituindo umas às outras tão frequentemente que se chega à formação de uma extensa série. O quarto tipo apresenta uma tendência exteriorizada de salvar a amada. Para o autor, o homem dessa condição está convencido de que a mulher precisa dele e acredita que, sem ele, ela perderá o apoio moral e rapidamente sucumbirá a um nível lamentável.

O que esse homem pode entender como salvamento e não abandono diz respeito a uma possível inconstância sexual à posição social ameaçada apresentada pela amada. Ele pode empenhar-se em mantê-la no caminho da virtude. Freud (1910/2018) analisa que esses quatro tipos apresentam a mesma origem psíquica na vida amorosa de pessoas normais: “brotam da fixação infantil do carinho pela mãe e representam uma das saídas dessa fixação” (p. 126). O autor afirma que, na vida amorosa considerada normal, alguns exemplos são reconhecidos como pertencentes ao modelo moderno de escolha de objetos. Ele cita a preferência de homens mais jovens por mulheres mais maduras, que se manifesta em consequência da rapidez de uma separação da libido da mãe. Essa dificuldade de separação deve-se a um excesso de tempo em que a libido ficou ligada à mãe, mesmo depois da puberdade e impregnou os objetos amorosos eleitos com características maternas, tornando-os substitutos reconhecíveis da genitora.

Freud (1910/2018) faz uma articulação entre os tipos de escolhas de objetos amorosos dos homens com a vivência edípica na infância. A primeira condição implica em uma escolha que envolva uma mulher que não seja livre ou que provoque prejuízo a um terceiro. Esse tipo lembra a condição familiar, na qual a mãe, desejada pela criança, apresenta a situação de pertencimento ao pai, o qual se constitui como o terceiro em prejuízo e essa circunstância passa a compor uma parte inseparável da essência maternal. Além disso, a mãe constitui-se como a mulher supervalorizada, única e insubstituível, “pois ninguém tem mais do que uma mãe, e a

relação com ela fundamenta-se em um acontecimento que não pode ser exposto a qualquer dúvida nem pode ser repetido” (p. 126). Outra condição explicada pelo psicanalista é a que envolve fidelidade e o modo como ela relaciona-se com os substitutos da mãe. Esses substitutos correspondem ao “insubstituível que atua no inconsciente e que se manifesta com frequência através da dissolução em uma série infinita”, e composta por elementos que deixam faltar a satisfação almejada (p. 127).

Na condição da libertinagem, Freud (1910/2018) afirma que a relação aguda de oposição entre a mãe e a libertina envolve dois complexos que devem ser investigados em seu desenvolvimento e relação, pois no “inconsciente muitas vezes coincide com aquilo que na consciência se apresenta cindido em dois opostos” (p. 127). O autor alega após uma investigação do discurso do paciente, existir a possibilidade voltar “à época da vida em que o menino adquire, pela primeira vez, um conhecimento mais completo sobre as relações sexuais entre os adultos, por volta dos anos anteriores à puberdade” (p. 127). O acesso a essas informações pode dar-se de forma brutal, de tendência francamente depreciativa e difamatória, familiarizando a criança com o segredo da vida sexual e destruindo a autoridade dos adultos, que se mostra incompatível com o descobrimento de sua atividade sexual. Ele considera que essas revelações influenciam de forma mais intensa o recém-iniciado e a relação deles com seus próprios pais, pois não admite que entre seus pais aconteça o que outros casais fazem.

O psicanalista acrescenta que diante da falta de esclarecimento sexual, a criança adquire o conhecimento de que certas mulheres fazem sexo por dinheiro e que são desprezados por todos. O menino alimenta um anseio e horror em relação a essas mulheres até ser informado que pode ser introduzido na vida sexual, passando a fazer parte do privilégio que até o momento pertencia aos adultos. Em determinado momento, o menino pode constatar que a diferença entre a mãe e a prostituta não é tão grande, pois no fundo elas fazem o mesmo. De acordo com Freud (1910/2018), certas moções psíquicas podem ser ativadas por meio das comunicações esclarecedoras que contêm vestígios de lembranças das impressões e dos desejos de sua tenra infância. O autor afirma: “ele começa a ansiar por sua própria mãe, no sentido recém-adquirido, e a odiar o pai de forma nova, como um concorrente que lhe impede esse desejo; ele cai, como dizemos, sob o domínio do complexo de Édipo” (Freud, 1910/2018, p. 128). O sujeito ressent-se com a mãe e considera uma infidelidade a relação sexual que ela mantém com o pai, privilégio que não concede a ele. Nesses casos, as fantasias funcionam como um extravasamento das emoções e apresentam como conteúdo a vida sexual da mãe sob as mais

diversas circunstâncias. A tensão provocada pelas fantasias pode levar o sujeito a satisfazer-se pela masturbação. As fantasias favoritas, de acordo com o psicanalista, versam sobre cobiça, sede de vingança e fantasias de infidelidade da mãe, sendo que o amante apresenta características que remetem a um Eu idealizado e amadurecido que está à altura do pai. A condição do salvamento da amada do perigo faz referência ao complexo materno, no qual o sujeito sente-se devedor da vida recebida pelos pais e almeja retribuir-lhes o benefício. Para Freud (1910/2018), o sentimento fantasioso em relação ao pai se assemelha a um desafio, sobre o qual o menino quisesse dizer “Não preciso de nada do meu pai, quero devolver-lhe tudo o que lhe custei” (p. 130). De acordo com o autor, Select item, forma-se a fantasia de “salvar o pai de um perigo da vida, através do qual ele fica quites com este e esta fantasia desloca-se bastante frequentemente para o imperador, para o rei ou para outro grande homem e, depois dessa desfiguração, torna-se capaz de consciência” (p. 130). Assim, em relação ao pai, prevalece o sentido desafiador da fantasia de salvamento, enquanto para a mãe quase sempre é reservado o significado carinhoso, personificado na atração por uma mulher que precisa ser salva e pode beneficiá-la com um filho, ou seja, oferecer uma vida em troca de ter recebido da mãe a vida. Nesse caso: “O filho se mostra agradecido, desejando ter um filho da mãe, um filho igual a ele mesmo, isto é, na fantasia de salvamento ele se identifica totalmente como pai” (Freud, 1910/2018, p. 131).

Em *Sobre a mais geral degradação da vida amorosa*, Freud (1912/2018) estabelece uma relação entre o complexo materno e a impotência sexual. Para o autor, o sofrimento é fundamentado, no caso da impotência, bem como em todas as perturbações neuróticas, sobre uma inibição na história do desenvolvimento da libido, devido a um desencontro entre a corrente terna e a sensual, que, combinadas, são essenciais a uma conduta amorosa plenamente normal. Ele esclarece que a corrente terna é a mais antiga e foi constituída nos primeiros anos da infância, levando a um erotismo mais intenso, o qual desvia-se de suas metas sexuais. A corrente sensual manifesta-se na adolescência e não se observa suas metas. Ela caracteriza-se por uma quantidade libidinal mais poderosa e percorre os caminhos da corrente terna e essa corrente investe os objetos da primeira escolha infantil. Para o autor, porém, a barreira do incesto impede o acesso aos primeiros objetos infantis, que são substituídos por outros estranhos escolhidos a partir do referencial inicial. O psicanalista afirma: “O homem abandonará seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – para seguir sua esposa; ternura e sensualidade estão, então, reunidas” (Freud, 1912-2018, p. 140). O enamoramento sexual intensificado provoca um investimento que supervaloriza o objeto sexual pelo homem.

Freud (1912/2018) descreve o impedimento real, que leva o sujeito a desvalorizar a nova escolha de objeto, como sendo motivada por dois fatores. Um deles é a escolha que implica em optar por algo conveniente, e o segundo é a força de atração exercida pelos objetos infantis que é proporcional ao investimento erótico que lhes coube na infância. Quando esses dois fatores são fortes o suficiente instala-se a neurose. Conforme o autor, “a libido se afasta da realidade, é tomada pela atividade da fantasia (introversão), fortalece a imagem dos primeiros objetos sexuais e se fixa neles” (pp. 140-141). A libido permanece inconsciente por causa da barreira do incesto. Essa fixação é reforçada por atos masturbatórios, que impedem que os objetos originários cheguem à consciência. Segundo o psicanalista, a impotência absoluta é provocada por fantasias incestuosas inconscientes, as quais apresentavam como conteúdo a sensualidade de um jovem ligado inconscientemente a objetos incestuosos.

Já a vida amorosa da mulher, segundo o percurso freudiano, deve-se aos dois momentos: pré-edípico e edípico. A relação ambivalente da menina com a mãe no período pré-edípico pode influenciar sua vivência afetivo-emocional, bem como o destino de seus relacionamentos. E a relação afetiva com o pai, estabelecida no Édipo, apesar de manifestar sentimentos ambivalentes mais brandos que no menino, pode exercer influência sobre a relação matrimonial da mulher, que apresenta uma tendência a repetir o relacionamento dos pais. A inveja do pênis também pode manifestar alguma contribuição sobre o comportamento psicossocial da mulher adulta.

O autor considerava que os mitos são expressões dos traços inconscientes do indivíduo. O mito representa a potência do inconsciente sobre a instância do Eu e da razão e foi utilizado por Freud também na formulação do conceito do complexo de Édipo. No mito do Rei Édipo, o percurso percorrido pela personagem principal ocorre como se ele estivesse cumprindo um destino inconsciente dos rumos previstos pelo oráculo. A instituição de um totem, segundo o mito da Horda Primeva, origina-se de ideais provenientes do parricídio. Com isso, é inaugurado o totemismo, ao qual se assemelha todas as religiões. Junto a esse processo foi estabelecido o princípio da moral social, derivado da culpa e arrependimento provenientes do assassinato do pai. A relação com a imagem do pai após esse evento conduz a sentimentos ambivalentes de admiração e medo.

Freud levanta a hipótese de que seria possível uma transmissão, entre gerações, de elaborações inconscientes e uma possível predisposição psíquica de desencadear os complexos de Édipo e Castração. Segundo o autor, podemos herdar de gerações anteriores a moralidade e

também a predisposição neurótica. Freud possui uma concepção clara sobre o desencadeamento do complexo de Édipo no menino, mas, como vimos, no caso feminino, ele admite encontrar dificuldades em apreender e elaborar o processo. O autor sugere que outros psicanalistas, talvez mulheres, pudessem dar prosseguimento ao tema do complexo de Édipo feminino.

Para Freud (1931/2018), como vimos, o complexo de Édipo feminino corresponde a um longo processo e não é totalmente superado pela mulher. Assim, como aponta o autor, “os resultados culturais de sua destruição também são pequenos e de menor alcance” (p. 291). O Édipo na menina, em conjunto com o complexo de castração, imprime o caráter da mulher como ser social. Freud assegura que muitos fenômenos da vida sexual feminina remetem a essa fase e cita como exemplo a escolha do parceiro, segundo o modelo do pai, ou quando o parceiro é colocado no lugar do pai, repetindo como ele, no casamento, sua má relação com a mãe. Esse exemplo é explicado por meio de um processo de regressão, em que a mulher retorna à ligação primária com a mãe, que foi recalcada.

O autor apresenta mais algumas elaborações sobre o psiquismo da mulher madura, mas ressalta a dificuldade em definir o que pode ser atribuído à função sexual e o que deve ser atribuído à educação social. A feminilidade apresenta um grau maior de narcisismo, o qual exerce uma influência sobre a escolha de objeto, de forma que, ser amada, para a mulher, mostra-se como uma necessidade mais forte que amar. Algumas características femininas são associadas, pelo autor, à inveja do pênis como a vaidade física que compensa a inferioridade sexual originária, bem como o comportamento vergonhoso, caracteristicamente feminino, que se manifesta com o propósito originário de ocultar o defeito do genital.

Na escolha objetal feminina, Freud (1931/2018) reconhece algumas possibilidades correspondentes às saídas do complexo de Édipo. Quando a menina deseja tornar-se o ideal narcísico do homem demonstra que sua escolha deu-se de forma livre. A escolha do objeto, que inclui um tipo como o pai, indica que a menina permaneceu ligada ao pai no complexo de Édipo. Essa escolha apresenta como obstáculo o conflito de ambivalência, devido à hostilidade herdada da relação com a mãe, que interferiu no relacionamento, levando a mulher a preencher a vida com uma luta contra o marido. Muitas vezes, a satisfação pode configurar-se em um segundo casamento, quando esgota-se essa reação. O nascimento do primeiro filho também se apresenta como um conflito para a mulher, que revive uma identificação com a própria mãe, atraindo para si toda libido disponível e reproduz o casamento infeliz dos pais, através da compulsão à repetição.

Freud (1931/2018) vê no nascimento do filho mais uma oportunidade de manifestar o conflito com a falta do pênis. A satisfação de um filho pode isentá-la do sentimento de ambivalência e reprimir o que lhe restou de seu complexo de masculinidade. Para o autor, “o casamento mesmo não está assegurado, enquanto a mulher não conseguir fazer do seu marido também seu filho e agir como a mãe em relação a ele” (p. 340). A identificação da mulher com a mãe se divide em dois momentos na fase pré-edípica, na qual a mãe é tomada como exemplo e a ligação ocorre de forma carinhosa. Na relação derivada do complexo de Édipo a mãe é substituída pelo pai, numa tentativa de eliminá-la. Para o psicanalista, a fase pré-edípica prepara a mulher para assumir as qualidades necessárias para cumprir seu papel nas funções sexuais e para bancar as inestimáveis tarefas sociais. A atração do homem pela mulher também se deve à fase pré-edípica, na qual, através da identificação com a mãe, a mulher provoca o enamoramento do homem. O autor cogita a possibilidade do homem e da mulher separarem-se por uma diferença psicológica de fase. Freud (1931/2018) atribui o pouco senso de justiça da mulher à preponderância da inveja em sua vida anímica, “pois a exigência de justiça é uma elaboração da inveja e indica a condição sob a qual se pode deixá-la de lado” (p. 340). Ele acrescenta que nas mulheres os interesses sociais são menores e sua capacidade para a sublimação pulsional é menor que nos homens, devido às variações a que está submetida a aptidão para a sublimação.

Apontamos aqui algumas das diversas referências que Freud estabelece sobre a influência do psiquismo infantil na vida do sujeito adulto. Entre outras referências, o autor identifica posicionamentos e identificações sociais e políticas, além da arte e da religião. Neste trabalho, buscamos reunir, estabelecendo um recorte, o aspecto infantil que se encontra disseminado por toda obra de Freud.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

ou alguns casos clínicos, nos quais observou que aspectos do infantil eram notáveis nos sintomas e discurso dos pacientes. A seguir apresentaremos dois casos clínicos relevantes para o tema do trabalho: *Uma neurose infantil* (1918), conhecido como o “Homem dos Lobos”, e *Um caso de uma fobia em um garoto de cinco anos* (1909), conhecido como o “caso Hans”. No caso do Homem dos Lobos, o autor comenta como os aspectos infantis permanecem, são preservados e exercem influência sobre o psiquismo de um homem adulto. No caso Hans, ele pôde demonstrar os conflitos psíquicos vivenciados por uma criança no momento em que

atravessam o romance familiar edípico, bem como as teorias sexuais infantis, assim como comenta sonhos que manifestavam as fantasias infantis.

5 ANÁLISE DO ASPECTO INFANTIL NOS CASOS: HOMEM DOS LOBOS, HANS E HOMEM DOS RATOS

O que distingue um sujeito na condição de criança, do sujeito, na condição do adulto, é sua posição frente ao próprio desejo. Mesmo saindo da condição de criança, o sujeito conserva elementos de vivências infantis que podem se manifestar por meio de sonhos, atos, palavras, sintomas, escolhas de objetos de amor. Isto é, esses elementos podem estar presentes tanto no que se apresenta como manifesto quanto no que está latente na vida do sujeito. A essa influência do que é preservado da infância, damos o nome de infantil e esse fenômeno é atribuído a uma característica do inconsciente, que é a atemporalidade. O termo infantil pode ser utilizado como adjetivo associado a adultos, homens, mulheres, adolescentes, idosos e nos parece redundante associá-lo à palavra criança, mas, como poderemos verificar, não é. Verificaremos as peculiaridades apontadas por Freud que diagnostica a neurose de uma criança de cinco anos como uma neurose de angústia e chamou a neurose de um adulto de uma neurose infantil. No caso do Homem dos Ratos constataremos como vivências da infância, potencialmente, podem estar associadas ao sintoma de um rapaz adulto. Traumas e cicatrizes da infância podem determinar e potencializar uma neurose grave. Poderemos observar que o autor trata do tema do infantil em quase todas as suas obras e, frequentemente, enfatiza que o sintoma apresentado por pacientes neuróticos adultos traz em sua constituição conteúdos de natureza infantil. Tomaremos alguns trechos dos casos clínicos *Uma Neurose Infantil* (1918/2010), *Análise da fobia de um garoto de cinco anos* (1909/2015c) e *Observações sobre um caso de neurose obsessiva* (1909/2013), como fios condutores.

5.1 O HOMEM DOS LOBOS E AS IMPLICAÇÕES DO INFANTIL

Em *Uma Neurose Infantil*, Freud (1918/2010) nos apresenta a análise de um jovem que busca por tratamento após ter sua saúde abalada aos 18 anos por uma gonorreia infecciosa. O jovem, que até então tivera uma vida mais ou menos normal, quando criança – mais especificamente antes da idade de quatro anos – apresentara um grave distúrbio neurótico na forma de uma histeria de angústia, uma fobia animal, e, posteriormente, até os dez anos perdurou uma neurose obsessiva de cunho religioso. O caso desse jovem não foi descrito detalhadamente por Freud (1918/2010), porque, além deste considerar inconveniente, também era um pedido do próprio paciente. O jovem já havia feito tentativas de se tratar com outros profissionais, entre eles Ziehen de Berlim e Kraepelin de Munique, quando iniciaram seu

tratamento com Freud. O rapaz, que ficou conhecido na literatura psicanalítica como o homem dos lobos, chega ao psicanalista diagnosticado com uma insanidade maniaco-depressiva, diagnóstico que o levou a passar longos anos em sanatórios alemães e do qual Freud discorda, já que durante todo o processo psicanalítico o jovem não manifestou mudanças de ânimo desproporcionais. Ademais, esse diagnóstico de insanidade maniaco-depressiva é caracterizado por interrupções nas atividades e interesses do indivíduo, causadas por repetidos ataques de graves depressões. Para o psicanalista, esse caso deve ser tomado como “uma sequela de uma neurose obsessiva que transcorreu de modo espontâneo e se curou imperfeitamente” (p. 15).

Freud (1918/2010) justifica a publicação desse caso clínico como uma oportunidade de averiguar o que se passa no período da infância, pois a análise realizada na própria criança neurótica, “parecerá em princípio mais confiável, mas não pode ser muito rica de conteúdo; é preciso emprestar à criança muitas falas e pensamentos, e mesmo assim as camadas mais profundas serão talvez impenetráveis para a consciência” (pp. 15-16). O autor previne que essas restrições podem ser menores na pessoa adulta, “mas deve-se considerar a distorção e retificação a que o próprio passado de alguém está sujeito, ao ser olhado retrospectivamente” (p. 16). No caso da análise infantil, o resultado pode ser mais convincente, enquanto a análise do adulto é mais instrutiva. De acordo com o autor, “para o entendimento correto das neuroses dos adultos elas prestam contribuição comparável à dos sonhos infantis em relação ao dos adultos” (Freud, 1918/2010, p. 16). A dificuldade de empatia com a vida psíquica da criança pode apresentar-se como um obstáculo ao trabalho do analista, mas em relação ao conteúdo psíquico, a análise de crianças não se distingue do adulto em facilidade de acesso ao psíquico ou pobreza de elementos. O estudo da neurose infantil “mostra o papel predominante que têm na configuração da neurose as forças instintuais libidinais, tão ansiosamente negadas”, pois ao contrário do que se pensa a criança é capaz de perceber as forças instintuais libidinais e significá-las (Freud, 1918/2010, p. 17).

Freud (1918/2010) ressalta a complexidade e o extenso período de duração da análise do “homem dos lobos”, devido à gravidade do caso. Ele enfatiza a importância dos casos complexos, que criam oportunidade para ampliar o conhecimento científico. Os primeiros anos do tratamento apresentaram pequenas mudanças e a continuidade do mesmo deveu-se a influências externas. O psicanalista deve renunciar a qualquer ambição terapêutica a curto prazo, pois “em casos assim ele deve se comportar de maneira tão ‘atemporal’ quanto o inconsciente mesmo, se quiser aprender e alcançar algo” (Freud, 1918/2010, p. 18). O paciente

havia deixado de ser uma criança afável, dócil e mesmo tranquila e passado a apresentar um comportamento intratável. Quando os pais voltaram, em uma ocasião das férias de verão, encontraram o filho “descontente, irritadiço e violento, ofendia-se por qualquer motivo e então se encolerizava e gritava como um selvagem, de modo que os pais manifestaram preocupação, quando esse estado persistiu, de que não seria possível enviá-lo para a escola mais tarde” (p. 23). Essa mudança de comportamento foi associada à contratação de uma governanta inglesa, descrita como uma pessoa “amalucada, intratável, e além disso entregue à bebida” (p. 23).

Essas declarações do paciente devem-se ao tratamento conduzido por Freud (1918/2010) por meio da linguagem e das associações que o adulto é capaz de apresentar, mesmo que de forma desordenada. O psicanalista recomenda que o longo tempo que leva uma análise deve contar com a atemporalidade do inconsciente. Para tanto, a análise deve ocorrer tão atemporalmente quanto o inconsciente para que possa retroceder por meio das associações a lembranças referentes a períodos anteriores importantes. (Freud, 1918/2010)

O autor aponta que as características singulares apresentadas pelas lembranças se devem, muitas vezes, às lembranças encobridoras. Em seu texto, *Lembranças Encobridoras*, Freud (1899/1910) já sustentava que há uma dificuldade de recordar essas lembranças de uma forma ordenada, pela maneira como elas se organizam na memória do sujeito. Lembranças, com uma carga emotiva grande não são rememoradas, enquanto que as que apresentam uma carga emotiva aparentemente irrelevante, são recordadas. As experiências vividas nos primeiros anos da vida deixam marcas que não poderiam ser erradicadas do psíquico, apesar de poucas recordações serem preservadas desse período. A partir do sexto ou sétimo ano de vida, porém, poderiam ser recordadas numa cadeia coerente de eventos. Isso ocorre porque a relação entre o conteúdo psíquico das neuroses e a vida infantil estão intimamente relacionadas, o que resulta de uma amnésia chamada de normal ou patológica que ocorre nos primeiros anos de vida. Além do mais, o psicanalista destaca a grande importância das impressões classificadas como patogênicas ocorridas no período da infância.

Algumas lembranças de uma idade muito precoce permanecem presentes na vida da criança um pouco mais velha e provocam alterações em seu comportamento, ainda na infância. Freud (1918/2010) retrata brevemente a infância do paciente a partir do que lhe foi possível conhecer durante a análise. Os pais do paciente casaram-se jovens e após alguns anos juntos a mãe passa a apresentar afecções abdominais e o pai manifesta seus primeiros ataques de depressão, que o mantiveram ausente em casa. O paciente passa a compreender o estado doentio

dos pais, anos mais tarde. A mãe era a pessoa com quem a criança tinha mais contato e ela se ocupava pouco dos filhos. Uma babá cuidou dele, “uma mulher inculta, do povo, de incansável ternura por ele. Para ela, é o substituto do próprio filho que morreu cedo” (Freud, 1918/2010, p.22). Sua família vivia em uma propriedade rural e passava os verões em outra propriedade. Ele se recorda que houve uma mudança em sua infância, quando os pais resolveram se mudar para a cidade. Anteriormente, o paciente convivia com vários parentes que os visitavam, entre irmãos do pai, irmãs da mãe com seus filhos e avós maternos. No verão, os pais costumavam viajar por algumas semanas. “Numa lembrança encobridora ele se vê, ao lado da babá, olhando a carruagem que leva o pai, a mãe e a irmã, e depois voltando calmamente para casa. Nessa época, ele devia ser bem pequeno” (p.22). No verão seguinte, uma governanta inglesa foi contratada para cuidar das crianças. Muitas informações que ele conhecia sobre sua infância foram contadas por outras pessoas e “boa parte delas ele já sabia, mas naturalmente sem nexos temporais ou de conteúdo” (pp. 22-23). Um desses relatos foi contado, a ele, diversas vezes e ajuda a compreender o problema que o paciente apresenta.

Em *Uma Neurose Infantil*, Freud (1918//2010) contextualiza o círculo de convivência do “homem dos lobos”, ambiente no qual é feita alusão à primeira mudança brusca de comportamento do menino. A criança vivia com os pais, a irmã mais velha, uma governanta inglesa e uma babá. Algumas reminiscências de sua infância datam de uma idade muito precoce, que se referia a uma mudança de comportamento do menino, que se repetia sempre e, segundo seus pais, ocorreu bruscamente. Esse comportamento foi explicado pela avó do menino que esclarece que ele presenciara uma cena em que a governanta brigava com a babá por quem o mesmo nutria um grande afeto. Posteriormente, o comportamento se mantinha, porque, essa recordação ficou viva na memória da criança. A primeira cena de mau comportamento apresentada pelo menino, segundo a recordação do paciente, aconteceu em um Natal, no qual ele não foi presenteado duas vezes, como costumava acontecer pela data corresponder também a seu aniversário. Mesmo com a demissão da governanta o comportamento da criança permaneceu insuportável. Freud (1918/2010) destaca que as recordações do paciente desse período reúnem diversas “manifestações peculiares e doentias, que ele não consegue ordenar cronologicamente” (p. 24).

O autor avalia que dificilmente os eventos relatados pelo paciente aconteceram no período descrito e versavam sobre a mudança que a família fez da antiga propriedade. Nesse período o paciente conta de um medo que o atormentava e era usado pela irmã para provocá-

lo. Freud (1918/2010) relata que “havia um certo livro com imagens, uma das quais representava um lobo em pé, andando a passos largos. Ao ver essa imagem, ele começava a gritar como um louco, temendo que o lobo viesse comê-lo” (pp. 24-25). A irmã usava as imagens do livro para perturbá-lo, fazendo com que ele encontrasse as imagens a todo momento. O paciente também temia outros bichos como borboletas, besouros, lagartas e cavalos. Na mesma época, todavia, ele apresentava o comportamento cruel com os animais, perturbando besouros e cortando lagartas. O comportamento relatado pelo paciente sobre esse período da infância oscilava entre o incômodo ao presenciar agressões a animais e atos de crueldade cometidos por ele mesmo. Não é possível saber se os atos aconteciam simultaneamente ou em sequência. Quando batiam num cavalo ele gritava e por isso teve que abandonar o circo uma vez. Em outras ocasiões, ele mesmo gostava de bater em cavalos.

Segundo Freud (1918/2010) o paciente não sabe dizer “se a época ruim fora substituída por uma fase de doença ou se prosseguira ao longo desta” (p. 25). Para o autor, na infância o sujeito apresentava uma neurose obsessiva bem reconhecível. O paciente por um tempo se mostrou muito devoto e manifestava rituais ante a figura de um lobo. Além disso, apresentava uma atitude religiosa contraditória, pois, ao mesmo tempo em que entoavam orações, sinais-da-cruz e beijava as imagens de santos que tinha em seu quarto, alimentava pensamentos que dizia inspirados pelo demônio, em que tratava a Deus como deus-suíno e deus-merda. De acordo com o relato do autor, “antes de dormir tinha que rezar longamente e perfazer uma série interminável de sinais da cruz. À noite costumava, subindo numa cadeira, dar a volta pelas imagens de santos nas paredes do quarto, beijando cada uma delas devotamente” (pp. 25-26). Em outros momentos, ele pensava “Deus-porco, ou Deus-fezes. Certa vez, numa viagem a uma estação de águas alemãs, viu-se atormentado pela compulsão de pensar na Santíssima Trindade, ao deparar com três montinhos de cocô de cavalo ou algum outro excremento” (p. 26).

Após a fase em que maltratava os animais, desenvolveu um comportamento obsessivo de respirar e soltar o ar sempre que via mendigos, aleijados ou gente muito velha. Os atos obsessivos de respirar e soltar o ar eram seguidos pelo pensamento de que, ao praticar esse ritual, ele evitaria ficar como essas pessoas. A criança, que antes mantinha uma relação carinhosa com o pai, passou a apresentar uma atitude repulsiva em relação ao seu progenitor, o que mais tarde o jovem atribui à predileção pela irmã apresentada pelo pai, o que fazia com que ele se sentisse desprezado. “O pai lhe queria bem, e gostava de brincar com ele. Desde pequeno sentia orgulho do pai, e falava sempre que gostaria de ser um homem como ele” (p.

26). Nãnia, a babá, dizia ao paciente que ele pertencia ao pai e sua irmã pertencia à mãe, algo que ele ouvia com sentimento de satisfação. “No final da infância passou a haver estranhamento entre ele e o pai. Este preferia claramente a irmã, e o filho se ofendeu bastante com isso. Depois o medo do pai se tornou dominante” (p. 26). Esses comportamentos infantis não nos surpreendem, já que Freud prevê que na criança esses sentimentos e atos podem se manifestar e, posteriormente, em sua vida adulta, o indivíduo pode converter esses sentimentos em uma natureza oposta (Freud, 1918/2010). “Por volta dos oito anos desapareceram todas as manifestações que o paciente atribui à fase da vida que teve início com o seu mau comportamento. Não desapareceram de repente retornaram algumas vezes, terminando por ceder, acredita o doente”, devido à influência de professores e educadores que substituíram as mulheres que dele cuidavam. O autor apresenta algumas hipóteses sobre o caso, que seriam esclarecidas durante a análise (p. 27): “De onde procede a repentina mudança de caráter do menino, o que significavam suas fobias e suas perversidades, como adquiriu sua obsessiva piedade e como se relacionam todos esses fenômenos?” (p. 27). Ao discorrer sobre a impossibilidade da ‘erradicação do mal’, em *Considerações atuais sobre a Guerra e Morte*, Freud (1915/2010) afirma que a essência da natureza humana implica em impulsos pulsionais elementares que levam à satisfação de certas necessidades *primevas*. Esses impulsos não trazem, em sua definição, valores de bem e mal, mas as atitudes provenientes deles podem receber esses conceitos de valor dependendo do impacto que eles provocam diante das necessidades e exigências da comunidade humana.

Os sentimentos de egoísmo e crueldade são de natureza primitiva. E esses impulsos estão presentes no indivíduo na forma de pares de opostos, como ambivalência de sentimentos. Os impulsos de egoísmo e crueldade, antes de se tornarem ativos na pessoa adulta, podem ser inibidos, desviados para outras finalidades ou ter seus objetos alterados ou mesclados. Como resultado desse processo, tem-se a impressão enganosa de que essas pulsões se converteram em seu oposto como o altruísmo e a piedade. As pulsões podem se manifestar, porém, com a ambivalência de sentimento, tendo apenas uma pessoa como objeto desse sentimento ambivalente. O caráter de uma pessoa forma-se apenas quando esses destinos são superados. Freud (1915/2010) estabelece que a classificação como ‘bom’ ou ‘mau’ caráter é inadequada, já que não se pode definir o indivíduo como inteiramente ‘bom’ ou ‘mau’. Ele pode se apresentar como ‘bom’ para determinadas situações e ‘mau’ para outras. Segundo o autor, a condição para que o adulto tenha uma inclinação no sentido ‘bom’, é que crianças manifestam na primeira infância impulsos, indiscutivelmente, ‘maus’. Freud cita, como exemplo, crianças

acentuadamente egoístas que se tornaram os adultos mais abnegados e prestimosos da comunidade e crianças que cometiam atos sádicos com animais, como podemos notar no comportamento do “homem dos lobos”, e se tornaram os maiores defensores dos animais quando adultos. Essa manifestação em opostos dá-se devido à interferência do erotismo, que podemos entender como a necessidade humana de amor, que faz com que uma pulsão interna e outra externa atuem na mesma direção, transformando as pulsões de egoísmo e crueldade em componentes sociais. Em relação às experiências sexuais, Freud aponta para possíveis desvios imaginários que podem surgir no psiquismo da criança se constituindo uma distinção entre o que ocorreu de fato e o que foi construído pelo imaginário.

Fantasias e experiências sexuais manifestadas pela criança que impliquem em conflito podem estar na origem da constituição neurótica. Em *Uma Neurose Infantil*, Freud (1918/2010) informa que, ao longo das sessões, o jovem “homem dos lobos” contava, algumas vezes de forma desordenada, sonhos e experiências de sua infância referentes à idade de três anos a três anos e meio, que continham conteúdo de sedução. O autor considera natural que o conteúdo de sedução seja relacionado à governanta, pois o menino havia mudado seu comportamento no período em que conviveu com ela. Duas lembranças encobridoras relativas a ela, em si incompreensíveis, foram conservadas por ele. Certa vez em que andava na frente, ela havia dito aos que a seguiam: ‘Olhem só o meu rabinho!’ Numa outra ocasião, enquanto passeavam de carro, o chapéu da governanta foi levado pelo vento, o que fez com as crianças se divertissem. O autor afirma que “isso apontava para o complexo ligado à castração, e permitia talvez a construção segundo a qual uma ameaça que ela dirigira ao garoto havia contribuído bastante para a gênese de sua conduta anormal. O autor comunica essas impressões ao paciente e provoca, como efeito, sonhos que apresentavam sempre o mesmo conteúdo. Nos sonhos repetiam-se cenas de sedução e repúdio contra a irmã ou a governanta e enérgicas repreensões e castigos por isso. “Como se ... depois do banho... ele tivesse querido ... desnudar a irmã ... arrancar-lhe a vestimenta ... ou véu, e coisas assim” (p. 28). Esse conteúdo pode resultar de fantasias que o paciente manifestou, em algum momento, na puberdade, sobre elementos de sua infância e que agora emergiram. Ele vivenciara experiências em que sua irmã tocava em seus genitais e, em outros momentos, o provocava com histórias monstruosas para assustá-lo. Assim, um retorno ao momento provocador da emoção aflitiva fez-se necessário. O paciente se lembrou de que, “ainda muito pequeno, na primeira propriedade, sua irmã o havia induzido a práticas sexuais. De início veio a lembrança de que no sanitário que usavam com frequência ela fez a proposta: ‘Vamos mostrar um ao outro o bumbum’, e fez seguir o ato às palavras” (p.

29). De acordo com o autor, a parte essencial da sedução ocorreu posteriormente, na primavera, enquanto o pai estava ausente e a mãe encontrava-se no cômodo ao lado do lugar em que as crianças brincavam. “A irmã tinha segurado seu membro e brincado com ele, dizendo coisas incompreensíveis sobre a Nânia, à maneira de explicação: que a Nânia fazia o mesmo com todo o mundo, com o jardineiro, por exemplo, que o colocava de cabeça para baixo e agarrava seus genitais” (p. 29). Para Freud (1918/2010) esses acontecimentos possibilitaram a compreensão das fantasias que inverteram o contexto do evento que ocorreu na infância, de modo a substituir a verdade histórica pelo oposto desejável, no qual o paciente não se sentiria ofendido em seu amor-próprio masculino. O conteúdo das fantasias apresentava o paciente numa atitude ativa na situação, “fora agressivo, quisera ver a irmã despida, fora rechaçado e castigado e por isso tivera o acesso de fúria de que a tradição doméstica tanto falava” (p. 29). A governanta também foi envolvida nas fantasias, correspondendo “às lendas com que uma nação que se tornou grande e orgulhosa procura ocultar a pequenez e a desdita de seu começo” (p. 30). A cuidadora do menino não participava da sedução e suas consequências, mas foi associada às atitudes da irmã. As cenas com a irmã tiveram lugar na primavera do mesmo ano em que, nos meses de pleno verão, a inglesa veio a substituir os pais ausentes. O paciente associava a governanta à irmã, tomando como elemento comum a babá, ela seguia os passos da irmã, que havia caluniado primeiro a babá e assim ele sentia que exteriorizava contra ela a aversão que, em consequência da sedução, ele tinha desenvolvido com a irmã. Em *A Hereditariedade e a etiologia das neuroses*, Freud (1896/1991a) afirma que quando essa emoção aflitiva se deve ao conteúdo sexual, apresenta duas características essenciais. Uma delas é o aliciamento através do abuso sexual cometido por outra pessoa. Outra característica é que esse evento deve acontecer na infância até a idade de oito ou dez anos, antes que ela alcance a maturidade sexual. Essa seria a etiologia específica da neurose tanto histérica quanto obsessiva, uma experiência sexual passiva antes da puberdade. No mesmo ano, Freud (1896/1991b), em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*, ressalta que, para que essa emoção aflitiva se manifeste, basta que uma fantasia seja construída pela criança, sem que o abuso sexual, por outrem, tenha se dado necessariamente.

Outra marca do infantil pode ser observada na rivalidade entre irmãos, que tem seu início na infância e pode ser conservada na vida adulta entre os irmãos ou pode ainda ser convertida em seu contrário. Podemos constatar a rivalidade presente na vida do jovem “homem dos lobos” com sua irmã. Em *Uma Neurose Infantil*, Freud (1918/2010) contextualiza a relação que o jovem “homem dos lobos” mantém com a irmã. A irmã desse jovem, que era mais velha

que ele dois anos, apresentava um nível intelectual superior ao do irmão, que se encontrava afligido por uma neurose. A relação dos dois era competitiva diante do amor e atenção dos pais. Quando o jovem se encontrava com a idade de quatorze anos, entretanto, a relação de convivência entre os dois tornou-se mais harmoniosa. O caso da irmã mais velha tem um desfecho trágico, sendo relevante, retomá-la aqui. A jovem, que enquanto criança era intratável e comportava-se como um menino, alguns anos depois mostrou-se brilhante intelectualmente, portadora de agudas e realistas faculdades mentais. Tinha interesse mais acentuado pelos assuntos das ciências naturais, mas também produzia textos criativos tidos em alta consideração pelo pai. A partir dos vinte anos, porém, passou a manifestar um comportamento deprimido e se afastou da convivência social. Até que fez duas viagens, a primeira, em companhia de uma amiga, mas retornou com o comportamento alterado. Na segunda viagem, foi só e matou-se. Apresentava um distúrbio de esquizofrenia que algumas pessoas de sua família já haviam manifestado. A reação imediata do jovem diante da perda da irmã não apresentava tristeza. Mais tarde, porém, em uma oportunidade quando viajou para a redondeza da cidade em que a irmã morrera, esteve no túmulo de um poeta que ele admirava e chorou. A produção intelectual da irmã fora comparada pelo pai com a desse poeta. Indiretamente, o jovem chorou a morte da irmã.

A relação entre irmãos na infância pode ser marcada por rivalidades, ciúmes e hostilidades. Na vida adulta, esses sentimentos podem se dispersar, tornando essa relação amigável. Esses sentimentos, entretanto, podem ser revividos através de mecanismos inconscientes. Devido a essa constante transformação, a criança não pode ser responsabilizada perante as leis e a moral. No texto *A Interpretação de Sonhos*, Freud (1900/1991) comenta sobre características e sentimentos intensos, manifestados pelas crianças, bem como esclarece os comportamentos entre irmãos. Algumas características são marcantes no caráter da criança, como o egoísmo e comportamentos intensos e impiedosos para satisfazer suas necessidades principalmente com pessoas próximas, como irmãos ou pessoas que ofereçam algum tipo de rivalidade. A relação de rivalidade é óbvia apesar da relação fraterna ser pré-concebida como amorosa. Alguns irmãos passam a se dar bem quando adultos, mesmo que tenham vivenciado uma relação de inimizade. Outros irmãos conservam essas desavenças, produto de uma desunião surgida na infância ou que sempre existiu. Por tudo isso, Freud (1900/1991) considera que um caráter bom de uma criança não é o que esperamos encontrar num adulto. A criança não é considerada “má”, mas sob o julgamento do adulto, ela é responsável pelo que faz. Sob o julgamento das leis é diferente, a criança não pode ser responsabilizada pelos seus atos e o

autor considera bom que seja assim, já que ela vai adquirir comportamentos altruístas e morais logo que finalize o período da infância.

Na estrutura neurótica histérica pode ocorrer um retorno das características que estavam presentes na infância em forma de um processo primário, mesmo após a sobreposição do processo secundário, sobre o caráter primário. Na neurose obsessiva, porém, uma super moralidade impõe-se quando sinais do processo primário se manifestam. Mezan (2013), ao retomar Freud, afirma que o processo primário e o processo secundário são formas distintas da atividade do aparelho psíquico. O processo primário caracteriza-se como um fluxo de energia investido livremente em direção a imagens mnêmicas, processo que não apresenta outro destino, que não seja o da frustração. Isso porque a representação de um objeto gratificante por meio do investimento na imagem não leva ao prazer esperado associado à experiência de satisfação correspondente. Caso o objetivo seja desagradável, a experiência desagradável dá-se quando são associados às imagens do objeto e uma experiência de dor. O processo secundário ocorre quando o indivíduo é capaz de inibir o investimento do fluxo de energia na direção das imagens mnêmicas, evitando que se torne conteúdo manifesto e provoque o efeito do desprazer. Alguns exemplos de expressões de crianças diante da insatisfação pela chegada de outra criança em sua família são expostos em seguida como manifestação do caráter primário, como uma menininha que na chegada de seu irmãozinho dissera: “Que a cegonha o leve de volta!”. Um menino diante de elogios recebidos pela sua pequena irmã dizia: “Muito facota, muito facota!” e em algumas ocasiões ressaltava que ela não tinha dentes. (Freud, 1900 /1991, p. 261)

Assim, quando pensamos nas insatisfações provenientes das frustrações ou mecanismos e traços de determinada estrutura, não há como não falarmos das insatisfações provenientes da perda, frustração ou morte, efeitos, *a posteriori*, do Complexo de castração. Retornando ao caso do “homem dos lobos”, em *Uma Neurose Infantil*, Freud (1918/2010) informa que a fantasia da castração pode ser motivada por vivências sexuais precoces. “Verificou-se que a idade do menino, à época em que a irmã principiou as manobras sedutoras, era de três anos e três meses” (p. 34). Após esses eventos, os pais perceberam o filho profundamente mudado. O menino reagiu aos atos da irmã, manifestando a recusa à pessoa dela. “A irmã não lhe era agradável como objeto sexual, provavelmente porque a relação entre os dois já era determinada de modo hostil pela competição no amor dos pais. Ele a evitava, as solicitações dela também cessaram” (p. 34). O paciente, entretanto, tentou se fazer atraente para uma pessoa que lhe era muito querida, a babá Nânia. Por volta de seus cinco anos, segundo o relato do paciente, ele

começa a apresentar comportamentos exibicionistas, em que mostrava o pênis para a babá, a qual reagia ameaçando-o de deixá-lo sem seu membro. A princípio, ele não dá atenção a essa ameaça, mesmo ao presenciar meninas da idade urinando, ele ainda não se incomoda com a ausência do pênis. Posteriormente, porém, ao presenciar sua babá desnuda, ele passa a se preocupar com a perda de seu pênis. Após a ameaça de Nânia, ele deu a si mesmo uma explicação que o que vira nas meninas era “o bumbum da frente” das meninas. “O tema da castração não estava eliminado com essa decisão; em tem tudo o que ouvia, encontrava novas alusões a ele” (p.36). Numa ocasião, quando ele e outras crianças receberam bastões de açúcar coloridos, a governanta comparou o doce a pedaços de serpentes cortadas. Uma história de lobo vem a adicionar a essa angústia de castração. Nessa história, o lobo pesca no gelo com sua própria cauda. A cauda congela e se parte. Em outra ocasião, seu pai mata uma cobra e a faz em pedaços com uma vara. O pensamento da castração o mantinha ocupado, mas ele ainda não lhe dava o devido crédito, nem sentia medo. Os contos de fada que conheceu trouxeram-lhe outras preocupações sexuais. “No ‘Chapeuzinho Vermelho’ e nos ‘Sete Cabritinhos’ as crianças eram tiradas da barriga do lobo. Então o lobo era um ser feminino, ou os homens podiam também ter crianças no corpo?” (p. 36). Para ele, naquele momento, essa questão não estava clara. E ele ainda não apresentava medo do lobo.

Borges (2015) comenta sobre a importância atribuída por Freud aos contos populares e sua relação com a vida psíquica. Na análise do caso do “homem dos lobos”, o autor explora as memórias do início da vida de um paciente adulto e que muitas vezes apareciam associadas a fábulas populares. Segundo Borges (2015), Freud compreendia essa combinação entre as memórias infantis e os contos populares como uma camuflagem que encobria uma cena que apresentava um significado maior e que podiam esconder experiências reprimidas da infância. Quando interpretou os sonhos, desse paciente, Freud os associou às fábulas infantis. A autora destaca que esse método de interpretação permitiu uma maior compreensão sobre o conflito neurótico do paciente, pois tanto os sonhos, quanto as histórias relatadas apresentavam, de forma latente, grandes conflitos. Borges (2015) enfatiza que a analogia dos contos pode facilitar o entendimento de antigas representações da psique humana. A autora destaca o comparativo estabelecido por Freud sobre os contos populares e o arcaísmo psíquico que encontramos no ato de devorar e as histórias de contos como *João e Maria*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Os Três Porquinhos*, entre outros. A interpretação que ele propõe sobre o sonho do “homem dos lobos”, está relacionada aos contos da *Chapeuzinho Vermelho* e dos *Sete Cabritinhos*. Borges (2015)

afirma que esse recurso utilizado por Freud promove o encontro do sujeito com suas demandas pouco conhecidas.

A mudança de comportamento do menino que se evidenciou durante a ausência dos pais pode ser explicada pela alteração em seu comportamento sexual de deixar de masturbar-se, após a recusa e ameaça da Nânia. “Sua vida sexual, que começava regida pela zona genital, sucumbiu então a uma inibição exterior, e por influência desta foi remetida de volta a uma fase anterior, de organização pré-genital” (pp. 36-37). Assim, após essa alteração, na qual o menino suprime o onanismo, sua vida sexual assumiu um caráter sádico-anal. Ele passa a apresentar um comportamento irritadiço, atormentador, satisfazendo-se junto às pessoas e aos animais. O paciente transformou Nânia em seu principal objeto, o qual ele mortificava até lhe arrancar lágrimas. “Assim ele se vingava nela pela rejeição sofrida e ao mesmo tempo satisfazia seu desejo sexual na forma correspondente à fase regressiva” (p. 37). A atitude cruel com os animais foi intensificada. Outras fantasias desse período foram mencionadas pelo paciente, nas quais emergiram cenas em que meninos eram punidos, por meio de pancadas especialmente no pênis. Outro conteúdo, que se apresentava em sua imaginação, referia-se ao herdeiro do trono, sendo espancado num quarto estreito. Freud (1918/2010) interpreta essa fantasia do menino como uma conversão do sadismo, que ele manifestava, em masoquismo, o herdeiro do trono o personificava nessa elaboração. O castigo recebido pelos meninos em seus órgãos sexuais remete a um sentimento de culpa, referente ao onanismo praticado pelo paciente. O autor continua sua análise e considera que as tendências sádico-ativas do menino indicavam a ambivalência vivenciada pelo doente, representada pelos pares de opostos das pulsões parciais. Essas características se mantiveram durante a vida adulta do paciente, “nenhuma das posições instituídas da libido foi totalmente cancelada por outra posterior. Ela continuava a existir ao lado de todas as demais, o que permitiu a ele uma oscilação constante, incompatível com a aquisição de um caráter fixo” (p. 38).

De acordo com o percurso freudiano sobre o caso do “homem dos lobos”, o paciente abandona Nânia, enquanto objeto sexual, devido à rejeição demonstrada pela moça, e direciona seu investimento libidinal a seu pai, que se encontrava ausente. Essa escolha deve-se ao ato do pai de despedaçar a serpente e o retorno a sua “primeira e mais primordial eleição de objeto, que, em conformidade com o narcisismo do bebê, tinha se realizado pela via da identificação” (p. 39). O pai era admirado pelo paciente como um modelo do homem que queria ser. A identificação com o progenitor ativou sua corrente passiva, como objeto sexual sob a influência

da fase sádico-anal. Esse movimento deve-se a sedução que sofreu da irmã, a qual teve como consequência sua apropriação do papel passivo e de uma meta sexual passiva. Essa experiência constituiu-se como fio condutor sobre o qual, “ele descreveu o caminho desde a irmã, através da Nânia, até o pai, da postura passiva diante da mulher à mesma perante o homem, e nisso estabeleceu contato com sua fase primeira e espontânea de desenvolvimento” (p. 39). Com o retorno do pai, no final do verão, os acessos de raiva do menino atendiam à finalidade do par de opostos sadismo-masiquismo. Diante de Nânia, encontrava-se ativo o sadismo, em relação ao pai atuavam os propósitos masoquistas. “Exibindo sua ruindade ele queria receber castigo e pancadas do pai, obtendo assim dele a desejada satisfação masoquista. Seus gritos eram verdadeiras tentativas de sedução” (p. 40). Uma atitude diferente do pai, quando tentou acalmá-lo numa dessas atitudes malcriadas, fez com que conservasse na lembrança a satisfação de seu sentimento de culpa. O pai não o surrou, mas brincou com ele com as almofadas da cama, como se fossem bolas. Freud (1918/2010) divide a infância do paciente em dois momentos: no primeiro, período que coincide entre os três anos e três meses até o aniversário de quatro anos, predomina a crueldade e a sedução, e no segundo momento, um pouco mais demorado, em que manifestam os sinais da neurose.

O sentimento de culpa pode ser considerado outra característica infantil que nos é apresentada pelo neurótico. Esse, sob acusação, tem atitude como a de uma criança. Um neurótico inocente pode reagir como culpado devido a um sentimento de culpa que já existe nele, como nos assevera Freud (1906/2015), em *A Instrução Judicial e a Psicanálise*. Essa afirmação justifica-se a partir do que Freud afirma sobre o comportamento das crianças em relação ao sentimento de culpa. Uma criança também pode apresentar um comportamento incoerente com o ato em que está sendo considerado culpado. Mesmo inocente, a criança pode chorar como se fosse culpada, talvez, revelando um sentimento de culpa proveniente de outra falta. Em momentos como esse, verificamos o infantil presente no comportamento dos adultos, que se manifesta em ações que são realizadas inconscientemente. Os sonhos apresentam-se como um conteúdo infantil que pode se manifestar, além das ações que aparecem nas recordações do adulto. Um exemplo disso podemos encontrar no sonho que aconteceu na infância do “homem dos lobos” que retorna em sua análise com riqueza de detalhes. Em *Uma Neurose Infantil*, Freud (1918/2010) interpreta esse sonho e a narrativa dessa interpretação pode ser considerada como o auge desse caso clínico, que permitiu a divisão de sua infância em dois momentos e que fora inspirado num conto de fadas e na figura de um lobo

frequentemente apresentada por sua irmã com o objetivo de assustá-lo. O sonho ocorrera numa noite de inverno.

No sonho, o menino via-se deitado em sua cama quando a janela se abriu e revelaram-se sentados em uma árvore seis ou sete lobos brancos. Os lobos se pareciam com raposas ou cães pastores com orelhas empinadas e caudas longas. O menino fica assustado com a possibilidade de ser comido pelos lobos e acorda. A interpretação remeteu a uma história contada pelo avô e a alguns contos de fadas, como *Chapeuzinho Vermelho* e *Os Sete Cabritinhos*. A história que o avô contava, envolvia um alfaiate que tem a janela invadida por um lobo. Esse alfaiate agarra o lobo cinzento pela cauda, e ele fica sem cauda. Em outro momento, o alfaiate encontra uma alcateia e foge para cima de uma árvore. O número de sete ou seis é explicado pela história dos cabritinhos, uma vez que nessa história, seis dos sete cabritinhos são devorados pelo lobo. O branco dos lobos é explicado pelo trecho do conto sobre os sete cabritinhos em que o lobo deixa suas patas brancas para enganar os filhotes. A história do *Chapeuzinho Vermelho* explica o encontro com o lobo na floresta e, mais tarde, o mesmo encontra-se vestido com o barrete da vovozinha e deitado em sua cama. Uma brincadeira do pai que costumava ameaçar engoli-lo, explica parte do sonho. A outra parte da construção desse sonho envolve uma reminiscência do jovem de uma ocorrência real da mais tenra infância. Os elementos dessa reminiscência que se apresentam de forma condensada, relacionavam-se com o olhar, a imobilidade, problemas sexuais, castração, o pai e algo terrível. O rapaz vai associando, em sua análise, e desmembrando as condensações. A árvore refere-se a uma árvore de Natal, pois o sonho aconteceu próximo a esta data. A criança ganhara presentes duplos porque, como vimos, além de ser Natal, também era seu aniversário. Os presentes seriam pendurados na árvore, o que explica os lobos em cima da árvore. A partir de outros elementos apresentados pelo jovem, Freud conclui que o sonho possui componentes que remetem a uma cena de cópula dos pais na posição por trás. Tal cena fora presenciada pelo rapaz quando ele tinha um ano e meio. Essa construção aponta dados que explicam a manifestação da doença do jovem, posteriormente, em que predominava um temor do pai, que passa a dominar sua vida. Para Freud (2018/2010), a impressão que a criança tem da cópula sexual é que se trata de um ato de violência do homem em relação à mulher e, no caso do jovem em questão, ele pôde observar uma expressão de prazer no rosto da mãe que o confunde.

Ao apresentar sua inferência na interpretação, Freud (1918/2010) chama a atenção para uma possível dificuldade que o leitor possa encontrar em aceitar a interpretação do sonho do

“homem dos lobos”, tomando uma possível cena, presenciada pelo rapaz em tão tenra infância. No decorrer da exposição interpretativa, Freud vai esclarecendo que certos símbolos foram aparecendo representados nas associações durante as sessões do rapaz para ajudá-lo a encontrar o caminho da interpretação. Assim, os símbolos também se mostram como um importante caminho na interpretação de sonhos, como foi demonstrado por Freud em sua obra sobre os sonhos, publicada em 1900.

Algumas imagens mnêmicas apresentam-se como deslocadas no tempo e no espaço, falsas e incompletas. Devido a isso, fragmentos de lembranças infantis, quando recordados, podem se manifestar de modo ininteligível ou menos compreensível como constatamos em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, texto de Freud, publicado em 1901/1991. Segundo o autor, a causa dessa desordem são as forças poderosas posteriores que modelam a capacidade de rememorar vivências infantis e que, além disso, são responsáveis pela alienação do sujeito frente à compreensão dos anos de infância. O caráter infantil das recordações nos adultos é ratificado por Freud no texto de 1901 (1991) depois de afirmar em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1991) que as recordações infantis costumam aparecer aos adultos em forma de imagens e, algumas vezes, esses adultos podem ver a si mesmos como crianças, com contornos e roupas infantis. As primeiras lembranças da infância não apresentam o traço mnêmico verdadeiro, pois uma elaboração posterior fora provocada por diversas forças psíquicas.

Uma ilustração relevante das resistências encontradas na organização das reminiscências pode ser conferida no caso da jovem Dora, publicado em 1905, em *Análise Fragmentária de uma Histeria (O caso Dora)* (1905/2016b). Nesse caso, o pai da moça considera, ao procurar Freud, que “o comportamento insuportável de Dora” se devia à doença da mãe que a levava a se comportar de maneira apática, provocando o desinteresse da moça pela vida doméstica. O sintoma de *tussis nervosa* de Dora, que se apresentava como uma das principais queixas, já havia ocorrido em sua infância, na idade aproximada de oito anos. Portanto, deve-se retroceder à infância do paciente para averiguar influências ou impressões que tivessem produzido efeito igual ao do trauma.

As vivências da vida anímica infantil relacionadas aos pais foram representadas por Freud por meio de mitos, lendas, obras literárias e referências a padrões culturais. Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1991) reitera que os padrões culturais exigem uma relação de vida entre pais e filhos como pode ser averiguada na realidade. Além disso, o quinto entre os Dez Mandamentos, que recomenda “Honrar Pai e Mãe”, leva-nos a concluir que a

devoção filial, com frequência cede a outros interesses. Por outro lado, o poder despótico dos pais é reafirmado na conhecida lenda de Cronos, que devorou seus filhos, ou como o javali devora suas crias. Por conseguinte, Zeus castra o pai e toma o poder tornando-se rei. Segundo as lendas, quanto maior e irrestrito é o poder do pai, maior a ansiedade do filho por sua independência. Já nas meninas, a mãe controla a filha quando a percebe crescida e ansiosa por liberdade sexual. Ao mesmo tempo, a mãe constata que se finda o seu tempo de satisfação sexual. Esses sentimentos primitivos podem retornar na forma de sonhos ou sentimento de culpa. Os sonhos que remetem a esses sentimentos são os sonhos típicos que apresentam como conteúdo a morte de um dos genitores, preferencialmente, do genitor de mesmo sexo. Com a análise dos neuróticos, aprendemos que, desde a tenra idade, são alimentados desejos sexuais. Para ratificar sua tese, Freud cita o mito do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome. Posteriormente, Freud (1900/1991) toma a tragédia de Shakespeare, Hamlet, como exemplo para demonstrar como os sentimentos edípicos ficam recalcados em uma neurose e se fazem conhecidos através de suas consequências inibidoras. Freud especula que um traço duradouro deixado por impressões adquiridas por volta do primeiro ou segundo ano de vida da criança pode constituir o primeiro e mais profundo fundamento dos sintomas histéricos, mesmo distorcidos e exagerados em muitos aspectos da memória.

Seguindo o percurso freudiano do texto *Uma neurose Infantil* (1918/2010), percebemos que o autor busca responder algumas hipóteses sobre o conteúdo recordado pelo adulto. Entre as questões destacadas pelo autor encontra-se a investigação sobre a possibilidade de uma criança com idade de um ano e meio mostrar-se capaz de preservar percepções de um processo de forma integral em seu inconsciente. Outra hipótese refere-se ao retorno do conteúdo inconsciente aos quatro anos, de forma elaborada e compreensível. E finalmente, ele faz o questionamento sobre o método capaz de tornar consciente o material inconsciente de modo coerente e coeso.

As recordações da infância são percebidas como “formações da fantasia que obtêm estímulo da época madura, destinadas a uma certa representação simbólica de desejos e interesses reais, e que devem sua origem a uma tendência regressiva, a um afastamento das tarefas do presente” (Freud 1918/2010, p. 68). As cenas infantis, quando o paciente se encontra em análise, não são reproduzidas como lembranças, resultam de uma construção, baseada em uma soma de indícios. O sonho corresponde a uma forma de recordação, no qual ocorre uma reprodução de fragmentos de memória em constante remodelação. “Sonhar é também recordar,

embora sujeito às condições do período noturno e da formação do sonho” (p. 71). Para Freud (1918/2010), a manifestação do conteúdo infantil no sonho significa que nos pacientes formou-se uma firme convicção da realidade das cenas primordiais, convicção equivalente à provocada pela própria recordação.

Ao discutir esse caso, o autor ratifica, como vimos, que “a influência da infância já se faz sentida na situação inicial da formação da neurose, na medida em que também determina, de modo decisivo, se e em que ponto o indivíduo fracassa ao lidar com os problemas reais da vida” (p. 74). Ele afirma que a neurose do “homem dos lobos” se caracteriza pelo fato de que a neurose no paciente adulto foi precedida por uma neurose na primeira infância. Outra constatação importante apontada pelo psicanalista refere-se à conclusão sobre a neurose no período infantil que se manifesta independente do mecanismo de fuga ante uma tarefa imposta pela vida, mas pode emergir a partir das vivências infantis.

A cena primária, descrita nesse caso, por Freud (1918/2010), contém a imagem da cópula dos pais em uma posição que se mostra propícia a algumas conclusões. O fato do paciente apresentar sintomas por volta do quarto ou quinto ano de vida, que levam a associá-los a cena primária, permite inferir que a criança presenciou tal cena em um período antecedente. De acordo com o autor, as informações comunicadas pelo paciente compõem um contingente que explica os sintomas apresentados pelo paciente como a mudança de caráter, o medo dos lobos e a compulsão religiosa. O paciente manifesta uma preferência pelas nádegas das mulheres e pelo coito na posição em que elas sobressaem, o que leva a uma ambivalência sobre o que dá origem a essa preferência: a possibilidade de que tenha presenciado o coito dos pais ou a herança arcaica do pai que também manifestava essa preferência, bem como o fato de que seu tio morreu em decorrência de uma séria enfermidade obsessiva. Outro elemento vem a complementar essas hipóteses ao observar o comportamento da irmã, que calunia a babá afirmando que esta colocava as pessoas de cabeça para baixo para apalpar seus genitais e a própria menina propõe a mesma posição ao irmão, quando o assedia. Para o autor, o comportamento da irmã do menino inevitavelmente remete à ideia de que ela também pode ter presenciado a cena de cópula dos pais. Todas essas considerações hipotéticas não excluem as fantasias do paciente e outras experiências vivenciadas por ele que o levaram a associá-las ao ato sexual dos pais, como exemplo dessas experiências, Freud (1918/2010) cita sua recordação sobre a visita ao pasto de ovelhas, onde tinham cachorros também e pôde presenciar a cena de coito dos animais. Segundo o psicanalista “a transferência dos cães em cópula para os pais não

se realizou por meio de um procedimento dedutivo ligado a palavras, mas buscando na recordação uma cena real em que os pais apareciam juntos, e que pôde se fundir com a situação do coito” (p. 80). Essas elaborações de Freud (1918/2010) configuram de forma consistente o que explanamos anteriormente sobre o conteúdo infantil e a fantasia. O menino fica exposto a uma cena de cópula entre animais pouco tempo antes do sonho sobre os lobos, o que obrigatoriamente não implica que ele não tenha presenciado o ato sexual dos pais, como também não exclui essa possibilidade, mas viabiliza a transferência da cena da cópula dos cães para os pais e o medo que sente do lobo ao invés do pai. O paciente na idade de quatro ou cinco anos encontra-se na fase de desenvolvimento classificada em *Totem e Tabu*, como o retorno ao totemismo, que corresponde ao esclarecimento das cenas primordiais das neuroses por um fantasiar retrospectivo a partir de tempos ulteriores. “Sendo tão jovem, foi, no entanto, capaz de substituir uma impressão dos quatro anos por um trauma fantasiado com um ano e meio; mas essa regressão não parece enigmática nem tendenciosa” (p. 81). Após discutir as possibilidades, diante da interpretação do sonho do “homem dos lobos”, Freud (1918/2010) chega à conclusão: “então já não cabe duvidar que se trata apenas de uma fantasia, talvez estimulada regularmente pela observação do ato sexual entre animais” (p. 81).

Os traços obsessivos apresentados pelo paciente relacionavam-se às suas vivências infantis como seus atos religiosos e piedosos. Ele teve acesso à História Sagrada por meio da mãe e da babá e manifestou diversos pensamentos e impressões sobre as histórias bíblicas, que explicam tanto os atos piedosos, quanto os comportamentos contraditórios que profanavam a imagem de Deus. Suas impressões sobre as histórias bíblicas também eram contraditórias. Em determinados trechos ele sentia pena do sofrimento de Cristo, em outros ele o culpava pela maldade dos homens: “Se ele era todo-poderoso, era sua culpa que os homens fossem maus e atormentassem os outros, indo então para o Inferno. Ele deveria tê-los feito bons; ele mesmo era responsável por todo o mal e todo o tormento” (p. 85). Em determinadas passagens, Freud (1918/2010) demonstra admiração pela perspicácia demonstrada pelo menino diante das santas histórias, quando questiona alguns preceitos bíblicos e situações nas quais a divindade de Cristo poderia solucionar alguns problemas ou impedir certos sofrimentos. O paciente demonstra também que vivenciava impulsos secretos como o pensamento a respeito do traseiro de Cristo. Se Ele tinha um traseiro também defecava, o que poderia ser diferente se usasse seus poderes e transformasse comida em nada para não precisar defecar. O contato com a história bíblica influenciou diversas questões irresolutas de sua infância, como a sua dualidade entre sadismo e masoquismo, e origem dos bebês. Seu desenvolvimento sexual manifestava-se por meio do

par de opostos sadismo e masoquismo, “no sadismo ele conservava a antiga identificação com o pai, no masoquismo ele o escolhia como objeto sexual” (p. 86). O menino desenvolve a predisposição à neurose obsessiva na fase da organização pré-genital. A História Sagrada deu ao paciente a possibilidade de sublimar a postura masoquista, por meio de uma identificação com Cristo, facilitada pelo dia do nascimento: “com isso ele se tornava uma coisa grande, e também – algo que momentaneamente não se enfatizou bastante – um homem” (p. 87). Freud (1918/2010) considera que o “homem dos lobos” reprimiu uma postura homossexual, segundo a qual ele podia ser usado pelo pai como uma mulher, como a mãe foi usada durante a cena primária. Quanto à pesquisa sexual, o menino conseguiu esclarecer algumas dúvidas com a ajuda da história bíblica contada por Nânia. “Pelo contrário, a Nânia o tinha feito acreditar que ele era filho do pai, e a irmã, da mãe, e esse vínculo mais próximo com o pai lhe tinha sido precioso. Agora ele ouvia que Maria era genitora de Deus” (p. 88). Esse princípio bíblico esclareceu para o menino que as crianças nascem das mães e o que Nânia disse não se sustentava.

Outra questão que a história bíblica suscitou foi o sentimento de ambivalência em relação a Deus e a constatação desse sentimento em relação a seu próprio pai. Nânia conta ao menino que Deus era o pai de Jesus e não José e essa explicação o deixa confuso. Essa relação faz o paciente pensar que a relação entre pai e filho não é tão íntima como ele havia pensado. O paciente que antes se posicionava de modo crítico em relação à doutrina, agora se voltou diretamente contra Deus. “Deus havia tratado seu filho de maneira dura e cruel, mas tampouco era melhor para com os homens. Havia sacrificado seu filho e exigido que Abraão fizesse o mesmo. Ele começou a temer Deus” (p. 89). Com o afastamento de Deus, ele se apegou mais a seu pai, e aguçou sua crítica à religião. Esse sentimento contra Deus refletia uma revivescência da hostilidade que ele alimentou contra seu pai no sonho angustiante. Essa oposição de sentimentos em torno da religião resulta no sintoma de alimentar as blasfêmias, nas quais associava Deus a excrementos e porco.

Outro sintoma obsessivo que o paciente manifestava era a respiração de modo solene quando via mendigos, pessoas e deficientes. Esse ato era tratado por ele como uma expiação pelos pensamentos com conteúdo de blasfêmia. Ele fantasiava que com o ato de respirar expirava os maus espíritos e inspirava o Espírito Santo. Ele relacionava essas pessoas a seu pai, o que teve início quando foi levado pela mãe a um sanatório e lá identificou as pessoas com seu pai em momentos que ele parecia mal e levava o menino a sentir pena. Essas pessoas que o faziam

expirar eram vistas como modelos de caretas em estado de angústia e caricaturas desenhadas representando escárnio. A relação com o pai, nessas representações, refere-se à transformação em negativo, mas havia uma outra explicação que relacionava o ato de respirar fortemente com uma identificação positiva também com o pai. A relação positiva devia-se ao som que o pai emitia durante o coito.

A relação do paciente com as mulheres também era percebida como predominantemente hostil. A sedução do paciente pela irmã foi relacionada por Freud (1918/2010) às suas dificuldades relacionadas às mulheres, o que perturbou sua vida amorosa. A irmã encarnou para ele a personificação duradoura da tentação e do pecado. Essa percepção se acentuava quando ele se confessava e sentia-se puro e livre de pecado e sua irmã voltava a espreitá-lo, levando-os a brigarem, o que fazia com que ele se sentisse em pecado novamente. “Desse modo era obrigado a reproduzir sempre de novo o evento da sedução. Notemos de passagem que ele jamais confessou os pensamentos sacrílegos, por mais que o oprimissem” (p. 92).

Freud (1918/2010) chama a atenção para o resultado da análise desse paciente. Mesmo após a remoção dos sintomas obsessivos, os efeitos duradouros da neurose obsessiva permanecem no paciente. O autor chama atenção para o quadro que se encontrava construído pela doença do paciente que prezava por uma vitória da fé beata sobre a crítica à religião e da repressão da postura homossexual. Esses fatores marcaram o paciente com vantagens e desvantagens permanentes, como atividade intelectual que esteve gravemente prejudicada, “não se desenvolveu nenhum afã de aprender” (p. 96). A homossexualidade que foi reprimida, provocando a subtração de todas as sublimações, impedia que o paciente manifestasse interesses sociais. Com o processo psicanalítico, ele se viu livre para liberar sua homossexualidade e teve como consequência a possibilidade de investir em diversos interesses comuns aos seres humanos. Como vimos, a neurose obsessiva do “homem dos lobos” nasceu de uma constituição sádico-anal.

De acordo com Freud (1918/2010) há uma estreita relação entre o erotismo anal e o tratamento dado ao dinheiro, material de valor que atrai interesse psíquico, como o excremento, produto da zona anal. O autor afirma que

Estamos acostumados a referir ao prazer com excrementos o interesse por dinheiro, na medida em que seja de natureza libidinal e não racional, e a exigir da pessoa normal que mantenha sua relação com o dinheiro totalmente livre de influências libidinais, regulando-o segundo considerações da realidade (p. 97).

O paciente apresentava uma relação significativa com o dinheiro, principalmente após receber a herança de seu pai e de um tio. Ele não sabia como lidar com o próprio dinheiro, ora se apresentando como perdulário, ora avaro. Sua relação com o dinheiro, no entanto, afetou sua convivência com as outras pessoas, apesar de apresentar-se como uma pessoa que não julgava os outros pela riqueza e muitas vezes comportava-se como modesto, solícito e compassivo. Freud (1918/2010) aponta que “o dinheiro se subtraía ao seu controle consciente, significando uma coisa a mais para ele” (p. 98). O sujeito manifestava uma relação difícil com a mãe com quem dividia a herança do pai, acusando-a de querer o dinheiro todo para ela e desejar a morte dele. Ele não acreditava no que dizia para a mãe, mas repetia as agressões.

O “homem dos lobos” sofria de distúrbios intestinais e encontrava dificuldade em evacuar. Freud (1918/2010) por certo tempo da análise não deu importância a esse sintoma e o paciente não apresentou melhora em seu quadro. Quando o psicanalista mudou a perspectiva sobre o sintoma conseguiu alguns resultados no quadro clínico do paciente. O intestino foi descrito, pelo autor, como um órgão histericamente afetado. O paciente foi capaz de significar sua identificação com a mãe e o distúrbio intestinal foi associado à disenteria apresentada pela mãe, revelando que para ele havia uma conexão entre a doença da mãe e a cena primária, ela apresentava esse sintoma em decorrência do que o pai lhe fizera. O paciente invejava o lugar da mãe em relação ao pai.

O complexo de castração apresenta-se como outro ponto relevante nesse caso. O sujeito viu na posição feminina da cena primária, em que a mulher apresenta uma ferida, como resultado de um órgão castrado. Ele fantasiou por meio do sonho que a atitude feminina estava relacionada à castração, o que lhe despertava uma angústia pelo entusiasmo homossexual. Na infância do “homem dos lobos”, as referências à castração o fizeram duvidar da teoria da cloaca, aproximando-o do conhecimento da diferença entre os sexos e o papel sexual da mulher. Em relação à castração no paciente, Freud (1918/2010) afirma que “ao dizer que a rejeitou, o significado imediato da expressão é que não quis saber dela, no sentido que a reprimiu. Com isso não se pronunciava um juízo sobre a sua existência, mas era como se não existisse” (p. 114). Essa atitude, entretanto, não foi permanente, nem mesmo enquanto apresentava a neurose infantil. Primeiro ele resistiu e depois cedeu. O pai personificou a figura do castrador para ele, imagem sustentada pela fantasia que ele alimentava de que o pênis das mulheres foi tirado no nascimento. A circuncisão também ouvida das histórias bíblicas reforçava a ideia de que Deus

era cruel, pois deixa que os homens cometam pecados para castigá-los depois e sacrifica seu filho e os filhos dos homens. O pai, como agente castrador, catalisou do filho uma intensa hostilidade inconsciente, elevada ao desejo de morte, que provocava o sentimento de culpa. No caso do “homem dos lobos”, o pai também foi percebido como castrado, fazendo manifestar o sentimento de compaixão do filho.

O trajeto clínico de *Uma Neurose Infantil* (1918/2010) permitiu que observássemos aspectos infantis tratados anteriormente neste trabalho e o contexto por meio do qual eles emergem durante o processo analítico. Aspectos como as teorias sexuais infantis, fantasias, sonhos, desenvolvimento sexual, fase pré-genital e o complexo de castração, bem como a relação dos traços infantis e a instalação da neurose obsessiva são desvelados no discurso do “homem dos lobos” em análise e Freud articula esses traços de modo a permitir que compreendamos conceitos relevantes da psicanálise.

Como vimos ao longo desse percurso, Freud descreve uma neurose infantil em um homem adulto e no caso “Hans”, ele aponta uma neurose de angústia em um menino de cinco anos. Em ambos os casos, como em todos os casos de neurose, encontramos resquícios do psiquismo infantil na manifestação das neuroses, seja por fantasias, sonhos, sintomas, Select itemsexualidade e escolha objetal. Veremos, adiante, a análise do caso Hans e as manifestações do psiquismo infantil que podemos encontrar.

5.2 CASO HANS E O INFANTIL

Freud, em suas obras, foi o primeiro psicanalista a falar sobre o uso do método psicanalítico com crianças. O autor, entretanto, apontou alguns limites no atendimento da criança e afirma, em *Análise de uma fobia em um garoto de cinco anos* (1909/2015c), que a análise de Hans só foi possível porque foi conduzida por seu pai. Isso porque pela posição afetiva que ocupava em relação ao menino, exercia a influência necessária para conduzi-lo à cura da fobia que a criança apresentava aos cinco anos. A análise que Freud (1909/2015c) faz do caso Hans inicia-se através dos relatos do pai que observava Hans desde que o garoto se encontrava com a idade de três anos. O relato desse período é descrito pelo autor como referente

ao “desenvolvimento” sexual das crianças quase em sua totalidade. Um dos primeiros relatos do pai de Hans refere-se à repreensão que a mãe do menino faz por seu comportamento de colocar a mão em seu pênis, ameaçando-o de “cortar seu pipi”. Freud (1909/2015c) enfatiza que a criança responde à mãe, sem culpa, que sem o seu pênis faria pipi com seu traseiro. Como vimos, para Freud (1914/2012), o complexo de Castração pode ser encontrado em todo tipo de neurose. Além disso, é caracterizado pelo sentimento de angústia encontrado no menino em relação à perda de seu pênis e, na menina, à inveja do pênis, produzida como resultado associativo com a coerção inicial da atividade sexual. O autor, em nota em 1909, assegura que o complexo de castração não é necessariamente causado por uma ameaça casual, mas que a criança constrói para si mesma esse perigo, utilizando indícios indiretos que sempre existirão.

Os pais de Hans, segundo relato analisado por Freud (1909/2015c), principalmente no discurso e repreensões da mãe, demonstram que também estavam influenciados pelos ideais instituídos pela moral social. Na primeira vez, em que Hans tinha três anos e tocava seu pênis, a ameaça de deixá-lo sem seu membro lhe é feita e, num segundo momento, Hans pede que a mãe toque seu pênis, entretanto, ela responde que seria “porcaria”. Ademais, ao ser questionada pela criança por que seria porcaria, ela diz que não seria correto, ao que Hans alega ser divertido. A postura da mãe de Hans nos leva a crer que há uma repreensão à satisfação sexual do menino e, no segundo exemplo, a mãe manifesta uma referência ao tabu do incesto marcado pela proibição de contato sexual entre mãe e filho. Hans, todavia, demonstra ainda não trazer internalizada a culpa consequente do tabu. Algum tempo depois, o pai de Hans escreve a Freud (1909/2015c) sobre suas preocupações com alguns sintomas apresentados pelo filho, fazendo conjecturas sobre o mesmo ter sido assediado. Finalmente, afirma que não gostaria que o filho apresentasse dificuldades tão cedo. Na colocação do pai, o menino, alegre e animado, estava apresentando um comportamento receoso ao sair à rua e estava desanimado à noite. Assim, podemos constatar que mesmo tendo se submetido a certa influência psicanalítica, os pais de Hans apresentavam um ideal social sobre o que esperavam do comportamento do filho. Essa demanda dirigida a Freud por parte do pai deixa transparecer que gostaria que Freud o ajudasse a fazer com que seu filho voltasse a ser aquela criança alegre e animada sem problemas que era antes. A esse tipo de demanda ansiosa dos pais, Freud (1909/2015c) recomenda que o analista não aceite nem compreenda. O autor assevera que apenas *a posteriori* podemos compreender o que se passa com a criança, após a análise de um conteúdo relativamente suficiente. Freud (1909/2015c) ainda acentua que o analista deve deixar em suspenso seu julgamento, ao manter-se numa atitude atenta e imparcial sobre todo o conteúdo apresentado pela criança e a família.

Ele afirma categoricamente que o analista deve estar atento a tudo o que acontece com a criança e a família.

Diante da afirmação de Freud (1909/2015c) de que a análise de Hans só foi possível porque foi conduzida pelo pai, nos perguntamos se seria possível esperar uma transferência por parte da criança que possibilitasse sua análise. Tratamos, no terceiro capítulo, do conteúdo infantil presente no amor transferencial que leva o paciente a transferir à pessoa do analista um afeto não dedicado a nenhum outro objeto. No caso da análise de uma criança, como se daria esse processo?

Freud (1932/2010), na *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica*, distingue a criança do adulto ao apontar especificidades, como ausência de supereu e o fato da transferência e a associação livre não se darem nas crianças como se dá com os adultos. O autor afirma que a influência exercida pelos pais “governa” a vida da criança por meio de manifestações de amor ou ameaças de castigo. Isso é entendido pela criança como falta de amor, o que a faz temer por essa falta de amor, percebendo os pais como um poder externo ainda não internalizado.

Contudo, antes de prosseguirmos pela via do tema da criança, é necessário situar a questão do amor transferencial e a forma como esse amor se “aferra” à pessoa do analista para daí compreendermos melhor as peculiaridades no atendimento de Hans. Como já mencionamos, Freud (1912/2010), em *Dinâmica da Transferência*, expõe como é dada a transferência durante o tratamento psicanalítico, bem como a função que ela desempenha no mesmo. De acordo com o autor, a vida amorosa do sujeito e a forma como este se posiciona frente a ela, sofre influências da disposição inata e das experiências vividas nos primeiros anos de vida. Apenas uma parte dos impulsos e conteúdos libidinais que determinam o curso da vida amorosa ou erótica do sujeito passou por todo o transcurso psíquico. Como nos assegura Freud (1912/2010), uma parte desses impulsos libidinais está presente na consciência e na realidade da pessoa. Outra parte, no entanto, não se encontra acessível à consciência ou à realidade ou foi impedida de expansão, exceto na fantasia. Há ainda outra parte desse impulso libidinal que se encontra no inconsciente de maneira desconhecida da consciência. Assim, segundo o autor, caso a necessidade que uma pessoa tem de amar não seja inteiramente satisfeita pela realidade, ela estará destinada a antecipar suas ideias libidinais tanto conscientes quanto inconscientes ao se aproximar de cada nova pessoa. A partir disso, o psicanalista entende que a relação transferencial com o analista não é diferente. A ele podem ser destinados não só os impulsos

libidinais conscientes e inconscientes como a cadeia psíquica que o inconsciente já formou com a imago paterna, materna ou fraterna. Para tanto, compreendemos que é necessário que o sujeito apresente mecanismos internalizados para que possa acessar o material inconsciente e estabelecer a transferência. O que notamos é o fato da criança que atravessa o romance edípico não estabelecer a transferência como o adulto, que já apresenta supereu e mecanismos de acesso ao material inconsciente.

Se tomarmos o supereu como constituído por uma internalização do que ficou do romance edípico, temos um mecanismo utilizado pelo sujeito para resgatar o material infantil tão frequente no discurso dos pacientes em análise e ausente em crianças que ainda não trazem constituído o ideal do eu. Na relação transferencial da criança, portanto, há um predomínio dos sentimentos ambivalentes que ela alimenta em relação aos pais, correspondentes à travessia do romance edípico e, conseqüentemente, na análise, a criança tende a transferir ao analista esses sentimentos. Além disso, como vimos, a criança busca respostas para seus enigmas sobre a origem dos bebês e a morte, um saber que ela supõe transferencialmente que o analista tenha conhecimento. Hans manifesta, de acordo com Freud (1909/2015c), a mesma preocupação diante do enigma da vida. Ele investiga a chegada da irmã dentro de “grandes caixas” e se preocupa se abaixo do lugar onde ele estava na calçada, haveria um homem enterrado ou se isso apenas se daria nos cemitérios. Notamos como esse processo se dá na análise de Hans. De acordo com a análise que Freud (1909/2015c) faz do caso, observamos como Hans estabelece o contato com o Professor Freud por meio de seu pai, que afirma que aquele professor saberia dizer algo sobre a “bobagem”, como era chamada a fobia de Hans por ele mesmo.

No encontro entre Freud e Hans, o psicanalista comunica ao menino os motivos de angústia que vinha apresentando relacionada a cavalos e que isso acontecia porque ele temia o pai por causa do amor que sentia pela mãe. Ao término da consulta, Hans pergunta a seu pai se o professor falava com Deus, pois parece que já sabia tudo previamente. Esse foi o único encontro entre Hans e Freud, enquanto a criança apresentava a fobia, mas o menino aparentemente mostrava ter estabelecido uma relação transferencial com Freud, pois algumas vezes pedia ao pai que perguntasse ao professor sobre as coisas que se passavam com ele. Constatamos, portanto, que Hans foi capaz de estabelecer um vínculo transferencial com Freud por intermédio de seu pai, que alimenta uma transferência em relação ao professor. Em outro momento, Hans relata a seu pai o temor que tinha de subir numa carroça e ela partir. Quando o pai questiona sobre o motivo do medo, ele diz que não sabe, mas que talvez o professor saiba.

É importante ressaltar que Freud não trabalhou em sua clínica com crianças e, apesar de apresentar tantos exemplos e considerações sobre as crianças em sua obra, ele não se dedicou a encontrar meios, na clínica, para contornar os problemas que ele apontou no atendimento de crianças, como a questão transferencial e a dificuldade com a regra fundamental da associação livre. Podemos considerar que os pressupostos estabelecidos por Freud sobre a criança não foram acompanhados por um constructo técnico específico que poderia ser aplicado à clínica com crianças. No entanto, muitos desses pressupostos podem ser tomados como legítimas contribuições que auxiliaram os analistas de crianças a construir uma *práxis* no atendimento, como suas observações sobre o ato de brincar, que comentaremos mais adiante neste trabalho.

A regra da associação livre dá-se quando é ordenado ao paciente que fale livremente, até mesmo o que julgar como desnecessário ou de menor importância. Freud (1914/2012b) admite que o discurso produzido quando o paciente associa livremente apresenta-se confuso, sem uma ordenação histórica ou cronológica. Diante desse conceito, como se daria a análise com crianças? Freud (1909/2015c) ao comentar o relato do pai de Hans, em certo momento, menciona a tentativa de aplicar a regra da associação livre quando o pai pede que o menino diga o que lhe vem à cabeça, rapidamente. Freud (1909/2015c) considera que o pai não alcança seu objetivo e o discurso produzido por Hans, apesar de não aparentar apresentar um sentido, poderia ser significado *a posteriori*. Por meio de suas brincadeiras, jogos e declarações, Hans dá indícios do que ele pensa e do que se passa com ele. Em um de seus jogos, Hans brinca imitando ser um cavalo, utilizando seu corpo como objeto lúdico. Durante a brincadeira ele trotava, bate os pés, relincha e deixa-se cair. Em outro momento da brincadeira, Hans simulava estar com uma focinheira como a do cavalo, vai em direção ao pai e tenta mordê-lo. Freud (1909/2015c) analisa essa brincadeira e considera que Hans estaria manifestando sua identificação com o pai como uma plena realização de desejo e, durante a brincadeira, a interpretação era aceita mais facilmente pelo menino.

A técnica da associação livre é considerada, por Freud, como a única possível para a análise de neuróticos. Freud (1905/2016b) acrescenta que a livre associação deve ser operada sob transferência e considera esta como a parte mais difícil do trabalho, pois apenas constatamos o estabelecimento desse vínculo a partir de detalhes ínfimos, observados com o objetivo de se evitar julgamentos arbitrários. O vínculo transferencial proporciona ao paciente o sentimento de maior confiança em relação às associações construídas em análise, como a

interpretação de sonhos, por exemplo, que parte das cadeias associativas e recordações inconscientes do paciente.

Quando retornamos ao comentário que Freud (1909/2015c) faz da tentativa do pai de Hans em aplicar a regra fundamental, o autor ressalta que o esforço do pai não adianta muito e que, caso tenha obtido algum resultado, deveria ser atribuído à luz de revelações posteriores. Em outro momento, entretanto, o psicanalista considera a elaboração do conflito psíquico comunicado por Hans. Esse momento refere-se a uma parte do discurso do menino quando falava com o pai sobre o medo que tinha de tomar banho. Nesse relato, Hans conta sobre dois desejos que possuía e lhe proporcionavam sentimento de culpa. Um desses desejos dizia respeito à sua rivalidade com a irmã Hanna, sobre a qual Hans alimentou fantasias de que sua mãe, durante o banho da menina, poderia soltá-la dentro da banheira, o que consequentemente a levaria à morte. Tal desejo é comumente encontrado na maioria das crianças, como já foi comentado. O outro desejo de Hans era de ficar sozinho com a mãe no banho, resultado do conflito edípico que vivenciava. Diante das pontuações do pai sobre esses desejos em que acentuou que um bom menino não desejava esse tipo de coisa, Hans responde que “pensar isso” poderia ser bom, pois poderia ser comunicado ao professor, no caso Freud. Freud (1909/2015c) considera essa elaboração de Hans como uma plena compreensão sobre em que consiste a psicanálise. Diante dos ideais sociais e civilizatórios, acentuadamente marcados na pontuação do pai de Hans, constatamos a importante contribuição da psicanálise, que permite que o sujeito tome consciência do seu desejo e se posicione frente a este desejo.

Em outros momentos, é interessante notar que, ao relatar o que sente, Hans se refere aos seus sonhos e jogos, o que permite que ele faça uso de imagens e figuras que comportam o que ele sente, mas que só com palavras ficaria difícil expressar. Freud (1909/2015c) analisa um sonho de Hans, no qual, estavam presentes duas girafas, uma grande e uma pequena. A girafa grande aparecia à noite em seu quarto e a outra girafa apareceu toda amarrotada. De acordo com Hans, no sonho, a girafa grande gritava porque ele havia levado a girafa amarrotada para longe. Quando a girafa grande para de gritar, Hans senta-se em cima da girafa amarrotada. Alguns restos diurnos justificam a presença das girafas no sonho de Hans. Alguns dias antes, Hans tinha feito um passeio, no qual pôde ver uma girafa. Quando voltou do passeio, o pai havia feito para Hans um desenho desse animal, a pedido dele. Nesse desenho, Hans questiona onde estava o pipi da girafa e o pai pede que ele o desenhe. O menino, então, faz um traço vertical embaixo da girafa. Outro resto diurno seria o fato de que Hans possuía, em seu quarto, uma

figura de uma girafa e um elefante penduradas em cima da cama do garoto. Esse sonho é interpretado pelo pai de Hans da seguinte maneira: a girafa grande é identificada com o pai e seu pênis grande faz referência ao pescoço comprido da girafa. A girafa amarrotada seria a mãe de Hans, em referência ao órgão genital dela. A interpretação feita pelo pai sobre o fragmento do sonho em que a girafa grande estava gritando, aponta o fato do pai haver repreendido a mãe por ela permitir que Hans ficasse na cama com ela. Freud (1909/2015c) acrescenta à interpretação do pai, a construção do desejo de Hans, que, certamente, havia desejado ter sua mãe, suas carícias e seu órgão genital. A mãe que aparece no sonho, identificada como a girafa amarrotada, é tomada como posse pelo menino, o que é representado pelo comportamento de sentar em cima da girafa amarrotada. Ademais, segundo o autor, o sonho representava uma tentativa de vencer o desafio contra seu pai: não adiantaria que o pai gritasse, pois, a mãe o levaria para a cama assim mesmo.

O relato desse sonho de Hans ilustra os desejos inconscientes típicos infantis, principalmente aqueles relacionados ao Complexo de Édipo. Pode-se vislumbrar também o papel desempenhado pelo tabu do incesto, o que age como um mecanismo de censura que provoca a distorção no sonho de Hans que tem seus pais substituídos por imagens de girafas, por meio dos mecanismos primários inconscientes da condensação e do deslocamento. Como vimos anteriormente neste trabalho, Freud (1900/1991) considera a essência do sonho como uma realização de desejos, o qual se manifesta distorcido, como podemos perceber no exemplo do sonho de Hans. Como os sonhos, os jogos de Hans eram expressão da solução que ele dava para os conflitos e dúvidas que vivenciava. Num de seus jogos, Hans estava brincando com um cavalinho de brinquedo que caiu e o menino chama a atenção para o barulho que fez. A criança demonstra, com sua brincadeira, o incômodo que sentia desde que viu o cavalo cair na rua próxima a sua casa, momento a partir do qual, ela passa a evitar a saída à rua, apresentando angústia ao ver cavalos.

Outra brincadeira significativa de Hans, relatada por seu pai, consistiu em introduzir um canivete pela abertura que sua boneca de borracha tinha na parte de trás. Após introduzir o canivete, Hans deixava que a faca saísse ao abrir as pernas da boneca. Ele nomeia para a empregada o ato da faca sair por entre as pernas dizendo que era o pipi da boneca. Após essa brincadeira, segue uma conversa entre o pai e o menino na qual Hans manifesta o resultado de suas investigações sobre a origem dos bebês, assunto sobre o qual seu pai tarda a esclarecer. O pai de Hans pede que o menino explique o que fez com a boneca e Hans diz que queria ver

o pipi dela. Aliado a essa explicação, Hans descreve o ato da galinha botar ovos, o que para Freud (1909/2015c) não foi uma associação ao acaso, pois o assunto sobre a brincadeira com a boneca não está dissociado desse comentário sobre o ato de botar ovos. Para o autor, o que Hans faz com a boneca demonstra que ele sabe como nascem os bebês. A brincadeira em que o canivete sai por entre as pernas da boneca, deixa claro que Hans já estava ciente de que os bebês saem de dentro da mãe. Hans busca o saber sobre a origem dos bebês por motivos narcísicos e egoístas e não de maneira inata. Após o nascimento da irmã, após o qual o menino percebe que a atenção dos pais deve ser partilhada, Hans inicia sua saga investigativa sobre a origem dos bebês e de um meio que o livre da rival. Essa associação de Hans nos remete à elaboração freudiana sobre o saber da criança e nos aparece com a novidade de uma criança que não é ingênua, nem inocente, mas que busca soluções para suas investigações e, algumas vezes, desfruta de certos benefícios diante do ideal inocente para ampliar seu conhecimento. Hans demonstra, por meio da brincadeira e da metáfora do ovo, que compreendia que o bebê saiu de dentro de sua mãe. Hans disfarça para o pai o conhecimento que já era factível para ele numa atitude que Freud (1909/2015c) nomeia como zombaria, já que o pai demorou a prestar esclarecimentos ao menino sobre como nascem os bebês. Assim, o menino deixa claro que descobriu sozinho, reproduzindo isso em seu jogo com a boneca.

Freud (1909/2015c) observa, em sua análise do caso Hans, que os pais do menino foram responsáveis por abordar o material patogênico que o angustiava. O assunto abordado durante todo o acompanhamento da fobia de Hans pouco versou sobre cavalos. O assunto mais abordado por Hans foi a ausência de pipi nas mulheres e a conservação do seu pipi. Essa constatação leva Freud a confirmar suas elaborações teóricas sobre as teorias infantis sobre a sexualidade e sua importância na teoria psicanalítica.

Nos exemplos descritos no caso Hans, notamos como as brincadeiras e jogos são essenciais no modo como as crianças se expressam. Desde o prazer *nonsense*, mencionado por Freud (1905/2017), em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, em que o bebê faz uso dos sons como um jogo prazeroso que precisa de um sentido, até o *fort-da* que Freud (1920/2010) descreve em *Além do princípio do prazer*. Observamos que, no atendimento de Hans, seu pai mostrou-se como o verdadeiro motor que mobilizou as elaborações do menino.

Além disso, Freud (1920/2010) considera o jogo, uma das primeiras atividades da vida do sujeito, como uma via para se conhecer o funcionamento do aparelho psíquico. A brincadeira infantil exerce importante papel econômico na elaboração das experiências significativas por

parte da criança, como exemplificou Freud a partir da brincadeira de seu neto de dezoito meses. A criança não apresentava elementos que pudessem considerá-lo como um sujeito precoce ou com características especiais. Ela pronunciava poucas palavras e mantinha uma convivência saudável com seus pais e sua empregada. O comportamento descrito, pelo autor, nos leva a entender que ela elaborava bem os conflitos de ordem afetiva, respeitando limites e separações. Freud (1920/2010) descreve um hábito eventual que a criança manifestava de apanhar e atirar objetos que encontrava e tornar a apanhá-los, algumas vezes embaixo da cama, em algum canto. Esse comportamento dava bastante trabalho à criança. Quando ela praticava essas ações e pronunciava a expressão “o-o-o-o-o”, manifestava junto interesse e satisfação. A expressão se referia à palavra alemã *fort*, o que leva o autor a concluir que com esse jogo, o menino brincava de ir embora. Ao observar o menino com um carretel, Freud (1920/2010) pôde notar como a brincadeira se completava. Ele atirava o carretel de volta e expressava *da* (ali). O autor conclui que a brincadeira completa consistia no desaparecimento e retorno, deixando claro que essas ações da criança apresentavam um objetivo nobre de renúncia à satisfação pulsional, decorrente da partida da mãe, sentida como aflitiva. Ele conclui que essa experiência apresentada pela criança podia ser compreendida como estando a serviço do princípio do prazer, mesmo partindo de uma experiência aflitiva porque através da experiência repetida no jogo a criança alcança uma produção de prazer. No entanto, Freud acaba concluindo que tal experiência expressa também a tentativa de elaborar situações desprazerosas (separação da mãe), impulsionada pela compulsão à repetição, que se instauraria mais além do princípio do prazer. Freud conclui, então, que, por meio das brincadeiras, a criança encontra um meio de elaborar as experiências que a afetam na vida real.

Retomando o discurso da criança em análise, o qual não acontece por meio da associação livre como ocorre com o adulto, levantamos a questão a respeito do conteúdo presente no discurso das crianças durante os jogos e brincadeiras dos quais ela participa. Também nos perguntamos se o desejo realizado, manifesto no conteúdo distorcido de seus sonhos, não significaria uma possibilidade de abordar o desejo inconsciente que incide sobre o conteúdo psíquico. Nos jogos, as crianças manifestam o que se passa no seu imaginário, sua angústia, conflitos, sensação de abandono, ciúme, enfim. Dessa forma, durante o jogo, ela não sente que sofre passivamente a ação, pois na brincadeira ela escolhe se quer sofrer a ação, se quer se vingar, se quer reagir e provocar a ação ao reproduzir o que lhe aflige. Freud (1908/2015a), em *Escritores e a Fantasia*, destaca que a criança tem consciência que a história que se dá no jogo pertence ao imaginário e não se passa no real. Como vimos, Freud compara

o brincar da criança com o fantasiar, tanto diurno quanto onírico. Ao analisar o jogo infantil, o autor esclarece que, nessa ação, predomina o princípio do prazer e a superação da situação de insatisfação, como ocorre com o material ideativo. No caso Hans, ele demonstra como o menino exemplifica e personifica no jogo suas elaborações sobre teorias sexuais infantis, o fantasiar e os jogos, bem como aponta o predomínio do princípio do prazer. Hans manifestava, em seus sonhos, conteúdos que representavam os conflitos vivenciados por ele na vida diurna.

Sobre a deformação onírica, Freud (1900/1991), em *A Interpretação dos Sonhos*, afirma que os sonhos consistem em realizações de desejo e que apresentam elevado grau de deformação em seu conteúdo, o que se manifesta na incoerência e na forma absurda e confusa. O autor esclarece que os sonhos funcionam como um ressurgimento da vida anímica infantil já suplantada e retomam o modo de funcionamento primitivo do psiquismo.

O ato de brincar representa, para a criança, uma via rica de manifestações das fantasias e elaboração de desejos inconscientes que transpassam a sua vida cotidiana. O brincar, que a criança abandona ao crescer e que era determinado pelo desejo de ser adulto, aparece, posteriormente, como fantasias. Freud (1908/2015a) esclarece, em *Escritores e a Fantasia*, que as fantasias são motivadas por desejos insatisfeitos, como uma correção da realidade insatisfatória. O poeta representa bem esse trabalho mental quando, a partir de uma experiência poderosa no presente, é despertado por uma lembrança infantil e encontra realização de um desejo na obra criativa. O brincar da criança é como o jogo de fantasia produzido pelo poeta. Ambas as atividades funcionam como fontes de prazer, seja para as crianças que brincam ou para os ouvintes que têm oportunidade de assistir a peças, ouvir ou ler poesias, apesar dessas atividades tratarem muitas vezes de excitamentos penosos. As pessoas, ao crescerem, renunciam ao prazer que encontraram no brincar. As pessoas, ao crescerem, renunciam ao prazer que encontraram no brincar. O autor sugere que os adultos poderiam usufruir dos benefícios desse aprendizado com os jogos infantis e elaborar o modo como encara suas atividades atuais, que poderiam incluir tanto seriedade quanto ludicidade. Essa elaboração proporciona ao adulto uma sensação de liberdade diante da pesada carga imposta pela vida e passa a vivenciá-la com humor.

Em *A Interpretação de sonhos*, Freud (1900/1991) relata sonhos infantis como sonhos que apresentam menor deformação onírica e que representam, muitas vezes, pura realização de desejo. Freud, nessa obra, faz outra importante contribuição sobre o fato de que, nos sonhos, os

restos diurnos só estão presentes porque apresentam a mesma carga de afeto de determinado conteúdo infantil da vida do sujeito,

Nos sonhos de Hans, podemos verificar as hipóteses de Freud (1900/1991) sobre a construção do sonho e a influência das fantasias no psiquismo infantil. No caso de Hans, já observamos que ele é capaz de produzir sonhos a partir de material de recordações e afetos que vivenciava. Nos sonhos do menino, encontramos o disfarce do sonho, muitas vezes correspondente ao núcleo da fantasia onírica distorcida pela combinação com outro conteúdo, bem como todos esses efeitos mencionados, que provocam a deformação onírica e incidem sobre os fenômenos da vida cotidiana das pessoas. A partir da análise dos dois casos clínicos foi possível vislumbrar diversos aspectos infantis significativos que apresentamos neste trabalho.

5.3 O CASO O HOMEM DOS RATOS

Freud (1909/2013) publicou o caso de um paciente obsessivo que apresentava como queixa inicial suas ideias obsessivas, que ocorriam desde a infância e há anos haviam aumentado de intensidade. Segundo o relato do paciente, o principal conteúdo de sua doença eram temores sobre a segurança de duas pessoas com quem se importava muito, o pai e uma mulher que admirava. Relatava também impulsos obsessivos que versavam sobre o ato de cortar a garganta com uma navalha de barbear, e cria proibições referentes a coisas insignificantes. Essas ideias tomaram bastante tempo em sua vida, o que atrasou, deixando-o para trás. O paciente apresentava comportamento sexual normal, apesar de apresentar experiências raras e a intervalos irregulares. Declarava aversão a prostitutas. Freud (1909/2013) classifica a vida sexual do paciente como pobre, com pouca experiência masturbatória, que se limitou ao período da vida entre dezesseis e dezessete anos. A primeira experiência sexual deu-se aos vinte e seis anos.

Freud (1909/2013) relata o caso dessa neurose obsessiva com riqueza de detalhes. Abordaremos elementos desse caso que envolvam o psiquismo infantil que se manifesta no discurso do sujeito na vida adulta. O paciente relata que sua vida sexual começou muito cedo. A experiência deu-se quando sua governanta permitiu que ele entrasse embaixo de sua saia e tocasse seus genitais e ele afirma que os achou estranhos. A partir dessa experiência, ele sente “uma curiosidade ardente, dolorosa, de ver o corpo feminino” (Freud, 1909/2013, p. 20). A análise do paciente mostrou que as recordações não necessariamente correspondiam às datas

citadas por ele. A descrição do paciente apresentava diversos momentos, nos quais dizia que suas cuidadoras permitiam que ele as tocasse. E segundo a memória que guarda da época não sentia que esses atos eram errados. Ele declara que ansiava pelo momento do banho, muitas vezes para ver suas cuidadoras nuas. Diante das ereções que apresentava aos seis anos, tentou comunicar os eventos à mãe e mais tarde, fantasiava que seus pais sabiam de seus pensamentos e que eles os conheciam por ele haver falado sem dizer em voz alta. O paciente pensa que o início de sua doença começa, nesse momento, e foi alimentada pela associação entre interessar-se por garotas e que desejar vê-las nuas provocava uma sensação inquietante de algo que aconteceria, se pensasse em tais coisas e deveria evitar tais pensamentos a todo custo.

Entre os possíveis pensamentos obsessivos que tomavam seus pensamentos estava o temor de que o pai morresse. O paciente já adulto ainda manifestava tais pensamentos, mesmo após o pai ter morrido. Freud (1919/2013) esclarece que o que o paciente pensava que era o início da doença, na verdade já era a doença em sua essência. Ele afirma que a criança afetada por um componente instintual sexual como o prazer de olhar que resulta em desejo recorrente de ver pessoas do sexo feminino nuas e que lhe agradam. O autor considera que esse desejo corresponde à ideia obsessiva posterior, “se ainda não tem caráter obsessivo, isto se deve ao fato de o Eu ainda não se colocar em plena oposição a ele, não percebê-lo como algo alheio” (Freud 1909/2013, p. 22). Esse desejo, entretanto, sofre uma oposição de um afeto doloroso que se manifesta toda vez que ele aparece. Assim, toda vez que o paciente manifesta sentimentos voluptuosos, manifesta pensamentos obsessivos de que algo terrível deve acontecer. A indeterminação característica que reveste esse pensamento terrível, apresenta-se nas manifestações neuróticas do adulto, quando observadas em uma criança, porém, não é difícil descobrir o que está oculto.

Freud (1909/2013) avança e defende que um instinto sexual e uma aversão a ele, um desejo que ainda não é obsessivo e um temor que manifesta traços obsessivos que a ele se opõe, um afeto penoso e um impulso a atos de defesa compõem um quadro completo da neurose. O autor considera que a tentativa de explicação infantil constitui uma representação dos processos psíquicos inconscientes que podem esclarecer de forma científica a obscura questão da neurose. Ainda na infância, o paciente pode manifestar uma elementar neurose infantil que envolve um problema e um aparente absurdo, tão complicada como uma neurose no adulto. O autor afirma que a neurose obsessiva, diferente da histeria, apresenta muito mais claramente que os fatores constitutivos da psicose devem ser buscados na vida sexual infantil, não na atual. Na neurose obsessiva, encontramos sempre sua explicação na atividade sexual prematura.

O psicanalista relata algumas associações, baseadas em informações da vida diária, que o paciente fazia. Um fato notório é a descrição que ele toma conhecimento de uma forma de tortura com ratos, na qual o prisioneiro é amarrado e sobre o seu traseiro colocam um recipiente virado contendo ratos que perfuravam seu ânus. Outro pensamento recorrente relatado envolve seu desejo por uma mulher que ele não teve coragem de pedir em casamento. Uma dívida também é tema de outra associação. O paciente devia uma dívida de reembolso ao primeiro-tenente, na época dos exercícios militares, e não conseguiu realizar o pagamento, o que alimentou uma sanção: “Não dar o dinheiro, senão aconteceria (isto é, a fantasia dos ratos se concretizaria no pai e na mulher)” (Freud, 1909/2013, p. 28). Concomitante a esse pensamento recorrente, surgiu outro para combater o anterior como um juramento, ditando que devia pagar as 3,80 coroas ao primeiro-tenente. Ao tentar quitar a dívida com o primeiro-tenente, foi informado que a dívida deveria ser quitada com a funcionária do correio. O paciente relata esses pensamentos de forma confusa e atordoada. Esse pagamento não foi bem-sucedido e isso passou a atormentá-lo. Outro pensamento que se condensa a esses outros trata-se da morte de seu pai. O paciente não estava ao lado da cama do pai quando este faleceu. Ele adormeceu quando imaginou que o pai não corria risco de morte naquela noite, mas o pior aconteceu e ele faleceu. Mais um elemento soma-se a isso: o fato de o pai ter chamado por seu nome ao confundir o enfermeiro com ele. Essa negligência alimentou nele o sentimento de culpa de um criminoso. A revivência do trauma deu-se no velório da esposa de seu tio. Esse evento revelou-se em suas construções mentais como prosseguimento no além. Em resposta a essa associação, manifestou uma incapacidade para o trabalho. De acordo com o autor, essas associações tornam-se possíveis por meio de fenômenos inconscientes como condensações e deslocamentos.

O paciente amava a mulher de seu interesse e a elegera em seus pensamentos prioritariamente, relegando seu pai ao segundo lugar em sua mente. Seus desejos sensuais foram mais potentes na infância do que na puberdade e não surgiram em relação a ela. O sentimento de hostilidade em relação ao pai reforçou seus pensamentos recorrentes de culpa, porque sentia o pai como indestrutível e o percebia como um empecilho à natureza de apetites sensuais, e sentia que o pai era um estorvo de algum modo. Esse conflito entre o amor infantil e a sensualidade é típico. Freud (1909/2013) aponta que todos os traços característicos e impulsos reprováveis procedem da infância, são derivados do caráter infantil e subsistem no inconsciente. Na infância, os sentimentos manifestam-se e o indivíduo não é eticamente responsável. Ao longo do desenvolvimento, as predisposições infantis permanecem e surge o

indivíduo responsável eticamente. O luto pela morte do pai do paciente provocou uma expressão patológica por um prazo indefinido.

Freud (1909/2013) estabelece uma conexão entre a coisa imediata da doença que se manifesta na vida adulta e um fio que conduz à infância do paciente. O homem dos ratos apresentava uma grande participação do falecido pai em sua doença recente. O autor afirma que havia uma possível identificação com o pai e o que ele havia passado antes de seu próprio casamento. A essência da doença dava-se no conflito de uma luta entre a persistente vontade do pai e sua própria inclinação amorosa. Freud (1909/2013) considera que se tratava de uma luta antiga, possivelmente, desde a infância. O pai do paciente era um suboficial e apresentava atitudes de soldado com maneiras rudes. Era um bom homem, quando solteiro, distinguia-se pelo senso de humor e uma bondosa indulgência com os semelhantes. O paciente compreendia a relação que tinha com o pai como amigável e tinha conhecimento dos infortúnios vividos pelo genitor. Essa relação, segundo Freud (1909/2013), fez com que o pensamento sobre a morte do pai ocupasse o menino por meio de pensamentos obsessivos infantis, nos quais deseja que o pai morresse para que pudesse receber a atenção e afeto de uma determinada criança.

A diferença entre o pai e o filho surge com a oposição manifesta pelo pai ao erotismo precoce do filho. Ao experimentar o prazer sexual pela primeira vez manifestou um pensamento: “Mas isso é formidável; por isso bem se poderia matar o próprio pai” (Freud, 1909/2013, p. 63). Esse pensamento representa um eco e uma explicitação de suas ideias obsessivas infantis. O pai antes de morrer posicionou-se contrário à aproximação do filho com a mulher que estava interessado. Segundo o pai, essa aproximação era imprudente e o filho ficaria exposto ao ridículo. Essa conversa com o pai toma certa magnitude em seus pensamentos obsessivos.

A diferença entre o pai e o filho surge com a oposição manifesta pelo pai ao erotismo precoce do filho. Ao experimentar o prazer sexual pela primeira vez, manifestou um pensamento: “Mas isso é formidável; por isso bem se poderia matar o próprio pai” (Freud, 1909/2013, p. 63). Esse pensamento representa um eco e uma explicitação de suas ideias obsessivas infantis. O pai, antes de morrer, posicionou-se contrário à aproximação do filho com a mulher por quem estava interessado. Segundo o pai, essa aproximação era imprudente e o filho ficaria exposto ao ridículo. Essa conversa com o pai toma certa magnitude em seus pensamentos obsessivos.

A diferença entre o pai e o filho surge com a oposição manifesta pelo pai ao erotismo precoce do filho. Ao experimentar o prazer sexual pela primeira vez, manifestou um pensamento: “Mas isso é formidável; por isso bem se poderia matar o próprio pai” (Freud, 1909/2013, p. 63). Esse pensamento representa um eco e uma explicitação de suas ideias obsessivas infantis. O pai, antes de morrer, posicionou-se contrário à aproximação do filho com a mulher por quem estava interessado. Segundo o pai, essa aproximação era imprudente e o filho ficaria exposto ao ridículo. Essa conversa com o pai toma certa magnitude em seus pensamentos obsessivos.

A diferença entre o pai e o filho surge com a oposição manifesta pelo pai ao erotismo precoce do filho. Ao experimentar o prazer sexual pela primeira vez, manifestou um pensamento: “Mas isso é formidável; por isso bem se poderia matar o próprio pai” (Freud, 1909/2013, p. 63). Esse pensamento representa um eco e uma explicitação de suas ideias obsessivas infantis. O pai, antes de morrer, posicionou-se contrário à aproximação do filho com a mulher por quem estava interessado. Segundo o pai, essa aproximação era imprudente e o filho ficaria exposto ao ridículo. Essa conversa com o pai toma certa magnitude em seus pensamentos obsessivos.

Um comportamento do paciente chama a atenção por refletir as contradições dos sentimentos experimentados pelo paciente em sua infância. Na relação transferencial com Freud, o paciente relatava que o xingava fora das sessões e durante a sessão tratava o analista com respeito.

Um evento referente ao pai tornou-se para o paciente mais uma fonte de pensamentos obsessivos. O pai perdeu um jogo de cartas e não teve como pagar a dívida. Um amigo quitou a dívida por ele e, mais tarde, quando o pai se encontrava em uma condição mais abastada, tentou pagar a dívida e não encontrou o amigo para o acerto. O paciente incomodou-se com essa história, pois manifestava um julgamento moral sobre o caráter do pai. Ao mesmo tempo, alcançava algo da sua experiência com dívida com o primeiro-tenente a quem ele deveria restituir 3,80 coroas. Essa associação fazia uma alusão à dívida não saldada do pai.

Outra identificação constatada por Freud (1909/2013) é em relação ao interesse afetivo-sexual do paciente em duas mulheres. O paciente apresentava um interesse pela filha do estalajadeiro, que se mostrou afável com ele, gerando a expectativa de que poderia procurá-la em outro momento e tentar a sorte com a moça. Outra moça que despertou seu interesse foi a funcionária do correio. Ele persistia no intuito de voltar ao povoado, local da agência do correio,

na qual deveria fazer o acerto da dívida que fez com o primeiro-tenente, e Freud (1909/2013) observa que tratava-se de algo mais. Para o autor, o objeto da ânsia do paciente era a funcionária do correio e o primeiro-tenente era apenas um bom substituto para ela, pois vivia naquele lugar e também ocupou-se com o serviço postal do exército. Como houve uma intercorrência entre dois oficiais em relação à dívida, a combinação também se mostrou possível em seus delírios com as duas moças.

A associação produzida com a história dos ratos é percebida por Freud (1909/2013) como algo que remeteu ao erotismo anal, o qual tivera um papel relevante na sua infância devido à presença de vermes intestinais. Inclusive, os ratos vieram a substituir o termo em suas associações *Raten* (prestação) com *Ratten* (ratos). Em seu delírio formou-se a associação “moeda de rato”. Inclusive, em relação ao preço da sessão proposto pelo analista, ele revelou mais adiante que significou tantos florins, tantos ratos. Outra relação monetária refere-se à herança de seu pai. Essa significação monetária tem início com a advertência do capitão para que ele restituísse o dinheiro da encomenda, assim como a preferência verbal *Spielratte*, que fazia uma relação com o fracasso do pai no jogo. A impressão infecciosa sobre os ratos justifica uma correlação delirante com o medo da infecção sífilítica, tão frequente no período dos serviços militares. A associação dava-se entre o pênis, órgão que poderia transmitir a sífilis, e o rato, que no esquema de tortura que lhe fora narrado tornava-se um membro sexual. O rato também se constitui como um animal sujo, que se alimenta de excrementos e vive em esgotos. O ato do rato dar mordidas possibilitou a compreensão na formação de sua ideia obsessiva, pois, associado às duas teorias sexuais infantis e ao simbolismo presente em pensamentos oníricos, trouxe uma significação. O relato do capitão a respeito do suplício com os ratos deu-se na tarde em que desapareceu o pincenê. Num primeiro momento, o paciente impressionou-se apenas com a natureza cruel e lasciva da situação narrada, mas, posteriormente, estabeleceu inconscientemente um vínculo com a cena infantil em que fora punido por ter dado mordidas. O capitão ocupa imaginariamente o lugar do pai, atraindo uma animosidade que irrompera contra o pai e agora retornava. A hipótese de que o suplício dos ratos poderia acontecer com alguém remonta a uma ideia obsessiva de que algo nesse sentido deveria ser feito com ele. O capitão comete um engano ao cobrá-lo, e as respostas mentais que ele produz é que apenas pagaria a dívida quando o pai e sua amada pudessem ter filhos — uma condição que a seus olhos seria irrealizável.

A constituição mental dessa resposta insultou duas pessoas significativas para ele. A elaboração obsessiva está construída: não restituir o dinheiro teria como consequência o castigo

com os ratos e a transformação no juramento oposto, como castigo pela revolta. Freud (1909/2013) defende que duas teorias sexuais infantis permitiram uma leitura sobre os pensamentos obsessivos do homem dos ratos. A primeira remete a teoria de que os bebês nascem do ânus e a segunda diz respeito à crença de que os homens são capazes de ter filhos, tomando as possíveis distorções como as que ocorrem com os pensamentos oníricos. Se é possível sair do ânus, também é possível penetrar no reto, como no suplício dos ratos e vice-versa. Com essa pontuação, o autor afirma que acabou o delírio dos ratos.

Freud (1909/2013) esclarece ao analisar o caso do homem dos ratos que os pensamentos ou delírios obsessivos devem-se aos fenômenos inconscientes de condensação e deslocamento. Ele interpreta que o afeto deslocado possibilita o valor atribuído a certos pensamentos. O elemento infantil, ou fatores ocorridos na infância podem ganhar uma relevância quando seus afetos são deslocados para vivências da vida adulta e constituir a base da doença obsessiva. O pensamento de desposar a mulher amada, associada a menção que o pai fez em sua vida é suficiente para que o paciente interprete que algo ruim pode acontecer e isso determina seus atos ou sua inércia.

O autor ratifica que a neurose obsessiva se utilizou da incerteza da memória para a formação dos sintomas. Ele usa uma analogia dos pensamentos obsessivos como um papel dos pensamentos que perduram na vida e o além túmulo dos pensamentos dos doentes. O traço supersticioso dos pensamentos obsessivos é frequente. Há uma onipotência sobre seus pensamentos, sentimentos e desejos e o poder supersticioso que pensam que têm para exercer uma influência sobre os fatos. Essa característica é associada por Freud (1909/2013) como a mania infantil de grandeza.

A ambiguidade apresentada pelo paciente em relação ao pai e à amada, segundo Freud (1909/2013) deve-se à vivência infantil que a criança manifesta em relação aos pares que envolve amor e ódio. Ele cita a provocação feita à criança em relação ao amor que ele dedica ao pai e à mãe: “Você gosta mais de quem, do papai ou da mamãe” (Freud, 1909/2013, p. 100). Essas fixações ou diferentes intensidades afetivas e na fixação das metas sexuais definitivas.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (1913/2012), em *Totem e Tabu*, assegura que pacientes neuróticos apresentam o infantil como característica de sua vida mental. Ele ainda considera que o arcaísmo psíquico

pode ser percebido como uma inibição do desenvolvimento. Utilizamos o caso publicado em *Uma Neurose Infantil* (1918/2010), sobre a análise do “homem dos lobos”, para melhor esclarecer o que se passa no tempo da infância, partindo da linguagem e das associações que o adulto é capaz de apresentar, mesmo que de forma desorganizada. Os aspectos singulares apresentados pelas lembranças devem-se às lembranças encobridoras causadoras dos obstáculos encontrados ao recordar essas lembranças de maneira ordenada. Algumas dessas recordações alteram a vida do sujeito ainda na infância, como podemos verificar na história do “homem dos lobos”. Além do mais, algumas dessas alterações podem resultar em sintomas ou atos que podem determinar a conduta do adulto.

Os casos clínicos ilustram a presença da vida psíquica infantil e as suas manifestações nos sonhos e também na vida sexual dos adultos. A partir da análise de adultos, foram feitas afirmações sobre a sexualidade infantil, a qual prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade. Estabelecendo uma comparação entre o estado anímico infantil e o dos neuróticos, Freud atesta que a sexualidade dos neuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele como a amnésia histérica, que está a serviço do recalçamento. Pode-se dizer que, sem a amnésia infantil, não haveria amnésia histérica nem a manifestação de sintomas que se dão por meio de conflitos Select itemfantásticos, produzidos na puberdade e fundamentados nas lembranças infantis. Discutimos a formação dos sintomas da criança e o modo como esta formação pode estar relacionada às dificuldades encontradas pelas crianças em vivenciar conflitos presentes na travessia dos complexos de Édipo e de castração.

O caso clínico analisado por Freud a partir do relato do pai de Hans representa de maneira interessante como os ideais instituídos socialmente exercem uma influência sobre o sintoma apresentado pela criança. O desejo da criança em ser “mimado” pela mãe remete ao tabu do incesto do qual se origina o sentimento de culpa por imaginar o pai morto. A criança fica angustiada enquanto esses desejos se mantêm latentes, sendo o sintoma um substituto para o conflito inconsciente. Hans manifestou um discurso, por meio dos sonhos e do ato de brincar, que demonstraram suas elaborações a respeito do que se passava. Freud afirma com análise do *fort-da* que a criança é capaz de representar seu conflito inconsciente quando brinca. Tais pressupostos contribuem para o futuro da clínica psicanalítica.

No caso do homem dos ratos, vemos como o conteúdo infantil contribui na formação dos pensamentos fantasiosos dos neuróticos obsessivos. Grande parte do caso descrito por

Freud faz referência a vivências ou lembranças com afetos deslocados do período da infância que na vida adulta do sujeito manifestam-se como culpa ou pensamentos encadeados que justificam a não realização do próprio desejo. O conteúdo sexual infantil também se manifesta de forma bastante relevante nesse caso. As teorias sexuais formuladas por neuróticos obsessivos aparecem com frequência associadas aos pensamentos e delírios do adulto. O comportamento apresentado durante a infância mostra-se bastante frequente nas manifestações psíquicas de obsessivos. Diversas elaborações inibidoras do sujeito podem ser explicadas, segundo o psicanalista, por um contexto ou situações da infância.

CONCLUSÃO

Tentamos mostrar, ao longo desses cinco capítulos, a relevância do infantil na obra freudiana, a partir da discussão de textos de Freud que tratam do tema. O infantil não é tratado na psicanálise como um conceito, apenas como uma adjetivação nos textos que tratam de outros fenômenos psíquicos, portanto, optamos por abordar o tema explorando os textos freudianos que apresentam conceitos relacionados ao tema do infantil.

Os conceitos psicanalíticos, em grande parte, foram elaborados pelo autor com o objetivo de esclarecer fenômenos clínicos e, conseqüentemente, para responder a questionamentos que emergem nesse contexto. O infantil e a sexualidade se constituíram como fatores essenciais na investigação de Freud sobre a etiologia das neuroses. A interação desses dois aspectos no discurso neurótico se fez presente desde o começo das investigações, como fica claro em sua teoria da sedução. Essa teoria lhe permitiu formular conceitos importantes e estabeleceu as bases teóricas da psicanálise. Os elementos encontrados por Freud na época da formulação da hipótese da sedução não foram inteiramente abandonados com a ruptura com essa teoria. Pode-se dizer que o autor mudou o modo como percebia o sujeito na relação de sedução e percebeu a natureza fantasiosa de tal experiência. Com isso, Freud colocou a fantasia no centro de sua teoria sobre a neurose. Com o prosseguimento de suas investigações, o autor foi levado a compreender que o amor edípico e a escolha objetal seriam os motivadores da ideia da sedução, levando o sujeito a fantasiar que um dia foi seduzido.

Como vimos, o infantil manifesta-se como constituinte de diversos fenômenos psíquicos, os quais fazem parte do psiquismo de qualquer pessoa, porém a proporção e frequência com que esse material se manifesta na realidade psíquica do sujeito pode variar em quadros psicopatológicos, como a neurose. Os neuróticos manifestam, em sua realidade psíquica, uma quantidade de fantasias e elementos infantis maior que outras pessoas. A sexualidade e a vida afetiva desses pacientes podem também mostrar-se comprometidas predominantemente por elementos do psiquismo infantil. Os relacionamentos afetivos do neurótico podem culminar em vivências insatisfatórias, devido a repetições de padrões constituídos a partir dos aspectos infantis recalcados e que retornam, influenciando a escolha e a relação com o objeto de amor.

O desenvolvimento da intelectualidade é relacionado de forma íntima ao desenvolvimento sexual do indivíduo na perspectiva freudiana. O sujeito que vivencia sua sexualidade, ou as descobertas a ela relacionadas, de forma conflituosa, pode manifestar um

inevitável desinvestimento intelectual, desenvolvendo pouca elaboração do conhecimento, assim como inibição na busca pelo conhecimento.

Freud mostra que, nos sonhos, a criança estende sua existência no homem com suas peculiaridades e aspirações. Os símbolos pelos quais os sonhos se constituem, trazem um conteúdo esclarecedor das lembranças encobridoras de conteúdo infantil. Assim sendo, quando Freud fazia alusão à infância, em suas obras, ele relacionava esse tempo da vida com vivências que marcaram e passaram a fazer parte do conteúdo de sonhos e fantasias inconscientes. Freud defende que, por meio do ato de brincar, por exemplo, a criança elabora desejos inconscientes insatisfeitos e que esse ato preserva-se como fantasia no adulto. Outro aspecto importante referente ao infantil que é ressaltado na obra freudiana é o sentimento de desamparo, que permanece no inconsciente e influencia seu desenvolvimento psíquico posterior.

Em *Totem e Tabu* (1913), o autor especula sobre a origem dos complexos no psiquismo do sujeito e também sobre a origem de características infantis que permanecem na vida adulta e afetam suas diversas relações. O psicanalista reflete, nesse texto, a partir do totemismo e do tabu do incesto, sobre os determinantes das crenças e do comportamento dos indivíduos e defende que o psiquismo infantil está enraizado no psiquismo de nossos ancestrais. Assim, o complexo de Édipo, de castração, assim como outros fenômenos, que constituem a essência do psiquismo infantil, seriam, em parte, determinados pelo passado da espécie.

Os casos clínicos apresentados contribuíram para a observação da interferência dos fatores psíquicos infantis sobre o discurso de pacientes neuróticos. O relato do paciente e sua interpretação por Freud possibilitaram identificar os elementos expostos nos capítulos anteriores. No caso do “homem dos lobos” contemplamos a influência do conflito sexual sobre o desenvolvimento sexual do jovem, a predominância dos pares de opostos durante a fase pré-genital, os sonhos configurando seus sintomas, conflitos afetivos emocionais com preponderância de elementos infantis, o conflito com a castração e o papel exercido pelas pessoas com quem ele convive, tomados como seus objetos de amor. Além disso, foi possível observar a construção e as características de uma neurose obsessiva na infância, precedendo a neurose em um adulto. No “caso Hans”, pudemos verificar elementos que aparecem no discurso do sujeito adulto em análise, sendo vivenciados por uma criança que apresenta neurose de angústia. O relato do caso do menino permitiu compreender fenômenos psíquicos complexos e conflitos relacionados à escolha objetal, à rivalidade com o pai e a irmã, relacionados ao complexo edípico e às pesquisas sexuais. Seus sonhos manifestam conteúdos que já apresentam material sob efeito da distorção e seus jogos demonstram a elaboração de conflitos psíquicos.

A análise de Hans aprofundou a compreensão do funcionamento mental infantil, assim como permitiu confirmar várias das hipóteses formuladas a partir da análise de adultos.

O caso do homem dos ratos apresentado na obra freudiana permite observar como o autor desenvolve a análise sobre o conteúdo relatado pelo paciente. A relação do rapaz com o próprio pai e a relevância dessa relação na cadeia de pensamentos do sujeito, apresentando uma rica associação com vivências da infância como comportamentos, teorias sexuais, primeiros investimentos libidinais pautaram boa parte da apresentação do caso. A relação ambígua com o desejo e a dúvida sempre estiveram presentes na vida psíquica do sujeito que veio a desenvolver uma neurose obsessiva.

Para Freud, portanto, os fatos e impressões do início da infância são essenciais ao desenvolvimento do homem. O conteúdo infantil, não apenas se configura como elemento constituinte de fenômenos psíquicos importantes como os sonhos, as fantasias e os sintomas, mas apresenta-se como um traço capaz de transformar todas as percepções, recordações e vivências do sujeito ao longo de sua vida. A partir da sua influência, o sujeito modifica sua posição diante do desejo e sua relação com o mundo.

Ao longo da obra de Freud, a elaboração sobre o conteúdo infantil manifesto na vida de seus pacientes adultos foi sofrendo reformulações e novas acepções. Ao longo do presente trabalho, foram expostas, por meio dos textos de Freud, as diferentes acepções do autor sobre o psiquismo infantil em diversas nuances, como comportamentos, teorias sexuais, vivências sexuais, fantasias, investimento libidinal e posição frente ao desejo. Neste item, faremos um apanhado sobre as contribuições de Freud, tomando o percurso que fizemos neste trabalho. O infantil surge na obra freudiana como referências do autor sobre recordações relatadas por pacientes em análise e são tomadas como eventos reais. Num primeiro momento, o infantil seria resultado de experiências vividas e sofridas por crianças e rememoradas por adultos, e que poderiam explicar seus comportamentos ou traumas.

No início, em torno dos anos 1895 e 1896, o autor defendia a ideia de que o conteúdo infantil relatado e, em muitos casos, ainda presente nos sintomas e discurso dos pacientes resultava de vivências reais de sedução exercidas por uma pessoa adulta próxima da criança. Podemos constatar essa elaboração quando tratamos da teoria da sedução e seu consequente abandono pelo austríaco. Freud, nesse período, ainda defendendo a teoria da sedução acreditava que o trauma da experiência vivida era ativado na adolescência do sujeito. Ele considerava que na neurose obsessiva a agressão sexual sofrida pela criança era vivenciada com uma

participação prazerosa por parte de meninos, o que determinava a presença mais frequente desse tipo de neurose entre pessoas do sexo masculino. Freud alega que um ajuste defensivo primário age como substituto da censura, para recalcar o conteúdo traumático. Para ele, o afeto das típicas representações obsessivas é sentido como desagrado impreciso, enquanto a representação obsessiva desse conteúdo adequa-se ao afeto da censura. Freud considera que ocorre uma dupla desconfiguração na ação obsessiva na infância: uma desconfiguração ocorre quando algo atual substitui o passado e, uma segunda, quando o sexual é substituído por algo análogo não-sexual. Esse processo explicaria representações obsessivas que parecem absurdas. Qualquer manifestação prazerosa devia-se à irritação dos genitais. Freud chega a afirmar que a neurose não acomete pessoas com vida sexual normal. Nessa fase de sua teoria, o autor considera que o sucesso total ou parcial do tratamento depende do retorno bem-sucedido ou não às experiências infantis.

Freud abandona a “crença em suas históricas”. Ele trabalha com a perspectiva da fantasia. O autor ao deixar a teoria dos “traumas infantis”, conclui que o sujeito vivenciava o “infantilismo da sexualidade”. Ele, nesse período, inicia a construção de sua teoria sobre as fantasias. A fantasia constitui, a partir desse ponto da teoria, lugar central na aceção de infantil. A fantasia consciente ou inconsciente manifesta-se impregnada por conteúdo infantil. Material condensado e deslocado de pensamentos e experiências infantis, reais ou imaginárias constituem o fenômeno das fantasias, sonhos e devaneios. No século XIX, Freud apresenta, de forma cuidadosa, e ainda claudicante uma elaboração sobre a fantasia, mas não acredita em construções psíquicas que se constituem sem elementos reais. Em uma carta a Fliess, datada em dois de maio de 1897, defende elaborações sobre a fantasia e a estrutura sobre a histeria. Nessa carta, ele ainda considera que as fantasias resultam de conteúdos reais, que foram ouvidos e compreendidos no *a posteriori*. Freud entende as fantasias como elementos que servem para o alívio pessoal, como estruturas protetoras, sublimação dos fatos, embelezamento deles. Em suas elaborações, as três neuroses apresentam fragmentos de memória, impulsos e ficções protetoras, mas sua manifestação na consciência e a formação de soluções de sintomas ocorrem em pontos diferentes. As reminiscências manifestam-se na histeria; impulsos perversos pertencem à neurose obsessiva e na paranoia, as fantasias, ficções protetoras invadem a vida normal, de forma distorcida, devido aos sintomas. Em 25 de maio do mesmo ano, Freud considera a possibilidade de que as fantasias fossem compostas por elementos que estão sujeitos a uma seleção que corresponde a determinadas tendências. Nas fantasias poderiam estar contidas distorções, complementações falsificadas. O autor acrescenta que ficções

inconscientes podem manifestar em lugar dos sintomas e não estariam sujeitos à defesa. Quando a fantasia se manifesta de forma intensa sofre recalque. Essa fantasia recalçada, quando retorna à consciência, gera um sintoma. A partir desse sintoma, a fantasia sofre um recuo e associa-se às lembranças que deram origem a ela. A famosa frase escrita por Freud “não acredito mais na minha neurótica (teoria das neuroses)”, deu-se em uma carta a Fliess, datada em 21 de setembro de 1897. Ele argumenta que caso a agressão sexual por parte do adulto se desse realmente, a incidência da perversão teria que ser incomensuravelmente mais frequente do que a histeria dela resultante. A teoria psicanalítica apresenta um salto teórico com o abandono da teoria da sedução e com a introdução do conceito de fantasia como constituinte central da etiologia das neuroses.

Freud afirma, em 1900, que as primeiras lembranças da infância não são mais acessíveis como tais e manifestam-se em fenômenos como a transferência e os sonhos. O autor declara a presença de conteúdo infantil, mais especificamente impressões que remontam à primeira infância e mostram-se inacessíveis à consciência. Ele assevera sobre a dificuldade em reconhecer esse conteúdo, pois ao despertar esses elementos não são reconhecidos. Apenas em uma análise pode ser esclarecido o motivo pelo qual determinado conteúdo infantil foi reproduzido no sonho. Os papéis desempenhados pelas cenas infantis em sonhos de pacientes neuróticos são determinados pela natureza da neurose, e não pela natureza do sonho.

O autor ressalta o papel da censura na distorção presente em fantasias e sonhos. A censura pode resultar da elaboração fantasiosa que reúne fragmentos de recordações com um julgamento que já se encontra desenvolvido na concepção psíquica do sujeito. A censura mostra-se, na teoria freudiana, como um instrumento significativo que encobre o conteúdo infantil presente nas fantasias oníricas ou diurnas. Freud atesta que a censura exerce influência sobre os pensamentos oníricos a partir de material psíquico selecionado. Segundo o autor, esse fenômeno psíquico age alterando o conteúdo do sonho, mas, em alguns casos, ela encontra um material pronto para ser usado, que constitui o que ele chama de fantasia. A fantasia é a precursora dos sintomas histéricos, em sua maioria. Freud afirma que os sintomas histéricos estão ligados a fantasias construídas com base em lembranças. Além das fantasias conscientes existem as fantasias inconscientes originadas do material recalçado. O autor destaca que as fantasias e os sonhos apresentam as mesmas propriedades como: ter sua fundamentação na realização de desejos, baseiam-se em impressões de experiências infantis, bem como beneficiam-se, algumas vezes, do fracasso da censura. O psicanalista atribui ao desejo e sua motivação a construção do material e seu arranjo e considera que as lembranças infantis

compõem a estrutura sobre a qual está alicerçada a fantasia. A função de elaboração secundária transforma determinado material, dando-lhe a forma de sonho diurno e quando esse conteúdo se encontra formado é introduzido no sonho. Freud acrescenta que alguns sonhos são frutos da repetição de uma fantasia diurna que possa ter permanecido inconsciente e apresenta-se de forma condensada a outras fantasias.

Para Freud (1900), *Oedipus Rex* consiste em uma tragédia do destino; seu efeito trágico reside no contraste entre a suprema vontade dos deuses e as vãs tentativas da humanidade de escapar do mal que a ameaça. Para o autor, o *Oedipus Rex* comove tanto uma plateia porque suscita, dentro de nós, o reconhecimento da força compulsiva do destino de Édipo, que poderia ter sido o nosso. A mesma maldição que recaiu sobre o personagem da peça faz parte do nosso destino, pois inevitavelmente dirigimos nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo assassino para nosso pai. Para o autor, a história de Édipo mostra-nos a realização dos desejos infantis.

Freud elabora a teoria sobre o Complexo de Édipo para explicar o amor e as rivalidades vivenciadas pelo indivíduo, referentes à sua relação com seus genitores e irmãos. O Complexo de Édipo atua, por meio, de processo fantasioso, fazendo com que a fantasia permita que o infantil possa transitar pela vida de um indivíduo, enquanto ela durar. A fantasia funciona como um condutor pelo qual o conteúdo infantil se vale para atuar sobre as ações do indivíduo.

Ele comenta que somos mais afortunados do que Édipo, pois, quando não nos tornamos psiconeuróticos, desprendemos nossos impulsos sexuais de nossas mães e esquecemos nosso ciúme de nossos pais. Segundo Freud (1900), a história do Édipo representa alguém que realizou esses desejos primevos de nossa infância, dos quais recuamos com toda a força a partir do recalçamento que atua sobre tais desejos. O autor menciona uma indicação no texto de Sófocles de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo, que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos primeiros sobressaltos da sexualidade.

A sexualidade infantil é localizada por Freud como conteúdo essencial na constituição do que podemos chamar de infantil na obra psicanalítica. A partir de 1905, o autor percorre um denso caminho sobre a sexualidade infantil, pois concebe que o tema ocupa relevante papel em seus estudos sobre a causa das patologias inconscientes, bem como atua de forma ativa ao longo da vida do indivíduo. A formulação do infantil, por Freud, nessa fase, estabelece a sexualidade infantil como conteúdo central e a fantasia como campo de atuação.

Nos textos de 1905, Freud pondera sobre a vida psíquica infantil como um conjunto de reações vivazes frente a impressões, expressões de dor e alegria de maneira humana, manifestações de afeto, ciúme e outras paixões que provam aos adultos que a criança já demonstra discernimento e capacidade de arbitramento. Ele concebe a sexualidade infantil como autoerótica, composta por pulsões parciais, centrada em zonas erógenas e como algo que surge apoiada em funções biológicas. Algumas zonas erógenas seriam predominantes: a boca, inicialmente, o ânus, em uma segunda etapa e os genitais (o pênis no menino e o clitóris na menina), em uma terceira etapa. Assim ficam estabelecidas a fase oral, uma fase anal e uma fase fálica, a qual seria seguida por um período de latência. Essas fases encontram-se descritas no segundo capítulo. O autor descreve a vida sexual infantil, como essencialmente autoerótica, pois encontra seu objeto no próprio corpo. Ele descreve as pulsões parciais que estão submetidas ao primado de uma única zona erógena e formam uma organização sólida para alcançar a meta sexual num objeto sexual externo.

Em 1906, Freud, retomando o abandono sobre a teoria da sedução, admite que superestimou a frequência de casos em que crianças eram seduzidas por algum adulto. O autor passa a considerar a possibilidade de não estabelecer distinção entre ilusões de memória dos histéricos sobre sua infância e os vestígios de eventos reais. Ele explica muitas fantasias de sedução como tentativas de se defender da recordação da própria atividade sexual do próprio indivíduo (masturbação infantil). Quando ele abandonou a hipótese sobre o elemento traumático das vivências sexuais infantis, pôde compreender que a atividade sexual infantil funciona como uma prescrição do futuro da vivência sexual.

O caminho que Freud traça em sua teoria tem como plataforma original a causa das neuroses. Os casos clínicos o levam a desenvolver suas acepções teóricas. E o infantil não teve um caminho distinto na teoria. O infantil surge como elemento essencial e foi investigado desde os primórdios da teoria como possível elemento causador dos traumas neuróticos. Ao longo do desenvolvimento da obra freudiana, os conceitos de infantil, sexualidade infantil, fantasias e neurose são citados, de forma simbiótica, que vão ganhando força a ponto de um, quase, não aparecer sem o outro.

Em 1907, Freud faz um esclarecimento sobre o processo do esquecimento que implica o recalque. O traço mnemônico não desaparece, não se extingue a lembrança. Os elementos recalcados, mesmo não sendo recordados, trazem consequências psíquicas para o sujeito, permanecendo ativos e efetivos. As fantasias são constituídas pelo mesmo processo. Em casos

patológicos, a psique humana, no estado de recalque, mostra-se sensível à aproximação do que foi recalcado, bastando, para isso, que encontre semelhanças mínimas com o material recalcado. O delírio e outros distúrbios apresentam diferenças. No delírio encontramos um grupo de estados mórbidos que se manifestam por sinais psíquicos que não apresentam efeito sobre o corpo, caracterizando-se por um predomínio das fantasias que, quando ganham credibilidade, exercem influência sobre os atos. Ele compreende as fantasias como precursoras do delírio. Freud afirma que as fantasias se desviam de lembranças recalçadas, que se manifestam na consciência alteradas pelo processo de censura. As lembranças transformadas em fantasias podem provocar mal-entendidos, sendo compreendidas a partir da corrente psíquica dominante.

Freud comunica que as fantasias de indivíduos adoecidos e indivíduos sãos não são diferentes. O autor define que a produção da fantasia é característica de pessoas insatisfeitas. A fantasia constitui-se como uma realização de desejo e corrige uma realidade insatisfatória. Ele afirma que as oscilações da vida alteram as fantasias e os devaneios, caracterizando-se como mutáveis e adaptáveis. O psicanalista, ao estabelecer os três tempos da atividade ideativa, destaca o aspecto temporal como fator significativo para a fantasia, bem como a presença do conteúdo infantil: o processo psíquico pode ser causado por uma impressão atual, que despertou o desejo do indivíduo, retrocedendo à lembrança de uma vivência anterior, geralmente infantil, na qual aquele desejo era realizado, o que cria uma circunstância *a posteriori* e realiza o desejo. Esse desejo realizado condensa a fantasia que estava presente em sua origem e a lembrança, demonstrando sua capacidade de atravessar o passado, o presente e o futuro.

Assim sendo, para Freud (1908), a fantasia estabelece relação com elementos que caracterizam o sujeito como o desejo, o quadro patológico e o sonho. Ela apresenta em seu conteúdo a manifestação do desejo, compondo um enredo, no qual algo do presente é utilizado para dar expressão a algo do passado que traz reflexos em projetos para o futuro. O excesso de fantasias pode criar as condições de uma neurose ou psicose, bem como são predecessores psíquicos dos sintomas patológicos.

Ainda neste ano, Freud afirma que no período da infância tanto os doentes dos nervos quanto pessoas normais demonstram vivências parecidas, mas na vida adulta, os neuróticos apresentam uma constituição que inclui uma pulsão sexual particularmente intensa e podem manifestar um amadurecimento precoce, bem como apresentam uma atividade sexual infantil que permite uma observação nítida.

Entre os anos 1905 e 1908, Freud considera que as teorias sexuais infantis auxiliam na concepção das próprias neuroses. Os sintomas trazem em sua configuração uma determinada influência dessas teorias. Ele relaciona a pulsão de saber à curiosidade infantil sobre a origem dos bebês. O autor revela que a pesquisa sexual infantil malograda pode influenciar e prejudicar a pulsão de saber. Freud, nesse período descreveu manifestações, atos, satisfações autoeróticas, erógenas e endógenas, bem como teorias sexuais e escolhas objetais das crianças. Ele relaciona esse dinamismo às marcas, ao longo da vida do sujeito, determinando diversos aspectos e escolhas do indivíduo no *a posteriori*, como as satisfações sexuais na vida adulta, desenvolvimento intelectual, traumas, sintomas e comportamentos.

Aos poucos, o autor apresenta sua elaboração sobre os conteúdos inconscientes que podem ou não se manifestarem em quadros neuróticos. Alguns desses conceitos são o sintoma e a libido. Esses fenômenos apresentam uma relação com o infantil, seja por esse conceito estar contido em sua constituição, seja por esses elementos surgirem como condição para que o infantil se manifeste.

Freud reitera que o sintoma se constitui como um elemento inconsciente que se manifesta em sujeitos neuróticos. Esse elemento constitui-se de fantasias e de conteúdo infantil. A libido, apresentada na obra de Freud, é um elo agregador que se manifesta por meio de uma insatisfação do sujeito; submetido à frustração, vincula a fantasia e o conteúdo infantil na constituição do sintoma neurótico. A libido conserva as fixações infantis em sujeitos adoecidos enquanto se aferra às fantasias, funcionando como um efeito articulador entre esses dois conteúdos, que culmina no sintoma. A fantasia ocupa um lugar de centralidade no quadro de adoecimento do sujeito neurótico, predominando e caracterizando um modo de viver fantasioso.

Nesse ano ainda, Freud afirma que a não satisfação sexual ou abstinência, ou a libido não sublimada ou elevada, cria condição para o retorno da fantasia inconsciente de forma intensa, com força de necessidade amorosa, compondo parte de um sistema patológico. O autor apresenta uma elaboração sobre os sintomas relacionados às fantasias. Ele associa os sintomas a uma manifestação de fantasias inconscientes exteriorizadas mediante recalque e, quando somatizadas manifestam-se a partir da esfera das mesmas sensações sexuais e inervações motoras que originalmente acompanharam a fantasia então consciente. A natureza dos sintomas advém de símbolos mnêmicos de determinadas impressões e vivências (traumáticas) atuantes. O sintoma, segundo Freud, é um substituto das vivências traumáticas que retornam por meio de associação e conversão. O sintoma é a expressão de um desejo, que cumpre a realização de

uma fantasia inconsciente que se presta ao mesmo objetivo. Para ele, o sintoma histérico assume a representação de diferentes impulsos inconscientes, não sexuais, mas não prescinde de um significado sexual. Ele serve à satisfação sexual e representa uma parte da vida da pessoa, uma parte que compõe a pulsão sexual. O sintoma histérico corresponde ao retorno de uma satisfação sexual, que foi real na vida infantil e então foi reprimida.

Em 1906, Freud aponta que os sintomas trazem desejos sexuais, pertencentes à esfera da perversão de forma muito presente. Ele chega a essa conclusão ao observar a sexualidade infantil, que manifesta desejos e satisfações perversas. O autor ressalta que apesar das reformulações que fez em suas teorias sobre a etiologia das neuroses, duas concepções não foram abandonadas: a sexualidade e o infantilismo.

Em 1909 e 1910, o psicanalista aborda o tema da rivalidade da criança com os pais, manifestando-se de forma mais intensa em direção ao genitor masculino. Ele fala também sobre a masturbação que se dá na puberdade como uma reedição da masturbação infantil, que ocorre entre os 3 e os 5 anos. As neuroses posteriores podem apresentar sua origem nessa fase. Para ele, a masturbação coincide com a significação patogênica da vida sexual. O ato masturbatório pode influenciar os sujeitos de forma diversa. Alguns indivíduos toleram sem danos a masturbação e outros que adoecem por causa de sua sexualidade, não conseguindo suprimir e sublimar os componentes sexuais, produzem inibições e formações substitutivas.

Freud manifesta uma preocupação com a interpretação das fantasias do sujeito e em relação às lembranças substituídas por fantasias. As fantasias e recordações distorcidas podem retornar nos sonhos, o que exige um cuidado na interpretação, pois não há como evidenciar se tal cena aconteceu. Ele recomenda que a interpretação de tais eventos seja associada às várias versões de tais cenas, que são detectadas na imaginação inconsciente do analisando, muitas vezes, com conteúdos diferentes. Freud esclarece que a distorção nas fantasias ocorre devido ao processo psíquico que se dá no indivíduo que transforma as fantasias relativas à sua primeira infância, com o propósito de apagar a lembrança de sua atividade autoerótica, elevando seus traços mnemônicos ao nível do amor objetual.

A recordação sobre a atividade autoerótica e os carinhos e castigos que a estimularam podem ser distorcidos e recordados como ataques e sedução fantasiosas. O autor ressalta que o indivíduo sexualiza suas recordações em suas fantasias sobre a infância, relacionando vivências banais à sua atividade sexual e estendendo sobre elas o seu interesse sexual. O autor

permite entrever que o conteúdo psíquico infantil aparece de forma atemporal na vida do sujeito, inclusive na infância, e com a maturidade não se torna menos relevante.

Ainda em 1910, Freud faz algumas observações sobre uma recordação da infância de Leonardo Da Vinci. Nesse texto, o autor faz pontuações sobre a relação do desenvolvimento intelectual do sujeito e a forma como a criança dedica-se à pesquisa sexual infantil, bem como a forma como essa pesquisa é recebida e respondida pelos adultos. Ele estabelece algumas saídas psíquicas possíveis no desenvolvimento do indivíduo. A forma como o indivíduo passa por essa etapa tem implicações importantes sobre o modo como ele viverá sua intelectualidade. As histórias contadas às crianças sobre a origem dos bebês têm um curto efeito e fazem com que a credibilidade nos pais se torne vulnerável. A recusa da criança em aceitar a versão adulta sobre o nascimento dos bebês inicia a independência intelectual da criança.

A busca pelo saber da criança resulta em um sucesso ou um fracasso, com caminhos distintos para a aquisição da intelectualidade do sujeito. Esse caminho pode se dar de três formas, de acordo com o que Freud propõe. A ânsia por conhecimento dificilmente está separada da curiosidade sexual. O sucesso ou o fracasso nas investigações da criança participa do destino da sexualidade. O primeiro resultado do fracasso fará com que a curiosidade permaneça inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer de sua vida, o que caracterizaria uma inibição neurótica.

Outro possível resultado, baseado no fracasso, seria um desenvolvimento intelectual que se daria de forma neurótica compulsiva, que é caracterizado por uma capacidade de associação, através da inteligência. O recalamento que domina os conteúdos sexuais precisa ser superado, para que haja uma emergência das suprimidas atividades sexuais. Nesse tipo de saída psíquica, a pesquisa toma a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva. Os resultados das pesquisas substituiriam a satisfação sexual sob uma forma distorcida e não livre, de forma que o próprio pensamento seria sexualizado. A pesquisa sexual infantil seria repetida, de forma interminável, como se tal preocupação nunca terminasse.

O terceiro tipo culmina em um processo de sublimação. A libido escapa ao destino da repressão, sendo sublimada. Nesse caso, a pesquisa também pode ser compulsiva e funcionar como substituto para a atividade sexual, mas sem vinculação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil, e a pulsão age livremente a serviço do interesse intelectual. Para o autor, Da Vinci apresentava esse tipo de desenvolvimento intelectual, pois manifestava uma

poderosa pulsão de pesquisa e a atrofia de sua vida sexual, caracterizando uma homossexualidade ideal sublimada.

Freud destaca o modo como as lembranças se originam. De acordo com o autor, as lembranças conscientes da idade adulta fixam-se no momento da experiência. As lembranças da infância, entretanto, não se fixam no momento da experiência e mais tarde repetem-se. Elas surgem muito mais tarde, quando a infância já ficou no passado. Ao longo desse processo, as lembranças sofrem alterações e falsificações de acordo com os interesses e tendências posteriores. O que resulta dessas modificações são lembranças que não podem ser diferenciadas de fantasias.

O autor cita satisfações sexuais da vida adulta como satisfações herdadas da mais tenra infância do indivíduo, como o ato de colocar o órgão masculino na boca e chupá-lo. Essa satisfação reproduz, de modo diferente, uma vivência de conforto experienciada pelos indivíduos quando se encontravam no período no qual eram amamentados e o bico do seio materno era colocado na boca e sugado. Segundo Freud, a impressão orgânica dessa experiência, a qual equivale à primeira fonte de prazer em nossa vida, permanece marcada no indivíduo adulto.

Em 1910, Freud aborda as teorias criadas pelas crianças sobre o nascimento dos bebês e entre essas teorias estaria a teoria da cloaca. De acordo com essa teoria, o bebê seria ingerido pela boca e expelido pelo ânus. O ato sexual é percebido como hostil e como um ato de subjugação. A teoria da cloaca inclui os homens enquanto capazes de gestar um bebê. Nesse ano, Freud trata da pesquisa sexual manifesta pela criança, bem como a inveja do pênis apresentada pela menina ao conseguir observar o genital de pessoas do sexo oposto. Freud aborda também o complexo de castração, segundo o qual o menino considera a hipótese em perder seu pênis.

Freud, em 1911, afirma que o início da fantasia surge na brincadeira das crianças e manifesta-se como devaneio, uma atividade de pensamento que se dissociou com a introdução do princípio de realidade, submetendo-se ao princípio do prazer. Ele aponta que esse processo dá-se como consequência do princípio de realidade. A fantasia se dissocia dos objetos reais, uma forma de apego às fontes de prazer disponíveis e devido a uma dificuldade de renunciar a elas.

Freud amplia as contribuições sobre o infantil enriquecendo informações e elaborações sobre a fantasia. A fantasia ocupa, cada vez, mais o espaço, através do qual, o infantil desliza

para fazer-se presente na vida do indivíduo. A fantasia permite a vinculação do infantil às principais representações inconscientes. A cada ano, na elaboração da teoria freudiana, o infantil vai-se reafirmando como relevante e apresentado, sem necessariamente estar ligado ao conceito de criança ou à fase inicial da vida. O infantil, à medida que a teoria vai ampliando seus conceitos, aparece mais distante da infância e manifestando-se ligado aos fenômenos inconscientes que se fazem presentes na vida adulta.

Nas publicações de 1912, Freud reafirma os fatores atuantes na predisposição neurótica como as variedades inatas de constituição sexual e as influências do mundo externo vividas na tenra infância. O autor acentua o papel da frustração da satisfação da necessidade de amor do sujeito que não encontra um objeto substituto. A frustração aumenta a tensão psíquica, devido a um acúmulo de libido represada e tem como consequência um efeito patogênico. A libido pode tornar-se introvertida e afastar-se da realidade, e devido à remitante frustração perde valor para o indivíduo. Assim a libido pode voltar-se para a vida da fantasia, o que pode criar novas formações de desejo e reanimar traços de formações anteriores que estavam esquecidas. Esse processo pode culminar na formação de sintomas e terminar em adoecimento manifesto, representando satisfações substitutivas.

Freud reafirma, em 1912, a relação entre sintoma e libido, mais precisamente em represamento da libido. Ele diz que a introversão da libido não significa necessariamente uma regressão ao estágio infantil. A libido, em casos de adoecimento, nunca abandona as fixações infantis, confrontando-se com as exigências da realidade que se modificam em consonância com a idade da pessoa. O autor considera que quando as fixações infantis não são superadas, podem resultar em um infantilismo estacionário ao invés de uma neurose.

Freud reafirma, em 1912, a relação entre sintoma e libido, mais precisamente em represamento da libido. Ele diz que a introversão da libido não significa necessariamente uma regressão ao estágio infantil. A libido, em casos de adoecimento, nunca abandona as fixações infantis, confrontando-se com as exigências da realidade que se modificam em consonância com a idade da pessoa. O autor considera que, quando as fixações infantis não são superadas, podem resultar em um infantilismo estacionário ao invés de uma neurose.

Outra parte dos impulsos libidinais encontra-se separada tanto do consciente quanto da realidade e manifesta-se na fantasia ou permanece inteiramente no inconsciente. Essa singularidade do investimento libidinal, segundo a teoria freudiana, cria condições para que o indivíduo direcione a necessidade de amor não satisfeita pela realidade para pessoas recém-

encontradas, convergindo porções conscientes e inconscientes nessa atitude. Freud afirma ser compreensível que o indivíduo invista sua libido na pessoa do médico, possivelmente ligando-se de forma repetitiva e patológica. O vínculo transferencial também apresenta em sua constituição as imagos paterna, materna, fraterna, entre outras. Em neuróticos, a transferência é mais intensa e manifesta forte resistência ao tratamento. Nesse momento de sua obra, Freud apresenta junto com Jung a elaboração sobre a introversão da libido, que se apresenta como uma precondição regular e indispensável de todo adoecimento neurótico. O processo de introversão da libido atua com uma diminuição da porção da libido capaz de consciência vinculada à realidade e um aumento da porção afastada da realidade, inconsciente, que pode alimentar o processo fantasmático inconsciente da pessoa. Essa regressão da libido reanima Select itemas imagos infantis e provoca resistência ao trabalho da terapia analítica, objetivando conservar esse novo estado de coisas. A libido acessível à consciência sempre esteve atraída pelos complexos inconscientes e submeteu-se à regressão porque esse poder de atração enfraqueceu. Ele chama a atenção para o fato de que, para uma análise ser bem-sucedida, a libido deve ser libertada e a repressão das pulsões inconscientes e de suas produções deve ser eliminada, reduzindo assim as resistências que fazem a doença persistir. A resistência acompanha o tratamento por meio de cada pensamento e cada ato do analisando, opondo as forças que visam à cura e as forças que mantêm a doença.

Freud avança sobre a aceção do infantil. O infantil manifesta-se, segundo o autor, de acordo com as insatisfações do indivíduo. Quanto mais insatisfeito em seu desejo o indivíduo está, maior a chance de ele apresentar o infantil em vida consciente e inconsciente. O infantil mostra-se mais presente em indivíduos adoecidos.

Alguns atributos da infância permanecem no sujeito adulto. Freud (1913) confirma que pacientes neuróticos apresentam o infantil como característica de sua vida mental. Ele afirma que o primeiro objeto de amor da criança é normalmente a mãe ou outros familiares e que, ao crescer, no entanto, a pessoa se liberta desse amor incestuoso. Os neuróticos apresentam um grau de infantilismo psíquico que resulta de fixações incestuosas da libido que continuam ou recomeçam a representar papel primordial em sua vida mental inconsciente. Ele destaca a influência exercida pelas impressões da infância, principalmente as que não são recordadas, bem como as primeiras atividades da criança, que compõem as disposições pulsionais inatas ou constitucionais. Além disso, o autor afirma que as formações mentais infantis permanecem no indivíduo adulto. Desejos, impulsos pulsionais, modalidades de reação e atitudes da infância acham-se ainda na maturidade e podem mais uma vez surgir. O passado mental não é absorvido

pelos seus derivados, e sim persiste juntamente com o que se originou dele. As formações mentais da infância não são destruídas, mas se sobrepõem. Um bom exemplo disso são os caracteres da infância revividos nos sonhos e que reduzem toda a vida mental a um nível infantil.

Freud garante que o arcaísmo psíquico é o retorno ao infantilismo psíquico que ocorre nas neuroses e psicoses. Ele garante também que a intensidade de resíduos da infância que podem ser encontrados na mente mostra o grau de disposição para a doença, a qual pode ser percebida como uma inibição do desenvolvimento.

O conceito de transferência foi retomado por Freud, em 1915, e acentua a importância da ausência da repressão sexual, pois essa condição, associada a um impulso para a regressão, pode fazer o paciente se sentir seguro para trazer à luz todas as fantasias, todo o seu anseio sexual, assim como os aspectos de sua paixão, conduzindo aos aspectos infantis de seu amor. Para o autor, não existe paixão que não repita modelos infantis, assim como o condicionamento infantil lhe confere o caráter compulsivo que se aproxima do patológico. A transferência envolve uma liberdade mais restrita do que outras experiências amorosas. No caso do amor transferencial, o sujeito vincula-se de forma mais dependente ao padrão infantil, apresentando-se menos passível a modificações. O analista deve agir de forma ética e não amar o paciente, mantendo o objetivo de livrá-lo das fixações infantis presentes em sua capacidade amorosa para que possa dispor dessa capacidade na vida real.

Em 1925, Freud retoma a elaboração sobre as manifestações inconscientes dos neuróticos e reafirma que seus pacientes referiam-se a cenas fantasiosas. Os sintomas dos pacientes não resultaram de fatos reais, porém de fantasias impregnadas de desejos. O autor afirma que a realidade psíquica é mais relevante que a realidade material. E acrescenta que os relatos de sedução o aproximaram do conceito do complexo de Édipo, que se fazia presente nas fantasias de seus pacientes.

Ele salienta a importância da organização da libido para o estabelecimento do Complexo de Édipo. O autor considera que o Complexo de Édipo perfaz o núcleo da neurose, manifesta-se no auge da vida sexual infantil e conecta o desenvolvimento sexual posterior. O autor destaca que o desenvolvimento de neuróticos e as chamadas pessoas normais não apresentam distinção, entretanto sucumbem a possíveis dificuldades, enquanto as pessoas normais superam-nas. No complexo nuclear da neurose percebemos que, em meio às vivências sexuais infantis, ocorre uma escolha de objeto para o qual são direcionados os investimentos libidinais da criança.

Em 1933, Freud demonstra que a elaboração sobre os traumas infantis se mantinha a partir da afirmação de que os relatos de seus pacientes não eram verdadeiros e da compreensão de que os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de fatos reais. Em seus últimos textos, Freud reafirma a importância do infantil: reminiscências do início da vida que se estruturam por meio das fantasias, e não de fatos reais. Apontamos aqui algumas das diversas referências que Freud estabelece sobre a influência do psiquismo infantil na vida do sujeito adulto. Neste trabalho, buscamos reunir, estabelecendo um recorte, o aspecto infantil que se encontra disseminado por toda a obra de Freud.

Em um de seus últimos textos, *Análise terminável e interminável*, Freud (1937) discute sobre o fim da análise de um paciente neurótico. Ele considera questões como o tempo de análise, a possibilidade de retorno dos sintomas dos pacientes e a impossibilidade de evitar determinadas manifestações inconscientes. O autor salienta que as repressões se efetuam na primeira infância como medidas primitivas de defesa, tomadas pelo eu imaturo e débil. Em anos posteriores, novas repressões não alcançam sua finalidade, mas as antigas persistem e seus serviços continuam a ser utilizados pelo eu para o domínio das pulsões. Freud afirma que novos conflitos são aliviados por um recalque ulterior. Ele retoma uma afirmação geral sobre as repressões infantis de que as repressões dependem, em sua integralidade, do poder relativo das forças envolvidas. Essas forças não se sustentam contra um aumento nas forças das pulsões. Segundo o autor, o processo de análise possibilita que o eu, mais fortalecido e maduro, empreenda uma revisão dessas antigas repressões, viabilizando a eliminação de algumas, enquanto outras são identificadas e construídas novamente, a partir de elementos mais sólidos. Ele reitera que as novas represas são mais firmes e não cederão facilmente diante da força pulsional. A finalidade da análise é a correção do processo original de repressão e estabelecer um fim à dominância do fator quantitativo.

Freud retoma as etapas da organização genital. Ele fez uma indicação anterior sobre o desenvolvimento da libido em que uma fase oral original cedia caminho a uma fase anal-sádica e posteriormente se estabelecia uma fase fálico-genital. Em 1937, Freud corrige essa informação e acrescenta que essas substituições não se realizam subitamente, mas de forma gradativa, o que permite que as fases da organização anterior persistam ao lado da mais recente e que, mesmo no desenvolvimento normal, a transformação não seja completa e resquícios de fixações libidinais anteriores mostrem-se presentes na configuração final.

O conceito de infantil vai sofrendo alterações ao longo do tempo e da elaboração da teoria de Freud. Inicialmente, enquanto falava da teoria da sedução, o infantil era percebido muito ligado a eventos reais da infância do sujeito. Com o abandono da teoria da sedução, o infantil aparece mais ligado a manifestações inconscientes e distante da fase inicial da vida como produto de eventos reais. O conteúdo do infantil aparece de forma distorcida, como efeito da ação de condensação e deslocamento. Situações imaginadas pelo sujeito ganham um caráter de recordação, mas devem-se a conteúdos velados e distorcidos. A partir do desenvolvimento da teoria da fantasia, o infantil ganha centralidade na teoria de Freud e aparece como parte de todo fenômeno psíquico inconsciente, principalmente nos fenômenos manifestos em quadros de neurose. O infantil aparece ligado à fantasia e à libido, sendo a fantasia o fio condutor pelo qual desliza o infantil e a libido o elo que vincula a sexualidade e a insatisfação ao infantil, constituindo boa parte dos fenômenos psíquicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramowicz, A. (2011). A pesquisa como crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: *Sociologia da Infância no Brasil*. Autores Associados, Coleção Polêmicas do nosso tempo, Campinas.
- Ariès, P. (1978/2022), *História Social da Criança e da Família*. 3ª edição, Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos.
- Birman, J. (1997). Além daquele beijo!? – sobre o infantil e o originário em psicanálise em Santa Roza, E. e Reis, E. (Org.) *Da análise na infância ao infantil na análise*. Contracapa, Rio de Janeiro.
- Bolsson, J. & Benetti, S. (2011). As manifestações de angústia e o sintoma na infância: considerações psicanalíticas. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. vol.11 no.2 Fortaleza. Consulta em 25/01/2019. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-1482011000200005
- Borges, R. (2015). Conflictos psíquicos en la infancia y cuentos de hadas: los cuentos infantiles como dispositivo de intervención en la práctica clínica. *Subjetividad y procesos cognitivos*, vol.19 no.1 Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Consulta em 25/01/2019. http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-73102015000100009.
- Castilho, A. (2013) Revisitando o primeiro modelo freudiano do trauma: sua composição, crise e horizonte de persistência na teoria psicanalítica. *Ágora*. vol.16 no.2 Rio de Janeiro. Consulta em 25/01/2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982013000200004>
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1990) *Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. José Olympio, Rio de Janeiro.
- Cohn, C (2005). *Antropologia da criança*. Coleção Passa a passo, ed. Zahar, Rio de Janeiro.
- Costa, A. (2016). Esquecimentos, fantasias e sexualidade infantil: efeitos da autoanálise de Freud. *Estilos Da Clínica*. Revista Sobre a Infância Com Problemas, 21(1), 200-217. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p200-217>
- Cunha, A. (1999). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Ed. Lexikon, Rio de Janeiro.
- Egan, D. & Hawks, G. (2008) Imperiled and Perilous: Exploring theHistory of Childhood Sexuality. *Journal of Historical Sociology* Vol. 21 No. 4 ISSN 0952-1909. Consulta em 25/01/2019. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1467-6443.2008.00341.x>

Faria e Finco (2011). *Sociologia da Infância no Brasil*. Autores Associados, Coleção Polêmicas do nosso tempo, Campinas.

Ferreira, A. B. H. (1993). *Dicionário Aurélio*. Ed. Positivo, Curitiba.

Ferreira, A. B. H. (2004). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Ed. Positivo, Curitiba.

Ferreira, T. (2000). *A Escrita da Clínica: psicanálise com crianças*. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: Autêntica.

Figueroa, G. C. (2014). La seducción sexual infantil: revolución y repercusiones de la teoría de Freud. *Revista Médica de Chile*. Vol. 142, nº 1, Santiago. Acessado em 15/09/2017. Recuperado de: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-

Freud, S. (1991) *Análisis Terminable e Interminable*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XXIII, pp. 211-254. (Trabalho original publicado em 1937)

Freud, S. (1991) *Esquema del Psicoanálisis*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XXIII, pp. 133-210. (Trabalho original publicado em 1938)

Freud, S. (1991) *La etiología de la histeria*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 3, pp. 185-218. (Trabalho original publicado em 1896)

Freud, S. (1991) *La interpretación de los sueños (I)*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 4, pp. 3-344. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1991) *La interpretación de los sueños (II)*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 5, pp. 345-715. (Trabalho original publicado em 1900)

Freud, S. (1991) *Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicoses de defensa*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 3, pp. 159-184. (Trabalho original publicado em 1896).

Freud, S. (1991) *Psicopatología de la vida cotidiana (Sobre el olvido, los deslices en el habla, el trastocar las cosas confundido, la superstición y el error)*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. VI, pp. 1-270. (Trabalho original publicado em 1901)

Freud, S. (1991). *Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicoses de defensa*. Em J. Strachey (Ed.). Reedição das obras completas psicológicas de Sigmund Freud (1991). *La Herencia y la etiología de las neurosis* (Vol.3, pp. 139-140). In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, (Trabalho original publicado em 1896).

- Freud, S. (1991a) *La etiología de la histeria*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 3, pp. 185-218. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1991b) *Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicoses de defensa*. Em *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. 3, pp. 159-184. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2010). *A dinâmica da transferência*. In: *Obras Completas*, Vol. 10, pp.133-146. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010). *Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica*. In: *Obras Completas*, Vol. 18, pp. 192-223. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010). *Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte*. In: *Obras Completas*, Vol. 12, pp. 209-246. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*. In: *Obras Completas*, Vol. 10, pp.108-121. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010). *Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia da neurose*. In: *Obras Completas*, Vol. 14, pp. 348-360. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1906).
- Freud, S. (2010). *Novas conferências introdutórias à Psicanálise*. In: *Obras Completas*, Vol. 18, pp.124-354. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010). *Observações sobre ao amor de transferência*. In: *Obras Completas*, Vol. 10, pp. 210-228. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). *Tipos de adoecimento neurótico*. In: *Obras Completas*, Vol. 10, pp.229-239. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010). *Uma neurose infantil*. In: *Obras Completas*, Vol. 14, pp. 13-160. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1918).

- Freud, S. (2010a). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: *Obras Completas*, Vol. 6, pp.13-172. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010b). *Análise Fragmentária de uma Histeria ("Caso Dora")*. In: *Obras Completas*, Vol. 6, pp.173-320. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). *Tipos libidinais*. In: *Obras Completas*, Vol. 18, pp.363-370. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2011). *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. In: *Obras Completas*, Vol. 16, pp. 283-299. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2012). *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico*. In: *Obras Completas*, Vol. 11, pp.245-327. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2012). *Totem e Tabu*. In: *Obras Completas*, Vol. 11, pp.13-244. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2013). *Cinco Lições de Psicanálise*. In: *Obras Completas*, Vol. 09, pp.220-286. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2013). *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*. In: *Obras Completas*, Vol. 09, pp.13-112. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2013). *Uma recordação de infância de Leonardo Da Vinci*. In: *Obras Completas*, Vol. 09, pp.113-219. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2015). *A Instrução Judicial e a Psicanálise*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.285-299. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1906).
- Freud, S. (2015). *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.339-349. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2015). *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.339-349. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1908).

- Freud, S. (2015). *Considerações gerais sobre o ataque histérico*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.412-418. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2015). *O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.13-122. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (2015). *O Romance Familiar do neurótico*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.419-424, Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2015a). *O escritor e a fantasia*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.325-338. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2015b). *O Romance Familiar do neurótico*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.419-424, Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2015c). *Análise da Fobia de um garoto de Cinco Anos*. In: *Obras Completas*, Vol. 08, pp.123-284, Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2016). *Estudos sobre a Histeria*. In: *Obras Completas*, Vol. 2, pp. 180-194. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (2016). *Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses*. In: *Obras Completas*, Vol. 6, pp. 348-360. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1906).
- Freud, S. (2017). *O Chiste e sua relação com o inconsciente*. In: *Obras Completas*, Vol. 7, pp.13-334. Companhia das Letras, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2018). *A vida sexual humana – Conferência XX*. In: *Obras Incompletas*, Vol. *Amor, sexualidade e feminilidade*, pp. 187-210. Autêntica, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2018). *Sobre a sexualidade feminina IV*. In: *Obras Incompletas*, Vol. *Amor, sexualidade e feminilidade*, pp. 277-284. Autêntica, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2018). *Sobre as teorias sexuais infantis*. In: *Obras Incompletas*, Vol. *Amor, sexualidade e feminilidade*, pp. 95-116. Autêntica, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (2018). *Sobre o esclarecimento sexual das crianças*. In: *Obras Incompletas*, Vol. *Amor, sexualidade e feminilidade*, pp. 81-94. Autêntica, São Paulo. (Trabalho original publicado em 1907).

Guimarães, V. (2012) *A concepção freudiana da sexualidade infantil e as implicações da cultura e educação*. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 53-66. Consulta em 25/01/2019. <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/2441/1503>

Harding, C. (2002). *Sexuality: Psychoanalytic Perspectives (Book Review)*. Psychoanalysis (Division 39) American. PA: Brunner-Routledge, 52-54, Philadelphia. Consultado em 26/01/2019. <https://www.apadivisions.org/division-39/publications/reviews/sexuality>

Lourenço, L. & Padovani, R. (2013). *Fantasia freudiana: aspectos centrais e possível aproximação com o conceito de esquemas de Aaron Beck*. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 18, n. 2, p. 321-328. Consulta em 25/01/2019. <file:///C:/Users/User/OneDrive/Documents/Artigos%20para%20consulta/Fantasia%20freudiana.pdf>.

Maciel, M. R. (2011). *O infantil ou o que não se desenvolve, mas cria*. Childhood & Philosophy, 7(14), 207-219.

Maciel, Martins, Pascual & Maia (2016) *A infância em Piaget e o infantil em Freud: temporalidades e moralidades em questão*. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 20, Número 2, 329-337. Consulta em 25/01/2019. <http://www.scielo.br/pdf/pee/v20n2/2175-3539-pee-20-02-00329.pdf>

Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Imago, Rio de Janeiro.

Mezan, R. (2013) Freud: *A trama dos conceitos*. Perspectiva, p. 1-350. São Paulo.

Michaelis (2010). *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos, São Paulo.

Monzani, L. R. (2014) *Freud: O movimento de um pensamento*. Unicamp, p. 9-300, Campinas-SP.

Nascentes, A. (2018) *Dicionário de Sinônimos*. Ed. Lexikon, Rio de Janeiro.

Oliveira, C. (2016). *Freud, a sexualidade perverso-polimorfa e a crítica ao discurso da degenerescência: revisitando tensões entre psicanálise e psiquiatria*. Ágora (Rio J.) vol.19 no.1 Rio de Janeiro. Consulta em 25/01/2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016000100004>

Pasquale e Ulisses (2008/2020). *Nova edição Gramática da Língua Portuguesa*. Ed. Scipione, São Paulo

Pereda, M. (2006). La sexualidad infantil. “Tres ensayos”. *Vigencia y actualización. Psicoanálisis APdeBA* - Vol. XXVIII- N° 1. Consulta em 25/01/2019. <file:///C:/Users/User/OneDrive/Documents/Artigos%20para%20consulta/La%20sexualidad%20infantil..pdf>

Simanke, R. (2016). *Freud e a sexualidade infantil antes de Freud*. In: *Amar a si mesmo e amar o outro*. São Paulo: Edições Loyola.

Victória, L.A.P. (1957), *Dicionário Ideológico*. Ponge Hi, Rio de Janeiro.

Zavarone, D., Viana, T., Celes, L., (2007). *A constituição do infantil na obra de Freud*. In: *Estudos de Psicologia*. Acessado em 10/01/2019. Recuperado em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2007000100008&lng=pt&nrm=iso